AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA
MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

3.º ANNO

Janeiro a fevereiro de 1874

VOLUME XXI

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ Q. ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1874

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

SUMMARIO

Palavras a el-rei na côrte. Os chapelleiros, os alfaiates, os dentistas da real familia, e nós. As boas opiniões e os maus dentes em palacio. Os cortezãos, juizo de Prosper Mérimée. Remedio para ter espirito. O boato do poder pessoal e sua origem. Os futuros parceiros do whist na côrte. — O carnaval em Lisboa. Elementos que o constituem. A nossa tristeza e suas causas. Quem se mascara. Os farricocos e os dominós. Os que pedem esmola, os que teem febre, os que fazem mal. Pede-se cal virgem. — A provincia do Minho e a graxa. — A camara municipal de Lisboa. A questão hygienica no parlamento e na sociedade das sciencias medicas. O throno e o milagre. — *Peculio de oradores*, a arte portugueza e o *Diario das Cortes*. Pensamentos offerecidos aos srs. deputados e mais individuos que não pensem. — Opiniões dos partidos conservadores, suas idas ácerca da força publica, do poder judicial, de outras instituições, das gerarchias sociaes, da dignidade, da honra, do trabalho, da liberdade, da patria, e da maroteira — Um escriptor duplicado, historia de sua fecundidade — A quinta das Larangeiras e o sr. duque de Liñares. A terra de luxo e a terra de trabalho. Os pavilhões tartaros e as queijarias. Os labyrintos e os estabulos. A elegancia, a moda e a fava. Exploração industrial das florestas. As bengalas da Ajuda. — Um compendio de instrucção primaria. A junta consultiva de instrucção publica. Revelações ácerca dos corpos solidos, dos bichos, das peras, dos estados de espirito, dos insectos e da dita junta.

*

Por mais de uma vez temos erguido a nossa debil voz do fundo d'estas paginas humildes até o alto do real throno. A fronte de el-rei jámais se dignou de acolher as nossas sollicitações com um meneio benigno!

Ignoramos quaes as secretas razões que teem levado o principe a tão manifesta frieza com subditos dedicados e bons. Incontestavelmente aziaticos se apresentam a nossos olhos os mysterios da real etiqueta quando attentamos nos seguintes factos que envolvem manifesta e insondavel contradição:

O sr. Grazielli, chapeleiro, offerece a Sua Magestade convertido em barretina um mesquinho feltro que fez talvez a sua primordial entrada no mundo, em estado bruto, sobre a cabeça d'um *pierrot*, onde varias *pierrettes* o tornaram alvo dos seus murros nervosos depois do champagne n'uma ceia de carnaval. O sr. Keil, alfaiate, offerece a Sua Magestade uma d'aquellas jaquetas de veludo inglez, com que Sua Magestade tantas vezes folga de se produzir em publico—um genero artistico, ligeiramente bohemio, a que não sabemos porque razões Sua Magestade se affeiçoou. O sr. Vitry, dentista, permitte-se um dia collocar Sua Magestade pros-

trado n'uma poltrona, de bocca aberta, defronte de uma janella; em seguida o sr. Vitry, mettendo os seus dedos plebeus na bocca do monarcha, visita os dentes de Sua Magestade com um pequeno ferro curvo em fórma de gancho, e reboca com massa metalica uma cavidade esburacada pela carie na real bocca.

Quaes são as consequencias d'estes factos? São as seguintes: Sua Magestade ha por bem nomear em honrosos diplomas os srs. Grazielli e Keil fornecedores da casa real, e o sr. Vitry dentista encartado da real familia.

Ora tendo nós por differentes vezes tido a honra de offerecer egualmente a Sua Magestade as idéas mais solidas, os principios mais firmes, as theorias mais rectas ácerca das suas *toilettes*, dos seus cavallos, das suas carroagens, das suas librés e dos seus creados, sobre o modo de vestir, sobre o modo de jantar, sobre o modo de receber,—cuidados de *ménage*, preceitos de salão, factos de dandysmo, observações de elegancia,—perguntamos, verdadeiramente confusos e perturbados, qual o fundamento porque Sua Magestade nos não nomeou ainda «fornecedores dos principios reaes» ou «folhetinistas das reaes salas?»

Merecem este desdem as nossas finas verdades, tão escrupulosamente trabalhadas, tão custosamente feitas, tão leves, tão subtis, que tendo pela razão que encerram a força de um murro sobre um dynamometro, não pesam todavia mais sobre o seu assumpto do que uma borboleta sobre um ramo de rosas?

Imaginarão as testas coroadas que é mais facil de dar um bom conselho discreto do que um chapeu á moda ou um paletot bem feito? Oh! como as testas se enganam!

. ˙ .

Pretextar-nos-hão que o soberano ignora os reiterados e desinteressados serviços que lhe havemos consagrado, e pretenderão ensinar-nos que deveriamos ter ido directamente *aos reaes pés*, usurpando assim os direitos adquiridos do pedicuro de Sua Magestade, a depormos a nossa offerenda humilde junto das augustas plantas d'aquelle alto personagem?

Não, porque nós temos a segurança de que o monarcha é o mais assiduo e o mais avido dos nossos leitores: no dia em que *As farpas* apparecem Sua Magestade exige-as logo de manhã cedo com o mais particular appetite e dá a to-

dos os seus subditos o exemplo, que todos elles se deveriam apressar em seguir, de devorar os nossos livros com a mais brilhante gula.

Quererão por acaso convencer-nos de que Sua Magestade desdenha a dedicação com que nos devotamos a persuadil-o pela razão banal de que algumas vezes terá podido molestal-o o nosso argumento? Ah! sim! E então uma bota apertada que o obriga a calçar o sr. Stellpflug (aliás fornecedor da casa real) não molesta?! E um dente da bocca triumphantemente arrancado pelo sr. Vitry (aliás dentista de Sua Magestade) não doe?!

E, se só nós é que temos o privilegio de magoar el-rei, então que nol-o digam, que nol-o passem por carta regia, que nos permittam pôr á porta as armas reaes, e que definitivamente sejamos — as dôres da corôa!

. ˙ .

Cuidarão alguns espiritos estreitos que o prestigio da realeza se humilha quando os principes honram publicamente aquelles que os admoestam na mais judiciosa escolha das suas jaquetas, na organisação das suas *soirées*, na selecção das suas relações, nas elegancias e nas distincções da sua casa? Opinarão que não convém saber-se

que Sua Magestade é influido por mente estranha nas puras questões do gosto, e que desacreditaria a corôa o prestar homenagem á critica?...

Pelo amor de Deus, meus senhores! Então um rei affronta-se em ter um critico de estado, e não se affronta em ter um dentista professo? Então fica-lhe mal dar logar á hypothese de que tem mau gosto, e não lhe fica mal dar origem á suspeita de que não tem bom halito? Explicae-nos isto, ó publicos poderes: se pela condemnação da critica quereis deixar ignorar aos povos que o chefe supremo do estado carece da elegancia, como é que, por outro lado, patenteaes a todo o reino, por meio da consagração official de um dentista effectivo, que o poder moderador está cariado? que é um poder furado? que é talvez até um poder...— postiço?!

.˙.

Apezar da patente ingratidão de que temos sido objecto, não deixaremos por esse motivo de continuar, de quando em quando, a elevar nossa voz deante do solio, facto pelo qual, nós, somos lançados ao ostracismo, em quanto a senhora Fricci e o baritono Cotogni são por

egual fundamento elevados á cathegoria de cantores da real camara. Ora pois!

. ˙ .

Os bons e leaes servidores de Sua Magestade são bons e são leaes, mas são tambem antigos. Já uma vez o dissemos: elles são levemente caturras. Uma aristocracia não pode ser senão duas coisas: ou uma gerarchia social composta das pessoas mais ricas, das mais espirituosas, das mais intelligentes, das mais bellas, das mais poderosas, como succede em Inglaterra; ou, quando não, a outra coisa: — uma farça.

A côrte portugueza precisa com absoluta necessidade das seguintes coisas, que não tem: a mocidade, o espirito, o gosto, a curiosidade scientifica e litteraria, o conhecimento e o amor das coisas novas, dos sentimentos modernos e das idéas modernas.

Para chegar a estes resultados temos debalde pedido a Sua Magestade que haja por bem cercar-se de homens novos, não tanto novos pelos seus annos, mas novos pelas suas inclinações de espirito, novos pelas suas aptidões de intelligencia, novos pelo seu conhecimento do mundo novo. Ha pouco tempo ainda, em vista dos

menus dos jantares do paço, imploravamos do soberano que desse menos boi cosido aos seus commensaes. Do que a côrte precisa é dos regimens tonicos e estimulantes: todas as excitações dos nervos e do cerebro, mariscos, galinholas, gelo, um pouco de champagne, tubaras, cinco horas apenas de somno, nada de pão, café sem leite, decorar dois verbos por dia, forte chá preto sem assucar, e duas horas de cricket, de trapezio ou de trote alto em cima d'um cavallo inglez. Porque, pela maneira actual como a côrte vive, parece que se não tem em vista a respeito d'ella senão uma coisa: fixar-lhe os pés com pregos no chão da capoeira e engordar-lhe os figados como se faz aos patos. E por pouco que a deixem permanecer n'este theor de vida, verão que a vamos encontrar um dia inteiramente arruinada, afundida, soterrada—em sopa, vaca e arroz!

Temos pedido a el-rei que dê bailes, onde uma vez por semana se reunam as mulheres interessantes e os homens superiores, onde se cultive a pureza das maneiras, a nobreza dos gestos, a distincção do porte; onde se converse, onde se faça critica e arte; onde se lance a moda; onde se troquem idéas; onde se criem

ditos; onde se achem replicas; onde finalmente se espertem os cerebros apopleticos e marasmados.

El-rei não tem querido escutar-nos.

Temos hoje a honra de offerecer ao soberano e á côrte, em abono da nossa opinião, as impressões que a côrte e o rei deixaram no espirito desinteressado de um extrangeiro ao passarem em Biarritz, pelo palacio imperial, em 1865:

. ˙ .

«Nous avons eu la visite du roi et de la reine du Portugal. Le roi est un étudiant allemand très timide; la reine est charmante. Elle ressemble beaucoup à la princesse Clotilde, mais en beau; c'est une edition corrigée. Elle a le teint d'un rose et d'un blanc rares même en Angleterre. Il est vrai qu'elle a les cheveux rouges, mais du rouge très foncé à la mode à present. Elle est fort avenante et polie. Ils avait avec eux un certain nombre de caricatures mâles et femelles, qui semblaient ramassées exprès dans quelque magasin rococo.»

. ˙ .

Acompanham a rainha e o rei varias caricaturas machos e femeas que parece terem sido

apanhadas de proposito em algum armazem rococo» .. Notem bem, que não somos nós que o dizemos, não é tambem nenhum escriptor republicano, demagogo, socialista; é o mais aristocratico, o mais palaciano, o mais cortezão de todos os escriptores francezes, é Prosper Merimée, o culto litterato, o illustre erudito, o da Academia franceza, o da *Revista dos Dois Mundos*, o do *Jockey-club*, o hospede do imperador em Biarritz, um dos convivas mais intimos da imperatriz. Essas linhas fazem parte de um livro posthumo de Merimée, o seu ultimo livro, publicado em Paris ha um mez. E não é um livro de criticas carregadas e violentas, é simplesmente a collecção das cartas do auctor a uma senhora da melhor sociedade ingleza, uma pessoa amada, cujo espirito o fino escriptor não quereria certamente enegrecer com a pintura exaggerada das feias coisas da vida.

Tal é a impressão que deixa nos espiritos mais favoraveis a côrte portugueza em viagem!

Mas vejam que é exactamente o que em successivas paginas dedicadas e benevolas nós lhes estamos dizendo, meus senhores, ha tres annos, aqui intimamente, em familia. E para que? para que não lh'o dissessem outros com mais notorie-

dade vexatoria e humilhante, como a final succedeu!

Portanto, queridos cortezãos e amigos, não ha remedio, já vêem bem que não ha remedio senão resolverem-se, determinarem-se, escutarem as vozes desinteressadas e amigas que lhes bradam: Tenham espirito, tenham graça, tenham faisca! Esmerem a *toilette!* alegrem as suas luvas e as suas doutrinas, revigorem o polimento dos seus sapatos e o brilho das suas idéas! Tenham argucias, malicias, repentes. Que lhes custa serem vividos, agudos, scintillantes? Não têem os senhores nas veias o rico e poderoso sangue ardente e irrequieto das Hispanhas? Não são os senhores peninsulares, ou esqueceram as espirituosas tradições da raça? Embrulhem-se em cobertores, tomem chá de borragens e mettamse debaixo da roupa com as obras de Cervantes e Quevedo. Transpirem e leiam muito. Suem, e decorem Quevedo. Atem um lenço na cabeça e assimilem-se o espirito vivaz e mordente de Cervantes! É preciso que assumam a alta importancia dos seus papeis, que dêem movimento e vibração ao prestigio real, que tornem effectivas as grandes influencias beneficas da côrte na cultura das artes e na civilisação dos costumes,

e que nunca mais se deixem confundir—nunca mais! — com pobres caricaturas do velho genero *rococo*, o mais pretencioso e o mais delambido de todos os generos.

Depois isso communica-se, isso pega-se! Veja-se nas já citadas palavras de Mérimée—tão desinteressadas, tão sinceras — os effeitos da convivencia da côrte no caracter dos principes. Como apparece ali bem apartada e distincta, para um lado a acanhada, a inexperiente timidez escolar do claustral, do embiocado e somnolento mundo portuguez; para o outro lado a fina graça affectuosa, distincta, encantadora de uma sociedade constantemente disperta e aviventada pelo ousado telintar nos marmores reaes da espada aventurosa do general Garibaldi e pelos eccos da palavra tão arguciosa e cortante do estadista Cavour!

Não, senhores, uma côrte assim constituida—desenganem-se — não é um apoio, é um perigo para a realeza. O espirito do soberano immobilisa-se necessariamente em um tal meio como n'uma atmosphera de chumbo. D'ahi as violenas recriminações á corôa. D'ahi o confundir-se a estreiteza fatal das convivencias do monarcha com o exclusivismo dos seus affectos particula-

res. D'ahi, por ultimo, a suspeita do conluio, em que tanto se falla agora, de um governo pessoal.

Estas idéas generalisam-se progressivamente e penetram imperceptivelmente cada vez mais as convicções do paiz. Ha dias doze ou quatorze deputados apoiavam no parlameuto uma proposta do sr. Rodrigues de Freitas para que entrasse nas attribuições de cada ministerio a nomeação das pessoas que houvessem de occupar os altos cargos do paço. Que golpe e que invasão! Mais alguns mezes de experiencias, e o parlamento votará a actual proposta da opposição democratica.

Então, n'um dia de reconstrucção ministerial, a côrte terá o desgosto de vêr entrar no paço o presidente do conselho de ministros, acompanhado de tres sugeitos vestidos de baile, de luvas côr de perola, com as suas claques debaixo do braço, e a côrte ouvirá o chefe do gabinete dizer a Sua Magestade:

«Senhor! —Tenho a honra de apresentar a Vossa Magestade os srs. Rodrigues de Freitas, Candido de Moraes e Osorio de Vasconcellos; estes são os cavalheiros que o governo de Vossa Magestade acaba de nomear para fazerem a par-

tida de whist de Vossa Magestade. O governo espera que Vossa Magestade receberá com agrado a companhia de tão insignes parceiros como amaveis conversadores e illustres patriotas.»

Pelo que el-rei mandará entregar os seus chapeus e os seus paletots aos actuaes cortezãos, que irão em seguida para suas casas.

E tal será seu fim.

Sobre o carnaval ha um estudo que fazer: descobrir e precisar distinctamente quaes são as pessoas que se mascaram e porque razão se mascaram. Achado este principio, ficaria dillucidado esse phenomeno apparentemente tão confuso e tão inexplicavel, que se chama em Lisboa o Entrudo. Porque o Entrudo, como o temos visto, como ainda ultimamente o presenceámos, é indubitavel que não apresenta nenhum dos caracteres de um regosijo publico, de uma festa. Para o comprehendermos basta comparar o aspecto do Chiado n'uma terça-feira gorda com o da praça do campo de Sant'Anna em uma

tarde de touros. No campo de Sant'Anna vê-se a multidão avida, impaciente, cheia dos grandes rumores da curiosidade e da espectativa; depois, ao signal do clarim para que saia o boi, o enorme grito explosivo da commoção e da alegria popular rompendo unisono de duas mil boccas, uma descarga electrica.

No Chiado, á passagem das mascaras, uma multidão indifferente, silenciosa, abatida, que olha. Logo o Entrudo não tem as condições caracteristicas de um divertimento. Quaes são então os elementos que o constituem? É o que vamos ver.

. ˙ .

Lisboa é a mais triste e melancolica cidade que boceja o seu tedio sob o infinito azul. Ha varias razões para isso: o mau ar; os saguões sombrios no meio das habitações; a convivencia impestante das pias no interior das casas; as febres cada vez mais vulgares na capital por effeito das exhalações mephiticas dos canos; a calamidade endemica das doenças de estomago; a pobreza geral; a desorganisação do trabalho e da familia; a falta de dinheiro, a falta de vida intima e de affeições verdadeiras n'um interior de casa abundante, confortavel e tranquillo.

D'este mal da tristeza, — mal terrivel, origem das mais perigosas enfermidades do corpo, do espirito e do caracter, — não vemos nós ordinariamente senão metade. Além dos tristes que passam nas ruas, funebres, sorumbaticos, sombrios, como se fossem seguindo em espirito o ataude de si proprios; além dos outros tristes que estão parados nos passeios, escutando atravez dos vagos ruidos do macadam o mastigar dos vermes sepulchraes que lhes estão roendo n'esse momento a ultima illusão da sua mocidade e a ultima libra da sua fortuna; além d'esses tristes publicos e notorios, ha outros tristes ainda, que ninguem vê. São os que estão em suas casas immersos na magoa incommunicavel, olhando atravez da vidraça, fazendo lettras cabalisticas com a ponta do dedo nos vidros bassos, não vestindo nunca as camisas engommadas, trazendo os suspensorios de umas calças que lhes sobem até o meio das costas encruсados por cima de uma camisola de riscado com os cotovelos rotos. Teem a cabeça desalentadamente apoiada no caixilho da janella e desembestam de quando em quando para traz alguns coices no espaço, prevendo o caso eventual de que alguem da familia tenha profanado a sua dôr

collocando-se-lhes dentro do alcance dos calcanhares. Sahiam apenas uma ou duas vezes no anno, antigamente, nas procissões de penitencia, em que figuravam como farricocos, mettidos debaixo dos andores dos santos, carregados de grilhões, com ossos na bocca. Na impossibilidade de sairem agora sob o caracter de farricocos, são estes os que sáem pelo entrudo vestidos de dominós. Elles vão concentrados e mudos. Arrastam por baixo d'esse traje as pesadas correntes de dez ou doze annos de inanidade, de milhares e milhares de dias de ociosidade imbecil e de estupida inercia, e não affirmo que não levem ossos na bocca sob a sanefa da mascara! Vão arejar-se. Cheiram ao mofo atravez do seu veludilho pellado ou do seu damasco gorduroso, e comprehende-se que, se os despissem e batessem com uma vara, largariam pulverisado da epiderme o bolor subtil e esverdinhado de venenosas vegetações. Eis uns dos que se mascaram.

. · .

Mascaram-se outros unica e determinadamente para pedirem esmola. Caso curioso, profundamente caracteristico, especialissimo de Lisboa: os bailes ambulantes, as cavalhadas, as

dansas, os bandos mascarados que percorrem no carnaval as ruas da côrte, teem por fim — pedir esmola! Essas magras turmas de desgraçados vestidos de pretos, de estudantes de Salamanca, de camponezes suissos ou de guerreiros romanos — as quatro representações typicas da resignação, da alegria, da felicidade e da força — trajando *maillots* de algodão côr de vinho, couraças e capacetes de cartão doirado, armados de banzas ou de escudos de lata, começam por se dirigirem aos paços reaes, e lá vão caminho das Necessidades e da Ajuda, fustigados pela chuva penetrante e fria do mez de fevereiro, com os seus chapeus de chuva lastimosamente abertos, cobertos de pobres trapos azues e escarlates — das cores do riso e da ventura em farrapos — carregados de lata, de papelão e de lama, implorar as esmolas da Rainha, de El-Rei e do Senhor D. Fernando. Depois percorrem os sitios publicos, detendo-se, exhibindo-se e mendigando sempre, defronte dos ricos hoteis e dos grandes palacios. Muitos dos que trilham essa carnavalesca via dolorosa são altivos operarios, que ainda na semana anterior bradavam nos seus clubs em favor da emancipação das classes laboriosas, requerendo

as franquias democraticas, a consideração e o respeito do trabalho, emquanto se preparavam já para irem no domingo seguinte vestidos de Achilles da Ribeira Nova, de Menelaus da travessa da Cara e de Telemacos do beco do Falla-só, pedirem ao chefe do estado meia libra para comprarem senhas do Casino.

. ˙ .

Ha tambem quem se mascare por obrigação do seu officio, em cumprimento da sua profissão. Ha quem se mascare para comer. São as mulheres que frequentam, sob o salvo conducto de um pedaço de cartão ou de um bocado de seda, os bailes do Price, do Casino, dos salões publicos com a entrada gratuita para as *senhoras* mascaradas.

Vestem sáias curtas de bareje, corpos de veludo de algodão, botas de phantazia de pellica azul, extremamente apertadas, com tacões que fingem apparelhos orthopedicos; trazem um pipinho ao tiracollo, um cabazinho no braço ou um carapuço de bico na cabeça e, são, segundo estes accessorios, vivandeiras, camponezas ou saloias. A toilette é alugada a dez tostões por noite. Umas são gordas, de uma obesi-

dade cebacea; teem pernas disformes e ostentam com desvanecimento o seu aleijão. Outras são magras, ossudas; o corpete decotado mostra-lhes as claviculas salientes como prateleiras, e as costas descarnadas cobertas de uma pelle aspera, macilenta, arripiada pelo frio, salpicada de mordeduras indicadas por pontinhos roxos. Estão roucas, de uma rouquidão cavernosa e profunda, tossem, cheiram a aguardente, trazem as botinas molhadas pela chuva, e teem febre. Encontram homens que dançam com ellas, que lhes pagam a bebida e acabam por lhes facultar, segundo a natureza da paixão que ellas inspiraram, ou uma ceia ou alguns soccos.

. ˙ .

Temos por ultimo os individuos lymphaticos biliosos, que se mascaram para satisfazerem os passageiros appetites violentos e perversos do mal, tão frequentes nas enfermas e enfastiadas organisações modernas. Estes interpellam os burguezes que assistem ao baile com as suas familias, obrigam-os pelas instancias da conversação a porem em relevo a sua espessa ignorancia, a sua rotunda e pesada estupidez; depois cobrem-os de ironias, crivam-os de epigrammas

no meio das chufas e das gargalhadas dos circumstantes, e deixam-os apupados, humilhados, ridiculos aos olhos das suas mulheres dolorosamente entristecidas e das suas filhas envergonhadas. Se sabem o vosso segredo, se conhecem o ponto fraco na vossa biographia, os vossos desgostos internos, as vossas sombras domesticas, o objecto dos vossos cuidados secretos, das vossas apprehensões, das vossas suspeitas, então, com uma palavra apparentemente casual, mas no fundo perfeitamente meditada para surtir o seu effeito, abrem-vos no coração um golpe que mata a vossa descuidada alegria d'essa noite e, quantas vezes mesmo, a vossa felicidade de toda a vida! E depois recolhem-se satisfeitos, felizes, saciados. Assim como Nero illuminava os seus jardins com homens vivos a que mandava enrezinar e deitar fogo, quem sabe se elles tambem, Neros do botequim do Martinho, se não deram o luxo de passearem o seu tedio, por algumas horas n'essa noite, entre pobres corações ingenuos amarrados a um ferro em braza?

.·.

Dados estes elementos, temos o grande personagem collectivo, comico e lugubre, ruidoso

e sinistro, a que se combinou chamar em Lisboa o Carnaval. É feito de melancolicos, de pedintes, de más mulheres e de enfastiados. Provém naturalmente da doença, da pobreza, da fome, da miseria, e da perversidade. Por onde passa deixa como vestigio a nodoa ou o miasma. Os poetas pedem para elle a antiga folia, o vortice das dansas, a musica, as flores, a doirada onda espumosa do champagne. A prosa fria reconhece porém que as applicações de que elle precisa são antes a benzina, a camphora, o nitrato de prata e a cal virgem.

Ácerca do uso das botas nas provincias do norte. — Em um conto delicioso ultimamente publicado pelo nosso antigo companheiro e querido amigo Eça de Queiroz no volume offerecido como brinde aos assignantes pelo *Diario de Noticias*, lê-se que o auctor encontrára de noite em certa estalagem do Minho, ao longo de um corredor sobre o qual abriam de um e outro lado os quartos dos hospedes, postadas em duas

filas parallelas as botas por esse modo dadas a engraxar pelos viajantes que pernoitavam na casa.

. · .

Ora o auctor das presentes linhas, por muitas vezes viajou no Minho, já periclitante na imperial das suas tremulas e arrastadas diligencias, já 'a cavallo debaixo de um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão. Elle conhecia n'esse tempo aquella provincia como o seu proprio quarto; tinha de cór o numero das covas no macadam das estradas, os buracos dos velhos muros por onde rompiam os musgos e as madresilvas, os cães de faiança roxa ou azul que ornavam os portões das propriedades brazileiras, os brancos campanarios das egrejas situadas no fundo dos valles, entre as nogueiras e os carvalhos ao cabo dos longos tapetes formados pela superficie variegada dos campos de trevo em flôr. Sabia em que casaes se bebia o melhor leite nas manhãs de verão; em que rios se pescavam á linha, com mosca, os salmões mais saborosos e as mais volumosas trutas. Constava-lhe cada manhã em que oiteiros cobertos de urze, de cardos, de asperas moitas de tojo e de espessos fetos tinha ficado de vespera a re-

voada das perdizes. Conhecia os differentes vinhos, asperos, acres, selvagens, que se vendiam na sombria frescura interior das tabernas recolhidas nos cotovellos das brancas estradas, cobertas de sol, nos recostos das empinadas ladeiras tortuosas e nas desembocaduras das longas pontes de madeira de pinho. Sabia os nomes dos abbades. E ainda agora, depois de uma ausencia de bastantes annos, o que escreve esta pagina, pensando n'isso e fechando os olhos, torna a ver em espirito, as viçosas varzeas, as frescas matas das terras fundas, sonoras dos doces murmurios da agua correndo na rega ou cahindo nas levadas e nas azenhas; a forte vegetação dos milhos e dos castanheiros; e, acompanhados de um pequeno pastor immundo acavallo n'uma velha egua, lanzuda e intonsa, alguns poucos bois magros de trabalho e de fadiga atravessando lentamente o ribeiro, mugindo com saudosa melancolia ou abeberando-se inclinados e humildes na frescura da corrente. Depois, nos terrenos altos, os pinhaes, as encruzilhadas das estradas minhotas, com os seus cruzeiros de granito, as caixas das esmolas para as almas, o tosco nicho na fôrma de um armario de cosinha, talhado em arco,

tendo de fronte a sua lanterna enfumada, encanastrada em uma rede de ferro e chumbada ao alto do nicho por um gancho; as cruzes da via sacra nos adros das freguezias; e disseminados pelos caminhos recurvos e accidentados os pittorescos alpendres dos ferradores, onde os pardaes se debruçam dos beiraes do telhado; as choças cobertas de colmo eternamente, envoltas em fumo, ao pé das eiras em que se erguem as medas enormes como altas cabanas conicas. Rompendo em enxames d'estas habitações miseraveis, creanças sordidas, nuas, que veem trotar ao lado das carruagens que passam, pedindo esmola. Porque é de notar que a tão cantada provincia do Minho, que nós aqui em Lisboa, declamadores do Chiado, suppomos ser o coração da prosperidade e da riqueza portugueza, é extremamente pobre, relassa e tão profundamente e harmonicamente corrompida como todo o resto do paiz. Não tem elementos alguns solidos e válidos de trabalho e de riqueza propria. Tambem não procura creal-os. Vive do Brazil. Assim como o habitante de Lisboa se sustenta á custa do estado, ou servindo-o ou explorando-o, assim o habitante do Minho, quando não é brazileiro, ou serve ou explora o bra-

zileiro. E é d'isso que vive. D'isso, de jogar o pau, de fazer eleições e de rezar ás almas. De resto, bom homem.

. . .

Agora o que pretendo observar ao escriptor referido, meu muito querido e quasi unico amigo, é que, no tempo em que conheci o Minho, tal como lh'o pinto n'esse rapido esboceto de paizagem patria, o uso de engraxar as botas nas estalagens era inteiramente desconhecido, e perdia-se aos olhos do «viajor fatigado» nas trevas mais profundas e mysteriosas juntamente com o que as historias relatam do luxo criminoso de Cleopatra de Heliogabalo.

A respeito do calçado eis o que no meu tempo succedia nas estalagens minhotas: duas terças partes dos hospedes não o tinham ou não o traziam comsigo em viagem — o que os dispensava de tomarem a tal respeito a minima disposição, visto que não entrava nos seus habitos nem engraxar os pés nem ter com elles nenhuma outra especie dos cuidados suggeridos pela civilisação emoliente e enervante das grandes cidades. Do terço restante o maior numero tinham pelo calçado o mesmo desdem stoico que os outros tinham pelos pés. Restava a *élite*, a fina flôr

gentil dos elegantes corruptos, as pessoas mais instruidas, as mais educadas, as mais mimosas e até, algumas, fidalgas. Estas a unica precaução que tomavam com relação ás botas, antes de se metterem na cama, era a de as descalçarem — algumas vezes.

. · .

Encontrou Eça de Queiroz na sua recente viagem ao norte de Portugal alguns symptomas que o levem á suspeita critica, á hypothese scientifica, de que está mudado este estado de coisas? Não será antes aquella pagina traçada pela sua penna tão fina e tão vivaz uma cruel invenção satanica da sua phantazia dramatica? Póde elle jurar-me por quanto ha mais sagrado que o Minho, febrilmente arrastado pela diabolica sede dos prazeres ignotos — a voragem terrivel do gôso que levou ao abysmo Ninive, Babylonia e a Roma dissoluta dos Cezares — se lançasse realmente no uso geral da graxa de lustro!? Se tal é, se o povo perdeu com effeito a consciencia, a religião, a innocencia e o pudôr até o ponto de engraxar os sapatos, ah! então, Deus justiceiro e terrivel! o que dirá Braga?! Ella deve achar-se coberta de cinza e

vestida de sacco, esperando a visita do Ante-Christo e o fim do mundo. E Braga não deixará de expedir os seus missionarios a annunciarem aos povos que a besta do Apocalypse entrou n'este paiz condemnado, com um costal de graxa.

Por occasião dos cumprimentos officiaes do 1.° do anno, o chefe do estado, respondendo ás felicitações da camara municipal de Lisboa, disse que: *só por um milagre da divina providencia* podia explicar a profunda paz do paiz no meio das perturbações da sociedade europea.

Ora sendo a origem das guerras que ultimamente teem perturbado a paz europea a alteração nas formas do governo em França e em Hispanha e a substituição das monarchias pela republica n'aquelles dois paizes, veiu sua magestade a deixar entender implicitamente aos repre-sentantes do municipio lisbonense, que sua magestade considera como um providencial milagre a existencia da sua dynastia e do seu throno.

⁂

Comquanto haja muitas maneiras de encarar uma questão e nos não seja licito, principalmente

quando se trata de um poder supremo e irresponsavel, extranhar a escolha da face porque elle resolveu considerar um assumpto,—parece-nos que a theoria da intervenção do milagre na marcha dos negocios publicos pode ser de um exemplo funesto, lançada assim pelo soberano ao espirito da vereação lisbonense.

Ai! a camara municipal de Lisboa tinha-nos capacitado já com a hermeneutica dos seus actos, por um modo bastante positivo e terminante, que não é senão profundamente de mais que ella vive mergulhada pelas suas idéas, pelas suas convicções e pelos seus principios, no mysticismo theologico!

A quem sua magestade foi fallar no milagre como instrumento da politica! Mas ha muito tempo que a camara municipal é só exactamente o milagre que cultiva como instrumento de administração!! É do milagre, é d'esse esforço sobrenatural da intervenção da Providencia nas questões humanas, que ella confia o seu destino glorioso n'este mundo e a ambigua sorte dos seus municipes n'esta cidade! É ao milagre que ella entrega a inspecção da limpeza, o saneamento da capital, a grande questão da hygiene e da salubridade n'esta região em que se está vivendo

menos e com mais achaques do que no interior dos sertões da India, entre botucudos hydropicos, em cabanas de lama á beira dos rios putridos! Achando-se o habitante de Lisboa na posse effectiva das seguintes enfermidades—especiaes da orbita municipal da côrte — as laryngites, as ophtalmias, as febres intermittentes, as escrofulas, o uzagre e a papeira, é ainda do milagre que a camara confia o plano geral de um systema methodico de construcção de casas, e de canalisação e esgoto dos despejos, mais o orçamento d'esse plano, o seu estudo technico e a successiva e immediata realisação d'elle por meio de um emprestimo municipal! A camara, finalmente, como corpo pensante, deliberativo e responsavel, vive no milagre, e pelo milagre. Exactamente como o que a corôa diz, com exagerada modestia, que lhe está succedendo a ella!

Mas, meus senhores, reflictam n'isto: se como administradores da nossa fazenda, como depositarios dos nossos interesses mais vitaes, os senhores não podem considerar-se mais que os instrumentos passivos de um milagre providencial, então — permittam-nos dizer-lh'o: por maiores e mais fundas que sejam as suas crenças mysticas, por mais acrysolado que seja o fervor da

sua fé — como interpretes e intercessores das nossas necessidades para com os remedios da Providencia Divina — o Senhor dos Passos da Graça offerece-nos mais garantias.

Curiosa coincidencia. Nos jornaes de hoje vem publicada a sessão da camara electiva e bem assim a da sociedade das sciencias medicas: no parlamento apresenta o governo uma proposta de lei na qual se defere uma representação da camara municipal de Lisboa para que o governo revogue a lei de abril do anno passado que restringe a exclusiva applicação do emprestimo municipal de 160 contos a melhoramentos de hygiene e saude publica; na sociedade das sciencias medicas, celebrada no mesmo dia ou no dia anterior, attestam os primeiros medicos de Lisboa que a canalisação da cidade é pessima e que são deploraveis as condições elementares da hygiene e da saude publica!

.·.

Por um lado a camara municipal declara que não sabe o que ha de fazer da verba de 160 con-

tos se lhe restringirem a applicação d'ella aos melhoramentos da hygiene, e pede ao governo, afim de que a camara não fique com este dinheiro no seu bolso, que se lhe permitta dispender essa quantia como ella muito bem entenda, revogando assim a legislação anterior, e considerando a alludida quantia como um supprimento da receita geral no orçamento ordinario do municipio.

Por outro lado a sociedade das sciencias medicas, a corporação technica mais habilitada para julgar das necessidades da saude publica e do estado da hygiene, approva um vasto e meditado relatorio considerando urgente a reforma immediata do saneamento da capital.

Concorrem exactamente na mesma occasião o pedido da camara municipal para que a isentem de reformar e a instancia da sciencia para que se tenha por indispensavel e urgentissima a reforma.

Entre a opinião da sciencia, que impõe á camara a questão da hygiene como o primeiro dos deveres que pesam sobre a sua responsabilidade, e a opinião da camara, que considera a hygiene absolutamente como uma simples palavra embaraçosa e inutil, que faz o governo? O governo

é da opinião da camara! O governo, de accordo com a camara municipal, apresenta ás côrtes uma proposta de lei em que revoga a legislação pela qual a hygiene figurava no orçamento do municipio como objecto de uma despeza de 160 contos! As côrtes approvarão indubitavelmente a proposta do governo, e ahi ámanhã ou depois um traço de penna dos srs. tachigraphos eliminará n'um ai da lista inquietadora das preoccupações humanas a ingerencia municipal na questão hygienica.

. ˙ .

Entretanto na acta da sessão da sociedade das sciencias medicas em que foi lido o relatorio a que acima nos referimos, lêmos estas palavras:

«O sr. dr. Bernardino Antonio Gomes (É auctor de um importante livro intitulado *O solo e o ar em Lisboa*, e o mais abalisado especialista na materia sujeita) pediu a palavra para esclarecer alguns pontos do novo relatorio. O primeiro era aquelle que dizia respeito ás valvulas hydraulicas das sargetas. Na opinião de s. ex.ª estas valvulas são más. É verdade que os gazes accumulados nos canos não saem pelas sargetas incommodando os transeuntes, mas em compen-

sação, não tendo saida para o exterior filtram-se atravez das paredes, invadindo as habitações, o que as torna muito mais prejudiciaes. Além d'isto, as valvulas hydraulicas são o laboratorio onde fermentam as substancias organicas das ruas que para ellas são levadas, dando origem a gazes deleterios, o que se póde observar quando a agua é renovada.

«O outro ponto era o que dizia respeito ás chaminés de ventilação. Estas são hoje prohibidas pelas posturas municipaes. Mal prohibidas, segundo o orador; porque ainda que n'uma cidade, como a nossa, bastante accidentada, deviam algumas vezes essas chaminés abrirem-se ao nivel de muitas habitações, em todo o caso os gazes rarefar-se-hiam na atmosphera e seriam por isso menos prejudiciaes do que infiltrando-se pelas paredes e espalhando-se pelas casas, como necessariamente deve acontecer em vista da falta de respiração dos canos.»

De modo que, sem nos referirmos senão a dois pontos do relatorio esclarecidos pela palavra tão auctorisada do sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, temos que:

As sargetas das ruas, em virtude do systema das valvulas hydraulicas adoptado pelo munici-

pio de Lisboa, são focos de miasmas lethaes.

As paredes das casas em que habita a população de Lisboa são os filtros das exhalações dos canos, por on'e se coam e se imbebem no ar que respiramos os gazes deleterios resultantes da fermentação das materias organicas.

Quer isto apenas dizer que nós, a população de Lisboa, vivemos fatalmente, desde cada manhã até a manhã seguinte, comendo, trabalhando, dormindo, encarcerados na podridão, na enfermidade e na morte.

Como é risonha, fresca e perfumada esta graciosa perspectiva! E como é bom da parte da camara e do governo o garantir-nos por meio da mais sabia legislação o caracter permanente e immutavel d'estas inapreciaveis condições da existencia!

. · .

O que receamos unicamente é que, espalhando-se no mundo a noticia d'este profundo symptoma da nossa civilisação, os cafres adoptem definitivamente Lisboa para exilio dos seus condemnados á morte, e que de um dia para o outros vejamos apossar-se d'esta coisa uma leva de facinoras selvagens, nús, dando guinchos de alegria e de fome, os quaes comam vivos os in-

digenas que não estiverem demasiadamente *faisandés*.

Em todos os tempos se tem observado que na arte depois dos grandes mestres apparecem os grandes criticos. Sobre os exemplos immortaes criam-se os preceitos eternos.

No seculo de Alexandre, depois de Eschylo, de Sophocles e de Euripedes, veiu Aristoteles. Com a litteratura latina do tempo de Augusto apparece Horacio. Do movimento litterario do seculo de Leão x sae Vida. Com os poetas francezes do seculo de Luiz xiv coincide Despreaux.

A arte portugueza do presente seculo, filha da revolução liberal de 1834, irmã gemea do constitucionalismo e da carta, manifesta-se principalmente pela eloquencia parlamentar. Como fructos da intelligencia nacional, este seculo — a que se ha de vir a chamar em Portugal o seculo de Melicio — não tem a musica portugueza; não tem o poema dos costumes ou da civilisação moderna; não tem o romance caracteristico de uma época como o *D. Quixote*, como o *Gil*

Blaz, como *Os Miseraveis*. A unica coisa que nos resta, como solitario vestigio no tempo e no espaço da passagem dos nossos grossos pés por cima das amplas pégadas mazorras dos nossos avós, é isto: *O Diario das Côrtes*.

É d'esse vasto repositorio, onde por tantos annos se tem despejado o estro portuguez, os copos da agua choca da tribuna, o catarrho victorioso das maiorias triumphantes, e a saliva biliosa das opposições despeitadas, que a posteridade ha de sacar com tenazes, para os collocar no Pantheon, depois de leciviados a esponjas de potassa e de purificados a côco, sabão e areia, os bustos gloriosos d'aquelles que foram verdadeiramente grandes — a meia moeda por cabeça.

Os homens mediocres, os espiritos estreitos que em todas as grandes reuniões formam as maiorias e dão ás assembléas o seu caracter predominante, á força de se imitarem, de se repetirem, de se desgastarem em velhas questões sempre as mesmas, sem principios, sem idéas, sem estudo, sem interesse da verdade, sem sacrificio, sem elevação, acabaram por fazer da eloquencia parlamentar portugueza uma atafona de palavrões estafados, de formulas ôcas, de

velhas imagens pegajosas e safadas, como as cartas de um baralho immundo pelas dedadas sordidas de vinte annos de bisca. Esta rhetorica tropega, relaxada e senil, não podendo crear uma lingua forte e digna, deu o ser a um stylo especial de malandragem politica; fez a giria constitucional, a geringonça parlamentar, o calão burguez.

Tal era a arte patria na sua expansão primordial e livre, isempta de regras e de preceitos, aprendida e cultivada na pratica e na tradição de S. Bento. Faltava-lhe a respectiva critica que fixasse este genero para o exame dos estudiosos, que lhe arrancasse a sua esthetica, que descriminasse as leis tacitas que o regiam. A camara dos srs. deputados, conscia d'esta ommissão deploravel, ha muitos annos que estava pedindo um homem que lhe codificasse os preceitos da sua lingua.

Este homem finalmente appareceu.

* * *

João Felix Pereira — aquelle que no seu grande livro da *Civilidade* tinha conseguido lançar ao arroto uma mão de ferro, colhendo-o na sua passagem imprudente atravez das socieda-

des cultas, para o pisar a pés manietado pelos grilhões do decoro — Felix tinha de seu olho providencial a nossa arte moderna, e nas sombras da meditação e do estudo elle aguçava na umbreira da sua porta as unhas da mesma garra poderosa com que empolgára o arroto nacional e que de novo elle se dispunha a cravar, arteiro e firme, na entranha do tropo parlamentar.

Em um dos primeiros dias do mez corrente appareceu a final a nuvem trovejante no alto do Sinai, e João Felix abanando febrilmente a fronte apocalyptica baixou das alturas e entregou ás gerações fallantes o seu novo livro *Peculio de Oradores.*

. ˙ .

Obra extraordinaria, monumental, prodigiosa, como esses raros livros que apparecem de dois em dois seculos, e em que o genio que os produziu parece ser a condensação da intelligencia collectiva de muitas gerações, o *Peculio* é um volume de 478 paginas, em que vem tudo!

Tudo — certamente — quanto a arte tão caracteristica de encher o tempo e o espaço a botar palavras creou em Portugal n'estes ultimos trinta annos rhetoricos, parlamentares, de inanidade e de impotencia, aqui está n'este livro

como o verdadeiro testamento, como o legitimo codicillo de uma sociedade cahida no imbecil pela monomonia oratoria. Nunca em tempo algum se fez um livro d'este genero. Nunca mais se tornará a fazer outro assim. Esta obra é um symptoma phenomenal que se não repete.

Ella encerra o derradeiro sumo que se espremeu de uma esponja embebida nas escorreduras da ultima substancia intellectual de uma epoca.

O *Peculio* contém para uso dos oradores nada menos do que cinco mil novecentos e vinte oito exemplos de eloquencia oratoria. Em todos estes trechos juntos não ha um só facto, um principio, uma observação, um vestigio, por mais tenue que seja, de uma idéa! Nós conheciamos varios bordões parlamentares dos que em todas as sessões legislativas correm de bocca em bocca como eccos soltos na sala... *Sr. presidente, corra-se um veu sobre o passado. Latet anguis. Medidas fecundas e rasgadamente civilisadoras. É indisivel a anciedade do paiz. Preciso de o declarar ao sr. presidente e á camara, etc....* Mas nunca suppozemos que o numero d'essas phrases consagradas pelo ramerrão se podesse elevar á somma achada por João Felix. Ao *Peculio* não falta nada. Todos os *strenuos athletas*

da palavra (chavão citado no *Peculio* sob o n.º 8) que houverem de combater em S. Bento deverão de hoje em diante ter sempre comsigo esta obra. Isso os dispensará de terem comsigo o cerebro, porque, em verdade, qual é a missão dos srs. deputados?

Defenderem ou guerrearem o poder. Nada mais. Pois bem: quer n'um quer n'outro caso, e em varios outros, Felix põe á disposição dos oradores, como n'um cerebro supplementar, tudo quanto se póde exclamar contra um ministerio ou a favor d'elle. Por exemplo:

Pensamentos para deputados da maioria

Vide *Peculio* de Felix numeros abaixo indicados:

N.º 4:798. — Liberdades constitucionaes, glorioso fructo da civilisação moderna.

N.º 4:900. — Razões amadurecidas pelo estudo, intelligencias fortificadas pela philosophia, corações educados pelo exemplo.

N.º 4:994. — Aquelles labios, (apontando para os ministros) erario de facundia.

Nota. Esta phrase inapreciavel poderá tambem servir a oradores da opposição, que terão o

cuidado de a proferir indicando os bancos da esquerda.

N.º 6:224. — Oh! fervoroso civismo!

N.º 5:354. — Erguer monumental padrão ao seu elevado merito.

N.º 5:456. — (Apontando para o sr. presidente do conselho) Com aquella franqueza austera, que caracterisa suas opiniões.

N.º 5:457. — Ninguem ousou recusar-lhes brilhantes testemunhos de admiração.

N.º 5:826. — O seu ministerio é a probidade administrando, a verdade governando, a liberdade reinando.

N.º 8:838. — Arrebatadoras seducções do mais phrenetico enthusiasmo.

. · .

Pensamentos para deputados da opposição

Vide o mesmo *Peculio* numeros seguintes:

6:823. — O horisonte politico se annuvia, meus senhores, ameaçando caliginosa borrasca.

5.827 — A este sestro ruim, a esta sina malfareja não ha escapar.

5:783. — Vil plebe da republica!

5:775. — (Apontando com firmeza para o sr. presidente) Homem atrabiliario!

5:665. — (Indicando com azedume as cadeiras do ministerio:) Os hypocritas ensancham suas phylacterias.

Nota. Póde tambem servir para ministeriaes com tanto que a arrojem com vilipendio aos chefes da opposição.

5:464. — Maculados pela lepra da venalidade!

5:454. — Da mente se lhe varreram todos os respeitos do ceu e do mundo tocando a meta do descaro.

5:235. — Almas perversas enlodadas em maldades torpissimas.

4:992. — Affrontou o santuario da justiça.

5:231. — Isto é grave porque é atroz.

4:901. — Governo periclitante e impopular.

4:797. — Homens de entranhas feras e damnadas.

. . .

Pensamentos para deputados de qualquer côr politica em conversas particulares

Vide sempre *Peculio* numeros abaixo assignalados.

5:672. — Sazonarei meus discursos com razões discretas.

5:657. — Farei razão e direito a cada um.

5:662. — Perpetuo sacrificio de meus mais caros interesses aos interesses da patria.

5:546. — Effusão de sinceridade.

5:463. — Á puridade.

6:460. — Exforços perseverantes.

4:785. — Dedalo de negociações e de correspondencias.

. ˙ .

Pensamentos para brindes em jantares patrioticos

5:569. — A paz deve ser o fim supremo dos governos.

5:415. — O progresso, que é o caracter do nosso seculo, anima com seu santo fogo o espirito de todos.

3:744. — Os puros sentimentos de patriotismo não se despertam em corações ulcerados por paixões ignobeis.

975. — Emanação divina, fogo sagrado, pharol que vae guiando a humanidade no estadio de sua perfectibilidade.

3:021. — As louçanias, os ouropeis, as galas.

3:928. — Paladio da tranquillidade publica.

1:728. — Todos partidos teem paginas mais ou menos honrosas em sua historia.

5:261. — A arvore gigante da civilisação e da liberdade.

. · .

Pensamentos para conversar com viuvas de ministros

644. — Levantar o mysterioso veu com que Deus encobre os seus secretos designios.

2:891. — Offerecer sagrada hecatombe aos manes de tão pio varão.

5:894. — Legou a seus filhos o prestigio de um nome immaculado.

5:865. — Nobre exemplo de civica devoção.

5:836 — Com o espinho de tantas saudades a pungir o coração.

5:567. — Colher a palma do martyrio.

5:573. — A voz plangente do propheta de Jerusalem.

5:446. — Astro fulgurante mas que depressa baixou do zenith ao occaso.

5:351. — Engenho peregrino, talento mimoso.

5:261. — Mysterios inescrutaveis!

1:517. — Depois de suadas lidas descançou no eterno.

5:823. — O tempo, vorador dos evos.

. ˙ .

Pensamento para nos referirmos ao sr. Alexandre Herculano

407. — Uma das mais remontadas glorias litterarias do nosso paiz.

. ˙ .

Dito para nos reportarmos a Eduardo Vidal

147. — Bonina desabroxada!

. ˙ .

Dito para assignalarmos ás turbas o sr. Barros e Cunha

121. — O doutor mellifluo.

. ˙ .

Dito para nos remontarmos a Melicio

63. — O fecho da abobada do grande edificio social.

. ˙ .

Dito para ser empregado pelo sr. presidente da associação Primeiro de Dezembro

94. — (Lacrimoso e pungente :) Os portuguezes desnaturados que seguiam as partes do rei de Castella !

. ˙ .

Dito para uso do sr. barão do Rio Zezere

90. — Sus bons soldados, esforçae, esforçae !

. ˙ .

Além do que, todos os tribunos encontrarão no livro de que se trata quanto a erudição nos ensina ácerca do *bric-à-brac* da historia e da mythologia, sendo que n'elle achamos :

Em tecidos e barbantes : *O fio de Ariadne. A teia de Penelope.*

Em bichos : *O abutre de Prometteu. O touro de Perillo.*

Em conservas : *A cabeça de Medusa. Os olhos de Argos.*

Em ferros velhos: *A espada de Damocles. A lança de Eneas.*

Em bengalas: *A vara de Moisés. A massa de Hercules.*

Em alvenaria: *A roda de Ixion. A pedra de Sisipho.*

Em mobilias e arranjos de casa: *O leito de Procusto. A cornucopia de Amalthea. O tonnel das Danaides.*

. • .

Avé, João Felix! Todos os que vão fallar te saudam, ó Cesar da rhetorica, ó bocca de oiro, ó sarsa ardente, ó salamandra, ó columna de fogo! Tu és a arvore do bem e do mal do palavriado. Tu és o sycomoro da sciencia portugueza. Ó monte de civilidade, vaso de grammatica latina, ceirão de opusculos, ódre de pedagogia, torre de nominativos, cidadella dos gerundios... *Miserere nobis!*

No *Jornal da Noite*, o mais esclarecido, mais prudente, mais logico e mais arguto orgão dos partidos conservadores em Portugal, deparam-se-nos com espanto, em um artigo da redacção a respeito do sr. Camillo Castello Branco, as seguintes linhas formidaveis :

«... O grande escriptor que fundou o romance em Portugal, em vez de *emprehender qualquer grande maroteira que o elevaria ás maiores honras e dignidades.* »

. · .

Temos portanto que o *Jornal da Noite*, convencido, como por muitas vezes tem declarado estar, de que a sociedade portugueza se acha constituida nas mais solidas bases de justiça e de liberdade,

O *Jornal da Noite*, que considera as actuaes instituições portuguezas como o *summum bonum* das mais sensatas e justas aspirações dos povos,

O *Jornal da Noite*, que tem os finos sorrisos mordentes, delicadamente ironicos, para todos os revolucionarios da politica, da litteratura e da arte,

O *Jornal da Noite*, que tão primorosamente lavra e arrenda com o seu firme e classico bu-

ril a historia quotidiana, indifferente, pacifica, pascacia, d'este povo que não tem historia, lembrando cada noite ás massas, no seu vernaculo estylo, luminoso e rectilineo, que é exactamente n'esse despego de cada dia, n'essa boa e saudavel modorra, n'esse bello e exemplar indifferentismo, n'esse angelico, bemaventurado e santissimo *deixar ir*, que consiste a suprema felicidade dos bons cidadãos e dos bons homens,

O *Jornal da Noite*, espelho de conformidade, pharol da ordem publica, vivido exemplo deslumbrante do respeito pelos principios estabelecidos e pelas instituições vigentes,

Entende porém e declara-o, precisa, clara e terminantemente, no primeiro artigo do seu numero de 13 e 14 de fevereiro d'este anno de 1874, que n'este paiz, n'esta sociedade, com tal regime e com taes instituições, *qualquer grande maroteira eleva ás maiores honras e dignidades.*

Desculpe-nos o *Jornal da Noite* se, tomando a liberdade de nos collocarmos por um momento no mesmo ponto de vista em que se acha aquella estimada e interessante folha, nos atrevemos a dirigir-lhe, com o mais profundo respeito, um passageiro reparo.

Cuidavamos nós que nos paizes que vivem sob

uma recta e justa organisação social, o que elevava o homem ás dignidades e ás honras, era o trabalho, a perseverança e a virtude.

Emquanto ás *grandes maroteiras* suppunhamos que havia uma instituição chamada a *força publica* encarregada de as refrear e um poder chamado o *poder judicial* incumbido de as punir.

Pensavamos que havia uma tal ou qual coisa denominada *a lei* que intervinha algumas vezes nas correllações sociaes e cujo gladio se interpunha no espaço que separa as *maroteiras* e as *honras*.

Quando alguem, de rastos, sevandijando-se na terra, ou passando nas immundicies dos canos, illudia a vigilancia da lei e transpunha, impune pela justiça official, a linha divisoria lançada entre o illegitimo e o normal, cuidavamos nós que o que escapava assim aos juizos dos tribunaes, não podia fugir á sentença da opinião.

Imaginavamos que em qualquer gerarchia social em que penetrasse esse foragido da policia, lá encontraria entre os homens de bem aquillo que vulgarmente se conhece pelas palavras de *senso moral, comprehensão do dever, sentimento da dignidade, respeito de nós mesmos;* e que quanto mais subisse nas qualificações sociaes mais

estreitamente o suffocaria o desprezo dos homens honrados. Porque nós imaginavamos egualmente que a differença das classes provinha das differenças da capacidade marcadas pelo nivel da instrucção e da moral, e que das mais altas posições no estado não poderiam por consequencia porvir senão os mais altos exemplos da dignidade e da honra.

Todas estas conjecturas illusorias, posto que consoladoras, desapparecem porém, inteiramente esvahidas, perante a profissão de fé tão concisa e claramente feita pelo *Jornal da Noite* : *Qualquer grande maroteira eleva ás maiores honras e dignidades.*

Segundo aquella folha, cuja direcção tão esclarecida e tão atilada vive nas regiões officiaes, no mesmo seio das instituições, estudando-as, analysando-as e defendendo as em cada dia com singular proficiencia e peregrina sagacidade, a *lei* é portanto uma palavra vã; os poderes publicos não teem força nem teem capacidade; o nivel moral desappareceu ou caiu n'uma depressão deploravel; não se conhece nem a dignidade nem o dever; a opinião está profundamente corrompida; as classes superiores e dominantes constituem uma associação e uma alliança ver-

gonhosa, descarada e torpissima de velhacos intrepidos e felizes, porque a verdade é que, se são as *grandes maroteiras que nos elevam ás mais altas honras e dignidades*, as mais altas honras e dignidades não são senão o certificado authentico e a consagração formal das maiores maroteiras.

Mas sendo assim, e não podemos duvidar ouvindo-o de auctoridade tão respeitavel e insuspeita, perguntaremos, se nol-o consentem, humildemente, ao *Jornal da Noite* e a todos os demais jornaes conservadores em geral:

O que é que suas excellencias nos conservam?

Onde é que está a perfeição do regime sob o qual felizmente vivemos?

Onde está o valor, a importancia ou a belleza das instituições que suas excellencias preconisam e defendem?

Onde está a garantia do trabalho, quando os que o exercem com mais distincção e talento não teem diante de si senão a perspectiva obscura e um tanto tenebrosa do abandono, do esquecimento publico e do desdem social?

Onde está a liberdade quando o ingresso nas altas posições do estado, o accesso ás dignidades e ás honras, é o monopolio de patifes previlegiados?

Onde está a mesma patria quando a patria é o logarejo infecto e putrido d'onde se exhala por tal modo a morte de todos os germens da honra, do decoro, do dever e da dignidade humana?

Ahi está um homem de trabalho, cujos meritos os srs. conservadores não hesitam em considerar excepcionaes e capitalissimos; esse homem é um escriptor eximio, é o creador do romance em Portugal, é o sr. Camillo Castello Branco: o que é que os partidos conservadores por intermedio do seu orgão mais intelligente e mais reflectido, teem que dizer a este cidadão cujos deveres perante o paiz elles começam por considerar preenchidos do modo mais completo, mais honroso e mais brilhante? Ahi tem! lançou-se na litteratura, é o creador do romance portuguez, e não é mais nada! Bem sabemos que ao trabalho corresponde a paga e por isso elle é independente do favor, mas quando chegamos a ter cumprido na sociedade a que pertencemos a missão que nos impuzemos de a illustrar, é bem desconsolador e bem triste que ao salario faminto que nos deram se não junte a consideração e a estima dos nossos similhantes... Mas, homem, que quer? esta caranguejola, que nós insistimos em conservar para fazer presente

d'ella inteira ao diabo quando elle a reclamar como um objecto que indisputavelmente lhe pertence, está organisada assim, que quer você que se lhe faça? Olhe : se em vez de se lançar na litteratura, o snr. se tem lançado na maroteira, a sociedade afastar-se-ia em alas reverentes e o snr. passaria laureado por entre a estima publica a lançar-se nos braços fraternaes de outros velhacos egualmente laureados que lá estão em cima no apogeu das honras e das dignidades, de peito aberto para acolher os audazes que a infamia ajuda!!

Mas, meus ricos senhores conservadores, estas considerações, tão saudaveis, tão dedicadas e tão ternas, teem talvez o defeito de serem um pouco tardias quando se dirigem a um homem que está longe de ir encetar agora uma carreira. Deverieis dizer-nos isso no principio, para nos instruir e nos edificar. Mentis quando nos educaes. Se a verdade é essa, se a maroteira é a chave com que se abrem as portas do exito cerradas ao talento, ao trabalho, á consciencia, não nos tenhaes enganados durante metade da nossa vida, ensinae-nos isso nas escolas: precisamos de o aprender com a doutrina christã, com a mithologia de Monteverde e com a civilidade de

João Felix. Porque, meus senhores, desenganem-se: nem mesmo tratante se pode ser sem alguma instrucção especial, sem um tirocinio. Vós dizeis-me: «Queres ser alguma coisa n'este mundo, faze-te maroto.» O conselho é util, é bom, encerra o mais importante aviso, e eu agradeço-o commovido. Todavia, não posso deixar de confessal-o, para o seguir á risca, immediatamente, acho-me um tanto embaraçado. Supponham (hypotheticamente já se vê) que sou intelligente, forte, novo, que entro na vida com todas as legitimas ambições de uma poderosa vitalidade moral; estimulam nobremente a minha actividade as mais altas dignidades, as mais subidas honras que o meu paiz pode conceder aos homens assignaladamente superiores. Pergunto: Que devo começar por fazer n'este caso: falsificarei uma firma? Escreverei um artigo em que atraiçôe conscientemente a verdade e a justiça? Cravarei um punhal no coração angelico de Melicio? Roubarei o *Times* ao sr. Barros e Cunha, ou o *Jornal dos Economistas* ao sr. Carlos Bento?! Quem me ha de guiar, quem me ha de esclarecer, a mim inexperiente candidato ás honras e ás dignidades? Serão os effectivos, serão os cathedraticos, serão os pro-

fessos, n'essas dignidades e n'essas honras? Mas quererão elles escutar-me? Quererá ouvir meus rogos, o sr. presidente do conselho de ministros, o sr. cardeal patriarcha, ou o sr. barão do Zezere, o terrivel!?...

Ó hesitação! ó duvida!

.·.

Por ultimo, reflectindo, comprehendemos que o *Jornal da Noite*, publicando as linhas, cuja analyse faz o objecto d'este capitulo, não teve certamente em vista nem referir um facto, nem estabelecer uma theoria, nem dar uma lei. O seu intuito foi simplesmente inutilisar os seus adversarios arrancando-lhes a mais violenta e a mais terrivel das suas apostrophes. Com effeito, desde que os jornaes doutrinarios, auctoritarios, conservadores, se exprimem em tal linguagem, os demagogos—sob o ponto de vista rhetorico—estão desarmados. Que mais poderiam elles dizer? Nada lhes resta pois desde hoje, senão irem para suas casas, sangrarem-se uns aos outros e esperarem tranquillos, sem o minimo risco de suas pessoas e bens, que os effeitos da gangrena substituam no velho mundo os effeitos do petroleo.

Se a astuciosa tactica do *Jornal da Noite* foi effectivamente, como crêmos, emmudecer as declamações demagogicas, os nossos parabens cordeaes áquella util e interessante folha.

Acabamos de ver em um artigo escripto pelo sr. Pinheiro Chagas o encarecido tributo prestado pela admiração d'este escriptor á extraordinaria fecundidade de outro escriptor, seu amigo intimo, o sr. Cunha Bellem. A nós, corações frios, a dita fecundidade não nos maravilha, attentas as explicações que d'esse facto havemos lido em varias folhas.

O sr. Cunha Bellem, litterariamente fallando, é uma duplicação. Elle é simultaneamente, segundo revelações publicas, Cunha Bellem e Christovam de Sá. Elle portanto é — dois.

Conta-se que, uma vez Cunha, trabalhando nas suas obras pelos beneficos silencios da noite, sentiu que nas proprias entranhas, emquanto elle escrevia, um outro auctor incubo, impaciente, rabeava. Então, por um violento e sublime

esforço de maternidade, Cunha sacou de dentro de si Christovam; lavou-lhe a cara, fez-lhe a barba, vestiu-lhe uma camisola de flanella, deu-lhe um diccionario e uma penna, e sentou-o a produzir ao seu lado. Desde esse momento os dois produzem juntos. As suas producções — notemol-o bem — são producções a quatro mãos. E d'estas quatro mãos duas escrevem sempre, ininterrompidamente, não precisam de occupar-se em outras funcções que não sejam propriamente as da escripta. Se é Christovam o que está engolphado no phrenesi febricitante do labor e se coincidentemente experimenta, por exemplo, a necessidade de assoar-se, Cunha, solicito, torce-lhe o nariz dentro de um lenço; se é Cunha o que, mergulhado no fogo ardente da inspiração, sente pungir-lhe um callo, antes que elle braceje das profundidades do ideal á tona prosaica da vida em que fluctuam as chinellas largas, Christovam, disvelado, descalça-lhe as botas. Além d'isto succede que o sr. Bellem, o qual sobre ser grande litterato é tambem distincto medico, por uma tendencia profissional, concebe rapidamente as suas obras, com o laconismo do *recipe;* Christovam em seguida espraia-se nas circumvagações do estylo e nas

abundancias rhetoricas, elle amplia, abre os olhos aos periodos embryonarios, dormentes, incompletos de gestação, arregala a phrase, mette-lhe os verbos, introduz-lhe allusões, malicias, virgulação, facecias e adjectivos; de sorte, que a obra que muitas vezes principia em Bellem pela formula simples: «*Ipecacuanha, uma onça — Mande*» depois de competentemente trabalhada e desenvolvida, acaba em Sá — pela revista critica da ultima peça do Gymnasio.

. · .

Lamentamos que todos estes factos tão attenuantes da fecundidade do sr. Cunha Bellem considerada como prodigio, sejam ignorados pelo illustre critico o sr. Pinheiro Chagas. Sendo certo que o phenomeno que narramos, e que converte a personalidade litteraria do sr. Bellem n'uma especie de gemeos siamezes dos folhetins de Lisboa, nos irmãos Dallot da arte patria, é tão notorio no mundo que todas as cartas que passam na posta enderessadas de todos os cantos do universo áquelle tão celebre escriptor trazem invariavelmente o seguinte sobrescripto:

Ill.^{mos} Srs.
Cunha Bellem e Christovam de Sá, Dig.^{mos} collaboradores de todos os jornaes. Moradores um dentro do outro

Lisboa.

Ha dias uma pobre senhora — uma burgueza cuido eu — casada, mãe de filhos, ainda nova e bella, teve de ser operada de um cancro, fazendo-se-lhe a amputação do seio direito. A operação deu em resultado observar-se que o tumor estava ramificado para o lado esquerdo do peito. A doente, que tinha sido chlorophormisada para supportar a operação, recuperou os sentidos no momento em que se discutia e se preparava esta coisa terrivel: — amputar-lhe o seio que ainda lhe restava. Ella comprehendeu, no meio do embaraço suscitado pelo seu despertar inesperado qual era o segredo que procuravam occultar-lhe, e com uma grande firmeza resignada, disse:

— Cortem-m'o tambem: o meu filho está creado.

. ˙ .

Oh! obrigado, minha desconhecida, minha obscura, minha santa amiga, que tens hoje no logar da curva graciosa e sensual do peito feminino os ossos raspados pelo bisturi sob os quaes se esconde o teu coração magnanimo! Bemdita sejas tu que me permittes ao cabo dos tres annos dolorosos de critica, de ironia, de piedade ou de desdem que constituem a collecção d'estes pequenos livros, extrahir emfim do coração d'este mundo decadente e ridiculo uma palavra luminosa — uma palavra ao menos — verdadeiramente genial e sublime!

Não instrues, não libertas, não emancipas ninguem, ó doce ephemera, sublime ignorada, mas consegues com o simples sentimento o que não sabem fazer com elle os maiores artistas sentimentaes e lacrimosos: fixar n'uma phrase o ideal humano da elevação e da dignidade no amor.

A tua palavra divina, registada n'estas paginas obscuras mas sentidamente verdadeiras e honradas, passará alada e candida por cima do charco revolto das nossas intrigas, das nossas mediocridades e das nossas miserias, no rasgo de um vôo ineffavel e profundo atravez do ceu como a pomba do diluvio, annunciando áquelles

que olham pensativos para a devastação da torrente que ha n'este baixo mundo um logar eternamente puro e sagrado, guardado pelo olhar de Deus: — o logar em que o vosso coração encerra, ó mães que sabeis ser mães, o amor dos vossos filhos.

Consta que o sr. duque de Abrantes y Liñares, illustre fidalgo hispanhol, comprador da quinta das Laranjeiras, ultimamente vendida pelos herdeiros do nobre conde de Farrobo, projecta plantal-a de vinhas e de pomares. Referindo este caso os jornaes portuguezes não teem poupado ao duque de Abrantes allusões maliciosas e ironias agudas. A algumas folhas este caso chega a parecer affronta e profanação ao nosso patriotismo e ás suas tradições gloriosas, á memoria do Castro Forte e das suas celebradas arvores estereis.

. · .

Se nos é permittido emittir a nossa opinião particular ácerca d'este assumpto, que é impor-

tante porque está ligado a um montão de velhos erros a que é bom dar ar e sol, diremos que, se a idéa do comprador da quinta das Laranjeiras é simplesmente convertel-a de propriedade de recreio n'um estabelecimento agricola, n'uma granja, o sr. duque de Abrantes não merece por tal deliberação senão os nossos cumprimentos e os nossos applausos. Fazer de uma terra de luxo uma terra de trabalho é nem mais nem menos do que rehabilitar a terra.

Em resultado talvez de um mau defeito de constituição moral, nós pessoalmente nunca pudemos visitar sem um sentimento vago, desconsolado, annuviado de tristes apprehensões, uma quinta de recreio, e principalmente uma quinta de recreio portugueza, quão differente genero — ó meu Deus! — quão differente das grandes propriedades nobres e antigas da Inglaterra e da Escocia, em que os parques immensos, seculares, enormes, eternamente verdes e quasi eternamente immoveis, cheios de profundos silencios mysticos e de lembranças de chorosas legendas, envolvem sob as brumas alvacentas, á beira dos frios lagos espelhados e lisos, os macissos castellos tão grandiosos, tão recolhidos, tão nobremente melancolicos, do tempo da rainha Maria!

Nas quintas de recreio em Portugal ha sempre o que quer que seja ou mesquinho ou burguez ou pobre, que contrasta miseravelmente com o prospecto do todo, e lança no espirito o abatimento artistico que produz o espectaculo de todas as pompas faceis. A esta primeira impressão de tristeza esteril e chata succede-se naturalmente um mau humor hostil. Aos guardas, de libré, com o brazão da casa em prata cosido no peito ou no chapéo, ás flôres exquisitas e molles, aos marmores baratos, de obscuros artifices, representando as Venus indolentes e os Appollos desvanecidos, aos berços de repouso, aos kioskes de repouso, aos sophás de repouso, aos pavilhões de repouso, appetece dizer palavras violentas de actividade e de energia.

Ao regato, que serve apenas para alimentar alguns estupidos peixes doirados ou vermelhos ou para dar assumpto a uma ponte rustica, de *étagère*, contrafeita de bocadinhos de cortiça com a mesma especie de arte com que se borda uma charuteira de missanga, tem a gente vontade de perguntar com que direito vive elle ocioso, tranquillo e barrigudo como um major reformado, elle, filho do bom Deus, encerrado n'aquelles quatro muros, dormente como um conego que

digere, emquanto os seus outros companheiros se esforçam, dobram, arqueiam como fortes acrobatas, Hercules serviçaes, puchando pelas rodas dos moinhos e de outras machinas para irem dentro das fabricas ajudar a moer o pão, a cardar a lã, a torcer os fios, a urdir os pannos, a serrar as madeiras, a cortar as pedras, a fazer os chapéos, os cigarros, o papel e uma multidão de outras coisas tão uteis ou tão necessarias na vida. E não se contentam com isso os pobres riachos plebeus e obscuros: depois de terem auxiliado o homem em tão variados serviços, saem do seu leito, torcem o seu caminho para lhes irem levar a casa a rega, o banho e a bebida; e por fim estão ainda prontos para matar a sede aos almocreves que passam empoeirados com as suas recuas de mulas, ás grandes vaccas pacificas, aos cavallos fatigados, aos cães enfraquecidos pela calma, e até — oh! caridade infinita! — ás pobres rapozas e aos desgraçados lobos, os quaes é talvez justo que morram a tiro no meio dos homens a quem fazem mal, mas que seria iniquo que morressem de privações crueis no seio da mesma natureza que os produziu!

Pergunta-se: Será licito que emquanto uns trabalham, se dedicam e se sacrificam assim em

beneficio de todas as coisas creadas por Deus e pelos homens, outros, que nunca trabalharam nada nem herdaram coisa nenhuma de seus paes que trabalhassem por elles, passem uma vida assim, estendidos ao comprido, immoveis como deuses de Epicuro, creando peixes ridiculos e reflectindo pontes de albuns ou de relogios de mesa? Não seria bem feito que um hispanhol rico e poderoso te obrigasse a servires para alguma coisa, a ti, parasita, degradando-te para Madrid onde fosses tirar o pó da guela ao Manzanares sequioso?... Levanta para o céo esses teus braços ociosos, estirados por cima de alguns pobres nenufares em principio de decomposição que hão de acabar por te envenenar com as podridões paludosas, se não fôr aquelle a teu respeito o designio do sr. duque de Abrantes!

Se porém o que elle deseja adquirindo-te, é tornar-te util ahi mesmo onde nasceste, fazendo-te cooperar no grande trabalho universal da vida, que mais queres?! Tu verás, misero ignorante, como serás mais contente, mais alegre e mais feliz, quando viveres no meio de uma granja activa e ruidosa como uma colméa, do que assim n'esse apparato frio e prostrado de cemiterio!

O que succede com a agua, dá-se egualmente com a terra. Aquella que á força de instancias, de estimulos e de soccorros artificiaes não produz senão algumas poucas flores pretenciosas e caras, e muitas folhas de fórmas estranhas, penosamente importadas de todas as latitudes e de todas as regiões do globo, afim de que os amadores constatem que ellas teem um nome impossivel e são sufficientemente menos bellas que as couves lombardas,—e tambem um pouco para que os criados as furtem, para que os bichos as comam e para que alguns burguezes bucolicos, escalando aos domingos os muros as esmaguem merendando-lhes em cima com as suas familias, ou as menoscabem e deshonrem atirando-lhes com os ossos do cabrito ou com as espinhas das pescadinhas marmotas, — a terra que só isto dá, se tivesse a faculdade de invejar, deveria olhar com fundamentada e legitima inveja para o campo modesto que lhe fica ao lado e que, unicamente pela virtude da força d'elle e do pesado e continuo trabalho do que o cultiva, produz o milho, o centeio, as batatas, as aboboras e a fava sufficientes para sustentar, vestir, calçar, mandar á escola, levar ao Passeio Publico aos domingos e algumas vezes ao theatro o ma-

rido, a mulher e os filhos de duas familias inteiras, a de um rendeiro e a de um proprietario: — sendo d'estas a que vae ao Passeio Publico e ao theatro a do proprietario, e a que vae á fava no campo a do rendeiro.

.·.

Que a despeito portanto das censuras de algumas folhas, a nova granja substitua breve, sob as bençãos da natureza, a antiga «villa»! Que a boa vinha complacente cubra com o seu manto doirado e verde as tradições lyricas e romanescas d'aquelles celebrados outeiros! Que nas largas ruas calçadas de areia esteril, cresça o doce feno perfumado, e onde passeavam os criados vadios pastem as grandes vaccas suissas, os carneiros merinos e os cabritos do Thibet! Despontem os finos espargos, a pequenina couve de Bruxellas e as grossas cebolas doces portuenses, onde rompia a custo a exilada relva ingleza que murchava de nostalgia, de aborrecimento e de nojo sob o pó infecto da estrada de Bemfica se a não espanassem todas as tardes como um vidro de sobremeza e a não lavassem todas as manhãs como um cão de regaço! Que nas altas estufas magestosas entrem os ananazes, as ba-

naneiras, as fructas tropicaes, as reproducções delicadas, os enxertos difficeis e os finos producto que se deseje forçar afim de que as pessoas bastante ricas para comerem cerejas no inverno possam fazer entrar na industria da terra o alto preço dos appetites subtilisados! Que os pavilhões pretendidamente chinezes, alpinos ou tartaros, cedam os seus logares ás rusticas mas graciosas edificações das queijarias, dos estabulos modelos, das capoeiras, dos esguios pombaes e dos moinhos cobertos de colmo e vestidos de hera!

A unica coisa que não nos pareceria bem seria que, como se diz, o sr. duque levasse por diante o seu proposito de arrazar a mata, porque as florestas essas são monumentos da natureza e derrocal-os é commetter um sacrilegio. Ellas são as velhas amigas da fertilidade, da salubridade, da hygiene. Não custam nada; pagam liberalmente em lenha o trabalho das podas. Arear de encarnado o terreno em que ellas residem é mau gosto e despeza que se elimina; o mais apropriado solo das matas é o que se fórma pela sobreposição das successivas camadas da folha que cae e em pouco tempo se converte no mais fertil terreno vegetal.

Além de que, as matas são ainda susceptiveis de serem de diversas maneiras exploradas lucrativamente pela industria. Por exemplo: na real tapada da Ajuda extrahem bengalas dos ramos inuteis do arvoredo. É um negocio muito bonito. Nós passámos pela Ajuda ha poucos dias e comprámos ali uma bengala de el-rei; custou-nos tres tostões, e vale bem o seu preço: é solida, flexivel, bem envernisada, e depois é uma pequena lembrança da corôa, o que para nós é de um valor estimativo a que não pômos verba. Ora o sr. duque não poderia certamente vender as suas bengalas pelos mesmos tres tostões que custam as do soberano, porque, em egualdade de preços, estamos certos que nenhum bom portuguez abandonaria, para ir dar lucro a um castelhano, o real estabelecimento, já tão afreguezado, da Ajuda; e todos continuariam como até aqui a usar as acreditadas bengalas regias. Mas o sr. duque, — attendendo mesmo a ser um simples duque e não uma testa coroada, — poderia fixar ás suas bengalas o preço de duzentos réis, o que, a dez vergonteas por arvore, n'uma floresta de duas mil arvores, prefaria o rendimento assás convidativo de quatro contos de réis por anno.

O que é preciso arrazar — isso sim — é o distico que se encontra sobre a porta de entrada — *Otia tuti* — perigoso mote para fidalgos pouco ricos e para burguezes mandriões que saibam latim. No logar da antiga epigraphe ponha-se por cima da entrada da quinta das Laranjeiras esta taboleta, que será o melhor exemplo e a mais sabia lição :

CASA RUSTICA

DO DUQUE DE ABRANTES Y DE LIÑARES

Aqui se produzem e vendem todos os cereaes e todos os legumes, e bem assim vinho, azeite, leite, manteiga fresca, nata, queijos frescos e salgados, assucar de beterrabas, todos os animaes de creação domestica, e bengalas um tostão mais baratas que as do estabelecimento de sua magestade fidelissima el-rei nosso senhor.

Em França ha uns livros para fazer rir que se intitulam *Mille et une bêtises*, *Cent mille bê-*

tises, *Un million de bêtises*, etc. Em Portugal ha uma collecção d'este genero, em que a tolcima faz chorar pelas profundidades comicas em que penetra no tragico. Estes livros portuguezes constituem um commercio patrocinado pelo Estado e intitulam-se «Os compendios de instrucção primaria approvados pela junta consultiva d'instrucção publica.»

Por muitas vezes nos temos referido ás facecias venenosas que os auctores encartados de compendios publicam e vendem para as escolas sob a approvação da junta consultiva. O unico resultado que até hoje podemos conseguir á civilisação por effeito da analyse de taes livros foi que os auctores d'elles, nomeados informadores do gremio dos escriptores publicos, elevassem a importancia do imposto industrial do auctor d'estas linhas á somma de trinta e seis mil réis annuaes. Tambem a unica coisa verdadeiramente espirituosa que temos visto fazer a estes senhores é esta de não darem licença que os achemos phenomenaes por menos de trinta e seis mil reis! Esperamos que suas mercês nos abatam oito tostões na decima do anno que vem em remuneração d'esta concessão que espontaneamente fazemos aos dotes atilados do seu espirito.

E se nos forem assim corrompendo progressivamente até nos fazerem pagar tão pouco como elles mesmos pagam, verão que ainda havemos de chegar a consideral-os com direito, pelos progressivos desenvolvimentos da sua razão, a deixarem de comer cru o seu esperregado

Ai, perfidos! a que baixas lisonjas não sereis vós capazes de nos obrigar, tendo-nos na mão a decima!

. ˙ .

No entanto achamo-nos frente a frente com um compendio que ainda não apresentámos ao leitor. Intitula-se «Methodo de leitura elementar» e é approvado pela junta consultiva de instrucção publica.

Este livro... (chamamos a attenção dos srs. repartidores das quotas no gremio dos escriptores publicos) este livro achamol-o bom, muito bom! E se a junta consultiva, desde que leu e approvou esta obra, se está rebolando no chão de confusa e de maravilhada, pedimos-lhe licença para ir gozar por uma ou duas horas da sua amavel companhia, porque sentimos egualmente, em vista d'este notavel livro, a necessidade moral de nos rebolarmos tambem.

Havendo no compendio a que nos referimos

alguns pontos em que a imperfeição do nosso entendimento nos não permitte chegar á certeza no conhecimento da verdade, pedimos sobre esses pontos, sem prejuizo da nossa admiração, o subsidio explicativo da junta de instrucção publica. O que simplesmente desejamos é esclarecer o nosso espirito.

A seguir exporemos alguns textos da *Leitura elementar* acompanhando cada texto do respectivo quesito ou reflexão que elle nos suggere.

Texto — *A pedra é um corpo solido porque em qualquer parte que se ponha tem sempre o mesmo feitio.*

Objecção—Tendo a pedra este feitio U, notamos que se a pozermos n'uma parte em que ella fique emborcada para baixo toma o feitio de um arco; ficando revirada para cima toma o feitio de um u; ficando voltada para a direita toma o feitio de um c; ficando para a esquerda toma apenas o feitio de um gancho. Pergunta-se se, para que uma pedra se considere um corpo solido, é absolutamente preciso collocal-a em qualquer parte de maneira que ella não fique nem para a direita nem para a esquerda nem para cima nem para baixo? E n'este caso como é que

a junta consultiva determina collocar a pedra e mais corpos solidos para que em qualquer parte que se ponham não mudem nunca de feitio?

Texto — *Os animaes muito pequeninos chamam-se bichos.*

Reflexão — Desde que grau de pequenez é que se começa a ser bicho? Pede-se á junta consultiva que mande o tamanho por centimetros do maior dos bichos para se fazer idéa e ficar para estalão. Mais se pergunta se, sendo os bichos animaes muito pequeninos, os tão fallados *grandes bichos* deverão começar a ser considerados como grosseiras calumnias e torpes aleivosias? E egualmente se estimaria saber se a bicha, ácerca da qual o auctor guarda um silencio reservado, regula em tamanho pelo bicho? E n'este caso, se quando até aqui chamavamos *bicha* solitaria a tenias com dez e doze metros de comprimento, não teriamos involuntariamente arrojado um feroz insulto ás faces d'aquelle tão interessante verme?

Texto — *Os bichinhos que teem riscas no corpo que parecem anneis chamam-se insectos.*

Quesito — Pretende-se saber se a um sujeito

que tem no corpo um annel que parece risca se poderá, sem offensa, chamar egualmente insecto. Ha um individuo que, para seu governo, quer despir-se diante da junta consultiva para que esta verifique se uma risca que elle tem no corpo parece annel. Outro individuo que tem a firme certeza de possuir em seu corpo tres riscas parecidas com anneis precisa de saber se não corre perigo de vida pegando n'uma pitada de pó insecticida e se lhe é dado continuar a viver confiadamente no seio da sua familia sem o risco eminente de que esta o confunda—com as moscas?

Texto — *Quem olha uma coisa sente prazer* OU ENCOMMODO *em vel-a.*

Quesito — Se é licito, com a approvação da junta consultiva de instrucção publica, escrever *incommodo* com *e*, pergunta-se se poderá egualmente escrever *prazer* com *i?*

Texto — *Um copo é um corpo porque se sente: vê-se, póde-se ouvir...*

Duvida — Em quanto a podermos vêr os copos não temos difficuldade invencivel em o poder fazer. Em quanto a ouvil-os parece-nos o

facto mais difficil, mas como a junta consultiva opina que elle se póde dar, occorre-nos perguntar-lhe se será a esta operação de ouvir os copos que se referia o poeta latino quando exclamava: «*Ó copos!* (orthographia da junta consultiva) *Ó copos! hic labor est!?*

Texto — *Ave é qualquer animalsinho que vôa... Animal é qualquer objecto que se póde mecher por si mesmo, e ir de um sitio para o outro sem que ninguem o leve nem coisa alguma... Os peixes que nascem dentro de conchinhas chamam-se mariscos... Uma gramma pesa tanto como vinte grãosinhos de trigo... Quem a uma pera addicciona mais uma, tem uma e mais uma...*

Meditação — Temos repentinamente de principiar a considerar ave um animalsinho que vôa chamado *mosquito;* temos por outro lado de fazer entrar immediatamente na classe dos vegetaes os animaes que pela velhice, pelo cansaço ou pela doença, se não possam mecher nem ir de um sitio para o outro sem que os levem; ouvimos a revelação terrivel dos peixes nas conchinhas, e do peso da gramma; — tudo isto lançado de chofre a cerebros descuidados e fracos,

não receia a junta consultiva que irrite e escandeça demasiado as cabeças da infancia, apesar do refrigerio d'aquelle theorema tão profundo e ao mesmo tempo tão simples de que «uma pera e mais uma é uma e mais uma pera»... ?

. • .

Esperamos que a junta consultiva de instrucção publica não levará a mal as considerações que acabamos de lhe dirigir. Ellas não são inspiradas pela malevolencia nem pelo rancor. O nosso espirito está pelo contrario satisfeito, jubiloso, alegre. A respeito da alegria diz a junta consultiva, pela bocca d'este compendio, as palavras seguintes: *Quando eu estou alegre, quem póde ver a minha alegria? quem a póde ouvir, quem a pode cheirar, quem a póde apalpar? Ninguem: mas quando eu estou alegre, estou «assim, de um certo modo» que faz que as outras pessoas tenham sentimento da minha alegria*. Como é tristemente verdadeira e desoladora esta observação psychologica! Assim é infelizmente. A junta consultiva não poderá nunca, por mais que faça, ouvir, apalpar, cheirar o verdadeiro estado em que ficamos depois da leitura d'este seu compendio! Ella não nos

apalpa, ella não nos cheira, mas permitta Deus, que comprehenda ao menos pelo sentimento intimo que, como ella muito bem diz, nós effectivamente nos achamos — *assim, de um certo modo !*

Sua excellencia a nossa gloria nacional sr. Alexandre Herculano consagrou definitivamente os seus ocios á cultura da epistolographia. É tocante ver assim resurgir para a gloria, de traz de um lagar de azeite, o antigo Tacito austero docemente convertido em Madame de Sevigné.

O insigne historiador começou a sua nova carreira pela tão notavel carta ácerca das conferencias do Casino, á qual tivemos a honra de nos referir.

Seguiu-se a sua epistola á senhora D. Guiomar Torrezão, da qual resolvemos não nos occupar pelo temor de que nos tomassem por falta de respeito e talvez de generosidade para com o primeiro dos escriptores portuguezes erguer para o astro a nossa vista quando se nos apresentava sob o aspecto «collaborador de folhinhas»

o ex-collaborador do Michelets e dos Buckles... Quando Luiz o Grande, tirava a tremenda cabelleira olympica e descobria o seu pobre coco vulgar, mediocre e rapado á navalha, os cortezãos tambem desviavam os olhos.

Por ultimo o semi-deus da litteratura portugueza dirige-se á real associação agricola em uma grave missiva a respeito da emigração portugueza para o Brazil. Não podemos deixar de apoderar-nos immediatamente de tão importante documento para que o immortal vulto saiba no seu retiro, que n'esta terra não ha somente quem o venere, mas tambem — quem o leia.

.˙.

Começa o varão illustre por esclarecer com a sua auctoridade um ponto que sua ex.ª suppõe ter estado até hoje confuso, a saber: que ha differença entre estas duas especies de emigração — a forçada e a voluntaria.

Esta novidade é tanto mais para agradecer ao sr. Alexandre Herculano quanto parece realmente impossivel que se tivesse esquecido de nol-a dar o sr. de la Palisse!

Emquanto á emigração forçada diz o illustre solitario de Val de Lobos: *Faça-se tudo para*

a supprimir. Emquanto á emigração voluntaria opina sua ex.ª. *Evite-se quanto directa ou indirectamente a possa sopitar.*

Chama sua ex.ª *emigração forçada* á que é determinada pela miseria. Chama *emigração voluntaria* á que é produzida por outros impulsos da actividade que sua ex.ª não especifica mas em que nos parece podermos classificar gosto das viagens, curiosidades de paizagista, nojo do Chiado, phantazia aventurosa, falta de appetite, etc. Para os emigrantes voluntarios a emigração é pois uma resolução facultativa. Para os emigrantes forçados pela miseria a emigração é uma necessidade indiscutivel, fatal. Aos primeiros, que podem livremente emigrar ou não, quer o sr. Herculano que a lei aplane todos os caminhos, para que emigrem. Aos segundos, aos que ficam na miseria se lhes cortarem o seu unico refugio — a emigração — quer o venerando sabio que se faça tudo para que? Para que elles persistam na miseria.

Temos por conseguinte de inquirir o emigrante antes de adherir ou obstar a que elle parta.

Que ordem de razões o levam a expatriar-se? Quer ir á Tijuca? Quer olhar para o Catete?

quer considerar em estado o grande imperador que não viu aqui senão de casacão, condecorado apenas com uma simples nodoa de môlho; deseja vel-o no seu meio, em toda a magestade monarchica, levado ao trote pela estrada de S. Christovão, com um esquadrão de cavallaria atraz de si, vestido de calção curto e sapatos de setim branco, de manto de arminho e purpura, com a coroa na cabeça e o sceptro em punho, suando sob o sol dos tropicos, peneirado pelos solavancos de uma velha berlinda?... É finalmente uma phantazia, um capricho, um devaneio de *touriste?* Em tal caso que parta, que seja grande, e que «honre a patria porque a patria o contempla» como inspiradamente disse o sr. Mendes Leal em um dos seus dias de mais explosivo lyrismo colonial.

O emigrante vae ao contrario porque acha o mundo portuguez cheio de mais para elle, porque encontrou cincoenta pessoas adiante de si a todas as portas a que foi procurar trabalho, porque está na sua derradeira camisa, porque não tem um vintem, porque vive de esmolas, porque não janta ha tres dias, porque o assalta a idéa do suicidio? N'esse caso emigração forçada! Prohibe-se-lhe deixar a patria. Não se lhe

dá trabalho porque o não ha. Tambem se lhe não dá de jantar, em primeiro lógar porque isso iria humilhal-o, em segundo logar porque talvez até, pelo deshabito em que elle está de comer, lhe fizesse mal jantar. Que passeie; que se distraia; que vá á camara ouvir o sr. Barros e Cunha e o sr. Barros e Sá — os dois Barros, mais interessantes que os dois Senecas! — palmilhe o Rocio, leia os almanachs de D. Guiomar, faça o que lhe parecer emfim, mas não emigre! Foi a miseria que o vomitou, que o engula a miseria! Tal é a seu respeito a opinião do grande pensador, do pensador por excellencia, do unico pensador portuguez.

E a não ser para esta ultima especie de emigrantes — os unicos que hão de emigrar por força, quer o queiram quer não, que é absolutamente preciso que emigrem, a que ninguem póde obstar que emigrem, porque nenhuma sociedade tem direito por nenhuma razão do mundo a sequestrar um homem ao trabalho e á vida n'um paiz extranho, quando ella pela sua desorganisação carece de posses para lhe manter e garantir na patria a vida e o trabalho; — a não ser para estes, dizemos — o insigne philosopho quer para todos os outros cidadãos

a emigração, a emigração fomentada é defendida como fonte da prosperidade publica.

. ˙ .

O grande homem sustenta o seu alvitre com a razão de lhe constar (posto que s. ex.ª declare não ter estatisticas, relatorios authenticos, nem outros alguns livros em que houvesse estudado a questão) que o valor medio dos ingressos monetarios que nos traz o refluxo da emigração portugueza na America se calcula em 3:000 contos de réis. E o ingente vulto accrescenta:

«O producto liquido do trabalho ou se destina a satisfazer as necessidades, os commodos e os appetites do productor, ou a accumular-se e a converter-se em capital reproductivo, ou finalmente a dividir-se entre estas duas applicações. Ambas ellas influem na riqueza publica, mas com diverso grau de intensidade. A satisfação das nossas precisões, ou da nossa propensão para gosar, tendem a manter prosperas centenas de industrias, mas a accumulação do capital, quando este chegar a converter-se em instrumento de producção, tem uma influencia, sem comparação mais energica, no progresso da riqueza social. São verdades triviaes estas:

fôra inutil insistir n'ellas. Qual é, porém, o theor da vida, em geral, do portuguez do Brazil, do futuro brazileiro de Portugal? É o forcejar incessante, pertinaz, por accumular capitaes, reduzindo ao estrictamente indispensavel a satisfação das suas necessidades. Dedica á prosperidade da industria, da agricultura ou do commercio d'aquellas regiões a menor parte que póde do fructo do seu trabalho. A sua idéa constante, inflexivel, tenaz, é voltar rico, ou pelo menos abastado. E volta. Se, cansado de sacrificios e trabalho, quer gozar, é á industria, á cultura e ao commercio do seu paiz, que atira ás mãos cheias o oiro que ajuntou. Se a sede do ganho não se extinguiu n'elle, esse oiro converter-se-ha em capital productivo.»

. ˙ .

Admitta-se que a emigração produza ao paiz um ingresso de 3:000 contos annuaes, apezar do profundo erudicto nos dizer que o não sabe senão de outiva e que não abriu ácerca de similhante assumpto um unico livro. Basta-nos que tão grande sabio o diga, quer o saiba por lh'o ter dito o seu criado, quer mesmo de todo em todo o não saiba. Nós é que o ficamos sa-

bendo desde que s. ex.ª o escreve. Mas o dinheiro não é nem foi nunca um germen de prosperidade; é apenas um elemento de corrupção. Se o ingresso annual dos capitaes que não representam o valor de productos exportados fosse a origem da industria e do trabalho, a Belgica seria um paiz desgraçado e pobrissimo, ao passo que Baden Baden e o principado de Monaco, onde se desembolsam annualmente alguns centenares de milhões, seriam as mais industriosas e as mais prosperas regiões do globo. Sob o ponto de vista economico parece-nos pois que ha uma coisa que o immortal genio confunde um pouco com a civilisação. É a roleta. Que lucrou a Prussia com o ultimo ingresso dos milhões francezes? A consequente carestia exorbitante das coisas, o desconforto e a miseria de milhares e milhares de familias que vivem de rendimentos fixos, e que luctam hoje com a indigencia no territorio allemão. É o que succede em Portugal com o numerario brazileiro.

Os capitaes do Brazil não augmentam a prosperidade nem a riqueza nacional O dinheiro brazileiro não circula aqui senão em permutações. Para que o dinheiro do Brazil se transformasse para nós em riqueza publica, se-

ria preciso que elle viesse augmentar a população em vez de a diminuir, cultivar a terra, espalhar o trabalho. Não é isso o que succede. O emigrado portuguez que regressa do Brazil não vem produzir, vem descançar. Quando o sabio nos diz *que é á industria, á cultura e ao commercio do seu paiz que o brazileiro atira ás mãos cheias o oiro que ajuntou*, o sabio divaga no lyrismo, delira na rhetorica. Não é isso o que succede; todos os sabem, excepto o venerando vulto! O portuguez que chega a denominar-se brazileiro não traz para Portugal senão a sua ociosidade e os juros do seu dinheiro, quasi nunca os seus capitaes. O seu commercio, a sua industria, a sua influencia civilisadora, os poderosos elementos de trabalho de que elle dispunha ficaram no Brazil. Foi lá que o brazileiro deixou o seu negocio entregue á gerencia de um associado, a fabrica traspassada ao seu contramestre, a loja ao seu primeiro caixeiro, a roça a um feitor ou a um mascate enriquecido. Foi lá que elle empregou, implantou e deixou tradiccional essa coisa tão sobranceiramente desdenhada pelo grande homem — *o forcejar incessante e pertinaz, a ordem e a estricta economia.* O que faz no Brazil o emigrado portuguez? Exerce

a temperança e o trabalho, lança os mais solidos e profundos alicerces á civilisação e á felicidade em um paiz extranho. Que traz elle á patria? Traz-lhe o *dinheiro*, a *ociosidade*, a *propensão para gozar* — coisas que o sublime historiador considera os mananciaes da riqueza publica, em manifesta contradicção do historiador com a historia, a qual nos ensina pelo contrario que o *oiro e a propensão para gozar*, que o sr. Herculano nos decanta hoje, não foram nunca durante todo o decurso da nossa vida nacional senão os agentes immediatos e fataes da nossa corrupção, da nossa decadencia, do rebaixamento profundo da nossa dignidade e da nossa consciencia.

. ˙ .

Pelos alludidos 3:000 contos annuaes, cujo ingresso na patria engasga de satisfação e de jubilo o primeiro dos escriptores portuguezes, cede Portugal ao Brazil 10:000 homens — que em tanto se calcula o numero dos emigrados — os cidadãos mais validos, os mais robustos e os mais fortes. A patria vem portanto a vender os seus filhos por 300$000 réis por cabeça — somma que o historiador incomparavel acha enorme a troco de mercadoria tão baixa!

Estando avaliado que a população productora de um paiz orça pela quarta parte da sua população total, temos ainda que a esses 10:000 productores que emigram correspondem 40:000 consumidores — mulheres, creanças e velhos — os quaes ficam sobrecarregando os braços uteis que permanecem na patria. De modo que Portugal dentro de um espaço de cincoenta annos terá dado por 3:000 contos mais varios ociosos que annualmente recebe, 500:000 homens validos e 2 milhões de individuos desamparados do apoio que lhes teriam prestado os 500:000 emigrados. Mas o maior de todos os nossos escriptores continua a achar prodigiosa e embasbacante a fortuna de 3:000 contos provenientes dos ingressos annuaes da emigração!

Querem saber agora quanto os emigrados portuguezes deixam no Brazil, não já em trabalho organisado, em industrias creadas, em terrenos cultivados, mas em dinheiro capitalisado? Eis o computo feito em 1868 por um abalisado escriptor residente na America o sr. dr. Rodrigues de Mattos:

« Repute-se que no termo medio do valor de um dia de trabalho immaterial ou material, o minimo do valor da producção seja 500 réis

diarios, e o do consumo outros 500 réis (moeda forte). O termo medio do valor capital de cada individuo industrioso são 1$000 réis diarios ou 360$000 réis annuaes. Reputa-se tambem que no imperio existe desde quarenta annos uma população que se aproxima do numero de 500:000 portuguezes emigrados nas edades mais vigorosas para o trabalho. Não elevarei a tanto o algarismo da emigração, porém não se negará que no termo medio deixe de ter havido constantemente nos quarenta annos 300:000 portuguezes empregados activamente nas diversas industrias brazileiras. Não se negará tambem que na producção e consumo d'estes individuos seja o interesse annual de 6 por cento: interesse este que successivamente se tem capitalisado composto e representado na consideravel prosperidade brazileira nos mesmos quarenta annos decorridos. A emigração calculada em 300:000 individuos trabalhando em diversas industrias no periodo de quarenta annos representa hoje um capital brazileiro no valor de 108:000 milhares de contos fortes, que dão o actual interesse para capitalisar na importancia de 64:400 contos fortes annualmente.»

No entanto a primeira das nossas glorias na-

cionaes continua sempre a achar de uma seducção irresistivel o ingresso de 3:000 contos provenientes do refluxo da emigração! Parece-nos que n'esta parte o verbo inspirado do homem, por tantos titulos grande, descobre levemente a allucinação que o aspecto das mesquinhas sommas produz na cubiça do cultivador pequeno.

. ˙ .

Ficamos pois sabendo e apressamo-nos a registal-o — porque é profundo isto! — que o sr. Alexandre Herculano, a nossa gloria nacional, o grande escriptor, o illustre solitario, o eminente vulto, o primeiro dos historiadores, etc., etc., opina que se mantenha e facilite a emigração, porque d'ella revertem ao paiz 3:000 contos annuaes, na algibeira do brazileiro, e que o paiz nada tem mais facil, mais sabio, mais util que fazer do que explorar essa algibeira!

O sr. Herculano sustenta assim e defende logicamente a tradicção miseravel a que está chumbada a decadencia e a vergonha da patria.

Desde o seculo XII até o seculo XIV, Portugal viveu da expoliação dos arabes pela reconquista.

No seculo XV a XVI explorou as colonias da Asia e da Africa.

No seculo XVI a XVII expoliou os judeus.

No seculo XVIII a XIX expoliou primeiro os jesuitas e depois os frades.

Agora, quando o paiz já não tem o arabe, nem tem a Asia, nem tem a Africa, nem tem o judeu, nem o jesuita, nem o frade, seria talvez um momento opportuno para que o paiz pensasse em não appellar mais para os supprimentos do acaso e cuidasse em reorganisar-se honradamente pela instrucção, pela revolução economica e pelo trabalho. O sr. Alexandre Herculano, o guia intellectual e o mestre da presente geração, não é porém d'este alvitre. Opina pelos velhos expedientes tradiccionaes que trouxeram arrastada até hoje, ora de violencia em violencia, ora de vergonha em vergonha, a nossa existencia economica. E inculca-nos afinal como destino da intelligencia e da dignidade do final d'este seculo — a expoliação do emigrado.

Mas se uma perturbação nacional, se um cataclismo politico fechar ámanhã os portos do Brazil á emigração portugueza, o que será de nós sem educação, sem trabalho organisado, sem recursos proprios? Será o que Deus quizer. Depois do eminente historiador portuguez, o diluvio! Depois da emphase a ruina!

. . .

Uma palavra por ultimo aos que nos teem estranhado e aos que venham a estranhar-nos a ousadia com que nos atrevemos a interpellar e a discutir uma individualidade tão veneranda como a do sr. Alexandre Herculano.

Nós temos o respeito das grandes idéas, mas não temos, nem queremos ter, o respeito dos grandes homens.

As grandes idéas são eternamente beneficas porque inspiram sempre os grandes animos e as grandes acções.

Os grandes homens são funestos sempre que o respeito subordine a sciencia e a critica á particular opinião d'elles.

Succede que algumas vezes os grandes homens fazem o que acaba de praticar o sr. Alexandre Herculano na sua carta á Real Associação Agricola: Emittir a respeito de um assumpto da importancia mais vital uma opinião que não procede do exame nem do estudo dos factos, como s. ex.ª mesmo confessa; cobrir essa leviandade com o prestigio de um nome illustre, e lançar á circulação das idéas um erro fatal ao progresso.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
JP

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA
MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

3.º ANNO

Março a abril de 1874

VOLUME XXII

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ Q. ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1874

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

SUMMARIO

O manto e a camisa, historia da philosophia das *Farpas*, chave da interpretação d'estes livros. De como se fez o manto e se expoz ao publico. O que se pensou do manto, o que se disse, o que se escreveu, o que se deduziu do manto, e como foi vista a camisa. — O caso Renan e os philosophos a que elle deu origem. As academias. Seu caracter, sua missão, sua influencia. O academico e sua physiologia. Os academicos de equivoco e os verdadeiros academicos. A engrenagem constitucional. A coherencia e a popularidade. O artigo 6.º O homem official e o homem revolucionario. O aspecto da revolução na sociedade portugueza. O perigo — Os poderes ociosos. A philosophia do trabalho. Os inimigos do homem. Diversas interpretações da dignidade e do dever. — A poesia moderna. Os novos ideaes. O dandismo como preoccupação litteraria. A musa da corrupção. O sacerdocio dos poetas. — Lisboa e o municipio. O solo, a agua, o alimento. A fome chronica. A difficuldade de viver epidemica. A degeneração da raça. A policia sanitaria. O fabrico do pão e suas relações com a toxicologia. As mesas redondas. Os enterros. O projecto de um *boulevard*. O espirito do asphalto e o espirito da familia. O premio da cidade nas corridas de cavallos. O que se não projecta: o *square*, a escola municipal, o lyceu moderno. As consequencias na emigração, na cadeia, no hospital.

Na collecção do seculo XV intitulada *O conde de Lucanor*, de D. Juan Manuel, encontra-se

um conto de origem oriental, commum á tradição da edade media, do qual Andersen publicou um sentido dinamarquez que o sr. Theophilo Braga traduziu ha alguns annos.

Temos d'este conto uma variante nossa, que precisamos de tornar conhecida. Ha mais tempo o deveriamos ter feito, porque o nosso conto encerra toda a razão de ser que assiste a estes pequenos livros, e ninguem poderá entender bem nem este volume das *Farpas*, nem os volumes que o precederam nem os que se lhe hajam de seguir, sem se subsidiar com esta chave.

Pedimos attenção.

. ˙ .

O manto e a camisa

Era uma vez um bom rei da Arabia, pacato e divertido. Vivia em seu palacio socegado da vida, desfructando sabiamente as artes da paz. Punha papelotes nas barbas para que encaracolassem melhor. Olhava as moscas que passavam no ar com uma complacencia magnanima. Atirava bolinhas de papel mastigado aos seus antepassados, que estavam aos cantos das casas representados em porcelana da China. Fumava o narguillé, encrusado n'um diwan, sentado em

cima dos calcanhares, tendo os olhos cerrados e fazendo sahir fumo pelo nariz.

O reino mostrava-se satisfeito e contente.

Quando algum subdito patenteava o minimo vislumbre de descontentamento com a marcha dos negocios publicos, o rei mandava carinhosamente que lh'o trouxessem, passava-lhe a mão pela cara fazendo-lhe um carinho, lançava-lhe docemente uma corda ao pescoço e enforcava-o defronte de palacio.

Depois do que o monarcha apparecia, risonho e benevolo, a uma janella, e fazia ao paiz esta falla:

«Meus senhores e minhas senhoras! O incommodado retira-se. Se ha por ahi mais alguem que não esteja satisfeito com a marcha dos negocios, que o diga!»

Graças a esta politica tão dedicadamente paternal e ao mesmo tempo tão simples, a satisfação era geral e o contentamento do povo não conhecia limites.

. . .

De quando em quando o rei, para divertir o corpo diplomatico, sahia em procissão pelas ruas.

De uma vez, ao fazerem-se os primeiros pre-

parativos para uma d'essas festas, notou-se em conselho de ministros que as reaes vestimentas de gala estavam incapazes de sahir a publico sem desdouro da corôa, por isso que no ultimo banquete, tendo-se o monarcha deixado tomar do somno sobre a travessa do pudim, os ministros das côrtes extrangeiras e os seus respectivos addidos haviam deliberado chamar a attenção de Sua Magestade para uma questão de politica internacional, atirando-lhe com algumas talhadas de melão e com o resto da *mayonaise*.

De sorte que se resolveu mandar notas diplomaticas ás potencias extrangeiras para que estas deixassem de chamar a attenção de el-rei atirando-lhe com vitualhas que causassem nodoa, tendo o governo arabico de considerar como *casus belli* todo o arremesso que exorbitasse do justo limite do tremoço ou da bola de miolo de pão — sem manteiga.

E outro sim se deliberou abrir concurso de quarenta dias para a adjudicação de uma vestimenta nova para o chefe do Estado.

. · .

Appareceu, entre outras, a proposta verda-

deiramente notavel de um tecelão, o qual não só satisfazia cabalmente a todos os quesitos do programma do concurso, mas ainda se obrigava a fazer as vestes e o real manto com um tecido por tal modo ingenhoso, que o não veriam senão os homens de uma dada capacidade de espirito, e que para todos os estupidos o mesmo seria porem a sua vista n'aquella andaina de fato e respectivo manto real como estarem simplesmente olhando para o puro ar athmospherico.

Mui agradado e satisfeito se mostrou o rei com a nova d'esta feliz descoberta e se serviu e houve por bem mandar que immediatamente lhe tecessem o maravilhoso estofo e d'elle se apparelhasse a sua vestimenta nova.

O principe lambia os beiços de alegria pensando na bella ratoeira que ia armar aos sabios do seu reino, offerecendo-lhes rebuçados d'ovos e pastilhas de chocolate por baixo do manto, e cascando com o rigor da lei em cima de todo aquelle que por não vêr o manto lançasse a mão avida aos doces.

E de muito desconfiado que el-rei andava com a legitimidade do talento nacional, começou logo de cuspir nas mãos e de as esfregar uma na outra com notoria impaciencia, man-

dando reforçar a forca de barrotes novos e ordenando que se lhe preparasse corda em abundancia.

. . .

Correu a noticia de bocca em bocca. Referiram-a e espalharam-a todas as folhas do reino. Não se fallava em outra coisa. Era geral e profunda a anciedade e expectação.

O tecelão, que tinha estado por quinze dias mysteriosamente encerrado em uma officina do palacio, participou afinal que a vestimenta se achava pronta e que sua real magestade podia quando lhe aprouvesse passar a examinal-a.

O grande monarcha porém, pela primeira vez em sua vida, hesitou, e poz-se a consultar-se com os seus botões da vestimenta velha.

Era certo que os cortezãos lhe diziam todos os dias com referencia aos altos quilates do seu espirito:

— É evidente, real senhor, e ninguem já hoje o ignora em todo o universo, que foi vossa real magestade quem inventou a polvora!

Tantas vezes lhe tinham repetido este cumprimento palaciano, que elle havia acabado por lhe dar credito.

Sómente, meditando bem, não se podia lem-

brar como era que a polvora tinha sido inventada por elle! E applaudia-se muito de que lhe houvessem guardado bem a receita porque, em verdade, elle achar-se-hia em profundos embaraços se se visse obrigado a invental-a de novo.

Algumas vezes, querendo aprofundar esta idéa, uma nuvem negra atravessava o espirito do principe.

Á noite, estando na cama, e tentando debalde decifrar algumas das charadas inseridas na folha official e feitas pelas duas casas do parlamento para recreio do clero e da nobreza, o tyranno acabava por se enfurecer, fazia da gazeta uma bola, atirava com ella á cabeça do camareiro mór encarregado de segurar o castiçal, cobria em seguida a cabeça com a roupa, punha-se de bruços, ferrava os dentes no travesseiro, e pelos silencios tetricos da noite ouvia-se de quando em quando por baixo dos cobertores de papa do real leito uma voz cava e soturna que murmurava raivosamente:

—Não! não! não! não fui eu que a inventei!

. ˙ .

Com a singular prudencia que o distinguia e que fazia d'elle um dos soberanos mais sabios

de todo o mundo, o rei mandou que o seu primeiro ministro fosse em seu real nome examinar a vestimenta nova.

Abriu-se então a porta da officina. O primeiro ministro entrou. Tornou-se a fechar a porta, e o representante do rei achou-se diante de um tear vasio. Ao lado do tear estava um cabide tambem vasio. E nada mais estava no interior d'aquelle aposento, senão elle, representante do soberano, e o tecelão, auctor do estofo, em pé, altivo, satisfeito, com os braços cruzados no peito, esperando as palavras do primeiro ministro na attitude confiada e soberba dos benemeritos e dos heroes.

O ministro olhou um pouco no vacuo, franziu os olhos para os fazer mais pequenos e poder espreitar melhor, poz a mão aberta como um alpendre por cima das sobrancelhas, deu dois grandes passos para diante, deu dois eguaes passos para traz, improvisou em seguida dois tubos com as mãos fechadas, poz um tubo diante de cada olho, e definitivamente desenganado de que não via nada, expediu um grande grito de surpresa, de alegria e de espanto.

— Eu tenho estado até agora calado, a olhar, — explicou o primeiro ministro — não porque

desde logo não visse distinctissimamente a real vestimenta de sua magestade el-rei, meu amo e senhor... Mas, sou obrigado a confessal-o, entaramelou-se-me a lingua diante de tamanha magnificencia. Em verdade digo, que uma perfeição assim nunca em minha vida vi! Tão fino! tão delicado! tão brilhante! tão... não sei bem como me expresse...

—Perdão! interrompeu o tecelão, v. ex.ª não repara certamente que está calcando o manto e esfregando o nariz no real calção com uma tal insistencia...

O ministro, ao ouvir estas palavras, deu seis pulos para traz com mais velocidade do que teria tido se debaixo dos pés se lhe houvesse desenrolado uma cobra cascavel.

—Oh! meu Deus! que me leva a fimbria da purpura pegada ao tacão! gritou o artista.

—Mil desculpas! mil desculpas! murmurou o ministro, fazendo-se rubro como um caranguejo cosido e arrancando do pé uma bota, que atirou ao tecto.

—É o outro pé, senhor, é o outro pé!

O ministro atirou pelos ares a outra bota.

—Ar! ar! —gritou elle. — Abra-me a porta! Tanta riqueza, tanto gosto, tanto luxo, of-

fuscam-me a vista... Já me não sinto bom.., abra-me a porta, ou sou capaz, no auge da admiração, de ter uma tontura e de pregar algum rasgão na real vestimenta...

E apanhando a porta aberta, o primeiro ministro desembestou como um raio pelo corredor fóra, gritando em altos brados :

—Maravilha! maravilha! maravilha!

. . .

O rei quiz ainda fazer outra experiencia, e depois das informações dadas pelo primeiro ministro, mandou o segundo, cuja cabeça tinha tantos pontos de similhança com uma pederneira, que o rei por muitas vezes, ao acabar de o ouvir discorrer, lhe chegara ao cachaço uma mancheia de isca e lhe batera frequentemente com um ferro na nuca, a ver se fazia lume.

O segundo ministro, instruido pela narração do primeiro, tão depressa se achou na officina como gritou logo :

—Bravo! bravo! bravo!

E deu tres salvas de palmas. Depois, circumgirando pelo aposento os olhos desmedidamente esbugalhados, accrescentou :

—Optimo! magnifico! deslumbrante tudo! Mas, quer que lhe diga francamente uma

coisa?... Sabe com que eu engraço mais?... É com o calçado!

E, inclinando-se com mais attenção, passou reverentemente os dedos pelas asas das botas do primeiro ministro, que estavam por baixo do tear, levantou-as com respeito, fez uma genuflexão e disse com uma commoção profunda e indiscriptivel:

— Isto está obra rica!... E agora se me dá licença, não me demoro mais n'este primeiro exame, porque corro a participar a el-rei, meu augusto amo, o que por meus proprios olhos acabo de ver.

. · .

— Se este grande alarve conseguiu enxergar alguma coisa, então tambem eu hei de ver! pensou comsigo o monarcha. E batendo com o sceptro duas pancadas e um repique na porta da officina:

— Abra lá isso!

O tecelão abriu a porta, poz um joelho em terra, e disse:

— Senhor! tem vossa magestade diante dos seus reaes olhos a vestimenta de gala que me coube a honra de fazer para vossa magestade. Glorio-me, real senhor, de que nunca até hoje, em

parte alguma do mundo, se fez coisa mais admiravel e mais rica. Este é o fructo das cogitações e das vigilias da minha vida inteira. Não peço a vossa magestade nem riquezas, nem honras, nem dignidades para mim. O artista acha-se superior a essas... bagatellas! Desculpe vossa real magestade a independencia do artista. Mas, senhor, por minha pobre mulher, pela minha companheira (*commovido, pondo um lenço nos olhos*) por ella, que tanto deseja ser viscondessa e ter uma quinta, pedia a vossa magestade que me fizesse visconde e me mandasse abonar por favor uma propriedade bôa. Emquanto á vestimenta, que vossa magestade está vendo, o meu maior desejo é que vossa magestade a disfructe em seu real corpo por muitos e dilatados annos, como todos desejamos e havemos mister.

Emquanto o artista se expressava n'estes termos cheios de desinteresse, de abnegação, de patriotismo e de independencia, o rei olhava para todas as paredes e recantos da casa, para o tear, para o cabide, para os ministros e para o tecelão. Coçou por algum tempo na cabeça e por fim, com voz arrastada, disse:

—A obra está effectivamente boa... Vejo—claramente—que está boa... Apenas me parece, as-

sim á primeira vista, que será talvez leve de mais!

— Oh! haja vossa magestade por bem tomar o peso!

— Sim, hei, tornou o principe.

O tecelão estendeu a mão aberta para o monarcha, que metteu a sua dextra por baixo da do fabricante, o qual então retirou a d'elle.

— Apre! que pesa muito! exclamou o rei. (*E voltando-se para o primeiro ministro:*) Ponha lá no programma da festa que havemos por bem ir na procissão sem a nossa camisola de flanella. (*Revertendo ao artista, com solemnidade:*) Nós, el-rei, estamos contente com a vossa obra, e, em attenção aos vossos merecimentos e partes, vos nomeamos visconde de Pápafina em duas vidas.

E estendeu a real dextra ao tecelão, que, caindo em joelhos ascendeu da sua plebeia condição de mesteiral, deitando a lingua de fóra e lambendo por todos os lados a davivosa mão de seu augusto amo.

O rei, fechando os olhos com uma grande magestade serena e terna, deixava-se lamber.

...

A imprensa, os altos funccionarios, o corpo

diplomatico, todas as corporações scientificas e todas as sociedades sabias do reino foram convidadas a irem a palacio examinar a maravilhosa vestimenta.

. * .

A real academia, cujos membros viviam em discordancia por causa de questões internas de consciencia e de religião, publicou diversas e contradictorias memorias em que a vestimenta do rei era considerada scientificamente, já sob o ponto de vista buddha, já sob o ponto de vista zoroostratico, citando os primeiros com a mais profunda erudicção a auctoridade de Djenghiz Khan, o chefe espiritual dos Mongols; e os segundos o *Brata judha*, que é um poema heroico escripto no dialecto khevi. D'esta divergencia litteraria resultou bastante desdouro para a reputação theologica dos *rodhisatwas*, que assim se chamam os santos do budhismo.

Todos os academicos foram porém concordes no elogio do admiravel tecido da vestimenta real, e o visconde de Pápafina foi unanimemente eleito socio honorario.

. * .

Na imprensa politica egual polemica suscitada pelos partidos, mas a mesma admiração

unanime emquanto á maravilha da vestimenta.

As folhas ministeriaes diziam:

«Vejam como o talento pullula e como a arte floresce sob a sabia administração de um governo rasgadamente civilisador e amante do fomento e da ordem! A opposição é uma besta.»

Os periodicos opposicionistas obtemperavam:

«E todavia muito mais rica e, se é possivel, ainda mais apparatosa seria a vestimenta do nosso mui amado rei, se á frente dos negocios estivessem homens que fallassem menos no *fomento* e na *civilisação* e cuidassem mais na administração da riqueza publica. O governo é um burro.»

* * *

Tambem appareceu um critico que, sem discutir a vestimenta, injuriou e calumniou violentamente o auctor do tecido, pela razão de que o artifice trazia um albornoz limpo e umas babuchas novas, emquanto o critico trazia os dedos dos pés de fóra do calçado e o gabão sujo de todas as nodoas que lhe tinham imprimido os escarros da multidão.

Outros individuos, além do tecelão, tinham recebido eguaes offensas d'este critico. E ninguem o havia castigado, porque elle era tão re-

les, tão chagoso e tão nojento, que nenhum homem limpo ousava aproximar-se d'elle, nem mesmo para lhe sovar o corpo aos pontapés ou para lhe pautar a cara a riscos de chicote. Resolvera-se apenas fazer-lhe um retrato e expol-o em publico.

Era coxo, intonso, guedelhudo. A sua cabeça offerecia o aspecto da de um fraldiqueiro sujo. Por effeito de vicios vergonhosos tinha o semblante morbido, esqualido, coberto de um pello desbotado, lugubre e repulsivo, como um rato de cemiterio ou uma sevandija de catacumba. A cabeça era encravada nos hombros, como se a natureza, arrependida de o haver feito tão abjecto, houvesse ella mesma começado a demolil-o applicando-lhe um murro no alto do craneo. E elle guardava esta marca indelevel do refugo da fabrica — a falta do pescoço — a qual converte a figura do homem na figura do sapo. Para se não babar tomava rapé, procurando assim remover pelas fossas nasaes as secreções nauseabundas da sua podridão mercurial. Tinha os movimentos, as attitudes e os modos humilhados e rasteiros, adquiridos nas tabernas e nas batotas em que pernoitava, ganindo adiante das botas dos que lhe davam um pontapé, mor-

dendo nas calças dos que lhe atiravam pão. Elle representava finalmente no mundo esta coisa horrenda, que tem a sua guarda e a sua defeza na mesma repulsão que inspira, como os reptis viscosos e nojentos: era a calumnia encarnada na gangrena. A summa degradação encouraçada na summa lastima! Promovia o engulho antes de provocar a vingança. Mau, mas pôdre. De resto, barato.

O tecelão acabou por lhe comprar um folhetim apologetico por uma caixa de capsulas Raquin e meio bife.

. * .

O corpo diplomatico tambem examinou a vestimenta. Escrupulosamente barbeados, profundos de sigillo e de etiqueta, os representantes das potencias extrangeiras demoraram-se por muito tempo defronte do cabide vasio da officina do tecelão, denunciando por meio de alguns gestos estreitos, reservados, admissiveis na melhor companhia, a sua admiração immensa.

Fallaram mysteriosamente por duas vezes ao ouvido uns dos outros: a primeira vez para perguntarem como cada um passava, e a segunda para responderem que cada um passava bem. Esta ceremonia, a que todos os grandes do rei-

no, todas as familias titulares e a côrte toda em geral ligava sempre uma elevada importancia politica, produziu em el-rei e em todos os presentes uma viva impressão : elles passavam bem! Os ministros, olhando sempre para o cabide vasio, e grupados em volta d'elle pela ordem gerarchica dos paizes que representavam, tomaram ainda algumas notas — em cifra — nas suas carteiras.

Depois do que, recolhidos todos com el-rei em uma das salas de palacio, correctos, graves, austeros, meditabundos, procederam á profunda ceremonia de tirarem as luvas, e jogaram o bilhar.

. . .

Chegou finalmente o dia em que o monarcha tinha de estrear a vestimenta na solemne procissão, que, para recreio da côrte, do corpo diplomatico e da nobreza, havia de percorrer a cidade para esse fim juncada de flores e embandeirada de flamulas e galhardetes.

Tratou-se de vestir o rei, o qual depois de bem lavado e frisado, tendo-se-lhe limado os calos e cortado as unhas, se apresentou em camisa e de chinelas aos camaristas e ao visconde de Pápafina para que o vestissem.

Com excepção da camisa, que era de linho de Irlanda com folhos de renda de Chantilly, todas as demais peças do real vestuario n'aquelle dia grande tinham sido feitas do estofo maravilhoso.

Duas horas e meia levou a vestir, abotoar, pregar, compor o principe. O tempo estava secco mas frio. O thermometro, consultado varias vezes pelo rei emquanto lhe iam deitando para cima do corpo roupas e mais roupas do estofo maravilhoso, marcava 6 graus Réaumur.

As reaes carnes estavam lividas e arripiadas como as de um perú sem pennas. O principe espirrava com frequencia e assoava-se muito a um lenço do mesmo tecido da vestimenta, o qual o visconde de Pápafina lhe mettera na mão. Com a outra mão Sua Magestade segurava uma prega do manto, tendo arqueado o braço com uma graça particularmente pittoresca.

Todas as grandes personagens da côrte, cavalheiros e damas, seguiam el-rei suspendendo a cauda do real manto.

. . .

O effeito da vestimenta e do manto em todas as pessoas que presenciavam a passagem do cor-

tejo era extraordinario e profundo. Murmurios de admiração e de applauso saudavam a obra extraordinaria do artista eximio que havia concebido aquelle tecido para os olhos das intelligencias privilegiadas.

Viu-se então que todos sem excepção possuiam n'aquella culta cidade o privilegio da summidade do espirito. Os clamores dos que viam, dos que admiravam, dos que não podiam cessar de ver e de elogiar, eram convictos e unanimes.

As commissões dos festejos nas diversas ruas do transito tinham regulado as manifestações da publica admiração por meio de programmas especiaes. De modo que cada rua admirava de seu modo.

Umas bramiam, outras davam palmas. N'estas havia desmaios de commoção e de espanto; n'aquellas, convulsões epilepticas de regosijo e de applauso.

Chegara-se a uma rua em que o silencio era profundo. Os moradores, de accordo com a commissão respectiva, tinham resolvido patentear a sua elevada intelligencia e a sua fina critica emudecendo.

De um cabo ao outro da rua, nas janellas e

nas saccadas de todos os predios, de principio a fim, de cima a baixo, a multidão immensa, apinhada, compacta, tinha as mãos espalmadas para a frente adiante do rosto, os olhos arrojados para fóra das orbitas e as bôcas todas abertas, escancaradas, parecendo que todas aquellas maxillas estavam apenas seguras pelas orelhas. Era de um effeito prodigioso e tocante.

De repente, no meio d'aquelle silencio tão expressivo e grandioso, ouviu-se de cima de uma trapeira uma voz fina, clara, convicta, que gritou:

— O rei vae em fralda!

Todos olharam para o ponto d'onde partira aquella voz.

Por cima de um telhado, com um braço passado em volta de um mastro em que estava içada uma bandeira, um rapazito alegre, inclinado para a rua, pendente em cima da multidão, apontava com o dedo para o grande monarcha, e ria ás gargalhadas estrepitosas, sinceras e profundas.

O rei parou de repente. Perdeu a posição em que lhe tinham posto os braços para apanhar as pregas do manto. Transtornaram-se-lhe enormemente as feições, bateu uma palmada na testa, e disse:

— Aquelle bandido não tem respeito, mas é impossivel que não tenha razão. Venha já á minha real presença o visconde de Pápafina!

Um dos circumstantes apontou-lhe para um rolo de fumo que se via ao longe, muito ao longe, no horisonte, sobre a agua do mar.

Aquelle fumo era o visconde de Pápafina que passava á America com os reaes thesouros que lhe tinha doado a corôa.

— Ah! infames! ah! canalhas! ah! traidores! ah! camellos! bramia o rei com voz terrivel. É effectivamente em fralda que eu estou. Ludibrio e vingança! Em fralda e com um rheumatismo agudo em meu real corpo! Tragam-me depressa a minha forca e um capote! Uma camisola de flanella! umas calças! uma tipoia! um alfange com peçonha no gume... e meio grog!

Mas ninguem podia ouvir as reaes ordens. A plebe desenfreada, a canalha vil, a gentalha sordida, repetia em brados descompostos o grito do pequeno scelerado. Diante das attitudes estranhas e nunca vistas d'aquelle grande rei, um dos primeiros potentados do mundo — em colera e em camisa —, a alegria publica não conhecia barreiras.

Era um coro enorme, immenso, infinito, de todas as vozes que pode tomar o riso e a assuada. Era a casquinada, o guincho, o nivo. As imitações de todos os animaes: o grunhido, o berro, o zurro, o cacarejo e o relincho. Todas as vozes da natureza: o trovão, a carga d'agua, o silvo do vento e os bramidos do mar. Todas as invenções da troça: o assobio, a pateada, os nomes, os epithetos, a rela, o chocalho, o zabumba, os repiques nos tachos, nas panelas de lata, nas baterias de cobre das cosinhas; os pós, os estalos, os esguichos d'agua, os busca pés e as bombas de fogo de estremalhar os curros.

E no meio d'este charivari monstruoso, indiscriptivel, de ensurdecer o mundo, uma só palavra humana gritada por seis mil boccas: *Em fralda! em fralda! em fralda!* E em gargalhadas infinitas, inextinguiveis, todos gritavam: *Em fralda! em fralda!*

Não era só o povo, era a mesma nobresa, era o proprio clero! O espirito diabolico do riso e da chufa tinha-se apoderado de toda aquella multidão e communicara-se a todo o mundo, ás pessoas mais graves, mais conspicuas, mais sérias.

O exercito depusera as armas e desabotoara

os uniformes para não rebentar com o riso. Infimos galuchos, arrebatados pela galhofa, montavam a cavallo nos seus coroneis e davam palmadas no ventre de velhos generaes encanecidos no serviço da patria.

O estado maior de sua magestade, não podendo rir mais em pé, espojava-se delirante no macdam.

Os prelados, os grandes sacerdotes, os pontifices maximos pinchavam, cantavam de galo, agitavam energicamente as mãos abertas adiante dos narizes e boliam freneticamente com os dedos como se estivessem tocando clarinetes invisiveis e aerios.

O corpo diplomatico rolava pelos passeios impellido pelas convulsões internacionaes da gargalhada.

Os proprios fidalgos, os grandes de palacio, os ministros, a nobrésa toda, gritavam immensamente : *Agarra ! pilha ! bota fóra ! Pum ! Pum ! Pum ! Lá vae elle ! Bumba ! Catrapuz ! Aguenta-te ! Cócórócó !*

E o grande rei, a pé, em camisa, só, abandonado, pedindo a Deus para morrer, sapateava as ruas, correndo como uma corça, como uma lebre, como um gamo.

Até que, cheio d'agua, de poz, de farinha,

d'ovos, que lhe tinham atirado, meio cego, meio surdo, meio morto de desalento e de cansaço, chegou finalmente a palacio, onde caiu de cama e enfermou de todas as doenças de que resavam os livros escriptos por todos os sabios do seu reino. E por tanto tempo permaneceu doente que quando recuperou a saude os seus primeiro e segundo ministros tinham sido condemnados tres vezes pelo povo á pena de bastonadas e ao supplicio da canga, e os gatunos haviam roubado as traves da forca desengonçada, que cahira.

. . .

Uma coisa agora perguntarei eu,—narrador obscuro d'essa historia exegetica da opinião— a ti, leitor sensato:

Teve aquella creança que fallou do alto de uma trapeira a intenção acintosa de deprimir ou de maldizer?

Quiz elle porventura desgostar ou ferir o rei, a nobreza, o clero, a academia, o corpo diplomatico, os ministros da corôa, os altos funccionarios, a imprensa, a critica, o povo, a cidade, o paiz?

Tinha elle ácerca do que expunha um juizo antecipado, uma intensão secreta?

Determinava-o o orgulho da originalidade, o amor do paradoxo, o espirito da argucia e da polemica, a indole inquieta e irritavel, a raiva demolidora?

Professava uma politica perigosa, uma philosophia suspeita?

Teria, pelo menos, escondida no seio a arma terrivel do gracejo, que bate nos factos como um ariete, desmantelando arbitrariamente as instituições velhas e supprimindo os homens ridiculos?

Não. Repara bem, leitor. N'aquelle pequeno que lançou uma palavra dissolvente á solemne procissão official em que se reuniam todos os grandes homens e todas as grandes coisas do seu tempo, não se dava senão uma circumstancia bem ordinaria e bem simples: Elle viu uma camisa commum onde toda a gente admirava um real manto entretecido de todas as subtilezas da arte e de todas as sumptuosidades da natureza. E depois disse o que vira.

. ˙ .

São como aquella creança estes pequenos livros, simples e singelos, desambiciosos e humildes.

Elles não teem a presumpção da sciencia nem se julgam arma-los com os instrumentos infalliveis da justiça.

Encerram apenas — a creancice da verdade.

Por isso o que os escreve os considera tão pouco que os julgaria indignos de t'os dedicar, se não reflectisse, leitor, que, por mais desauctorisada que seja, a verdade vale tanto, que mesmo proferida inconscientemente por um nescio ou por um rustico, póde, como na historia do *Manto e a camisa*, bastar algumas vezes para dispersar os falsos cortejos, para desarmar os exercitos, para derribar as forcas, para pôr em fuga os tyrannos, para abater os mediocres, para vingar os opprimidos e para consolar os justos com o protesto triumphal de uma gargalhada enorme.

Na Academia Real das Sciencias houve o incidente Renan. A regeição da proposta d'este candidato a socio correspondente na classe de sciencias moraes, litteratura e bellas lettras, ac-

cordou em toda a imprensa do paiz os protestos mais vehementes e mais unanimes.

Na capital e nas provincias, das entranhas philosophicas da rua dos Retrozeiros e do coração ardente de Bajouca de Riba e de Lingoiças de Lordello, mais de duzentos philosophos desfeiteados na sua consciencia de livres pensadores revindicaram energicamente os foros da sciencia injuriada.

O mesmo sr. Eduardo Vidal, o meigo bardo scismador e amante, exclusivamente devotado ao lyrio, á mariposa, á cuia de Anacleta e ao azul, arranca para este caso vingador a nota violenta, o sustenido acerbo da theorba sentimental e chorosa, e esquece por um momento a estrella que o chama do intimo dos profundos e pallidos luares, a borboleta que passa nos rosaes floridos e aquella que foi entrevista esfolhando no lago um malmequer... E talvez que emquanto elle, por um instante infiel á musa, envia um osculo ao sabio, a do malmequer refalsada e lubrica se lance aos braços da perfidia! Oh! mas n'esse caso verão como o vate, arrojando de si o escriptor palpitante e nervoso, que elle hoje senta nos joelhos e a que está passando a mão pelos cabellos, volta no folhetim que vem a cravar

a ode pungitiva e justiceira no coração de Jenoveva desleal!

O proprio sr. Melicio, o cherubim da burocracia constitucional, o grande genio philosophico creado entre as lapizeiras e os raspadores das repartições publicas, tragando o fructo da sciencia com as bolachinhas de agua e sal do *lunch* dos senhores officiaes maiores, não bebendo nunca a inspiração litteraria senão pelos tinteiros de chumbo das secretarias do Estado, elle mesmo, diante do facto da regeição do sr. Renan, estremece, cobre o rosto com o panno de limpar as pennas, embrulha-se no rodapé de baeta encarnada da sua banca official, e medita. Pensando bem, Melicio reconhece que tambem elle foi aggravado em sua consciencia de escriptor e de philosopho pela exclusão inflingida pela Academia a Ernesto Renan; elle averigua que nada mais parecido na grande obra scientifica do espirito humano do que a *Vida de Jesus* e as correspondencias de Lisboa para o *Commercio do Porto;* reconhece que Renan em certo modo não fez mais para a reconstituição historica da sociedade judaica e para as origens do christianismo do que copiar os escriptos d'elle Melicio; que Renan não é propriamente nem um orien-

talista, nem um biologo, nem um ethnographo, nem um archeologo, nem um historiador, mas que o que elle é, simples e unicamente, é um assignante do *Commercio*... E em seguida a estas considerações, Melicio compunge-se, affige-se, o amor proprio exhalta-se-lhe, e em seu proprio nome e em nome do funccionalismo e da classe commercial, elle indignado protesta contra a deliberação academica.

Effectivamente o acto praticado pela Academia não póde ser considerado senão como uma vindicta pessoal e cobarde arrojada ás faces de Melicio e de Vidal. Elles acceitam o repto. A Academia que trema, porque esta felonia ha de passar aos vindouros, e a historia celebrará com enthusiasmo a coragem inaudita com que Vidal e Melicio, descobrindo a intriga, chamaram a si as favas negras da Academia e as comeram, resignados e valorosos, cosinhadas com as iscas da esperança e com o paio da indignação.

A Academia, reprovando Renan não quiz senão perturbar a imprensa distrahindo Vidal e desgostando Melicio! Vilipendio e opprobrio!

. · .

Todavia, se a Academia não tivesse querido

nem desgostar Melicio nem distrahir Vidal, a Academia — devemos confessal-o — deveria achar-se em graves difficuldades votando de modo que nem produzisse esse desgosto nem facultasse esta distracção. A verdade é que, a respeito da candidatura Renan, a Academia não podia ter senão um voto legitimo e logico: — o da exclusão do candidato.

As academias nunca foram associações exclusivamente litterarias e scientificas, senão nos seculos XV a XVII, quando com o renascimento das lettras depois de uma longa perturbação dos espiritos, se fundaram, ao exemplo da Escola Palatina creada por Carlos Magno, as primeiras associações dos sabios que então se reuniam mysteriosamente e secretamente para os interesses do saber.

É claro que n'esse tempo, o unico titulo do candidato ao logar de academico não podia ser senão a manifestação da actividade do seu espirito, o seu amor á sciencia e á verdade.

Pouco e pouco as influencias monasticas penetraram no espirito primitivamente livre d'aquelles institutos e as academias tornaram-se theologicas.

Depois vieram as monarchias modernas com

os seus systemas disciplinares, centralisadores, auctoritarios, gerarchicos, e as academias passaram a ser corporações officiaes.

São os governos hoje que as fundam, que as disciplinam, e as tornam, moralmente pelo menos, subordinadas ao espirito dos poderes do Estado. Na Academia franceza mandou Luiz XV que por occasião das eleições se lesse em sessão o seguinte trecho de uma real carta de 28 de junho de 1772: «A minha Academia deve ter em vista que eu prestarei sempre a mais escrupulosa attenção ao exame da escolha que ella fizer nas suas eleições, e que nunca deixarei entrar no seio d'essa corporação pessoa alguma cuja reputação não esteja intacta como costumes e como probidade e cujos escritos e discursos sejam reprehensiveis com relação ás materias de religião e de governo.» Quando não são propriamente os reis os que se exprimem n'estes termos, é o equilibrio e a harmonia das instituições de que as academias procedem que lhes impõem a pratica mais ou menos estreita dos preceitos formulados por Luiz XV.

As academias não exercem perante os desenvolvimentos do espirito humano senão uma funcção exclusivamente moderadora. Voltaire dizia

ao abbade d'Olivet: «Noto que as academias abafam sempre o genio em vez de o excitarem. Não temos nenhum grande pintor desde que ha uma academia de pintura, nenhum grande philosopho formado pela academia das sciencias.»

As academias são em especial encarregadas em toda a parte de conter na obra revolucionaria os arrojos do pensamento inovador e independente. É ao seu ascendente moral que está confiada a guarda dos principios consagrados, dos velhos dogmas, das tradições em que se baseia a continuidade indispensavel a todas as civilisações pacificas.

Proudhon, que era insuspeito no juizo d'este ponto, entendia que as academias litterarias e moraes representavam na republica do espirito o elemento conservador e que para esse fim se deviam abster de entrar no jornalismo e na polemica quotidiana. E assim é. A grande lucta das idéas novas destinadas a abrir pelo meio das tradicções o caminho do futuro não compete ás graves collectividades academicas, mas sim aos individualismos inteiramente livres e independentes. A cada um o seu logar. Eu, auctor d'estas linhas, redactor das *Farpas*, considero profundamente corrompidas, desmoralisa-

das e cacheticas as instituições portuguezas em cujo seio a Academia Real das Sciencias de Lisboa tem a sua existencia official. Para a Academia considerada como corpo litterario, eu, jornalista, sou um adversario. Ella e a litteratura que ella representa são para mim um inimigo. Eu, se me propozesse academico, desertava e não merecia senão desdem. A Academia, se escrevesse as *Farpas* trahia, e não merecia senão despreso. Eu e ella partimos de principios inteiramente adversos, logo havemos de chegar fatalmente a conclusões diametralmente oppostas. Eu daria o meu voto a Renan. A Academia deveria negar-lhe o seu. Esta é que é a logica.

Parece-nos que estão em grande erro os que suppõem que as candidaturas de academicos podem ser julgadas pelo simples merito litterario ou scientifico das obras do candidato. Não. O titulo da admissão está para todas as academias na ordem geral das idéas que um escriptor representa. Theophile Gautier, o mais classico talvez de todos os auctores francezes contemporaneos, nunca entrou na Academia por andar embuçado n'uma capa de veludo azul, por ter escripto *Mademoiselle de Maupin* e *Une larme du diable* e por usar o cabello até á cinta. Proudhon

foi regeitado n'uma academia departamental. Auguste Comte, o creador da philosophia moderna, nem proposto foi nunca ao Instituto de França. Michelet foi demittido da sua cadeira de professor; Renan foi egualmente demittido; Victor Hugo foi degradado: a Academia só por engano poderia ter recebido no seu gremio qualquer dos individuos cujas idéas mereciam estas pennas. Logo Renan, Michelet e Victor Hugo foram da academia franceza por engano. A candidatura de Lafontaine foi muito guerreada, no «seculo aureo» das lettras francezas, por causa da indole rabeleseana dos seus contos; para que a Academia o recebesse foi preciso que Luiz XIV auctorisasse os academicos dizendo-lhes que Lafontaine promettera *ter juizo*.

Ter juizo! Este sim, este é que é o grande titulo de uma candidatura academica. Sabem o que é *ter juizo* na accepção official d'esta expressão? *Ter juizo* é possuir o conhecimento das manhas que levam ao proveito, saber evitar o ruido e o escandalo, esconder os pensamentos e as palavras que offendam a tradicção e a rotina, fugir da innovação como da peste, não aventurar nem uma palavra nem uma idéa que não esteja perfeitamente experimentada e garantida,

ser sempre classico no stylo o que dá ao pensamento a tendencia de ser official na opinião. Quando por este tirocinio o homem chega insensivelmente e com a mais perfeita boa fé a não pensar conscientemente mas sim historicamente, quando elle está bem compromettido diante do seu futuro por todas as affirmações e por todos os actos do seu passado, quando elle representa pessoalmente o typo genuino, completo da sociedade official a que pertence, então esse homem é definitivamente um homem de juizo e é o academico, é o academico portuguez, o academico allemão, o academico francez, o academico de toda a parte.

Ora se o legitimo academico representa em todos os paizes o typo genuino, authentico, exemplar da sociedade official de que faz parte, vejamos qual é em presença da candidatura Renan a situação em que se encontra o academico portuguez.

No paiz de que o nosso academico é a suprema expressão intellectual e moral, ha uma religião do Estado que é aquella de que trata o artigo 6.° da carta fundamental da monarchia; esta religião é a catholica apostolica, romana. Foi n'ella que o academico se creou e que seguiu

á risca, como teve de provar em diversas circumstancias da sua vida, segundo as leis. Jurou manter essa religião por successivos juramentos prestados durante a sua carreira: jurou-o como bacharel, jurou-o como deputado, jurou-o como par do reino, jurou-o a cada passo que deu na sua vida publica.

Sabe além d'isto que pertence ao paiz mais apertadamente catholico,

Em que a padroeira do reino é a Senhora da Conceição;

Em que ninguem póde entrar nem mesmo na familia, á qual parece que todos deveriam ter direito, quaesquer que fossem as suas crenças, sem provar com attestados authenticos o seu bom procedimento religioso, isto é, que vae á missa todos os domingos e festas de guarda, que frequentou os sacramentos, que se confessou pelo menos uma vez em cada anno, e que commungou pela Paschoa da Resurreição;

Em que, um dia, tendo-se annunciado na sala do Casino uma conferencia ácerca da vida de Jesus, o sr. procurador geral da corôa opinou que tal conferencia apavorava as consciencias e punha em perigo a tranquillidade publica;

Em que o sr. ministro do reino mandou fe-

char as portas do Casino e supprimir as conferencias democraticas pelos motivos expostos pelo sr. procurador geral da corôa;

Em que deputados sahidos do jornalismo, representantes no parlamento da mocidade intelligente e livre, defenderam o acto do ministro que supprimiu as conferencias;

Em que a maior parte dos jornaes portuguezes foram da opinião da maioria do parlamento;

Em que o povo de Braga força um coveiro a enterrar á flôr da terra o corpo de um cidadão protestante para que os cães farejem o cadaver e o devorem;

Em que o mesmo povo obriga a desenterrar o corpo do doutor em medicina José Correia de Sampaio, accusado de heretico, para escarnecer e insultar as suas cinzas;

Em que os burguezes de Coimbra espancam os estudantes que pateiam uma peça de theatro intitulada os *Santos Martyres de Marrocos*; [1]

Etc., etc., etc.

Pergunta-se: No paiz onde todos estes factos se dão, em que a opinião publica os admitte,

[1] Tanto este facto como os dois precedentes occorreram no presente mez.

em que a imprensa os tolera e em que o governo os mantem, póde porventura um academico, sem receio de perturbar as consciencias, de as insultar até, sem se considerar em hostilidade com o paiz, com as instituições, com a carta, com o parocho da sua freguezia, com a Senhora da Conceição, com os *Santos Martyres de Marrocos*, com o ministro dos negocios ecclesiasticos, com o governo, com o poder, com a auctoridade, votar para seu consocio dando-lhe assim uma manifestação official de consideração, de respeito e de estima, o sr. Renan, que é um heretico? o sr. Renan cuja doutrina como historiador das origens do christianismo importa nas suas ultimas conclusões nada menos que a condemnação do artigo 6.º, mais a condemnação do juramento, mais a de quem fechou as conferencias do Casino e dos que incitaram o que as fechou, e dos que o ajudaram, dos que applaudiram, dos que o defenderam?

Não! Sejamos rasoaveis e rectos: a Academia com relação á candidatura do sr. Ernesto Renan não podia logicamente fazer senão o que fez — regeital-a, embora isto distraia as contemplações do sr. Vidal e perturbe a mansidão do sr. Melicio. Tenham paciencia!

A imprensa tornou publicos os nomes dos academicos que votaram em escrutinio secreto pela regeição. Como os individuos indigitados não contestaram a affirmação dos jornaes, devemos crer que estes disseram a verdade. Assim temos que os academicos contra os quaes tantos clamores unanimes se tem levantado em toda a imprensa são, primeiro, os srs. marquez de Avila e de Bolama, visconde de Seabra, Martens Ferrão.

D'estes senhores que outra votação podia e devia esperar a imprensa que tão hostilmente os condemna? Queriam d'elles uma opinião transcendente e scientifica? É impossivel. Elles não podem ter senão uma opinião historica. Não pertencem ao seu proprio espirito, nem á sua propria consciencia. Pertencem ao seu passado, pertencem ao seu paiz, pertencem ás suas instituições, pertencem ao Estado, pertencem á carta, pertencem á religião do artigo 6.º, pertencem aos juramentos que fizeram, aos regimes que fundaram, a todos os decretos, a todas as portarias, a todas as consultas que firmaram com o seu nome. Teem uma longa vida politica e constitucional. As engrenagens do grande machinismo em que se lançaram apoderaram-se

d'elles com uma força irresistivel e fatal. Como a todo o homem politico dentro do constitucionalismo portuguez, o espirito de partido conquistou esses homens, e elles morreram para a liberdade. Em toda a questão publica, quaesquer que sejam as suas opiniões particulares, as suas idéas, as suas convicções mais intimas, os seus sentimentos mais caros, elles não podem ser senão d'estas duas coisas uma: ou coherentes ou traidores. Tal é o dilemma em que se encontram ao cabo da sua carreira publica todos aquelles que se deixaram arrastar pelo systema pervertido, gasto, impotente, da sociedade portugueza! Tal é o vicio congenito das actuaes instituições que o cidadão que ellas absorvem ou perde a liberdade e a consciencia, ou perde a dignidade e a vergonha! Ou é o escravo lamentavel dos velhos principios obsoletos, ou é o especulador perjuro da popularidade oscillante!

Respeitemos aquelles que forçados a emittirem o seu voto entre a coherencia impopular e a traição mais facil, não votaram como espiritos esclarecidos, mas votaram como caracteres honestos.

Apoiaram ainda a regeição os srs. conselheiro

Viale, D. José de Lacerda e Innocencio da Silva. O sr. Lacerda é um padre, o sr. Viale é um mystico. São ambos catholicos radicaes e intransigentes na fé e na disciplina. Não seremos nós que os injuriemos imaginando de suas excellencias o que pensava Sylvain Maréchal a respeito de Fenelon e de Bossuet quando dizia que os suppunha atheus *parcequ'ils avaient trop d'esprit pour croire un mot de tout ce qu'ils disaient*. Crêmos pelo contrario que tanto um como outro d'aquelles dois academicos tiveram particularmente em vista os escrupulos da sua consciencia e a salvação das suas almas quando excluiram da sua convivencia academica um escriptor assignalado pela N. S. M. Egreja como uma ovelha tinhosa, e especialmente condemnado como herege por N. S. P. Pio IX. Parece-nos que ninguem póde com justiça violentar estes senhores a que se precipitem no fogo do inferno por causa da côr de uma fava!

O sr. Innocencio, segundo lêmos nos periodicos que publicaram o extracto das actas, explicou o seu voto. Este academico duvidou da capacidade scientifica do sr. Renan. E eis aqui, entre todos os votos da exclusão, o unico que se póde discutir. Porque devemos crer que o sr.

Innocencio está effectivamente convencido da insufficiencia do candidato e que o não reprovou só para o facto de reprovar, como fazia Méseray, o qual lançava uma fava preta em todas as votações da Academia franceza «afim de deixar á posteridade um monumento da independencia academica.»

. ˙ .

Em quanto estes casos expressivos e memoraveis se passavam na segunda classe da Academia, a primeira classe propunha a candidatura do sr. Renan, julgava as suas obras com a maxima independencia scientifica e conferia-lhe o titulo de socio correspondente que a outra parte da Academia lhe negára.

Procedendo por esta fórma a primeira classe, em cuja maioria dos membros não militam as razões que determinaram o voto dos srs. marquez de Avila, Ferrão e visconde de Seabra, não representa o puro espirito academico, official e auctoritario, representa o espirito livre, o espirito da Revolução.

Esta dualidade que leva a Academia Real das Sciencias, a primeira corporação intellectual do paiz, a ter a respeito do mesmo assumpto a sua opinião mais a opinião contraria, significa bem

evidentemente o estado de contradicção em que actualmente se acham todos os espiritos.

Portugal apresenta-nos o aspecto de uma intellectualidade binaria.

Dentro de todo o cidadão que pensa officialmente, que se move, que falla e que escreve no meio fatal dos principios e das instituições de que faz parte e em que é solidario, como acontece na segunda classe da Academia, está um outro homem consciente cuja razão esclarecida a adiantada se acha já vivendo na verdade e na justiça.

O pensador refuta o funccionario. O homem contradiz o cidadão. A moderna sciencia desmente a velha rhetorica.

Esta enorme revolução compacta e latente no interior da sociedade actual não estala de um momento para o outro, porque a sociedade não se reconhece ainda com as faculdades praticas essenciaes para codificar e disciplinar os principios novos.

Treme-se, e com justos fundamentos, perante a idéa confusa de uma revolta que não soubesse constituir-se em verdadeira revolução. Os revolucionarios temem perturbar inutilmente a ordem e a paz. Receiam ter a responsabilidade

dos rebeldes e não ter o prestimo dos organisadores. Questão de tempo. Hesitação proveniente da meia sciencia que tantas vezes tem lançado os povos aos maiores desvarios. O instante mais critico na existencia de uma sociedade é este, em que ella já a si mesma se refuta, sem saber ainda clara e nitidamente como ha de reconstituir-se e reorganisar-se em novos fundamentos.

Pensem bem aquelles que nos governam na responsabilidade gravissima que n'esta conjunctura lhes cabe!

Estamos todos bem clara e bem positivamente dentro do espirito revolucionario. *In eo vivimus et sumus.*

Se os partidos moderados não forem effectuando lentamente mas progressivamente a revolução pacifica, elles chamarão com o seu desleixo, com a sua ignorancia e com a sua inercia os partidos radicaes a uma revolta, que começará na polemica e terminará na barricada.

O que é o conflicto academico senão a demonstração mais evidentemente patenteada do absurdo funesto de um dos velhos principios do nosso pacto social, o artigo 6.º da constituição da monarchia? A regeição do sr. Ernesto Renan é simplesmente o effeito litterario da perturba-

ção geral lançada em todos os negocios pela interferencia do Estado na religião do paiz.

A questão academica é, posto que ligeiramente disfarçada e resumida em pequenissimo ponto, absolutamente a mesma questão que agita hoje uma parte do mundo, perturbando a paz das consciencias no Brazil, na Allemanha, na Inglaterra, na Russia e até na Suissa, essa republica exemplar, infinitamente mais democratica e mais livre que a dos Estados Unidos, mas que todavia tem no seu organismo um ponto fraco, que soube evitar a grande republica americana: — a preoccupação da egreja nacional e do culto protestante consignado na constituição de Zurich e de outros cantões teutonicos.

A proclamação da infallibilidade do papa commentada pelo Syllabus foi o imprudente e arrojadissimo desafio lançado do Vaticano á sociedade moderna. As represalias dos partidos liberaes e a reacção insistente e vigorosa do clero são desde 1870 até o dia de hoje a causa dos conflictos ecclesiasticos que estão surgindo por toda a parte entre o ultramontanismo e os poderes civis. N'estas circumstancias tanto os liberaes auctoritarios como os ultramontanos theocraticos são um egual perigo para a segurança

dos governos. Os Estados só por meio de uma neutralidade absoluta na questão religiosa, neutralidade levada até á indifferença, até o atheismo, podem salvaguardar e manter actualmente o respeito devido pelos povos á consciencia humana e a Deus.

No *Diario de Noticias*, folha noticiosa e monarchica, lemos que Sua Magestade El-rei fôra aconselhado pelos seus medicos a dar passeios a pé como remedio para os achaques que Sua Magestade começava a padecer por effeito de uma vida inactiva e sedentaria.

Estranhamos que o *Diario de Noticias* ousasse, sem lhe tremer o pulso, arrojar esta nova aos seus vinte mil leitores.

A ociosidade levada ao ponto de se tornar um caso pathologico é uma doença vergonhosa, cuja diagnosis se deve conservar secreta, principalmente quando se trata de um rei cuja personalidade deve ser para o seu povo o espelho do cidadão exemplar.

Um principe desoccupado, um poder ocioso, é um contrasenso que compunge. A actividade nos reis é o primeiro dos titulos ao amor dos povos. Alguns dos maiores despotas e dos mais insignes tyrannos conseguiram ser profunda e verdadeiramente amados pelo simples prestigio do trabalho. Perante os mais terriveis inimigos da realeza, os reis laboriosos teem um lado poderosamente resistente e inatacavel, porque, emquanto que trabalham, elles deixam de ser a coisa passiva e molle que se chama o principe, e convertem-se na força combatente e dura que se chama o povo.

Pedro, o grande, que tão cruelmente opprimiu o seu paiz, foi apesar d'isso, o homem mais popular da Russia. Por quê? Por que o czar era carpinteiro. Os desgraçados que trabalhavam para elle esqueciam o seu mal ao verem-o poupar-se menos que o ultimo dos seus subditos, arriscar a sua vida nas ondas, nos incendios e nas batalhas, e descançar dos perigos, brandindo um machado e talhando a golpes herculeos nos estaleiros do Estado os enormes madeiros das suas naus. Os suores do povo achavam-se para assim dizer justificados consagrando-se a um homem que ainda suava mais do

que elle. Assim no mesmo homem o braço rijo do operario defendia o coração do despota. E muito se lhe perdoou, porque trabalhou muito.

. ·.

Os bons reis benevolos, como Sua Magestade, não precisam do trabalho como titulo attenuante de uma tyrannia, que não exercem. Os povos constitucionaes não são as victimas dos seus reis, são apenas os escravos dos seus proprios erros. Mas o trabalho não é por esse motivo menos essencial nos principes como exemplo e como lição de vassallos.

Em Portugal então, e principalmente em Lisboa, o espirito publico precisa muito de que o ensinem a comprehender que a ociosidade é uma transgressão criminosa das leis da creação, que a vida é a lucta do homem com as fatalidades que o cercam no mundo, e que todo aquelle que não contribuir com a sua parte de trabalho para vencer as innumeras hostilidades que difficultam a existencia, abdica da sua condição, converte-se n'uma das forças brutas da natureza e é um inimigo do genero humano.

Lisboa não sabe isto. Lisboa não só não respeita e não honra o trabalho como a sagrada

missão de todos os homens, mas chega a consideral-o desdenhosamente como uma nodoa torpe cahida sobre o caracter e sobre o nome d'aquelles que o exercem.

Depois de 1851 chegou aqui um francez nosso amigo que circumstancias politicas tinham obrigado a emigrar de Paris. Trazia duas ou tres cartas do sr. Ledru Rollin para uns republicanos portuguezes que o apresentaram em varios salões de Lisboa.

Foi distinctissimamente acolhido. Elle tinha uma grande estatura, um rosto pallido, um olhar intelligente, uma bella barba loura, fina como a do tenor Mario; e sentado n'um fauteuil defronte da dona da casa, com luvas côr de perola, uma rosa chá mettida na sua casaca de Dussotoy, as mãos crusadas sobre uma claque, os pés juntos, estendidos, calçados em meias de seda e sapatos envernisados, podia bem passar por um inutil qualquer, por um semsaborão, por um diplomata ou por um imbecil. De sorte que a sua presença ficava bem com os tapetes, com as rendas dos cortinados, com o setim dos estofos, com as molduras dos espelhos, com as figuras do *cotillon*, e elle era em certo ponto o orgulho das senhoras que podiam dizer a uma

das suas amigas: *Ma chère, je veux bien te présenter Monsieur..., de mes amis.*

Elle porém, considerando ao cabo de poucos dias que era ridiculo este destino miseravel de se expôr periodicamente sob os lustres, como um boneco com corda para seis valsas, e de engolir chá com leite e sorvetes de marrasquino como um jacaré de salão, deliberou trabalhar. Entre outras rasões, para legitimar os direitos que tinha ao uso da sua *toilette*, e finalmente para que o não tomassem por um vadio ou por um *escroc*. E fez-se photographo.

O resultado foi que nenhuma das suas relações na sociedade de Lisboa se tornou a achar em casa para o receber!

Elle todavia não se tinha feito nem menos elegante nem menos espirituoso nem menos distincto do que no tempo em que se ignorava se a casaca que elle vestia não era um abuso da confiança de Keil e se a sua roupa branca não teria a marca d'outro. O unico crime que tinha commettido era o de se haver affirmado um pouco mais honrado e mais digno. Ninguem lh'o perdoou.

E as mesmas senhoras, ordinariamente tão sensatas e tão instinctivamente justas, as mes-

mas senhoras que por alguns momentos de valsa haviam confiado o contacto dos seus espartilhos ao braço do vil, ficaram profundamente vexadas ao saberem que elle se empregava na photographia durante as horas do dia em que ellas, em sua boa fé, o imaginavam, pelo contrario, embedando-se n'uma taberna ou tocando guitarra n'uma cavallariça.

E ainda, se apenas se tivessem contentado em o não receber! Mas tambem o não procuravam, e iam retratar-se a casa de outros para evitarem o compromettimento que resultaria de elle lhes dizer diante de testemunhas: «Queira voltar os olhos para o objectivo e tomar uma expressão agradavel e risonha... como quando me perguntava em sua casa se eu queria mais assucar!»

De modo que, para que o nosso amigo conseguisse ganhar a sua vida, longe da sua patria, n'este paiz hospitaleiro, valeu-lhe ter apenas entrado na sociedade e conhecer ainda pouca gente.

Se tivesse mais algumas relações, não o procurava ninguem.

* * *

Antigos erros e desleixos na administração

da maior parte das antigas casas nobres, as prodigalidades fidalgas, a abolição da lei dos vinculos e a instituição do credito predial e do credito hypothecario vão reduzindo rapida e successivamente á penuria muitas das mais famosas e opulentas familias da aristocracia portugueza.

Nas physionomias que durante este inverno se exhibiram em muitos dos primeiros camarotes de S. Carlos denuncia-se bem claramente a progressiva invasão burgueza nos dominios ostentosos da aristocracia.

Os fidalgos desapparecem. É o momento de lhes dirigir palavras de animação e de lhes dar exemplos de coragem, porque um fidalgo que cae é para a realeza um brilhante da corôa que se desengasta.

Cair é ceder ás humilhações da pobreza, em vez de appellar para os altivos recursos do trabalho.

Edmond About conta-nos a historia de um official dos guias, distinctissimo entre a aristocracia do segundo imperio, o qual se fez salchicheiro. Fazer salchichas é mil vezes mais valoroso e mais digno do que, não tendo dinheiro para as comprar, deixar-se por isso rebentar

de fome entre os retratos impassiveis de uma familia de heroes.

Explorar o porco por meio da salchicharia parece-nos ainda bastante mais honroso do que explorar o Estado por meio de uma carreira publica. Entre o propor-se a lacaio e o solicitar dos governos um emprego de funccionario ou uma candidatura de deputado, a dobra servil do requerente do Estado é mais humilhante e mais funda que a do moço de libré. Depois, tem-se de viver na intriga, como politico ou como empregado, ao contacto familiar de mediocres ou de estupidos, de curvar o espinhaço á bajulação dos chefes e de desformar as feições do rosto tomando o typo rafeiro do catão assalariado ou o typo suino do burocrata professo, do plumitivo official.

Salchicheiro é mais independente e mais nobre. E tambem é mais rico, o que equivale a poder ter mais livros, a prover-se de mais factos e de mais idéas e por consequencia a affirmar-se melhor na consciencia e na dignidade.

Quando Victor Hugo se achou no desterro o homem que com mais alta hospitalidade o recebeu, pondo á disposição d'elle uma bibliotheca magnifica e os mais bem ordenados ele-

mentos de applicação e de estudo foi um tendeiro de Guernesey.

Póde-se vender toucinho e pesar arroz, e ser um homem da mais perfeita educação e do mais elevado espirito.

A sociedade de Lisboa desconhece ou finge desconhecer absolutamente estas verdades, e no meio da sua desastrosa indigencia continúa a considerar absurdamente como a expressão mais fina do ideal aristocratico da dignidade e da abnegação as arvores estereis plantadas por D. João de Castro na quinta da Penha Verde.

Não produzir, não fazer nada no mundo é o nosso titulo mais bello á consideração dos nossos compatriotas.

Depois dos que não fazem nada, os mais respeitados são os que fazem tão pouca coisa que o que ganham por isso não chega mesmo a ser um emprego, e é apenas um roubo.

Os que trabalham menos consideram como entes subalternos e infimos os que trabalham mais. Estes mesmos sentem-se intimamente opprimidos e humilhados diante dos outros. Os negociantes que fecham ás dez horas da noite na rua da Bitesga pega-se-lhes a lingua e empallidecem de commoção e de respeito diante

dos que fecham às quatro horas da tarde na rua dos Capellistas.

D'aqui a grande importancia que tem na cidade e o peregrino acolhimento que recebe no mundo todo o idiota rico. A razão é que elle não só não faz nada mas está inhabilitado para tudo. Vejam-lhe a transparencia das mãos: nunca pegou em nada! Vejam-lhe a pequenez dos pés: nunca andou pelo chão! Vejam-lhe a lisura chata da testa: nunca passou por ali uma idéa! Que distincção! que finura! que homem!

Se esta perfeição consegue, pelo mais inverosimil dos exforços, ter um filho, o filho requinta na distincção paterna e aos vinte annos de edade baba-se e traz a lingua de fóra. Que raça!

Se se achasse um meio de a reproduzir, a terceira geração renunciaria á posição vertical; e veriamos então os plebeus enriquecidos andarem com as mãos no chão para fingirem que eram tambem assim de nascimento.

* * *

Dados estes principios um rei ocioso é um phenomeno duplamente funesto: funesto á popularidade do principe e á educação dos subditos.

É por isso que lamentamos a publicidade dada pelo *Diario de Noticias* á enfermidade do soberano, e fazemos pelo restabelecimento de sua magestade os mais ardentes e sinceros votos.

A camara municipal da cidade de Lisboa parece estar finalmente instruida ácerca da necessidade urgentissima de proceder a reformas immediatas em todos os ramos de serviço publico, dependentes da responsabilidade d'aquella corporação illustre.

Está provado que Lisboa, não obstante as beneficas condições geographicas que n'ella concorrem e que a deviam tornar uma das mais saudaveis povoações do Sul da Europa, apresenta uma mortalidade superior á de algumas regiões da Africa.

Segundo as estatisticas officiaes, na maior parte das freguezias o numero dos obitos excede o dos nascimentos, sendo facil predizer arithmeticamente qual o dia preciso, infallivel, fatal, em que terão desapparecido do mundo todos os individuos naturaes de Lisboa.

Comquanto uma parte d'este mal se deva attribuir á desmoralisação dos costumes, ao celibato, á corrupção dos sentimentos e á decadencia da familia, as causas principaes estão na doença, na progressiva debilitação dos organismos, na degeneração da raça.

Entre seis mil pessoas fallecidas em um anno, vemos que mais da quarta parte d'este numero, segundo as averiguações feitas pela Sociedade das sciencias medicas, foram victimas de todo o genero de dyscrasias: a escrofula, o tuberculo, o carcinoma, resultantes da accumulação dos habitantes, do ar viciado, da insufficiencia da alimentação.

Lisboa não tem que comer. O maior dos seus males secretos, constantes, permanentes, é a fome chronica.

Não ha carne de boi nem substancias sufficientemente azotadas que a substituam na alimentão. A carestia equivale á insufficiencia.

Tambem não ha agua. A companhia vende-nos a sua agua infinitamente mais cara do que os marchantes nos vendem o seu boi. A agua não nos custa nem o dobro, nem o triplo, nem o quadruplo do que ella vale na maior parte das cidades da Europa. A proporção dos preços é

muito mais extraordinaria. A agua paga-se em Lisboa por *vinte vezes* o seu preço em Londres, por *quarenta vezes* o seu preço em Paris! Na Inglaterra e na Belgica o consumo da agua é obrigatorio. O habitante paga por uma bagatella o minimo de agua que se lhe vende e que é mais que o sufficiente para a sua alimentação e para o seu banho. A agua que sobra tem o comprador obrigação de a consumir, contribuindo assim para a limpeza dos esgotos. Em Lisboa a agua tem um preço que para uns restringe extremamente o seu uso e para outros o prohibe.

Tambem não ha luz nem ar. É pessimo o systema de edificações. A maior parte das casas no bairro operario de Alfama e nos arruamentos da baixa são sombrias e fetidas.

Já explicamos no precedente numero das *Farpas* como os gazes mephiticos e deleterios se infiltram pelos alicerces nos muros das casas e se espalham como o bafo da morte nos aposentos que habitamos.

D'ahi a deterioração successiva e cada vez mais profunda das gerações lisbonenses: a pobreza e a corrupção do sangue, as anemias, as nevroses, as atonias, as prostrações cerebraes,

todos os males do corpo, da intelligencia, do sentimento e do caracter.

Para reconhecer palpavelmente esta verdade basta attentar por um momento no aspecto physico dos habitantes de Lisboa. Nas ruas, nos passeios, nos theatros, nos bailes, os marujos e os officiaes das esquadras extrangeiras, não importa de que procedencia, inglezes, francezes, suecos, allemães, os *commis-voyageurs*, os diplomatas, os *touristes*, os viajantes de todas as nacionalidades, homens e mulheres, sobresahem d'entre a multidão pallida, mesquinha, debil e triste, como violentas manchas postas pela força, pela saude, pela actividade e pela alegria.

Veja-se a vigorosa carnação firme e transparente de um marujo britannico ou saxonio. Parece que um fio de sol luminoso e quente lhes corre com o sangue nas veias. Os fortes pescoços solidamente desenvolvidos precisariam para se guarnecerem de trez dos collarinhos dos nossos *sportmen*. A correcta linha dorsal e o perfeito desenvolvimento dos quadris denotam a grande força dos rins. No peito amplo, saliente e largo vê-se que se desenvolveram na sua perfeita plenitude os apparelhos respiratorios, o coração e os pulmões. Teem os musculos elas-

ticos, a carne rija, os dentes brancos e solidamente engastados, os olhos claros e o passo firme. São apenas o typo normal do homem, e basta-lhes isso para que representem a antithese physiologica do lisboeta.

Vejam as mulheres. Notem nas salas a enorme differença que os simples aspectos da saude e do vigor de raça estabelecem entre as senhoras do corpo diplomatico e do corpo consular para um lado, e todas as senhoras portuguezas para o outro!

A santa casa da Misericordia abriu ultimamente concurso para a adjudicação de um dote a uma rapariga pobre. De dezeseis memoriaes de que tivemos conhecimento e que foram apresentados no espaço de uma hora, nem uma só mulher que podesse ser mãe. As infelizes raparigas que se inscreviam como candidatas ao casamento eram de constituições viciadas, irremediavelmente eivadas de profundas enfermidades congenitas ou adquiridas. Padeciam ellas, tinham já padecido de certo suas mães e suas avós a *difficuldade de viver* epidemica em Lisboa. Eram os productos necessarios da má alimentação e do mau ar. Eram rachiticas, chloroticas, enfezadas. Careciam de todos os desen-

volvimentos physicos que constituem as condições normaes da maternidade. Tinham escrofulas, ulceras, tosse, febre, os olhos doentes, os beiços ou as orelhas feridas, as mãos frias e suadas, os dentes cariados e a lingua branca.

Estamos sendo evidentemente uma geração apodrecida, uma raça combalida não só nos centros nervosos mas até nas celulas primordiaes da vida pelos effeitos do mais deploravel regimen municipal nas questões do solo, da alimenção e do ar.

. · .

A camara municipal de Lisboa sabe isto perfeitamente. Tem-lh'o dito a hygiene, a physiologia, a pathologia, a therapeutica. Tem-lh'o demonstrado a clara evidencia dos factos.

Como é que a camara municipal de Lisboa se apressa em accudir a este immenso mal?

Mandando pesar o pão;

Fundando o premio da cidade nas corridas de cavallos;

Projectando abrir um boulevard desde o passeio do Rocio ao Campo Grande;

Enterrando os municipes que morrem.

. ˙ .

Emquanto aos enterros parece que este derradeiro cuidado com a morte deveria merecer alguma attenção a um municipio que se importa tão pouco com a vida. Não succede porém assim. A camara municipal enterra como cães todos aquelles que não deixam dinheiro com que pagar as pompas mortuarias. Não ha superintendencia, nem fiscalisação, nem ordem alguma estabelecida pelo municipio nos serviços funebres.

Ha poucos dias ainda um desgraçado estanqueiro que mora na rua do Arco, ao pé da Academia das Sciencias, dormiu dentro de um pequeno quarto com o cadaver de sua mulher por não ter dinheiro com que lhe fazer o mais modesto enterro. A camara incumbia-se pelo seu pelouro dos cemiterios de deitar á vala esse cadaver. Ora eis ahi está o que não succederia nunca na administração de nenhuma das grandes cidades que fundam premios municipaes para as corridas de cavallos! Em Paris, por exemplo, dirige-se o serviço dos enterros de modo que a companhia das pompas funebres a que se adjudica o privilegio de enterrar os ricos mediante os preços de uma tarifa devidamente approvada,

tem por esse facto a obrigação de enterrar os mortos de graça, mas em cova separada, levando o corpo n'uma carruagem e fazendo-lhe todos os officios religiosos e civis com a maior decencia e com o maior respeito devido aos restos dos que acabaram na indigencia e no infortunio. Além d'isto a administração da cidade de Paris, antes de fundar para as corridas de Longchamp o *grand prix de Paris*, fundou o emprego de um funccionario que tem a obrigação de a representar officialmente em todos os enterros sem excepção alguma, porque a administração municipal de Paris entende que entra no numero dos seus deveres acompanhar até á sua ultima morada o cadaver de todo o cidadão parisiense, por mais pobre, por mais desvalido e por mais desgraçado que elle seja.

.·.

Em quanto ao peso do pão a ultima postura municipal denota um desvello que tem o defeito de ser um tanto pueril. Não corta o dolo nem a má fé e póde fazer cair a suspeita ou o castigo n'um fabricante honesto. Todos os que conhecem os processos da panificação sabem que é absolutamente impossivel fixar segundo o peso

da farinha o peso do pão. O peso da farinha é invariavel, o do pão póde ser modificado, e pães com egual peso de farinha podem sair mais pesados ou mais leves segundo, pela configuração que se lhes deu e pelo logar que elles occupavam no forno, se desenvolveu mais ou menos a exhalação dos gazes contidos na massa.

O ponto mais essencial com applicação ao alimento não é o do peso, é o do fabrico, no qual a camara tem a bondade de não exercer a minima ingerencia nem a mais leve fiscalisação. O pão mais branco nem sempre é o melhor. A alvura da massa póde-se obter com a applicação das substancias mais perniciosas, como são o sulphato de cobre, o sulphato de zinco e outros. O pão que mais alimenta, o que encerra mais principios assimilaveis é o que contém a maior quantidade de gluten, que é uma substancia pardacenta. Sob o ponto de vista nutriente o pão chamado de munição é muito preferivel ao mais fino pão dos melhores padeiros. O pão que geralmente se fabrica em Lisboa por toda a parte, quer a camara o mande vender pelo peso, quer o mande vender pelo tamanho, como alimento não presta.

O modo de amassar geralmente usado em

Lisboa, onde se desconhecem ainda a maior parte dos modernos processos mechanicos da panificação, póde ser muito funesto á saude publica. O pão é amassado a braço, como temos visto em muitas fabricas, entrando assim entre os elementos do seu fabrico o suor dos padeiros! Consta-nos que em muitas padarias ha maceiras de cobre, o que não deve maravilhar-nos em uma cidade onde vemos vender-se sorvetes de limão, de laranja, de tangerina ou de lima feitos em sorveteiras de cobre, nas quaes se conserva dentro do gelado desde as quatro ou cinco horas da tarde até á meia noite uma colher de cobre ou de latão, que se oxyda em alguns minutos.

A policia sanitaria do municipio é inteiramente indifferente a estes varios processos de envenenamento, assim como é indifferente ao modo como se confecciona o vinho e o vinagre, como se falsifica o leite, como se prepara a salchicharia, como se fabrica a cerveja, etc.

Nas cosinhas das casas de pasto, das hospedarias e dos cafés não ha a minima fiscalisação policial. Comem-se perdizes, codornizes e coelhos por toda a parte nos mezes em que é prohibida a caça. Expõem-se ao publico enormes

pratos cheios de perdigotos do tamanho de pardaes!

Os methodos mysteriosos e reconditos por que se cosinham certos jantares fazem estremecer a imaginação. Um nosso amigo seguiu ha tempos durante quinze dias a historia das transformações de um guisado á mesa de um restaurante. Nada mais profundamente dramatico do que essa historia. Parece que a mesma substancia tomou successivamente os nomes de todos os acepipes que figuraram na lista. Aquillo que primitivamente fôra frango com hervilhas foi progressivamente tudo quanto se póde ser no *menu* de um jantar durante a primeira semana, e passou na semana seguinte a figurar na sobremesa, primeiro sob o incognito de pudim, depois sob o disfarce de pastel, sendo por ultimo torrado, moido, cosido, coado e servido em café. O liquido que sobrou no fundo das cafeteiras, foi ainda aproveitado para diversos usos, acabando os ultimos restos definitivos das hervilhas com frango por servirem a uns para tingir um collete e a outros para engraxar umas botas.

Tudo é possivel sob o regime telescopicamente vigilante do municipio de Lisboa. Nas

cidades civilisadas as cosinhas dos hoteis, dos restaurantes e dos cafés são todos os dias visitadas minuciosamente pela policia.

. ˙ .

O projecto do boulevard do passeio do Rocio ao Campo Grande é de uma concepção tão ridiculamente pretenciosa, tão burguezmente peralvilha, tão caixeiro de loja de modas, tão cuia de retroz, tão banha de cheiro com espirito de lucia-lima, que chega a fazer nojo.

Que é um boulevard aberto em semelhante ponto da cidade communicando uma das extremidades d'ella com um dos seus suburbios? É uma necessidade de viação? Um meio de transito? Uma creação de novo bairro? Um fim de commercio, de industria, de civilisação, de hygiene, de recreio? Não. O boulevard é um luxo.

Os srs. vereadores resolveram introduzir o boulevard por terem encontrado já introduzido o pat-chouly.

Deitam boulevard exactamente como quem deita pó de arroz ou iris de Florença: para se darem um ar, o ar segundo imperio, o ar *cocodès,* o ar *jeune abruti*, o peior e o mais detes-

tavel ar que póde tomar um homem e que póde imitar uma cidade.

O boulevard não serve senão para espalhar os maus habitos do café e do *trotoir*, o amor da ostentação, a ociosidade, o boulevardismo, a cocotice, o luxo pelintra da *toilette*.

Não, Lisboa, minha boa amiga, tu já tens de mais os vicios de boulevardante! Não queiras que a maior dimensão dos *trotoirs* te exija mais algumas ordens de folhos encanudados nas tuas saias e mais alguns metros de seda na cauda dos teus vestidos.

As tuas interessantes filhas, sentimentaes e pallidas, já exhibem no espaço de macdam de que dispõem os trapos sufficientes para nos fazerem considerar o casamento moderno como a mais ruinosa de todas as extravagancias.

Além de que, Lisboa, minha estimada burgueza, desengana-te de uma coisa: careces absolutamente tanto das qualidades como dos defeitos do espirito que tornam interessante a ruidosa existencia do boulevard.

Não tens a invenção da moda, que faz com que o vestido seja para a parisiense um producto da imaginação, quasi uma obra d'arte.

Tu, coitada, vestes-te pelo figurino como um

soldado se veste pelo uniforme do regimento. Vi esta manhã na rua uma costureira franceza que ia em serviço do seu armazem, levando suspenso do braço por uma correia um grande cartão: tinha um vestido liso, um collarinho branco virado para baixo sobre uma gravata de setim preto. Passou por um jardim, colheu um galho de fuchsias em flôr, e atravessou-o nos dois laços formados pelo nó da sua gravata. Tu, Lisboa— debalde o meditarias—não acharias nunca esta coisa tão simples, discorrida por uma pobre costureira carregada com um cartão: a maneira mais elegante, a mais artistica, a mais pittoresca de grupar por baixo de um collarinho uma tira de setim e um ramo de fuchsias.

Cada uma das mulheres que pisam em Paris o asphalto do velho boulevard de Gand tem em cada manhã um invento similhante ao da costureira desterrada que eu hoje vi, e é com isso, com o modo de atar uma fita e de collocar uma flôr, que ellas dominam o homem e governam o mundo.

De mais tambem te falta o aspecto especial da alegria franceza, denunciada na *toilette*, no andar, nas maneiras, a qual alegria faz de uma multidão uma festa.

Tu és grave, escura, pesada, lugubre, e com nenhuma coisa se parece tanto o teu Passeio Publico como com o Père Lachaise.

Não tens egualmente o espirito da conversação, a expansibilidade dos sentimentos, a promptidão da critica, os ditos, os repentes, as réplicas, cujo murmurio dá aos boulevards uma athmosphera de idéas.

Não torças a tua vocação, amiga Lisboa, não queiras ser aquillo para que te não fez Deus, se te não queres tornar aleijada e monstruosa.

Com os teus recursos de espirito e de dinheiro, a vida que te convém — crê n'este conselho dedicado — é a boa vida allemã ou flamenga ou suissa.

Recolhe-te na tua casa, vive em familia. Moralisa-te e instrue-te. Preocupa-te um pouco menos com o luxo da *toilette* e pensa um pouco mais no teu conforto domestico. Procura tornar agradavel e appetecido o interior dos teus aposentos. Lembra-te que és pobre, que estás meia arruinada e que te vaes arruinando inteiramente no custeio de falsos prazeres de convenção em que finges apenas que te divertes. Não dês bailes para que não tens dinheiro nem baixella nem librés nem creados. Tambem não dês as peque-

nas *soirées* pretenciosas dos terceiros andares em que estragas o estomago com pão de ló e agua com groseilles.

Recebe na intimidade dois ou tres dos teus velhos e verdadeiros amigos, que se não riam de ti depois de te comerem os teus bolos e de enodoarem os teus tapetes; que te não obriguem a abandonar o teu cachimbo, a tirar a tua *vareuse* e a tua camisa de chita para os receberem em estado. Conversa, lê, desenha, joga, fazes musica, ceia alegremente uma fatia de vitella assada, uma talhada de paio, uma salada e uma garrafa de vinho.

Protesta contra o presente funesto do *boulevard* que a camara te promette. Se ella te quer ser agradavel, que te construa tres ou quatro *squares* na baixa, para onde vão tomar sol, luz e ar os que não teem nenhuma d'essas coisas em suas casas; para onde as pobres creanças habitando predios sem quintal, possam ir brincar e crescer ao ar livre; para onde as mulheres vão no verão para debaixo das arvores com o seu trabalho e com os seus filhos.

Que ella te faculte principalmente estas duas coisas tão indispensaveis como o ar, o solo e a luz: o alimento e o ensino.

Que te ministre a agua que te falta, não direi já para te banhares uma vez por dia, mas para lavares as tuas unhas! Que reforme os esgotos! Que te construa as tuas escolas municipaes! Que te acuda, pelas almas, com os edificios de que necessitas instantissimamente para o estabelecimento de tres lyceus para o ensino secundario gratuito, cada um d'elles com duplicado ou triplicado numero de professores do que aquelles de que dispõe o unico lyceu hoje existente, escolas sérias e gravemente organisadas, segundo os programmas do *ensino médio*, como elle se pratica hoje em toda a parte, na Allemanha, na Suissa, na Inglaterra, na França, e até na Russia!

Sem isto, ó Lisboa, tu verás extinguir-se dentro de poucos annos a raça dos teus habitantes, a qual acabará no desterro, na emigração ou no hospital,—desmoralisada, indigente ou idiota.

Em quanto a poesia:

Um facto curioso—A rapida e extraordinaria

vulgarisação que acharam nos poetas portuguezes os processos litterarios e os ideaes artisticos de Charles Baudelaire!

Averigua-se que o realismo baudelaireano está fazendo mais numerosas e mais lamentaveis victimas do que o velho romantismo de Byron, de Lamartine e de Musset.

Baudelaire, imitador do estylo humoristico americano de Egard Poe, é um mundano, um dandy, um corrupto. Tem os defeitos e as virtudes inherentes á sua violenta personalidade. Conhece todas as elegancias, todos os vicios, todos os desejos, todos os apetites, todas as perversões nervosas, todas as ulceras, todas as febres, todas as podridões modernas. Sabe os segredos do *chic*, os preceitos da moda, os effeitos da prostituição e do alcoolismo e os ultimos requintes da sensualidade e da devassidão.

A sua musa foi creada irritantemente com tubaras e com vinho de Champagne, entre o lupanar, o *tripot* e o *water closet* do boulevard. Pinta os cabellos, os beiços, as faces, e põem signaes. Dá á cabeça o aspecto de uma meada de linho côr de manteiga, ao rosto a imagem da superficie de uma taça de leite em que caissem duas moscas, á bocca a similhança de

uma circatriz. Tem tosse, meias de seda e um *coupé* de quando em quando. Deita nodoas de *foie gras* nas suas rendas de Malines. Conhece egualmente as fôfas alcatifas de Gobelins e os duros bancos da policia correccional. Joga e embebeda-se. Tem umas vezes uma paixão e outras uma doença galante. Olympica e latrinaria. Ama e furta. Tem a grande paixão e o grande vicio. É uma deusa, e é ao mesmo tempo uma ladra.

Baudelaire desculpou-se de a amar escrevendo aquelle verso:

Les charmes de l'horreur n'enivrent que les forts!

Ao qual foi feita esta parodia:

Les charmes du fumier n'enivrent que les porcs!

Baudelaire tem no emtanto o grande merito de haver creado a lingua da decadencia litteraria do segundo imperio, de ter fixado na linguagem as phosphorencias do charco, as scintillações do stylo negro. Ha estados moraes e estados pathologicos na vida do homem moderno, os quaes antes de Edgard Poe nos Estados

Unidos, de Henrique Haine na Allemanha, e de Carlos Baudelaire em França, estavam ineditos na litteratura d'estes tres paizes. Haine e Poe fizeram a lingua da tisica, da dispepsia, da nevrose e do *delirium tremens*. Baudelaire creou o idioma syphlitico do crevetismo

. · .

Em Portugal ha honestos empregados publicos, probos negociantes, pacificos chefes de familia, discretos bebedores de chá com leite e do palheto Collares destemperado com agua do Arsenal, que deliberaram seguir o genero de Baudelaire.

Como porém Baudelaire era corrupto e elles não são corruptos, como Baudelaire era um dandy e elles não são dandys, como Baudelaire viveu no boulevard dos Italianos e elles vivem na rua dos Bacalhoeiros, como Baudelaire conhecia a moda, a elegancia, o *sport* e o *demimonde* ao passo que elles apenas conhecem as popelines, as carcassas de bobinet e as cuias do sr. Marcos Maria Fernandes, costureiro na travessa de Santa Justa, o resultado é lançarem na circulação uma falsa poesia, que nem é do meio em que nasceu nem para o meio a que se

destina, e que nos faz lembrar com veneração e com saudade dos versos do sr. Eduardo Vidal, apesar de sobre estes pesarem as escolas modernas como pesam as camadas geologicas em cima dos bichos antidiluvianos.

. ˙ .

No *Diario de Noticias* lemos hoje alguns versos do genero baudelaireano, que merecem attenção por patentearem bem claramente a tendencia poetica da nova escola portugueza.

O poeta chama-se o sr. Cesario Verde, o qual achou interessante communicar-nos, por meio do referido *Diario de Noticias*, um dos casos verdadeiramente mais extraordinarios que podem assignalar a vida de um homem, a saber: ir um sugeito pela rua do Alecrim e passar uma carroagem com uma senhora dentro.

Vejamos os termos em que o poeta se exprime:

I

Eil-a! Como vae bella! Os esplendores
Do lubrico Versailles do Rei-Sol
Augmenta-os com retoques seductores.
É como o refulgir d'um arrebol
Em sedas multicôres.

Deita-se com languor no azul celeste
Do seu *landau* forrado de setim;
E os seus negros corceis que a espuma veste,
Sobem a trote a rua do Alecrim,
Velozes como a peste.

N'estas duas strophes observamos que o poeta abusa um pouco dos adornos com que veste a sua dama, já envolvendo-a em sedas multicôres, o que é de um mau gosto inadmissivel, já fazendo-a portadora dos esplendores de Versailles, d'onde é licito deduzirmos que traria á cabeça o Trianon ou que viria dentro da carroagem fazendo jogar as suas grandes aguas. Depois tem um landeau forrado de setim «azul celeste», coisa que nunca ninguem teve e que a ninguem se permitte. Os seus cavallos são pretos, o que é de saber que nenhuma mulher elegante usa senão uma vez unica — para se ir enterrar; e além d'isso vão *velozes como a peste* e cheios de espuma, o que se não soffre senão na parelha de uma tipoia em uma tarde de toiros pela calçada de Carriche.

De sorte que d'estes versos salva-se unicamente uma coisa verdadeira e sensata, que é a rua do Alecrim.

2.º

É clara como os *pós á marechala*,
E as mãos, que o *Jock Club* embalsamou,
Entre as pelles de tigres as regala;
De tigres que por ella apunhalou,
Um amante, em Bengala.

Aqui reprehende-se em primeiro logar a comparação da alvura com os *pós á marechala*, os quaes podem ser pardos, louros, encarnados, ou castanhos; em segundo logar a escolha do balsamo *Jock*, que temos por suspeito; e por ultimo o mau gosto do amante, que em vez de lhe dar um *manchon* de marta zibelina ou de raposa azul, lhe deu uma pelle de tigre, que não serve senão para capachos, obrigando a altiva bella a *regalar* as mãos na mesma coisa em que a gente embrulha os pés.

3.º

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No *trottoir*, como um doido, em convulsões,
Febril, de collarinho amarrotado,
Desejando o logar dos seus truões,
Sinistro e maltrajado.

N'esta parte um conselho: Quando um poeta é de natureza tal que ao passar por senhoras de carroagem se vê obrigado, pelo seu temperamento, pela sua veia poetica ou pelos seus principios politicos, a corcovar, a endoidecer, a ter convulsões e febre e a amarrotar os collarinhos, esse poeta é perigoso na rua do Alecrim, e deverá ir, «sinistro e mal trajado», desejar o logar dos truões e amarrotar a roupa branca para a Circumvallação.

4.°

E daria, contente e voluntario,
A minha independencia e o meu porvir,
Para ser, eu poeta solitario,
Para ser, ó princeza sem sorrir,
Teu pobre trintanario.

E eis aqui está finalmente a que uma fingida perversão leva um homem, talvez perfeitamente digno e brioso: a affirmar de si mesmo como a fina flor predilecta do ideal, que quer ser lacaio!

Fazemos á dignidade d'este joven poeta a justiça de acreditar que quebraria a sua bengala

nas costas de quem lhe attribuisse em prosa as maneiras, a *toilette*, os pensamentos e os instinctos de que elle se gloria em verso.

Tal é a deploravel influencia do crevetismo na poesia moderna representada na obra de um dos seus cultores, o sr. Cesareo Verde, ao qual sinceramente desejamos que estas modestas observações contribuam para que continue a illustrar o seu nome, tornando-se cada vez menos Verde e mais Cesareo!

Emquanto á musica:

Inauguração dos concertos classicos no salão do theatro de D. Maria.

Era uma bella idéa elevada e util. A musica é uma sensação e é tambem um sentimento. Educa o espirito e tempera poderosamente o caracter por meio da sua grande influencia no systema nervoso. A musica italiana de Bellini e Donizetti relaxa e enerva tanto como a ociosidade, como os espectaculos lubricos, como as leituras sensuaes. Da acção da musica nas origens da melancolia e do tedio far-se-hia um li-

vro subsidiario da historia da sentimentalidade moderna, aberração nevralgica, a qual produz na esphera do trabalho o desgosto e o desleixo, na comprehensão da responsabilidade a apathia, nas secretas curiosidades do espirito a anomalia e a perversão, nos dominios do sentimento as phantasias dramaticas, os apetites violentos, as fascinações do perigo, a apparição do adulterio.

Na musica a palavra classico não significa como na litteratura o apogeu da forma, a irreprehensivel correcção consagrada, em que ordinariamente se não enroupa senão a esterilidade do engenho e a indigencia das faculdades creadoras.

Na historia da musica ser classico é pertencer ao grande periodo genesetico da arte, fazer parte do grupo famoso dos creadores, cujo derradeiro representante desappareceu com a morte de Rossini. Depois d'isso a arte musical não tem feito mais do que remanejar com mais ou menos sagacidade e erudição a obra de Beethoven, de Weber, de Haydn, de Cimarosa, de Mozart.

Era por tanto um alto serviço feito á arte, á sua missão e aos seus fins, chamar a attenção e o gosto do publico corrompido na admiração do falso, do erudito, do mediocre, para a fresca

inspiração primitiva, doce, simples, innocente e forte.

.·.

Para a effectuação dos concertos classicos ha porém uma condição essencial: é a existencia dos concertistas. Requer-se, primeiro, a interpretação perfeita do espirito da composição em todos os seus promenores, em todas as suas minudentes intenções mais delicadas e mais subtis, verdadeiros artistas, em cuja intelligencia vibrem profundamente todas as susceptibilidades da paixão e do ideal. Depois, um desempenho exemplar perfeitamente egual, unanime, concorde e compacto em todas as delicadezas da expressão. Por ultimo, magnificos instrumentos, e irreprehensivel escola na maneira de os manejar. É preciso que nas rebecas e nos violoncellos o largo jogo dos arcos exprima o bello canto com o desenvolvimento vigoroso dos grandes mestres; que os dedos que ferem os teclados façam suspirar dos orgãos as notas vivas, impregnadas do fremito do talento, elegiacas, religiosas e solemnes. De maneira que o conjuncto da instrumentação não possa deixar de produzir nos ouvintes a sensação do recolhimento que ella infunde na Allemanha, onde a in-

terpretação dos trechos classicos é de tal modo genial que um simples coro entoado por alguns estudantes á mesa de uma cervejaria obriga a impallidecer os homens e a chorar as mulheres que o escutam.

A difficuldade de achar instrumentistas idoneos para o desempenho das symphonias classicas é tal que em Paris, onde no seculo passado se reuniram os mais afamados concertistas para a celebração das grandes solemnidades musicaes conhecidas pelo nome de *concerts spirituels*, Mozart não pôde fazer desempenhar com a devida perfeição uma das suas symphonias, segundo se vê em uma carta d'elle a seu pae, na qual o maestro accrescenta que fôra depois do concerto tomar um gelado ao Palais Royal e d'ahi entrara em casa para resar um rosario que tinha promettido pelo successo da sua composição.

. • .

Nos concertos inaugurados no theatro de D. Maria não cremos que nenhum dos artistas precisasse, ao sahir, de acalmar com um gelado os nervos sobrexcitados, nem que a responsabilidade do talento os houvesse levado a pedirem para a sua obra a protecção de Deus. Aquelles

senhores, cujo talento nos não propomos discutir mas aos quaes pedimos licença para dizer que falta uma coisa indispensavel, que é o som dos seus instrumentos, contentaram-se em pedir apenas para as suas pessoas a protecção do publico. Ora para o exito d'estes concertos seria preciso que o publico levasse a sua protecção aos concertistas até o ponto de ir tocar no logar d'elles. Cremos que é contar de mais com o publico esperar que chegue a esse ponto a sua dedicação ás artes.

Dá-se com a publicidade portugueza esta particularidade verdadeiramente singular: ella dissolve a seriedade de todas as coisas de que se apodera. Goethe dizia: Se a tua dôr te incommoda, faze d'ella um poema. Ha um expediente mais simples que tomar com a dôr, é entregal-a á publicidade dos jornaes: elles se encarregam de nos fazerem d'ella uma — farça.

Veja-se quanto a imprensa tem publicado a respeito de um cidadão que ultimamente falle-

ceu em Lisboa deixando na indigencia a sua familia! É lamentavel que se não saiba valer aos infelizes sem melindrar com as grosserias da *réclame* os pudores do infortunio. O processo da publicação do beneficio tem comsigo dois males: offende os desgraçados que soccorre comminando-lhes a humilhação; e offende os desgraçados que deixa no abandono infligindo-lhes o despreso.

. ˙ .

Eis aqui, d'entre muitos outros, um facto inedito:

João Maria Fernandes Braga, alferes do regimento de infanteria n.º 18 e irmão do escriptor Theophilo Braga, foi assassinado por occasião do primeiro desastre do *Tete*, do qual não houve participação official nas folhas da metropole. Uma força de trinta homens, commandada pelo alferes Braga, passava de uma fortaleza para outra em serviço do governo. Os negros surprehenderam o destacamento, e todos os soldados e o official de que elle se compunha entendendo que deviam bater-se em vez de se renderem ou fugirem, foram mortos a machado.

A viuva do alferes Braga, mãe de dois filhos, desamparada no mundo por effeito d'esta hor-

rosa catastrophe, tem debalde solicitado uma pensão em todas as estações do poder. Tem-se-lhe respondido que o governo não subvenciona senão as viuvas dos militares que servem obrigatoriamente no ultramar.

O alferes Braga pela razão de se ter offerecido voluntariamente para ir combater na Africa, onde morreu tanto mais valorosamente quanto mais ignorado e obscuro foi o seu heroismo, está — pelo facto da expontaneidade do seu valor — fóra da lei e fóra da compaixão.

.˙.

Emquanto desgraças d'estas subsistem sem remedio, o alarde de um beneficio, por mais justo e mais legitimo que elle seja, tem inconvenientes crueis. A virtude é uma coisa tão bella que é preciso que para ninguem no mundo ella offereça um aspecto desprimoroso. Ora a caridade — pensem bem n'isto as almas bemfazejas — a caridade, quando divulga o acto que pratica, perverte por tal modo o seu caracter que sendo para uns uma providencia, póde parecer para outros uma ironia.

———

Recebemos pela posta o seguinte bilhete:

«Desejo que o critico das *Farpas*, que ultimamente traduziu para o theatro de D. Maria *O marquez de Villemer*, queira ter o incommodo de informar-me se acha que seja permittido na boa sociedade de Lisboa, a uma menina tão bem educada como Mademoiselle de Saint-railles na comedia alludida, proferir a palavra *estrumes*. Espero resposta. — *Sua leitora.*»

. ˙ .

Respondemos:

«Minha leitora. — Não sei se na boa sociedade as meninas querem ou não permittir-se empregar na conversação as mais nobres palavras que tem uma lingua — as que se referem á cultura da terra e aos phenomenos da creação.

Em Caneças sei que os saloios teem n'esse ponto umas reservas cheias de pudicicia e que pedem licença previa para fallarem n'um *cavallo* ou n'um *porco*. Não posso dizer até que ponto os usos da sociedade de Caneças penetram na sociedade de Lisboa.

A minha opinião particular é: que uma menina bem educada está auctorisada a proferir

em toda a parte os nomes claros, technicos, insubstituiveis das coisas que ella tem obrigação de saber. Ora d'essas coisas, as primeiras que deve aprender uma senhora são a arte da jardinagem e a arte da cosinha — os dois principios rudimentares da grande sciencia de crear e de alimentar o homem.

Michelet, de todos os grandes pensadores modernos aquelle que mais amou as mulheres e que deu na terra o paraizo áquellas que tiveram a ventura de serem a sua mulher, a sua filha e a sua neta, concebeu a regeneração da humanidade pela educação da mulher e começou a instruil-a fazendo-a penetrar os altos segredos da natureza e da vida por meio do estudo tão moralisador e tão elevado da jardinagem e da cosinha.

O estrume é o ponto de união entre a cosinha e o jardim, os dois sagrados dominios da intelligencia da mulher superior, da esposa, da mãe, da nobre creadora, da alimentadora, da protectora sublime do homem.

O estrume é um dos factos mais interessantes e mais curiosos da grande historia profunda da terra e da natureza. É o objecto mais digno da attenção do nosso espirito.

O estrume é a historia toda da chimica, da geologia, da biologia, da botanica. O estrume, de per si só, explica-nos a grande e sublime evolução que constitue a vida nos vegetaes, nos animaes e no homem.

O estrume é a base, a origem, a condição primitiva e essencial de todas as coisas e de todos os seres sobre a superficie da terra. É o grande legado immenso, portentoso, successivamente deixado de geração em geração ao genero humano. Tudo mais desapparece diante do roer do tempo, o eterno verme. Desapparecem as obras da arte, as do talento, as das civilisações mais fortes e mais firmes. Sómente se não aniquilla, antes de dia para dia se accrescenta e se renova, o estrume, no qual lentamente se convertem todos os destroços, todas as ruinas e todos os monumentos que vae deixando em volta de si a passagem do homem.

Tudo passa.

O estrume fica eternamente.

Fica para que reverdeça a relva, para que se desdobrem os vinhedos pelas collinas, para que ondeiem as cearas pelas planicies, para que cantem as cotovias por entre as larangeiras e os lilazes, para que os rebanhos se alastrem por

baixo dos olivedos, para que as creanças continuem a rir, para que as mulheres continuem a amar, para que os homens continuem a aprender, e para que a minha leitora me dirija no bilhete mais dôce a pergunta mais extranha.

Supprimido o estrume, sossobraria o mundo.

Na vida moral o estrume é uma lição ainda mais importante do que na vida physica. O estrume explica-nos a lei moral da solidariedade universal. N'elle aprendemos que é nosso destino pertencermos fatalmente aos nossos similhantes e á grande mãe Natureza. Que a vida individual é um emprestimo divino feito pela vida universal a que eternamente pertencemos. Que a morte finalmente não é outra coisa senão a dôce restituiçao á suprema vitalidade da terra dos elementos que absorvemos d'ella.

Se todavia, apesar d'estas singelas e passageiras reflexões, que submetto á consideração da minha leitora, s. ex.ª entender que se deve abster de proferir a palavra *estrume*, fica s. ex.ª auctorisada para a substituir em todo o decurso d'estas linhas que lhe consagro, por qualquer outra que lhe pareça mais curial e mais idonea. Onde se lêr estrume, s. ex.ª poderá dizer, por exemplo: o *arrebol*, a *brisa*, a *toilette à Raba-*

gas ou a *valsa a dois tempos*. E Caneças applaudirá.

NOTA

O folheto intitulado *Compendio de leitura elementar*, ao qual nos referimos no passado numero das *Farpas*, não é approvado pela junta consultiva de instrucção publica. No frontespicio do exemplar que temos presente lê-se que a junta approvou esse compendio. É inexacto. Nos exemplares postos á venda a linha que se refere á approvação da junta acha-se pudicamente encoberta com uma tira de papel grudada na impressão.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
JP

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA
MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

3.º ANNO

Outubro de 1874

VOLUME XXIII

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1874

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

UM MASSO DE CARTAS

1.ª — Ao redactor do *Diario Illustrado*, com uma biographia litteraria de Eça de Queiroz — 2.ª — Ao sr. Fontes Pereira de Mello, ácerca do planeta Venus — 3.ª — Ao sr. Pinto Coelho, da companhia das aguas e do partido legitimista — 4.ª — A sua eminencia o Cardeal Patriarcha — 5.ª — A sua alteza a princeza D. Maria das Neves — 6.ª — Ao sr. Jayme José Ribeiro de Carvalho — 7.ª — Ao sr. D. Emilio Castellar — 8.ª — Aos srs. Quintino de Macedo e Simões Carneiro.

Meu caro sr. redactor do *Diario Illustrado*. — Acceitando com grande prazer o encargo de fornecer o artigo destinado a acompanhar no seu jornal o retrato de Eça de Queiroz, não posso deixar de lhe pedir licença para incluir no texto das *Farpas* essas linhas consagradas por mim, como o tributo mais caro do meu coração, ao mais intimo dos meus amigos, e ao mais dedi-

cado dos meus companheiros. Esta pagina pertence de direito aos espiritos benevolos affeiçoados a estes pequenos livros, em que eu e elle trabalhámos juntos por muito tempo. Para os leitores do *Diario Illustrado* o nome de Eça de Queiroz representará apenas uma celebridade sympathica; para os meus esse nome é a saudosa recordação de uma conhecida penna encantadora e insubstituivel.

Eça de Queiroz é um dos artistas em cuja obra mais claramente se patenteia a influencia do seu meio. Taine adoral-o-hia como a demonstração viva da primeira lei da critica moderna. Narrar a historia das suas relações, das suas convivencias, das suas amizades, equivale a assignalar perfeitamente a indole artistica e o caracter litterario do seu talento.

Eça de Queiroz nasceu para a litteratura no «Senaculo» de Anthero de Quental.

Os leitores portuguezes terão difficuldade em comprehender o que foi o senaculo,—tão extraordinario, tão maravilhoso, tão phenomenal, tão inexplicavel era esse poderoso centro de espirito e de estudo, de phantazia e de idéas no meio

da sociedade lisbonense, a mais incaracteristica e a mais banal do mundo.

O senaculo era uma pequena reunião de rapazes em sessão permanente em casa de Anthero. Uns passavam lá o dia. Outros iam lá ficar de noite. Todos ali tinham os melhores dos seus livros, as suas notas, as suas provisões de principios e de tabaco. Cada um d'esses homens possuia, pelo menos, uma das sciencias capitaes que constituem as bases dos conhecimentos humanos: a physica e a chimica, as mathematicas, a physiologia, o direito, a historia, a linguistica. Anthero de Quental, cabeça verdadeiramente encyclopedica, um dos mais sólidos e profundos entendimentos que tem produzido este seculo, era como a logica viva d'aquelle foco intellectual. Era ao passarem por elle, principalmente, que os phenomenos e os factos encontravam a lei da sua connexão, que os grupamentos se descriminavam, que das diversas correlações se deduziam principios geraes, que, finalmente, o systema apparecia.

O que é porém inconcebivel é a quantidade de *verve*, de argucia, de ironia, de bom humor que inundava esta academia obscura e terrivel!

Nunca em Portugal se dispendeu tanto espi-

rito, tanta phantazia, tanto poder de improvisação, tanta força humoristica, tanta veia comica.

As sessões celebravam-se pondo cada um os pés em cima da meza, á altura dos olhos, como na America. Tinha-se ao lado uma chavena de chá, o cigarro nos beiços, e era permittido a cada um desabotoar egualmente os seus paradoxos e o seu collete.

Era uma especie de *Bohemia*, se quizerem empregar ainda uma vez essa expressão antiquada. O senaculo participava effectivamente um pouco do caracter geral de todas as bohemias, mas tinha em si caracteres especiaes que o differençavam de cada uma d'aquellas que nós conhecemos. Tinha o grave e austero principio moderno do trabalho, que faltava na bohemia de Henry Murger. Tinha a alta cultura do espirito, a grande elevação do caracter, o finissimo melindre no ponto de honra, a dignidade inviolavel, que nem sempre distinguia a bohemia de Gerard de Nerval. Não tinha finalmente o rancor occulto, nem as ardentes ambições devoradoras que defecavam os typos celebres e legendarios da galeria de Balzac.

A simples chronica dos factos exprime melhor do que as definições a physionomia do senaculo.

Um dia, entre os livros novos, appareceu um poema lyrico escripto em lingua portugueza, e dedicado pelo auctor a uma joven senhora, da qual o poeta dizia no principio da obra ter recebido a inspiração dos seus versos.

O senaculo tomou conhecimento d'este livro, deu-lhe a seguinte qualificação litteraria—attentado ao pudor —, e resolveu que se cumprimentasse o auctor, procurando-o em nome da critica e quebrando-lhe uma bengala nas costas.

Occorreu porém que o livro podia ser espurio, e deliberou-se convidar o poeta a vir pessoalmente defender-se perante o senaculo do delicto que corria impresso com o seu nome, certo de que se o não fizesse, o tribunal o julgaria á revelia e á bengalada.

O poeta compareceu. Foi-lhe mostrado nas pontas de uma tenaz o instrumento do crime, brochado, com uma capa azul.

O reu olhou para a sua obra e reconheceu-a. Inquirido, o desgraçado confessou tudo. Em sua defesa adduziu apenas que o poema era a obra do seu amor, que fôra o amor que o levára ao crime.

Provou-se-lhe então que, antes de ter deixado tomar ao amor um desenvolvimento que dava

aquelles resultados, elle lhe deveria ter feito o que geralmente se faz aos calos: cortal-o. Se o reu não tinha um canivete, que o pedisse! Se o seu estado dispeptico lhe mandava á boca o amor transformado em trovas a uma senhora honesta, o logar proprio para elle depositar essa espectoração morbida não eram os prelos, eram as bacias. Se o reu não tinha em casa bacia, que a comprasse! Primeiro compram-se ás grandes civilisações as bacias; depois é que se pede aos deuses o estro!

O senaculo, comprehendendo pelos debates do processo que na torpeza de que se tratava havia prejuizo de terceiro, reconsiderou na resolução que primeiro lhe occorrera, e condemnou o criminoso a dar satisfação á moral offendida e á senhora prejudicada casando-se com a pessoa em cujo nome lançára a ignominia.

O vate objectou melancolicamente que a sua timida humildade lhe não permittiria nunca dirigir-se, para obter a mão do objecto dos seus versos, áquella que lhe dera o ser.

—Onde mora essa desgraçada senhora? disse-lhe Anthero de Quental. Eu pessoalmente a irei salvar!

E descalçando em seguida as suas chinellas,

Anthero calçou uns sapatos novos — a mais extraordinaria obra d'arte e de couro que até esse dia se fizera em Portugal, sapatos de uma grandeza egypcia, de um tamanho pharaonico, o unico monumento do seculo XIX deante do qual o mesmo Batalha Reis tremia — de admiração.

Calçados os sapatos, pegou no chapéo e dirigiu-se a casa d'aquella que dera o ser á menina ultrajada; fez-se annunciar e receber; expoz o que se passara em sua casa para desaffronta da moral, escarmento da poesia lyrica e regeneração dos costumes, e concluiu pedindo submissamente para o poeta condemnado a mão da menina offendida.

A mãe respondeu:

—Perdão, sr. Quental... O que me pede é impossivel: entre minha filha e esse idiota ha um abysmo!

Anthero retirou então um dos pés, que dissimulara para baixo do *fauteuil* em que estava sentado, e alongou-o silenciosamente para a frente, pondo-o em plena evidencia sobre o tapete.

A senhora baixou os olhos, descobriu o pé e teve um estremecimento de pasmo incomprimivel e aterrado.

— Ha um abysmo, minha senhora? Pois bem: Aqui está o meu pé para o encher.

E, erguendo-se, Anthero cortejou respeitosamente, e despediu-se com esta sentença:

— Os abysmos, minha senhora, enchem-se com os abysmos!

De outra vez discutia-se sociologia. Tinha-se fallado das fontes do direito, das origens da propriedade, do socialismo, da revolução. Tinha-se feito a analyse de todos os programmas, a critica de todos os systemas. Tinha-se arrancado ao assumpto quanto elle podia dar: factos, ideas, ditos, gargalhadas, versos alexandrinos, caricaturas, entrechos de dramas, planos de conferencias, projectos de livros dydacticos, de pamphletos revolucionarios e de libretos de opera comica. Por fim houve uma resolução pratica: pedir ao Estado a Ilha das Gallinhas e ir para lá o senaculo ensaiar fórmas de governo.

O programma era principiar pelo regimen despotico, com quatro ministros e uma forca. A forca havia de ir feita do continente, e seria experimentada no reino, na vespera da partida, e na pessoa de um facinora, que tambem se havia de pedir ao governo. Queiroz, que havia de ser

o ministro da policia, achava pouco uma força, e não respondia pelo socego publico na Ilha das Gallinhas se o não deixassem levar tambem uma grelha, em ponto grande, para frigir os philosophos, se lá os houvesse.

Além do qué, iriam tambem todos os petrechos das velhas tyrannias, sem os quaes seria impossivel estabelecer na ilha um dominio forte e perduravel. Não esqueceriam os grilhões do fanatismo para se lançarem aos povos; as gargalheiras; as algemas; a palha para o canto das masmorras; a escudella para levar o escasso comer aos condemnados, e a gota d'agua para o bem conhecido supplicio, que se havia de applicar, com grandes vantagens da religião, aos presos.

Como o pessoal do senaculo era pequeno foi indispensavel a accumulação de algumas nomeações. Assim, por exemplo, Salomão Saraga seria o ministro dos cultos e ao mesmo tempo o carrasco. Batalha Reis havia de sujeitar-se a ser o ministro do fomento e ao mesmo tempo a fazer de Povo sempre que as necessidades do fomento levassem o governo a consultar a vontade popular. A força armada e bem assim o alto clero havia de ser um sujeito que por esse tempo

chegára de Coimbra e sobre cuja longa estatura o senaculo procedera a repetidas investigações sem nunca lhe ser possivel descobrir qual d'estas duas coisas elle era — se o Eixo da Terra, se o Dedo do Infinito.

— Mas, — perguntou-se — e o tyranno quem ha de ser?

Então Quental, que andava passeando na casa, de camisa de noite, com as mãos nas algibeiras das suas pantalonas, parou defronte do candieiro e disse:

— O tyranno, bem vêem vocês, que não posso deixar de ser eu!

O ministerio, que estava já então todo organisado, e que se achava sentado á roda, em cadeiras, tremeu diante da responsabilidade terrivel de lhe dar a corôa. Se elle, depois de se apanhar com as redeas do governo, roesse a corda aos seus antigos companheiros! Ninguem por certo desconfiava d'elle no momento *a*; mas quem sabe o que elle seria no momento *b*? Quem poderia responder por aquillo em que tornaria o tigre depois de coroado, sagrado e ungido?! Não poderia a fera começar por devorar o seu proprio ministerio? não poderia muito bem Queiroz ir malhar com os ossos aci-

ma da mesma grelha que elle tão patrioticamente destinara ao espectaculo augusto da philosophia torrada? Não começaria o Eixo da Terra, na sua qualidade de força publica, a exercer as suas funcções na ilha, obedecendo servilmente a um real gesto do principe e crescendo para Batalha com a alabarda das solemnidades regias?!

Estas e outras considerações obrigaram o senaculo a não dispôr n'essa noite do throno da ilha das Gallinhas. E eis aqui está por que motivo o paiz se viu privado de saber talvez a estas horas, por meio de successivas experiencias feitas por pessoas idoneas, qual a definitiva fórma de governo que mais conviria ás necessidades publicas!

No senaculo havia um creado. Não sei em virtude de que imagem rhetorica se lhe chamava o Via Lactea.

Este homem tinha vindo das bandas de Setubal. Era forte, espesso, athletico. Tinha-se-lhe dito: «Espera-te um trabalho duro, violento, mas glorioso.» E elle, com uma grande firmeza antiga, respondera: «Estou pronto.»

O trabalho que se lhe incumbia era este: Exa-

minar attenta e vigilantemente tudo o que se passasse no Universo, e informar o senaculo.

Ora como se tinha explicado claramente ao Via Lactea que o Universo obedecia a uma evolução permanente, sendo por tanto impossivel deixar por um momento de se passar n'elle alguma coisa, era o Via Lactea obrigado a apresentar observações novas a cada pergunta que se lhe dirigisse.

Faziam-se-lhe dois inqueritos por dia, um pela manhã, outro á noite.

— Via Lactea, sentaste-te, mysterioso e sinistro, á beira do grande rio profundo da humanidade?

— Que foi que te disseram no seu confuso turbilhão as grandes correntes historicas?

— Surprehendeste por acaso o grande phenomeno genesetico, ó Via Lactea?

— Seguiste o atomo até elle se converter na molecula?

— Respondes com a tua vida e bens pelas novas theorias da organisação do cosmos?

A cada uma d'estas perguntas Via Lactea crusava no peito os seus fortes braços, fechava por um momento os olhos, concentrava-se, e dava uma resposta.

Comquanto não tivesse nada mais que fazer senão isto, o Via Lactea ao cabo de alguns mezes declarou que não podia com tanto serviço e despediu-se. Batalha deu-lhe uma gratificação pecuniaria condigna do zelo com que elle tinha observado o universo da janella da cosinha e disse-lhe:

—Adeus, Via Lactea! bom amigo! Vae! Qualquer que seja o teu destino, um dia lá nos encontraremos juntos no Pantheon da historia!

Via Lactea estava despedido e estava pago. Em rigor não tinha já obrigação de responder coisa alguma. Elle porém fez um ultimo exforço, tornou a crusar os braços, tornou a fechar os olhos e retorquiu pela derradeira vez:

—Adeus, meus senhores, até lá!

Pouco depois da partida de Via Lactea, o senaculo todo dispersava.

Os bellos dias alegres da mocidade, que marcam indelevelmente o destino e a vida do homem, terminavam para Anthero de Quental e para os seus amigos. D'estes uns casaram e voltaram á familia, outros partiram. Batalha Reis entrou no professorado. Oliveira Martins foi para Hespanha. Lobo de Moura seguiu a

carreira administrativa. Salomão Saraga casou.

É assim que a mocidade acaba... De repente, n'um dia, n'uma hora, n'um minuto, como acaba um patrimonio immenso, de que se gasta a final a ultima libra!

Eça de Queiroz foi por esse tempo para o Egypto, e fez com o conde de Resende a viagem do Oriente.

O conde de Resende era n'essa época o mais completo homem do seu mundo. Reunia no mais alto grau todas as condições que dão o brilho, a dominação, o prestigio. Tinha pouco mais de vinte annos. Pelo seu nascimento era conde, par do reino, almirante de Portugal. De si tinha um talento superior, a mais alta distincção de figura e de maneiras, uma instrucção variadissima, um grande ar frio e correcto, ligeiramente ironico. Nunca transpirava, nunca se fazia vermelho, nunca fallava alto. Amava as aventuras arriscadas, as fascinações do perigo, e comprazia-se em aventurar indifferentemente a sua fortuna ou a sua vida em lances frequentes, obscuros — sem galeria —, para seu mero recreio pessoal, com um desdem altivo, imperturbavel. — O primeiro companheiro do mundo

para acampar no deserto, para matar os chacaes á queima roupa, para enterrar as esporas n'um cavallo arabe lançado a toda a brida na planicie infinita!

Foi na sua volta do Oriente que Queiroz se encontrou comigo em Lisboa. Não tinhamos nada que fazer, nem um nem outro, e iamos uma noite passeando ao acaso, quando nos occorreu darmos á cidade alguma coisa que lêr para o outro dia. A nossa questão não era que nos mandassem as commendas de S. Thiago, nem que nos mettessem na Academia. As nossas ambições eram mais modestas, posto que, debaixo de alguns pontos de vista, mais difficeis talvez de realisar. A nossa questão era simplesmente — que nos lessem. Seria complicado de mais para o espaço de vinte e quatro horas irmos até o publico, do qual estavamos tão longe pela nossa obscuridade. Era preciso que o publico se désse um pouco o incommodo de vir, elle, um boccadinho, até nós. Tratava-se de achar um golpe, extranho, desusado, violento, que ferisse profundamente a attenção e a obrigasse a olhar para nós como sire de La Chateigneraie olhou para sire de Jarnac. Então, em acto seguido, um de nós — não me lembro qual — sentou-se a uma

meza e encheu um caderno de papel, que o *Diario de Noticias* principiou a publicar ao outro dia. Depois o que principiara passou a penna ao outro, e assim fomos escrevendo sempre, revesadamente, por espaço de dois mezes, acompanhando a publicação, e fazendo na vespera o folhetim do outro dia.

Foi d'esse modo que nasceu o *Mysterio da estrada de Cintra.*

Creio que o publico effectivamente o notou e o seguiu. O unico merecimento do livro é talvez esse, e o de algumas paginas vivas, quentes, cheias de exhuberancia, de côr e de poder de stylo, devidas a Queiroz.

Para nós ambos esse trabalho tornou-se um laço estreito e sympathico. Oh! o bom humor, o bom desleixo, a boa alegria com que nós o fizemos! O desplante, o arrojo, com que creavamos os nossos personagens mysteriosos, embuçados, com plumas nos chapeus, com longas capas alvadias, aventurosas, côr dos muros dos jardins! Os nossos trens a toda a brida com os stores fechados! os nossos naufragios! os nossos envenenamentos! os nossos homicidios! as nossas caçadas ao tigre — Santo Deus — tão perigosas! as nossas lindas mulheres loiras, apai-

xonadas, que tão poeticamente se deixavam acabar e morrer sob as nossas duras pennas de ferro!

Pobres boas raparigas... fomos feros e brutos de mais com a vossa meiga ternura... Perdoae-nos, gentis phantasmas!

Bôa Dolores! — Creio que se chamava Dolores uma d'ellas. A outra parece-me que era Luiza.—Querida Luiza! Quereis agora que vos conte porque vos matamos a ambas? Pois bem: foi para salvar a moral; foi para nos não compromettermos com a critica. Particularmente, um com o outro, tinhamos pena, e diziamos: —Coitadinhas! tende paciencia... Morreis agora sacrificadas á moral, mas havemos de escrever outro romance para vos reviver, outro romance, que se ha de publicar então em uma folha sem moral, em um periodico corrupto — com subsidio!

A's vezes succedia no decurso da nossa narrativa que um de nós recebia do outro a sua gente n'um ponto mau, como as bolas de um bilhar pegadas á tabella. Lembro-me que uma noite, ás duas horas, tive de dar o ultimo golpe de penna em um dos nossos personagens, que ia desapparecer para sempre da tela n'esse ca-

pitulo, e que Queiroz me tinha deixado ficar n'uma sala... *com alguns pregos e um martello na algibeira da sua casaca*. Era forçoso explicar de algum modo este romanesco detalhe, tão dramatico, dos pregos e do martello que o homem tinha comsigo. Queiroz estava fóra de Lisboa, em Leiria, e nada me tinha confiado ácerca do destino que se havia de dar áquella ferramenta. A minha imaginação bronca e tardia nada me suggeria senão este final tragico para o meu capitulo: *«Emfim, meus senhores e minhas senhoras, este gentleman, tão cheio de espirito, de toilette e de drama, — era carpinteiro!»*

Finalmente o personagem lá saiu de tal ou qual maneira illibado no folhetim immediato, mas o meu primeiro cabello branco nasceu-me n'essa noite.

Mais tarde interroguei Queiroz.—«Para que tinha o homem os pregos e o martello na algibeira da sua casaca? Mas elle pediu-me que não procurasse arrancar-lhe esse segredo terrivel, com o qual deseja descer á campa. Ninguem pois o saberá na terra!

Dissolvido o senaculo, Queiroz alliou-se ao grupo do nosso amigo o engenheiro João Bur-

nay, o qual vivia paredes meias comigo.

Burnay era uma personalidade acentuadissima, profundamente marcada. Tinha um odio instinctivo, intransigente, figadal, a tudo quanto era transcendente e methaphysico. O seu unico inimigo pessoal era Hegel. Abominava a emphase, a rhethorica, o convencionalismo e a *pose*, debaixo de qualquer aspecto com que ella lhe apparecesse. O seu padrão de analyse era — o resultado pratico. Aborrecia a musica de Bellini, porque o fazia pallido. Os seus maestros favoritos eram Beethowen e Mozart, o primeiro porque obrigava a pensar, o segundo porque dava a alegria e a bondade. Achava o piano, com os seus faceis effeitos harmonicos, um instrumento pretencioso, complicado, burguez. Preferia a simples melodia singela, fresca e matinal de trompa de caça. Nunca, referindo-se ás qualidades de alguem, lhes chamava—o merito. Chamava-lhes—os direitos á existencia. Estes direitos consistiam para elle na maior ou menor porção de actividade que cada homem espalha em torno de si. Os que não produziam essa actividade, na esphera pratica ou na esphera moral, tinha-os por indignos de viver. Não consentia a nenhum dos seus amigos o minimo desaccordo entre as

suas opiniões e os seus actos. Ainda mesmo quando a opinião era um gracejo, o que tinha graça para elle, o que completava o gracejo era a coherencia. Uma noite saiamos juntos do Passeio Publico; tinhamos pressa; um achou absurdo que tomassemos pela curva que faz a avenida defronte da porta. O logico seria cortar a direito pelo tanque. Burnay approvou isto, saltou á agua e saiu pela mais curta distancia entre dois pontos. Não se aborrecia nunca. Considerava o aborrecimento como um caracteristico infallivel de estupidez, e tinha da tristeza vaga e infundamentada esta definição sublime: — Uma combinação do amarello com o cheiro da alfazema. Os seus escriptores predilectos eram o americano Emmerson, o historiador Buckle e Proudhon. Não bebia nem fumava. Desenhava machinas, pintava aquarellas e montava fabricas. Possuia uma grande massa enorme de factos e de noções praticas, de dados technicos. Conhecia todas as industrias, todas as fabricações, todos os processos, todos os productos e todos os instrumentos industriaes da actividade moderna.

Queiroz respeitava-o como a um mestre. Burnay tinha-o adoptado. Aconselhava-o muito. Demonstrava-lhe que elle nunca seria um artista

positivo sem uma solida educação pratica... — Porque emfim, dizia-lhe elle, o que és tu hoje na politica? O Mazzini das salas! O que és tu nas letras? És o *Antony* do realismo!

— Isso! isso mesmo! respondia-lhe resignadamente Queiroz. Borboleteia sempre assim sobre mim, fecunda-me com o teu pollen, ó mariposa da industria!

Queiroz tinha effectivamente n'essa época, uma grande carencia de conhecimentos praticos. Um dia, no Minho, Camillo Castello-Branco tinha-lhe dado mel. Elle ficou pasmado de que o mel existisse. Tinha sempre considerado o mel, que nunca provara senão nas odes do sr. Vidal, como uma imagem rhetorica, creada por Lucrecio, e que Plinio adoptara como mera ficção poetica, curiosa para os naturalistas.

Os amigos de Burnay eram o complemento das suas virtudes e a confirmação das suas idéas. Os mais assiduos em casa d'elle eram Diogo de Macedo, engenheiro florestal da escola de Nancy e Carneiro de Andrade, da Escola de minas de Paris.

Carneiro de Andrade vivia extremamente affastado da circulação de Lisboa porque se tinha por incompativel com alguns dos usos, dos cos-

tumes e das instituições indigenas. Uma das suas grandes aversões eram os patacos. O pataco para Carneiro de Andrade era um symbolo nacional, em que se reuniam as propriedades de tudo quanto ha mau na terra: grosso como a brutalidade, espesso como a estupidez, sordido como o vicio, pesado como o remorso, venenoso como a calumnia, falso como a traição! O paiz que adoptava uma tal moeda estava na opinião d'elle julgado para a historia. Coherente com a sua opinião, como todo o amigo intimo de Burnay, Carneiro de Andrade sempre que tinha patacos, pegava-lhes com um papel e deitava-os fóra.

Diogo de Macedo era um colosso de bondade. A sua alma era tão grande como a sua estatura, e a sua generosidade era maior do que elle. Ninguem foi nunca mais dedicado ás suas affeições nem mais fiel aos seus amigos. Se a amisade o atraiçoava ou o retribuia com a ingratidão, elle vingava-se dos seus amigos tornando-se irascivel e intratavel com o genero humano. Encontrei-o de uma vez em uma d'essas sombrias disposições da sua alma. Tinha-se mettido n'uma trapeira. Pela manhã entrava-lhe no quarto um aguadeiro, e despejava-lhe um bar-

ril d'agua pela cabeça abaixo: era a sua *toilette*. Quando tinha fome comprava um pão e comia-o. De quando em quando descia da trapeira ao povoado, com um largo chapeu carregado nos olhos, embuçado n'uma capa. Uma noite atravessava assim comigo o Rocio. Adeante d'elle um homem disse uma insolencia a uma mulher que passava, Diogo agarrou-o pelas costas, suspendeu-o no ar e atirou com elle a quatro passos de distancia, de bruços, acima do macadam. Com este portentoso vigor muscular tinha uma actividade intellectual que lhe permittia trabalhar no gabinete nove horas por dia. Nunca trabalhava menos.

Taes eram os amigos de Eça de Queiroz e tambem os meus. Que elles me perdoem o ter citado os seus nomes! Eu não poderia sem isso fazer sentir este principio: a profunda influencia que teem na educação do espirito e do caracter as intimidades da convivencia.

Queiroz, possuindo os germens de todas as qualidades do caracter e de todos os poderes do espirito, teve a sorte feliz de encontrar constantemente no mundo o meio mais apropriado ao seu desenvolvimento. Em cada uma das suas re-

lações cultivou alguma das suas forças. Dos amigos que lhe conheci só um—o que escreve estas linhas—lhe foi inutil. De todos os outros ganhou a fecundação de algum dos seus nativos merecimentos. Uns tinham a veia, a inspiração, a faisca. Outros eram o melhor e o mais alto exemplo da honra, do valor, da abnegação, da coragem. Aquelles possuiam a comprehensão da natureza, o systema do mundo physico e o systema do mundo moral. Estes tinham a sciencia das coisas praticas, o conhecimento dos homens, da sociedade e da vida. Todos elles offereciam uma physionomia distincta, fortemente assignalada, superior.

Conhecel-os era sair da vulgaridade, salvar-se da rotina, escapar-se ao contagio das coisas rasteiras, emancipar-se para sempre do genero commum, que inspira as magnificencias reles, as pompas sujas, as magestades pelintras.

Como escriptor Eça de Queiroz encheu a sua palleta das tintas mais variadas.

Creou a fonte dos effeitos mais encontrados, dos tons mais novos, mais originaes, mais imprevistos.

Dotou-se de variadissimos conhecimentos adquiridos não tanto nos livros como nas viagens,

nas conversações, nos accidentes de uma vida violentamente lançada ao encontro de todas as curiosidades do espirito e do sentimento, de todas as commoções da alma, de todas as sensações dos nervos.

Uma vez solto na pagina, o seu pensamento percorre todos os dominios da idéa. Sobe a todos os pontos de vista que dominam o seu assumpto. Encara-o por todos os lados, revolve-o em todos os sentidos, fere-o em todos os aspectos. Salta rapidamente de um extremo ao extremo opposto da questão. Divinisa-a por umas razões, e esbofeteia-a por outras. Veste a sua idéa de brocado, cobre-a de joias, unge-a de perfumes delicados, põe-lhe um diadema na fronte; depois dá-lhe uma palmada nas costas e tira-lhe um ovo da bocca; bate-lhe no alto da cabeça e puxa-lhe uma fita do nariz; depois leva-a comsigo, pelo macadam, em berlinda de grande gala, ou montada n'um dromedario branco, ou simplesmente arrastada por uma corda, de rojo pelos passeios, limpando a lama. Por fim engasta-a em oiro e craveja-a de diamantes; ou dá-lhe um pontapé e sepulta-a n'uma sargeta.

Tem a viva imaginação de um phantasista, a meiga sensibilidade terna de um poeta e a fria

analyse implacavel de um realista e de um critico.

D'esta triplice disposição, d'este triplo poder resulta a sua extraordinaria aptidão de humorista.

No seu stylo, de uma claresa e de uma concisão perfeitamente franceza, descobre-se a tendencia germanica para a jovialidade violenta e para a melancolia profunda, sombria, spleenatica como a de Henrique Heyne e de Carlyle.

Lede-o. No meio de um texto revolto, aspero, cheio de aggressivos epygrammas e de mordentes facecias, o fundo do quadro rompe-se repentinamente, ha uma inundação de azul, e, ao longe, um recanto de dôce paizagem apparece, tranquillo e sereno, d'uma idealidade ineffavel!

Outras vezes, n'uma pagina elegiaca, pathetica, um trovão estala, uma figura grutesca surge como um espantalho sinistro á luz instantanea do relampago, e os olhos deslumbrados vêem, entre a escuridão, uma coisa estranha, como um clown enforcado n'um estadulho, que oscilla na tempestade tenebrosa.

O stylo de Eça de Queiroz não mostra somente dispor de todas as cores; parece tambem usar de todos os ingredientes. Ha trechos d'elle

que diriamos feitos com sangue, com lagrimas, com perolas liquidas, com enxurro, com ouro, com lama e com pó de brilhantes. E' o processo humoristico.

Vós outros, meus caros homens de espirito, tendes infinita graça por certo,—immensa graça bôa, legitima, portugueza, perfeitamente correcta, perfeitamente litteraria, tudo quanto quizerdes bom, magnifico, optimo,—mas o *humour* o bom *humour*, aquillo que realmente se chama o *humour* vós não o tendes. Teem-vos dito que sois humoristas? Isso é que quem vol-o diz conhece tanto o *humour* como o *humour* vos conhece a vós. Não, não sois humoristas. O humorista é Eça de Queiroz.

Não o sois vós porque vos falta a faculdade de crear as grandes violencias que se tiram dos grandes contrastes. Porque não sabeis pôr a tinta que ri ao pé da tinta que chora. Não sabeis dar as grandes gargalhadas convulsas, que soluçam, como quem vae morrer. Não sabeis fazer a sorte difficil, que é a do polichinello pintado a alvaiade, com uma enorme bocca de vermelhão, com uma corcunda e uma pansa, que se accocora, que guincha, que se rebola no chão, e, de repente vos faz uma visagem—que é tra-

gedia — que vos supita o riso e vos gela o sangue nas veias. Isto — vós — não o sabeis fazer. Quem sabe isto é elle.

A primeira condição do humorismo é a grande qualidade de escriptor que tem Eça de Queiroz: a despreocupação absoluta do applauso, o mais completo despreso da galeria. Quem governa é a arte. A galeria applaude ou reprova, é o seu direito... Mas não manda nada.

Ora a maior parte dos homens de espirito em Portugal teem o defeito opposto a essa virtude. Teem medo á galeria, e—meu Deus—não querem comprometter-se...

Não querem comprometter-se, em primeiro logar, com a grammatica. E conhece-se-lhes isso de mais, porque se lhes vêem as guitas com que elles amarram os regimes aos verbos, como os vendedores de louça prendem as tampas ás azas dos bules — para se não trocarem.

Pois bem! tendes ahi algum verbo que esteja de quarentena nos lexicons por ser de origem franceza? tendes meia duzia de neologismos? dois ou tres adjectivos que vos não sirvam? um adverbio que queiraes deitar fóra? Tendes, para virgular, tres *dois pontos* e dois *riscos?* ...Não é preciso mais nada! Dae-lhe isso a elle. Vereis

essa pitada de lixo despresado doirar-se como uma abelha, crear azas, bolir-se, erguer-se no espaço, zumbir, morder, resplandecer, cantar ao sol!

Vós tambem não quereis compromettter-vos com o publico. Assim, as opiniões que lhe daes não são propriamente as que vós mesmos fazeis, são as que imaginaes que o publico fez. O publico—já se vê—applaude-vos muito, e cada um dos vossos leitores accrescenta ao fim dos vossos artigos: — E dois!

Sómente, para estes resultados, acho eu que poderiamos talvez deixar inteiramente de escrever, sem se perder por isso grande coisa. Poderiamos mesmo começar a abster-nos de conversar. Bastaria para as exigencias da nossa vida correlativa que olhassemos uns para os outros, e que pensassemos por dentro: — Ora cá vamos nós todos de accordo, por ahi fóra! na bella harmonia!

Nos escriptos de Eça de Queiroz sente-se a propensão adversa ao vosso amor da concordia.

E'-lhe preciso que a sua opinião lhe pertença e que se não confunda por nenhum modo com a opinião dos outros. Que a opinião do publico seja inteiramente a opinião contraria á d'elle,

isso sim! Isso entende-se! Resta saber qual d'ellas será melhor. E' o que se vae vêr... Então, um sorriso, um cumprimento, um aperto de mão, — e em guarda!

Ha uma prosa que vem collocar-se á noite á cabeceira da cama do publico, que lhe puxa para as orelhas o barrete de dormir, que o aconchega e que lhe diz assim:

— Então, Lulu, não queres ainda nanar? N'esse caso vou contar-te uma historia. A menos que não estimes mais que te coce a cabeça!

E o publico, com os olhos quasi fechados, responde-lhe:

— Pois sim, prosa, mas olha, já que és tão boa, vê se fazes as duas coisas: conta e coça!

Esta não é a prosa de Eça de Queiroz. Não é precisamente para fazer adormecer o seu homem, por mais uma noite, em cima de uma velha idéa, que elle se dirige ao leitor. O seu fim não é adormecel-o, é accordal-o. E que o leitor o discuta, que o raciocine! Que o leitor estremunhado tire a sua idéa velha debaixo do travesseiro, e que lhe atire com ella! Que se irrite, que perca o amor ao somno, que lhe appeteça um assalto, e que o leitor acabe emfim por lhe dizer:

— Espera que eu te respondo já! assim o queres, assim o tenhas... Um florete, e á brecha!

Estas e outras razões fazem com que elle não seja em Lisboa um escriptor popular, e impedem-o de o vir a ser nunca. O publico nunca o ha de incluir entre as suas affeições consagradas. Ha de estimal-o, mas com uma dedicação reservada e secreta, como a das mulheres que não querem ser vistas mas que a dada hora vão a uma janella e seguem pensativamente, de traz de uma gelosia, a figura de certo homem que passa: todos lhe dizem mal d'elle, as suas amigas todas detestam-o, ella porém — sem a si mesma se atrever a confessal-o — ella, sósinha, sem ninguem mais no mundo o saber, ella... ama-o.

As outras razões que impopularisam o meu antigo collaborador, são estas: ter apparencia, ter a linha, ter o ar, e — sobretudo — ter a toilette. Quatro pobres e inoffensivas jaquetas de manhã feitas em casa de Pool, me'a duzia de gravatas compradas em Piccadilly e uma bengala do boulevard des Capucines, fazem em Lisboa mais damno á reputação de um homem do que uma biographia de indignidades e de bai-

xezas. Reage ainda contra a importação d'estes costumes estranhos a nossa educação patria, sobre a qual no principio d'este seculo pezavam como instituições publicas o briche enodoado da côrte do sr. D. João VI e o burel sebento dos frades.

De resto é o que succede em todas as sociedades mesquinhas e pobres. Michelet conta nas *Guerras da Religião* que um dos grandes obstaculos á propaganda da Reforma foi a toilette dos lutheranos e principalmente os collarinhos dos huguenotes. Estes collarinhos, de um aspecto superiormente distincto e aristocratico, eram o alvo dos rancores geraes em uma epocha em que tinha chegado ao seu maior auge em Paris a popularidade piolhosa dos Capetos realçada pelo sebo hispanhol importado da Peninsula por Santo Ignacio.

Apezar d'isto os homens de fantasia e de gosto não poderam em nenhum tempo abster-se da preoccupação do vestuario. O vestuario é a expressão graphica, pessoal, de uma philosophia pouco estudada. No *Sartor resartus*, de Carlyle prova-se como o puritanismo se fixou na Inglaterra por effeito da lembrança que Fox teve de mandar fazer um calção de couro.

Sabe-se a que extraordinario requinte levavam o cuidado das suas pessoas e o esmero dos seus vestidos Edgard Poe, Charles Baudelaire, Alexandre Dumas, que durante a sua mocidade punha uma toilette por dia, Victor Hugo, que aos 70 annos de idade ia ás sessões parlamentares da assembléa constituinte de calças á hussard, camisola encarnada e um kepi na cabeça. Conhece-se o celebre *foulard* e a *Saute-en-barque* de veludo predilecta de Alphonse Karr, e o legendario dandysmo do grande Balzac, que chegou a deitar um collete vermelho, que fazia febre a madame de Girardin!

Fazer febre, não ás mulheres que nos estimam, mas á critica de uma litteratura por meio de um collete ou de uma gravata, isso é que só em Portugal se vê. Julgará a critica portugueza que ha no mundo algum homem que se vista para lhe parecer bem a ella, para que ella o ache feio ou bonito!... Oh! não. Querida critica... não.

O que escreve estas linhas é insuspeito em similhantes materias. Eu, meus senhores, estou inteiramente fóra das regiões da elegancia. Eu sou um pobre diabo de artista, ao qual quem menos casacas talha n'este mundo é o seu algibebe. Aqui teem esta quinzena que eu trago

vestida, a qual fez já oito annos e que eu considero ainda para todos os effeitos da sua vida futura como se ella estivesse ainda nas fachas da infancia e acabasse de soltar n'este momento o seu primeiro vagido! Ainda este verão, no mesmo dia em que um jornalista desoccupado insistia em me lançar em rosto pela centesima vez o exaggero dos meus vestidos, um homem era visto, com geral estupefacção das massas, atravessar a cidade com umas unicas e restrictas calças de flanella e uma unica e extreme camisa de chita. Quereis saber quem era esse homem? Era este vosso servo, meus senhores. Ó criticos! que menos querereis vós conceder-me para cobrir a minha nudez do que umas calças e uma camisa? Se quereis menos alguma coisa, dizei-o. Pedi licença á policia, e dizei-o! Já agora, não podendo fazer comvosco uma reputação escrevendo, estou resolvido a alcançar uma perante a vossa consideração — despindo-me. O meu unico sonho hoje em dia é este: — a gloria, e — se m'o não levardes a mal — uma folha de vinha!

Illustrissimo e excellentissimo senhor Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, presidente do conselho de ministros. — Para o dia 8 de dezembro do corrente anno de 1874 annuncia-se, como vossa excellencia sabe, um phenomeno astronomico da mais alta importancia para a sciencia — a passagem do planeta Venus pelo disco do sol. Da rigorosa observação d'esse phenomeno depende o poder a astronomia moderna determinar com a maxima aproximação a distancia da terra ao sol, isto é: uma das mais importantes noções do systema planetario.

Este problema da parallaxe solar, excellentissimo senhor, tem sido o objecto dos estudos incessantes e da attenção ininterrompida de todos os astronomos d'este seculo e do seculo passado.

As observações da passagem de Venus pelo disco do sol feitas em 1739, 1761 e 1769 ministraram importantes fundamentos para o estudo d'essa questão celeste, mas não chegaram a resolvel-a senão de um modo imperfeito e discordante.

A physica e a analyse spectral não resolveram ainda esta questão. Entre as parallaxes deduzidas da rapidez da luz e das perturbações dos

planetas por Encke e por Le Verrier ha uma differença de um milhão duzentas e sessenta e uma leguas. As experiencias recentemente feitas por Cornu com a roda dentada de Fizeau parece darem grandes probabilidades de precisão á parallaxe 8/ 86 achada por Foucault com o espelho girante, e por Le Verrier. A observação da passagem de Venus é destinada a confirmar ou a refutar estes resultados.

O estado da sciencia no presente seculo, os grandes progressos que tem feito a meteorologia nos ultimos annos, o desenvolvimento que tem tido a optica, as prodigiosas conquistas que tem alcançado a photographia, a heliographia e todos os processos scientificos que teem por base a applicação da luz, a invenção e o perfeito fabrico de muitos instrumentos desconhecidos dos sabios que precederam a geração actual, todos estes novos elementos de experiencia e de exame predizem que das parallaxes deduzidas das observações que se vão fazer do phenomeno da passagem do planeta Venus pelo disco solar resultará a posse de um dos mais importantes conhecimentos a que póde aspirar o saber humano.

Vossa excellencia sabe melhor do que eu

como os governos de todo o mundo civilisado teem auxiliado os exforços da sciencia para a solução do problema de que se trata.

A Inglaterra vota vinte mil libras esterlinas para as despezas de seis expedições que hão de observar o phenomeno em seis estações diversas, e encarrega ainda a uma das suas corvetas uma observação no alto mar.

A França, apesar dos seus recentes e profundos desastres, essa bella e adorada patria do espirito universal, a extremosa mãe do direito e da liberdade, vota um milhão de francos para as despezas das expedições dos seus astronomos á India.

Os Estados Unidos applicam a esse capitulo orçamental cento e cincoenta mil dollars.

A Russia põe á disposição dos seus sabios toda a somma precisa para que o transito de Venus se observe nas mais perfeitas condições da sciencia sem dar limite nenhum a essa despeza nacional.

Em Portugal a Academia real das sciencias de Lisboa,—em cujo gremio por um capricho do acaso que me abstenho de explicar se acham mathematicos e astronomos que teriam uma qualificação distincta entre os sabios de qualquer

parte — solicita do governo em que vossa excellencia é presidente do conselho de ministros um pequeno subsidio para occorrer ás despezas de uma expedição astronomica a Macau. Para este fim elegem-se os observadores, procede-se ao estudo dos instrumentos, examinam-se os telescopios parallaticos que existem nos observatorios do paiz, acha-se o meio mais economico de construir um photoheliographo, iniciam-se os trabalhos previos das observações directas e photographicas, interrogam-se os primeiros constructores de instrumentos opticos, consultam-se os primeiros astronomos, faz-se um orçamento, o sr. Latino Coelho, secretario da classe de sciencias physicas e mathematicas, redige a exposição mais clara e mais eloquente d'estes trabalhos e d'estes projectos, e envia-se a consulta e o orçamento da Academia ao governo de sua magestade.

A quantia orçada pela Academia para estas despezas era, como v. ex.ª sabe, de nove contos de réis! Nove contos de réis, ex.mo sr., para todos os gastos de uma expedição astronomica! Era quasi humilhante pedir tão pouco. Cincoenta contos dá o governo dos Estados Unidos por uma simples e unica lente que se está fa-

bricando agora em Cambridge e que servirá para um telescopio que tem de ser instalado na Sierra Nevada !

O governo de sua magestade accede aos votos da academia e felicita-se de que a sciencia portugueza tenha cultores tão assiduos e disvelados.

Depois occorrem incidentes, trocam-se explicações, as pennas dos amanuenses rangem sobre o papel dos officios. Por fim o governo de sua magestade expede uma portaria em que se participa á Academia que o governo não subsidia a expedição astronomica a Macau pelo motivo de se não julgar habilitado para fazer despezas que não foram sanccionadas pela approvação previa das côrtes.

Em vista de tal solução que malograva a expedição astronomica portugueza, os nossos astronomos accenderam os seus charutos, metteram as mãos nas algibeiras e vieram fumar para o Chiado.

O caso não produziu a menor impressão no paiz. Os mesmos periodicos de opposição não tiveram na qualificação d'este facto uma palavra de censura para o ministerio de vossa excellencia. A cidade ficou impassivel.

Os trabalhos eleitoraes nos diversos circulos do reino prosegaiam em paz, os srs. correios de secretaria cavalgando atraz dos *coupés* dos srs. ministros attestavam que as instituições liberaes continuavam a trotar; o sr. barão do Zezere passeava as ruas trazendo debaixo do braço a ordem... de baleia; suas magestades e altezas passavam sem novidade em sua importante saude: e na rua da Prata havia dobrada com hervilhas.

Todos nos sentiamos felizes com este prospero estado das coisas. Que nos importava a nós, os lusos, que o sol estivesse alguns milhões de kilometros mais perto ou mais longe do planeta que temos a melancolia de habitar? Um povo livre não tem nada com os actos da vida privada de um astro, ao qual a carta mantem o direito de estabelecer o seu domicilio politico onde lhe parecer.

Tal é, illustrissimo e excellentissimo senhor, com relação á parallaxe solar a opinião convicta e profunda da grande maioria d'este paiz sublime e magnanimo.

Essa porém não póde ser por nenhum modo a opinião de vossa excellencia ácerca de simi-

lhante assumpto. Vossa excellencia é um espirito esclarecido e honesto, é sobretudo um caracter coherente, logico, honradamente definido.

Se as *Farpas* tivessem uma politica, e se esta politica, para honra e proveito d'aquelle que as escreve, tivesse a inestimavel fortuna de ser a politica conservadora, nós escolheriamos entre todos os partidos portuguezes o partido de que vossa excellencia é chefe.

Vossa excellencia sabe como em todas as sociedades modernas o espirito da politica se allia estreitamente com o espirito da sciencia a ponto de não poder já hoje presistir sem elle. Todo o homem que tem actualmente uma qualificação na politica ha de ter por força uma qualificação parallela na sciencia. Vossa excellencia, por exemplo, é um hegeliano.

Pela sua politica vossa excellencia está com a escola historica da Allemanha. Não acceitando a *revolução*, vossa excellencia consagra no movimento da civilisação e do progresso o principio da *evolução*, no qual, segundo Hegel, cada momento é a manifestação completa da idéa e cada homem um elemento passivo da nação. A politica de vossa excellencia oppõe á vontade

precipitada dos homens a força lenta das coisas. É a base da theoria conservadora.

Ora esse systema na politica é o determinismo na metaphysica.

Sim, excellentissimo senhor. conservador na politica, vossa excellencia não pode exhimir-se a acceitar na sciencia esta cathegoria: vossa excellencia é um metaphysico.

Segundo a classificação gerarchica dos desenvolvimentos do espirito, fixada por Augusto Comte, cujo nome, certamente tão antipathico a vossa excellencia como ao seu correligionario o sr. visconde de Algés, eu peço licença para citar, vossa excellencia, como estadista metaphysico não está na phase culminante da philosophia, mas sahiu já da primordial phase theologica em que se achavam os estadistas do tempo do sr. D Miguel de Bragança e em que se acham ainda algumas outras intelligencias actuaes.

Monarchico, auctoritario, militarista, vossa excellencia reconhece o direito da força. Reconhecer o direito da força é affirmar o direito da intelligencia. Do poder do rei na ordem politica é corollario o poder do genio na ordem moral. D'aqui a necessidade logica de honrarem o talento os que defendem as monarchias. Como

porém a força dada ao talento pode aberrar e lançar os espiritos na rebellião, conveiu-se geralmente em instituir nos paizes monarchicos o talento official, isto é a supremacia intellectual representada pelas academias. Sempre que o espirito monarchico se colloca em divergencia com o espirito academico temos o conflicto ou, quando menos, o contrasenso no Estado.

Tal é, resumidamente exposta, a razão porque vossa excellencia não podia ter como homem politico, a respeito da representação dirigida ao governo pela Academia das Sciencias, a mesma indifferença manifestada pela maioria do publico.

Emquanto ao objecto especial da representação academica, vossa excellencia não está egualmente no caso em que se acha a ignorancia geral. Vossa excellencia conhece o importante papel que a astronomia representa na historia do espirito humano desde Galileu até os nossos dias.

É á astronomia que o homem deve os seus maiores e mais brilhantes triumphos sobre as fatalidades da natureza, a comprehensão do universo e a emancipação da intelligencia perante a arbitrariedade theologica.

Quando a meteorologia, que já hoje prevê muitos dos phenomenos athmosphericos, chegar, como é permittido esperar, a poder prophetisal-os todos, quando ella, que já agora decreta as phases da lua, as marés, os eclypses, chegar pelo estudo das leis dos ventos e das pressões atmosphericas, pelas estatisticas meteorologicas de todo o mundo, pelo magnetismo terrestre, pelo aspecto das manchas do sol e pela applicação da telegraphia á temperatura, a decretar egualmente com larga antecipação os estados athmosphericos, as trovoadas, as chuvas e os cyclones, então o terror como elemento religioso extinguir-se-ha nas profundidades do céo, assim como a tyrannia, a velha alliada do medo, acabará de desapparecer da face da terra.

Como é pois, excellentissimo senhor, que vossa excellencia pode negar á astronomia portugueza, representada pela classe das sciencias mathematicas da Academia Real das Sciencias — o que a nação tem de mais grave, de mais auctorisado e de mais sério —, o subsidio tão modico de nove contos de reis para que se mande a Macau uma expedição scientifica obser-

var o phenomeno mais interessante para a sciencia?

Ainda quando da expedição astronomica não resultasse o minimo lucro para os conhecimentos humanos, não era esta uma occasião, que se não repetirá tão cedo, de vossa excellencia affirmar o seu desejo de fazer manifestar ao paiz diante do mundo civilisado a posse do elemento em que hoje se basea a importancia historica e a importancia politica das nações—o seu espirito scientifico?

Este acto, um dos que mais honrosamente distinguiria a sua administração, porque é que vossa excellencia o não pratica? Porque as côrtes não votaram a ridicula quantia de que se tracta, e a carta manda que sejam consultadas as cortes!

Oh! permitta-me vossa excellencia que eu lhe supplique que se não importe com a carta. Fica-lhe bem, a vossa excellencia, trahir a carta, ser-lhe infiel. As infidelidades dos homens de espirito aos seres amados estão nos costumes, e a sociedade absolve-as. Atraiçoar a carta pela razão é de um bom gosto perfeito. Além de que, vossa excellencia—faço esta justiça ao seu espirito, á sua educação, aos seus habitos — vossa

excellencia não pode amar a carta. A sua união com ella é de conveniencia, é de razão, não pode ser de amor. Pobre carta! Ella é, como miss Cora Pearl, uma deidade velha e uma cançada virtude equivoca. Teve amantes que se arruinaram por ella quando ella era moça e bella, hoje é ella que se arruina pelos seus amantes. Os homens da elevação de vossa excellencia, frequentam-a, mas despresam-a. Ella é a suprema lei do estado? Sim, para o estado. Para o individuo ha uma coisa superior á carta: é a sua consciencia. Ora é ao individuo que nós nos dirigimos. É um acto do poder pessoal o que pedimos a vossa excellencia. Ha uma arbitrariedade chamada a *razão de estado*. É pouco isto. É preciso que haja uma outra chamada a *razão de sciencia*. É em nome d'esta razão que nós imploramos de vossa excellencia a subvenção requerida pela Academia das Sciencias, e que a expedição astronomica a Macau se realise independente da sancção das cortes á despeza em que ella importar.

É a sciencia, excellentissimo senhor, é a sciencia da qual hoje depende a affirmação definitiva dos direitos e dos destinos dos povos, é a sciencia, que vossa excellencia de nenhum

modo pode coarctar e que todavia pode em certo modo ter a honra e a gloria de influir, é a sciencia universal e omnipotente, que espera de vossa excellencia o acto de adhesão que certamente lhe está suggerindo a sua capacidade e a sua consciencia.

Que, collocado por esta conjunctura entre o espirito constitucional e o espirito scientifico, a historia não veja que vossa excellencia prefere ao saber o Acto Addicional, e que um certo dia, que ficará memoravel na sua biographia, vossa excellencia passou, calcando-os, por cima de Aristarcho de Samos, de Galileu, de Newton, de Kepler e de Laplace, unicamente para ir receber do sr. Melicio—supremo juiz d'este certame perante a opinião constitucional—um beijo doce, mas perfido!

Deus guarde a vossa excellencia, illustrissimo e excellentissimo senhor Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Ill.^mo e ex.^mo sr. Pinto Coelho, digno director da companhia das aguas e digno membro do partido legitimista.

Dois factos, egualmente graves e egualmente importantes para mim, me levam a dirigir a v. ex.ª estas humildes regras: o primeiro é a tomada de Cuenca e as ultimas victorias das forças carlistas sobre as tropas republicanas em Hispanha; o segundo é a falta de agua na minha cosinha e no meu quarto de banho.

Abundarem os carlistas e escacearem as aguas — eis uma coincidencia historica que deve commover duplamente uma alma sobre a qual pesa, como na de v. ex.ª, a responsabilidade da canalisação e a do direito divino.

Se eu tiver a fortuna de exacerbar até ás lagrimas a justa commoção de v. ex.ª, que eu interponha o meu contador, excellentissimo senhor! que eu o interponha nas relações da sensibilidade de v. ex.ª com o mundo externo! e que essas lagrimas bemditas do industrial e do politico caiam na minha banheira!

E pago este tributo aos nossos affectos, fallemos um pouco, se v. ex.ª o permitte, dos nossos contractos.

Em virtude de um escripto devidamente firmado por v. ex.ª e por mim, temos nós — um para com o outro — um certo numero de direitos e de encargos.

Eu obriguei-me para com v. ex.ª a pagar a despeza de uma encanação, o aluguel de um contador e o preço da agua que consumisse. V. ex.ª pela sua parte obrigou-se para comigo a fornecer-me a agua do meu consumo. V. ex.ª fornecia, eu pagava. Faltamos evidentemente á fé d'este contracto: eu se não pagar, v. ex.ª se não fornecer.

Se eu não pagar v. ex.ª faz isto: corta-me a canalisação.

Quando v. ex.ª não fornecer o que hei de eu fazer, ex.^{mo} sr.?

É evidente que, para que o nosso contracto não seja inteiramente leonino, eu preciso no caso analogo áquelle em que v. ex.ª me cortaria a mim a canalisação, de cortar alguma coisa a v. ex.ª... Oh! e hei de cortar-lh'a!

Eu não peço indemnisações pela perda que estou soffrendo, eu não peço contas, eu não peço explicações, eu chego a nem sequer pedir agua! Não quero pôr em difficuldades a companhia, não quero causar-lhe desgostos nem prejuizos! Quero apenas esta pequena desaffronta bem simples e bem rasoavel perante o direito e a justiça distribuitiva:—quero cortar uma coisa a v. ex.ª

Rogo-lhe, ex.^{mo} sr., a especial fineza de me

dizer immediatamente, peremptoriamente, sem evasivas nem tergiversações, qual é a coisa que no mais santo uso do meu pleno direito, eu posso cortar a v. ex.ª

Tenho a honra de ser

De v. ex.ª

Com muita consideração e com umas tesouras

Servo submisso.

Excellentissimo e eminentissimo sr. Cardeal Patriarcha. — Em uma das egrejas de Lisboa um sacerdote disse ultimamente, no meio de uma pratica evangelica, que Victor Hugo havia sido excommungado pelo Summo Pontifice, que os seus livros estavam no Index Expurgatorio e que todo o fiel que os lesse, os comprasse ou os possuisse, estava por esse facto incurso nas penas canonicas. Uma senhora, que ouviu a pratica alludida, referiu ao seu confessor que possuia os livros condemnados, e consultou-o ácerca do destino que lhes devia dar. O confessor opinou que a penitente queimasse os livros. Ella queimou-os.

Eis, eminentissimo senhor, o facto que eu tenho a honra de trazer ao conhecimento de vossa excellencia, pedindo venia para o acompanhar de alguns breves commentarios.

Em materia religiosa o estado dos espiritos em Portugal é o seguinte: As mulheres são devotas. Por varias razões. Umas por educação, outras por inclinação mystica, outras por sensibilidade nervosa, algumas por medo, o resto por moda.

Os homens, em geral, são indifferentes. Uns por simples atonia do espirito, irreflexão, frivolidade, descaso de todas as coisas superiores e elevadas; outros por systema partidario, odio ultra liberal aos padres, opposição economica ás irmandades, ás confrarias religiosas, ás corporações de mão morta; um pequeno numero por convicção philosophica; o resto por carencia absoluta de convicções e de crenças de qualquer natureza e de qualquer especie.

A comprehensão do ente supremo, a idéa de Deus como nucleo da vida moral ou como foco dos destinos eternos, essa é inteiramente alheia ao que nós chamamos geralmente em Portugal a devoção ou a indifferença.

Para a parte da christandade sujeita ao baculo de vossa eminencia Deus é como um elemento que os mathematicos chamariam perecivel, um valor que não entra no calculo se não de um modo contingente e transitorio. É um personagem figurado e rhetorico, uma convenção official, uma especie de soberano que reina mas não governa, que tem a sua côrte, a sua aristocracia, os seus ministros responsaveis, os seus aulicos, os seus rebeldes, os seus intrigantes, os seus espiões, os seus chefes de policia.

Suppõe-se que foi Elle quem organisou e poz em movimento todo este maquinismo, fez o seu discurso da corôa, e encerrou-se em palacio.

Quem tem que requerer, que expôr, que interrogar, dirige-se aos poderes constituidos por via das estações competentes.

Querem ir para o ceu? Procurem o sr. Radmaker.

Appetece-lhes a bemaventurança? Esperem um bocadinho, que o sr. padre Grainha vem ahi já.

É questão disciplinar? é questão canonica? é casuistica? Querem saber se podem comer ao mesmo repasto safio de caldeirada e bife com batatas? Se na *Ave Maria* a palavra *ave*, dita

pelas temporas não quebrará o jejum? Vão ao *Bem Publico* e fallem com o sr. Sousa Monteiro, o grande doutor da Egreja e da Alfandega!

Ha um primo que queira casar com uma prima? É caro isso, vá á Nunciatura!

Ha um primo que queira casar com outro primo? É ainda mais caro, vá á Nunciatura tambem!

Fez-lhes mal ao figado a agua de Nossa Senhora de Lourdes? Não lhes curou a gotta a agua de Nossa Senhora de La Salette? Queixem-se ao sr. abbade Miel, é com elle esse serviço. O sr. abbade Miel é o sr. Pinto Coelho da agua benta.

Tendes velhos vicios vergonhosos? antigos crimes nefandos? pesa-vos na consciencia um homicidio, um roubo, uma calumnia? Ide ámanhã ao jubileu á Graça, ha indulgencias plenarias!

Verdadeiramente, eminentissimo senhor, com esta distribuição de trabalho, Deus escusa-se, Deus, n'este sentido canonico, desapparece do mundo, perde-se nas surdas solidões infinitas do ceu; fica sendo, como dizia o sr. Cousin, o rei solitario, desterrado n'um throno deserto no meio de uma eternidade silenciosa.

Ora ao espirito dos homens d'hoje repugna esse velho Deus longinquo, substancial, transcendente, separado do mundo como a força separada da materia, como a alma separada do corpo. O principio scientifico da connexão universal refuta a cançada existencia do antigo Jehovah.

O velho Deus fixo e quedo só era comprehensivel no meio do antigo ceu immovel. Só quando se dizia *Super lunam æterna sunt omnia* é que se concebia extatico o supremo espirito. Hoje o ceu é para os sedentarios uma habitação incommoda.

Das seis estrellas da Ursa Maior,—a amavel e discreta visinha da minha agua furtada,—cinco afastam-se da terra com a rapidez de vinte oito kilometros por segundo, ao passo que uma, a estrella *alpha* vem para nós com a velocidade de cerca de setenta kilometros. De modo que de cem mil em cem mil annos a constellação desfigura-se e a Ursa transforma-se. A estrella Polar anda 58 milhões de kilometros por anno; Sirius 1:200 milhões; Arcturus 2:000 milhões. O sol, com todo o seu systema, desloca-se constantemente no espaço. A terra avança em cada anno 444 milhões de kilometros sobre as estrellas *c* e *d* da constellação d'Hercules.

Depois de Roemer e de Richer o ceu, eminentissimo senhor, é a immensa rede dos caminhos ethereos em que os astros todos tomam o trem expresso e viajam no ar.

A immobilidade, assim como não existe entre os homens, deixou de existir nas alturas.

Uma só lei, a da eterna transformação, abrange o universo e a natureza inteira.

Cessaram as immobilidades olympicas, as entidades metaphysicas e as causas particulares dos phenomenos.

Está demonstrada a unidade mechanica e a unidade chimica do Universo. É sobre estas demonstrações já feitas que se ha de basear a unidade moral. E esse é o trabalho da philosophia, é o legado da religião.

Deus não póde já ser a hypothese de Laplace.

O scepticismo desappareceu. Ás intelligencias fortes e esclarecidas já não é permittida a duvida. Quem não tem crenças tem pelo menos convicções. A humanidade adquiriu finalmente a posse definitiva de uma porção de verdade geral e absoluta.

Por um lado já se não crê unicamente; demonstra-se. Por outro lado já se não duvida apenas; contesta-se, refuta-se.

O pensamento moderno perdeu a sua antiga attitude passiva, desalentada, incerta, o seu falso ar satanico, romanesco; e caminha firme, valoroso, simples e forte.

Quando os conhecimentos positivos se encontram hoje com as tradições religiosas, estas caem. Quando a razão embate agora no dogma, já o não escarnece, já o não insulta, como faziam os livres pensadores antigos. A razão deixou de ser impia. Não affronta os dogmas. Faz outra coisa: aniquila-os.

E todavia ha uma verdade no fundo da religião, assim como ha uma verdade no fundo da philosophia.

A mais elevada aspiração do homem, o maior monumento dos seculos, o mais vasto e profundo trabalho do espirito, a obra immortal da Egreja não póde ter por base um equivoco.

Eliminar o antagonismo entre a verdade religiosa e a verdade scientifica foi em todos os tempos o mais vivo e o mais ardente desejo dos grandes sabios, dos grandes theologos, dos mais venerandos padres do christianismo.

Esse antagonismo, eminentissimo senhor, encerra hoje mais perigos do que nunca. Porque o conflicto que d'elle resulta não perturba

unicamente a esphera das idéas, envolve tambem os factos politicos e arrasta as instituições sociaes.

N'esta gravissima conjunctura, perante a mais violenta crise que tem atravessado a Egreja dentro dos dominios da controversia, como é que o clero do Patriarchado de Lisboa comprehende os meios de alliar as consciencias no tranquillo seio de Deus, na pacifica alma do Universo? Ordenando ás nossas mulheres que queimem os nossos livros!

D'este facto particular deduz-se a lei geral de um programma conhecido. Não se trata de uma alliança, trata-se de uma guerra. O clero não se concilia; reage. Não se contenta com que o não persigam, quer elle mesmo perseguir.

Comprehendendo e respeitando muito, eminentissimo senhor, este sentimento de fervor e de zelo por uma causa que se tem por justa e por bôa, eu não posso deixar de lamentar que, optando pela perseguição como linha de conducta, o clero lisbonense ataque o pensamento queimando os livros. O que era logico era queimar os auctores.

Substituir como instrumento expurgatorio a

fogueira do Santo Officio por um modesto fogo de salão é uma decadencia triste.

Compare-se este recente supplicio applicado a Victor Hugo com o supplicio de Hooper, descripto por Michelet.

Hooper era como Victor Hugo um impio. A Egreja resolveu queimal-o. Deitou-se-lhe o fogo por tres vezes. Primeiro, a lenha era pouca. Depois era verde. Por fim o vento desviava a chamma, as labaredas não subiam, o fumo não suffocava o condemnado. De modo que o herege estava já queimado até o meio do corpo e gritava ainda: «Mais lenha, por caridade! mais lenha, bons homens! mais lenha!» Tisnaram-se-lhe as pernas e separou-se-lhe a carne dos ossos. O ventre estallou e as entranhas sairam. Ennegreceu-se-lhe a cara. Arderam-lhe as pestanas e o cabello. Por fim deixou de gritar. A lingua inchada cresceu para fóra da bocca. Ainda assim vivia. Os espectadores viam-o esphacelar-se. O sangue e a gordura escorriam e rechinavam com o lume. Elle batia no peito com os punhos negros. Em volta da fogueira a multidão commovida soluçava, e de todos os olhos corriam as lagrimas.

Com as mulheres o systema era outro. Como

o fogo começava por devorar os vestidos, via-se a branca nudez femenil, que tremia, lambida pelas chammas. O espectaculo era tão pavoroso que a Egreja teve um abalo de pudôr e tomou uma resolução mais delicada. As mulheres que incorriam em heresia — como por exemplo uma mãe por não denunciar seu filho que lia a biblia — eram enterradas vivas. Fazia-se-lhes um caixão, á medida do corpo, como para os mortos. Sómente mais solido. Sobre o caixão, em vez de tampa, atravessavam-se varões de ferro pregados ás grossas taboas lateraes do esquife. A hereje ficava dentro. Desciam-a assim ao fundo da cova. Umas concentravam em Deus todo o seu pensamento, evocavam toda a sua coragem. Cerravam os dentes, immobilisavam-se no terror, e deixavam-se ir para a morte como se já fossem espectros. Outras reagiam. Gritavam. Choravam. Enraiveciam-se. Despedaçavam-se contra os ferros. Desfaziam as unhas, a carne dos dedos e o rosto. Depois imploravam, diziam meiguices, não queriam acreditar na morte, sorriam ternamente—com um sorriso ensanguentado. Por fim uma pouca de terra caía-lhes de cima na bocca. Callavam-se. E, no meio d'aquelle subito silencio, a terra ia caindo a pouco

e pouco até se encher a cova e se fazer sobre ella o pequeno comoro funebre das campas.

Hoje, em vez d'isso, um simples phosphoro! A Egreja não póde inteiramente prescindir d'esse pequeno symbolo amorpho! Um phosphoro e um livro que se queima tranquillamente na chaminé de uma sala!

Mas os fins são ainda os mesmos. É sempre um pensamento que se procura extinguir. É uma voz que se abafa. É uma palavra que se supprime. Já não é mau! Mas o processo é ridiculo. Querem guilhotinar. Muito bem! Ponham na sua machina um gume de aço. Não estejam a degolar-nos com um cutello de sebo! Respeita-se a raiva implacavel n'uns dentes duros. Faz lastima um odio duro mastigado n'umas gengivas molles.

Depois, se o padre, em vez da prégar os sentimentos elevados que nos approximam de Deus — a caridade, a fraternidade, o amor, o dever — resolve pelo contrario penetrar e intervir pela direcção espiritual das nossas mulheres na organisação interior das nossas casas, na mesa pelo jejum, na alcova pela penitencia, na bibliotheca pela censura, n'esse caso então, o pa-

dre vae longe de mais, e arrisca-se a ficar debaixo da mina que procura furar.

Fica bem á Egreja o valor, e a todos os christãos apraz certamente vel-a poderosa e forte. Creia-me porém vossa eminencia: a espada que n'este momento lhe convém, para o bem dos homens e para a gloria de Deus, não é a espada da guerra, é a espada da justiça.

Tenho a honra de beijar com o maior respeito a purpura sagrada de vossa eminencia.

A sua alteza a princeza D. Maria das Neves.

Princeza. — Quando na noite de S. Bartholomeu alguns catholicos fervorosos completaram em França a obra do movimento religioso iniciado no mundo por um hispanhol e por uma hispanhola, — Santo Ignacio, o biscainho, e Santa Theresa, a castelhana, — o corpo do almirante Coligny, atravessado com um chuço pelo ventre, foi despejado de uma janella a um pateo do Louvre. O cadaver do martyr lutherano caiu em baixo, n'uma onda de sangue aos pés do

duque de Guise, e uma voz disse: «É o almirante.» O principe catholico pretendia render á sua religião esta fineza delicada: calcar sob o seu pé serenissimo a face d'aquelle hereje morto. Considerando porém que podia esse cadaver não ser o de Coligny, disse com notavel sabedoria e prudencia: «Limpem-lhe a cara!» O sr. d'Angouleme aproximou-se, ergueu o cadaver pelos hombros, e com uma rodilha limpou-lhe do rosto uma pasta de sangue coagulado. Á luz dos archotes viu-se então um livido perfil austero como a honra, duro como a vingança, immovel como a eternidade. Era effectivamente Coligny. O duque de Guise, reconhecendo-o, deu-lhe o pontapé.

Princeza, os Guises, que fizeram a sua carreira politica alliando-se com a filha de uma má mulher, e explorando os Bourbons, como os agiotas avarentos e velhacos exploram os fidalgos prodigos e ineptos, deixaram uma memoria sordida e indigna. Todavia o facto que eu acabo de ter a honra de narrar a vossa alteza merece attenção, porque encerra um bom e saudavel exemplo aos historiadores e aos criticos. Se aquelles que houvermos de julgar nos apparecerem na historia cobertos com o seu proprio

sangue ou com o sangue dos seus similhantes— que elles sejam martyres ou que sejam algozes, não os punamos jámais sem primeiro lhes limparmos o rosto.

Tal é, minha senhora, a razão de critica em virtude da qual eu não subscrevo as accusações terriveis que uma parte da imprensa portugueza, tanto em prosa como em verso, tem ultimamente dirigido a vossa alteza tornando-a mais repulsiva e mais odiosa do que Lucrecia, a envenenadora, e Maria, a sanguinaria.

A sinistra amazona, que os viajantes nos descrevem em legendas lugubres, percorrendo ao lado de D. Affonso os campos das batalhas, sorrindo aos cadaveres que juncam os despenhadeiros e os barrocaes, varados pelas baionetas, esmagados pelas carretas, ao luar voluptuoso das noites hispanholas, rindo para o ar com as visagens pavorosamente grotescas da agonia; — essa dilettante da morte, semi-monja, semi-bohemia; cheirando á sacristia e á caserna, á estrebaria e ao claustro, ao fumo dos cigarros e ao do incenso; ao mesmo tempo ascetica e carnal, desejada egualmente pelos anjos, seus irmãos no espirito, e pelos soldados seus companheiros pela carne; não se sabendo se vem do

altar, se vem da tarimba; essa mulher, indecifravel sphinge, tenebroso enigma obscurecido e manchado pelo fumo das aldeias incendiadas e pelo sangue espadanado do trote da sua hacanea, não póde ser julgada sem que se saiba ao certo quem ella é. «É a princeza» dizemalguns. E referem-se a vossa alteza. Meu Deus! —digo eu — quem é que póde reconhecer uma princeza sob essa mascara execravel de lodo e de sangue?

As princezas que vão ás batalhas batem-se ao lado dos homens da sua familia, como faziam as senhoras da casa de Bouillon, na Lorena, cujas ricas armaduras ainda hoje se mostram como tropheus nacionaes nos muzeus de Paris.

As mesmas mulheres da classe baixa, as mulheres do povo, quando estão em campanha batalham como Joanna d'Arc, a imagem mais virginal e mais pura do heroismo guerreiro, ou soccorrem os feridos e consolam os moribundos debaixo do fogo, como Mère Chocolat, ha pouco fallecida em Paris, a qual era o anjo caridoso dos acampamentos, tinha perdido um braço no Mexico e guardava no corpo seis balas.

Taes são as mulheres quando acompanham os homens na guerra.

Seguir um exercito para animar, com um sorriso meigo, com um olhar amoroso, com uma palavra terna, a carnificina, o incendio, a assolação, para esmagar a piedade e para estrangular o perdão, isto é um papel inedito, que nunca mulher alguma representou ainda no mundo. E é um contrasenso que faz estremecer de horror o imaginal-o: a mulher, a esposa, o carinhoso ser amante e amado, o que é na terra a summa dedicação, convertendo-se no summo odio!

Se ha realmente mulher que, desfigurada pelo sangue derramado em torno d'ella, pareça esta coisa nova, contradictoria e horrivel, antes de se entregar o presupposto nome d'ella á execração do mundo e ao juzo de Deus, que venha a rodilha do sr. de Angouleme, e que se lhe limpe o rosto! Porque o que temos diante de nós não é materia de critica, é materia de esfregão; não é um personagem, é uma nodoa.

Vossa alteza comprehende bem que, dando-me a honra de dirigir submissamente a vossa alteza estas linhas respeitosas, o meu fim, minha senhora, não é de nenhum modo accusal-a; é simplesmente prevenil-a para que vossa alteza se não deixe calumniar.

Na historia dos successos d'este mez ha casos de senhoras celebres que me obrigam a presumir que a corrupção da nossa edade tem obliterado muito na familia a pureza da comprehensão antiga do decoro pessoal e da honra domestica. Os jornaes fallam-nos de uma imperatriz que fugiu ao seu marido; de uma princeza que mancommunada com seu esposo roubou o seu hotel; e da mulher de um marechal de França que n'uma pagina romanesca, sentimental, opulenta de giros de locução e de processos de stylo, se gloria de ter ella mesma preparado a seu marido uma fuga miseravel que será na historia o immarcessivel opprobrio e a perenne vergonha do seu nome de cavalheiro e de soldado.

Estas tres senhoras, praticando actos de natureza apparentemente tão diversa, chegam juntas ao mesmo fim: a dissolução conjugal e a deshonra domestica: a primeira porque abandona o marido; a segunda porque o ajuda a roubar; a terceira porque o ajuda a fugir. As duas primeiras são princezas: tanto peor para os reis de que ellas procedem! A ultima é uma burgueza: tanto peor para o povo de que ella sahiu!

O amor conjugal não é simplesmente um sen-

timento; é um culto. A posse, de per si, é apenas o concubinato. A posse e o dever é que constituem a familia. Quando o dever e a posse se desunem, para os simples amantes resta apenas a miseria; para os esposos ha ainda o sacrificio, porque para elles acima da dedicação ao objecto amado existe o respeito ao amor.

A mulher deve acompanhar o homem á desgraça, ao infortunio, á morte, se quizerem. Não póde acompanhal-o á deshonra nem ao mal. A obrigação da esposa, é guardar, no seu amor pelo menos, no seu proprio ser immaculado, do marido perverso alguma coisa boa, do marido infamado alguma coisa pura.

Henrique Flameng estava condemnado á morte como herege. Na vespera do dia em que elle devia ser queimado, os juizes propozeram-lhe o perdão a troco do simples depoimento de que não era legitima a sua mulher. Aquelle pobre homem, simples e obscuro, seria pelo facto d'essa declaração restituido á sua liberdade, á sua familia, á vida, ao mundo, á felicidade. Elle tinha porém uma fé: a da santidade do casamento. Negou a declaração pedida e morreu na fogueira, preferindo á sua vida a honra da sua casa.

É este heroismo o que devem tomar para norma da sua dedicação as mulheres heroicas. Quando a perversidade, quando a deshonra, quando a ignominia envolvem o nome de um homem, a mulher se não póde pelo seu affecto regenerar-lhe o coração, póde cobrir-lhe pelo menos a memoria perseverando no bem. Não é inteiramente maldito aquelle de quem se póde dizer depois da narração de todos os seus erros ou de todos os seus crimes: «Mas era o marido de uma terna e dôce mulher, digna, pura, candida e boa!»

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Jayme José Ribeiro de Carvalho, popular auctor de differentes originaes opusculos.

Meu celebre e illustre confrade. — Por occasião da primeira corrida de cavallos em Pedrouços, li eu nos jornaes o seguinte:

«Tendo caido do cavallo em que montava um *gentlman rider*, viu-se descer da tribuna e cor-

rer apressado e afflicto por entre a multidão um individuo loiro, de cabeça descoberta. Este individuo era S. M. el-rei o sr. D. Luiz. O facto a que nos referimos fez grande impressão em todos os que o presencearam.»

Por occasião da precedente corrida nos campos da Gollegã, tinha eu lido nas folhas:

«Ao chegar á meta o primeiro cavallo, viu-se descer da tribuna um individuo alto, de bigode e pera, o qual, correndo por entre a multidão, veiu á arena abraçar e beijar o cavallo vencedor. Este individuo era S. M. el-rei o sr. D. Fernando. O facto que relatamos produziu viva commoção em quantos o viram.»

Trata-se, como v. ex.ª vê, de dois factos importantissimos, já pela especial natureza d'elles, já pela alta qualificação dos personagens que os praticaram, já pela publicidade que lhes deu a imprensa, já principalmente pela impressão que fizeram e pela commoção que produziram no espirito nacional e na imaginação do povo.

Não podendo eu pela minha incapacidade e pela minha incompetencia tratar estes elevados assumptos nem sob a fórma poetica nem sob a

fórma historica, tenho a honra de os offerecer a v. ex.ª para objecto de dois opusculos.

É possivel que pelo facto da residencia de v. ex.ª na Ajuda e pela coincidencia providencial da propinquidade da casa de Bragança e da de v. ex.ª, v. ex.ª se ache ao facto de outros casos analogos, em que individuos altos ou loiros tenham corrido por entre a multidão, em que depois sobreviesse a peripecia tão dramatica de se saber quem esses individuos eram, e em que por fim se haja averiguado ter sido profunda a commoção popular.

Diga-nos v. ex.ª tudo o que sobre este ponto se lhe offerecer, e os agradecimentos da posteridade e meus cahirão sobre os opusculos de v. ex.ª

Que sobretudo v. ex.ª se não esqueça dos topicos do nossa epopeia!

1.º Individuos louros ou de bigode e pera.

2.º Correm os individuos por entre a multidão.

3.º Reconhece a multidão os individuos.

4.º Precipita-se a commoção geral nos dominios illimitados do pathetico.

Viva a familia real, ex.^{mo} sr.! Viva a Carta! Viva v. ex.ª!

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Emilio Castelar. — Por occasião da sua recente visita a Lisboa, foi v. ex.ª, segundo se tornou publico, tão excessivamente lisongeiro com este paiz, com esta sociedade e com as suas instituições, que eu não posso deixar de enviar a v. ex.ª n'estas breves linhas o tributo do meu mais vivo e mais sincero resentimento.

Parece que, segundo v. ex.ª, nós temos a liberdade, a paz, a ordem, a prosperidade publica, que estamos em plena e perfeita civilisação, e que é tal a felicidade estatica que o momento actual d'este povo deve aos momentos que o precederam que nós nada mais temos que pedir por em quanto ás forças motrizes do progresso.

V. ex.ª disse eloquentemente estas coisas lisongeiras e bellas na sua pomposa locução erudicta, abundante e sonora. V. ex.ª tem o segredo perigoso das palavras commoventes. O seu engenhoso talento de arrancar do facto a generalisação da idéa que tem em vista propagar, a sua opulenta imaginação peninsular, a sua larga instrucção que lhe permitte os mais eruditos desenvolvimentos de cada postulado, o

toque meigo, carinhoso e melancolico do seu stylo, a sua flor de poesia, a sua sentimentalidade terna e lamartiniana e o vivo colorido vulcanico que sobre todos esses dotes lança o arrojado impeto magnetico da sua profunda paixão castelhana, tudo isto faz de v. ex.ª o primeiro orador que hoje tem o mundo e dá ás suas mais simples opiniões, lançadas de uma janella sobre uma serenada ou emittidas com o champagne festival sob o gaz dos restaurants, um cunho indelevel, que fica para sempre na memoria, como a lembrança de uma linha de Miguel Angelo ou de Velasques.

N'estas condições uma opinião tem o caracter e o valor de uma moeda, e o erro lançado por esse modo na circulação é como o dinheiro falso.

Ora as idéas de v. ex.ª ácerca de Portugal, taes como o exito e a voga as apregoa, são simplesmente as de um optimista.

V. ex.ª, que é professor de philosophia da historia, sabe que dentro das puras especulações theoricas, na esphera abstracta, na orbita doutrinaria, os pessimistas teem um merecimento: são os malsins da rhetorica, os inimigos da utopia. Vão, como os serenos, pelas trévas,

obscuros, lobregos, levando a sua lanterna, procurando o mal. Nós divertimo-nos, bailamos, achamos a vida boa, a valsa ligeira, as mulheres formosas, os vinhos frescos, a ceia delicada, a conversação espirituosa; mas muitas vezes, quando nos achamos espessos pela digestão, um tanto estonteados pelas luzes, pelos fortes perfumes, pela esgrima dos paradoxos, estafados, confusos, alcoolisados, com espuma no cerebro, são elles, os pessimistas, que com uma palavra rude nos illucidam, chamando-nos ás coisas positivas e praticas, guiando-nos, dizendonos as horas que são e restituindo-nos ao nosso bairro, á nossa rua, á nossa casa, ao nosso gabinete e aos nossos livros. Quem é que alguma vez em sua vida não teve que agradecer ás asperas violencias proudhonianas de um pensador austero e rispido um d'esses regressos da intelligencia e do caracter á justiça, ao trabalho, ao bom senso, á humanidade?

Os optimistas são sempre funestos. A sua voz tem uma toada languida que esmorece a iniciativa, adormenta a responsabilidade, tira a sancção ao dever, enerva, narcotisa o progresso. Como muito bem diz um illustre compatriota e confrade de v. ex.ª, o sr. Cánovas del Castillo,

se não são os optimistas que semeam no mundo «la mala hierba», são elles certamente os que a deixam crescer e medrar com prejuizo das plantas uteis dadas por Deus para o bem.

Eram os optimistas que, com o inimigo ás portas de Roma, discutiam no senado se sim ou não se devia mandar o redovalho a Vitelio. Eram elles que em Paris victoriavam o cavallo Gladiateur vencedor nas *courses* de Longchamps, celebravam a aria de *La Venus aux carotes*, cantada por Thereza, e inventavam uma nova marca para o *cotillon* das Tulherias, em quanto o principe de Bismark punha em braza o ferro que havia de queimar a podridão imperial e levantar d'essa gangrena tisnada o fumo que por um momento encobriu aos olhos da civilisação a face augusta da França, a nobre e corajosa mãe do espirito, do direito e da liberdade. Eram ainda os optimistas aquelles que em Portugal usavam oleos e unguentos perfumados, arrastavam as phrases e os pés, segundo a moda do tempo, como molles e apodrecidas creaturas de serralho ou de bordel, fazendo-se levar espreguiçados, indolentes e apaticos, nos braços dos seus escudeiros, em quanto um rei moço, cavalleiro, legendario, o derradeiro homem da

velha stirpe portugueza aventurosa e epica, se suicidava em Africa; ou monteavam alegre e descuidadamente, em luzidas cavalhadas, os javardos das reaes coutadas, em quanto o embaixador de Castella nos ia comprando em Lisboa por dinheiro, por dadivas e por empregos publicos, a nossa adhesão á politica Filippina, a nossa consciencia, o decoro nacional e a independencia da patria.

V. ex.ª que durante a sua brilhante existencia, como politico e como litterato, como poeta e como hispanhol, tem posto sempre a sua penna, a sua palavra e até a sua vida ao serviço doloroso e arriscado da grande causa da justiça e da humanidade, v. ex.ª não póde ser um d'aquelles homens. E se a lisonja funesta caiu dos seus labios sobre o Chiado desvanecido, a causa d'esse phenomeno, não resultante da ignorancia nem da corrupção, é digna de exame e de estudo.

Nós tivemos a honra de ver pela primeira vez v. ex.ª, no dia da sua chegada a Lisboa, passeando no salão do theatro da Trindade em companhia fraternal de um seu proximo parante o sr. Castelar, confeiteiro, residente n'esta

cidade. Descobrimo-nos respeitosamente diante d'esse caracteristico facto cheio de doutrina e de lição, facto inteiramente moderno, digno da veneração e do orgulho da geração actual: tudo o que ha mais qualificado e mais alto na mais heraldica das nações — um chefe do poder executivo em Hispanha — exhibido em publico, de braço dado, unido pela estima e pelo sangue ao que ha de mais modesto e humilde — um simples confeiteiro de Lisboa! Pudesse o exemplo trazido por v. ex.ª do paiz chamado do orgulho e dos preconceitos de gerarchia prestar, no paiz que se tem por liberal e democratico, á moralisação e ao ensino de tantos peralvilhos lastimaveis que eu tenho visto, na politica, na diplomacia e nas lettras portuguezas, enterrarem sob o esquecimento e sob o desprezo os seus paes laboriosos e honrados para que elles se não lembrem um dia, levados pela dôr que produz a ingratidão, de virem depositar no tapete do filho engrandecido os tamanquinhos plebeus que fazem chorar de amor e de ternura a sua mãe e que elle calçava no tempo em que os seus pequeninos pés, rosados e graciosos, não mereciam ainda nem uns burzeguins envernisados nem uma grilheta!

Da convivencia porém a que me refiro podia sobrevir a v. ex.ª a fascinação proveniente de um ponto de vista erradamente tomado. Não lhe esconderei, ex.^{mo} sr., o receio que me invade de que v. ex.ª tivesse visto a minha patria atravez do prisma doce e doirado de um prato de ovos molles.

Porque ella não é inteiramente o que se figurou aos olhos de v. ex.ª Não. Ella é menos doirada e menos doce que os productos saborosos do digno e honrado primo de v. ex.ª

Mostrarei em seguida como carecemos de todos os bens de cuja posse v. ex.ª nos felicita.

Não temos a civilisação senão debaixo da mais estreita accepção em que esta palavra é tomada pelos publicistas modernos.

Se a civilisação é o facto social da riqueza, segundo a opinião dos economistas, nós não temos a civilisação. O Estado é pobre e o cidadão é mais pobre que o Estado. Já demonstrei em um d'estes pequenos livros (que v. ex.ª não conhece e que teem tido em Portugal o commodo successo da pilheria e da farça) que o paiz se não tem mantido pelo trabalho, pela intelligencia, pela economia e pela ordem, unicos elemen-

tos de uma prosperidade solida, mas sim unicamente pelos supprimentos provenientes de explorações successivas. Temos explorado tudo, menos o trabalho. Exploramos os arabes, exploramos as colonias africanas e asiaticas, exploramos os judeus, exploramos os jesuitas, exploramos os frades, e estamos explorando agora o brasileiro, isto é, o portuguez que vae enriquecer ao Brasil. Tal é a historia succinta e summaria da nossa vida economica.

Apezar todavia das successivas sommas brasileiras convertidas em acções dos bancos, em titulos de credito publico, em operações de bolsa e em artigos de pequeno commercio, o Estado lucta com um deficit enorme e os individuos padecem um deficit similhante ao do Estado.

Talvez lhe dissessem que os salarios teem augmentado muito nos ultimos annos. Sim, teem, na proporção exacta do preço dos generos de primeira necessidade; de sorte que a fortuna do operario não tem de nenhum modo melhorado.

Ha uma casa de penhores em cada esquina. Se v. ex.ª visitasse estes estabelecimentos extraordinarios, encontral-os-hia cheios dos objectos de uso mais necessario, que a população desgra-

çada empenha umas vezes para comprar pão — o que é a fome — outras vezes simplesmente para ir aos touros, a Cintra, ao theatro — o que é a desordem. Agora, no verão, os paletots, os chapeus de chuva, as camisolas, os cobertores da cama, as galochas de borracha dos empregados publicos, dos amanuenses, dos professores de instrucção primaria e de varios membros da aristocracia e da antiga nobreza estão nas casas de penhores. Quando o inverno volta, aquelles senhores reapparecem no antro da usura e procuram retirar os seus objectos de inverno depositando as calças brancas, os chapeus de palha, os guarda-soes forrados de verde, as camisas de chita, uma sorveteira, um gelador, uma mala, um saco de noite, uma bilha de Extremoz. Como estes objectos não podem pagar o valor dos outros mais o preço dos juros vencidos, o usurario vende em leilão a parte dos penhores de que toma posse. Em um só domingo, 12 de julho ultimo, houve em Lisboa quarenta e nove leilões. Em todos os domingos succede approximadamente o mesmo. Leilão por liquidação, leilão por partilhas, leilão por penhora do proprietario, por penhora do agiota, por penhora da fazenda, por penhora do fisco, leilão por atrazo no

pagamento de juros, leilão de predios, (se o credito hypothecario puzesse de uma vez em praça todos os predios que tem para vender como saldo de dividas o preço da propriedade pelo desequilibrio entre a offerta e a procura, baixaria 50 por 100) leilão de moveis, leilão de livros, leilão de joias, leilão do fato, da roupa branca, da louça, da camisa, do lençol da cama, da panela; leilão! leilão! sempre leilão! leilão de todos e leilão de tudo! Que é isto? É uma cidade que liquida, que morreu, que se foi embora? Não, isto é simplesmente uma cidade que vive nas condições vulgares da sua existencia normal. Isto é Lisboa, a Lisboa que ahi está, que passeia, que fuma, que dorme, que faz eleições, que ama, que joga, que lê os jornaes e que compra cautelas da loteria.

Se a civilisação é, segundo Buckle e segundo os philosophos, o triumpho das leis mentaes sobre as leis physicas, a victoria do homem sobre a natureza, o dominio da intelligencia sobre a fatalidade, nós tambem não temos a civilisação. Não a dominamos, não somos os senhores d'ella, não a produzimos. Gozamol-a apenas por parasitismo. N'este sentido philosophico a civilisação

é o legado scientifico de elevação moral e de plenitude, de bem estar, que o dia de hoje recebeu do dia de hontem. Ora hontem o que é que nós outros faziamos aqui em Portugal? Exactamente o mesmo que faziam em Hispanha os compatriotas de v. ex.ª Nós, os dois povos que na infancia tinhamos realisado o mais importante facto da Renascença — a descoberta de um mundo — na idade madura rezavamos, comiamos no pateo dos conventos o caldo da portaria, deixavamo-nos complacentemente bater e roubar pelos nossos corregedores e alcaides, enforcar pelos nossos reis, e queimar pela nossa religião.

Um dia a grande vaga que inundou o mundo e que se chamou *os direitos do homem*, passou por cima dos paços dos nossos principes, por cima dos muros dos nossos claustros, por entre as quadras das nossas masmorras, e entrou-nos em casa impellida pela sua propria força, trazendo-nos o legado de estranhos obreiros que nos tinham fabricado ao longe a liberdade. A liberdade da nossa consciencia vinha-nos de Luthero; a liberdade do nosso espirito vinha-nos de Voltaire; a liberdade dos nossos actos vinha-nos de Danton.

E sobre isso chegava-nos tambem a força para

manter esse direito novo, a força que não estava nos ferros dos carceres, nem nas balas das escopetas, nem no fogo das fogueiras, nem no baraço das forcas; que estava simplesmente na sciencia moderna, a qual nós não sabiamos que existisse e menos ainda que ella podesse ser o nosso refugio, o nosso baluarte, a nossa defeza. O vapor e a electricidade libertavam-nos das fatalidades geographicas do solo e do espaço; a geologia e a analyse spectral fazendo-nos conhecer a terra e o ceu refutavam-nos os livros de Moysés e abrigavam-nos das coleras terriveis do alto do Sinai. A physica, a chimica, a meteorologia, a zoologia, a anthropologia, a paleontologia, a physiologia experimental, — o conhecimento da edade da terra, da gestação do globo, da historia das especies e da formação das raças, os ultimos estudos dos nervos, da medula e do encephalo no homem, o descobrimento da localisação das nossas faculdades nas differentes partes do nosso cerebro—tudo isto nos dava o conhecimento de nós mesmos, do nosso verdadeiro destino, das nossas relações com o universo e com Deus, e livrava-nos do jugo da theologia e das subtilezas da metaphisica tão propicias á sophisticação e ao erro. Depois as scien-

cias moraes, a linguistica, a critica historica, a sociologia e a arte completavam a educação do caracter e do sentimento. Aprendiamos a ser bons, livres e fortes, a vencer a natureza, dominando as suas hostilidades ou consolando-nos d'ellas pela elevação do nosso espirito, nos estudos de Cuvier, de Lamarck, de Lavoisier, de Bichat, de Darwin, de Claude Bernard; na logica de Stuart Mill, na philosophia de Auguste Comte, na controversia de Proudhon, nos romances de Carlos Dickens e na musica de Beethowen.

São estes os elementos que, constituindo o progresso, dotaram a humanidade com a accumulação das forças prodigiosas a que se chama no sentido philosophico d'esta palavra a civilisação moderna.

Em que contribuimos nós, com o trabalho ou com a sciencia, para que o entendimento e a consciencia do homem chegassem a taes desenvolvimentos de perfeição?

Nós sómente cooperamos na civilisação actual se por civilisação devemos comprehender, como o defuncto sr. Guizot, o estabelecimento da monarchia representativa e a juxtaposição dos cos-

tumes politicos dos povos aos preceitos da constituição ingleza. Este é o serviço que devemos á iniciativa de nossos paes e ao sangue derramado por elles para a victoria da idéa liberal tal como ella se concebia em 1834.

V. ex.ª sabe melhor do que eu quanto é incompleta esta obra e quanto nos resta fazer e alcançar, a nós, os homens da geração actual, em face dos novos ideaes da justiça e do direito moderno, no dia em que comprehendermos que nenhuma constituição basta, por mais liberal que ella seja, para civilisar um povo, para o erguer da ignorancia e da miseria e para o tornar livre.

Por em quanto nós não possuimos como homens livres senão a faculdade de o podermos sêr. Mas não usamos d'essa faculdade. A comprehensão que temos da liberdade é falsa. O amor que dizemos consagrar-lhe é fingido. N'isso nos parecemos excessivamente com os papagaios. Esse estupido passaro ignominioso, adulador, comilão e servil, envergonhado algumas vezes com os exemplos de dignidade, de intelligencia e de trabalho que lhe dão as andorinhas castas e sobrias e os pardaes lubricos, lascivos, mas valentes, ousados e infatigaveis, tem asso-

mos de tristeza, de desdem, de nojo de si mesmo, cala-se, encasmurra e começa a morder a gaiola e a roer o poleiro a que está preso por um pé. Soltam-o, dão-lhe a liberdade que elle parece pedir. Então o bruto hesita, abaixa a cabeça, mette o bico para o peito, põe-se a marchar no mesmo terreno em cima do poleiro, como um major gordo em procissão, atraz do andor do Senhor dos Passos; chega-se para o comedouro, cheira a sôpa de pão de ló em vinho, lambe o bico, olha para o dono com os seus olhos redondos e bestas, alça a perna e estende expressivamente um pé. Que quer o imbecil? Quer a grilheta — e a sôpa.

O homem que mais ama a liberdade não é aquelle que mais escreve, que mais falla, que mais declama em favor d'ella. É aquelle que mais lhe sacrifica. Não ser de nenhum partido, de nenhuma politica, de nenhum poleiro, de nenhum comedouro; pertencer unicamente á nossa razão e ao nosso trabalho, sacrificando todos os outros meios de chegar á fortuna e ao exito, isto é que é ser livre, isto é que é amar a liberdade.

O que vêmos é outra coisa. Os proprios correligionarios politicos de v. ex.ª, os democratas

mais garantidos, os republicanos mais conscienciosos occupam-se em preparar os prospectos da liberdade alheia, mas não cultivam os meios de assegurarem a si mesmos a liberdade propria. Creio que fazem mal. Se começassem por se nos mostrarem como seres inteiramente livres dentro da esphera pessoal, esse seria talvez o melhor meio de nos inspirarem o desejo de os imitarmos como cidadãos na esphera social e politica.

Elles todavia conspiram pela republica e declamam pela democracia, mas querem ser deputados, querem ser jornalistas nas folhas estipendiadas pelos governos ou pelas opposições, querem entrar nas carreiras officiaes, nos empregos publicos.

E quando não entram em nenhuma d'estas regiões, entram na Internacional.

Assim, acharam-se na sociedade com a porção de liberdade facultada a todo o homem dentro dos limittes do seu temperamento, da sua organisação, do seu desenvolvimento intellectual. Em seguida cederam uma parte da sua independencia de vontade a cada um dos seus eleitores, outra parte ás disposições do programma do seu partido, outra ao chefe da sua repartição, outra

ao director do seu ministerio, ou ao proprietario do seu jornal, ou ao governador civil do seu districto, outra ao paço, á carta constitucional, á camara dos pares, ao ministerio, ao rei, etc.

Desde que o homem se deixa prender, por um só cabello que seja, á engrenagem official, esta apodera-se d'elle e dilacera-lhe a determinação e a vontade por meio de concessões successivas e indispensaveis.

Porque é que se não principiou simplesmente por aprender um officio, por grangear uma profissão, por assegurar os recursos de um trabalho independente?

Mas isto era ainda insufficiente, porque o operario, para poder armar-se e manter os seus direitos perante a prepotencia do capital, teria de fraternisar com os seus companheiros, e a confraternisação é um modo do servilismo operado de baixo, em vez de ser operado de cima.

Os contratos dos operarios entre si, estabelecendo a solidariedade da classe, compromettem a liberdade do individuo. A independencia para o operario livre consiste no direito de usar absolutamente como elle quizer da sua pessoa, da sua força e do seu tempo. As associações de re-

sistencia roubam-lhe esse direito. A Internacional é uma violencia organisada pela liberdade defendendo-a por um lado mas compromettendo-o por outro. É uma peça carregada de metralha e voltada para o inimigo, mas uma peça a que tem de ficar amarrado o artilheiro.

As instituições portuguezas garantem cabal e perfeitamente a liberdade, é certo; mas não basta garantil-a, era preciso começar por ministral-a por meio de instrucção, que não temos, e da organisação do trabalho que não existe.

Eis em resumo, exm.º senhor, o que se me offerece objectar ás opiniões expostas por v. ex.ª ácerca da nossa riqueza, da nossa civilisação e da nossa liberdade.

Acabou o tempo em que se diziam lisonjas aos principes. É preciso que os povos e as nações não herdem dos tyrannos o goso d'esse tributo grosseiro e antigo.

V. ex.ª tem certamente o amor da verdade, sómente lamento que, emquanto ao seu juizo ácerca de Portugal, v. ex.ª esteja no erro. Porque, d'este modo, o ecco da sua voz auctorisada e persuasiva, não deixará n'esta terra o bene-

ficio que a presença de v. ex.ª lhe poderia prestar.

A questão anti-monarchica, a qual reuniu aqui em volta de v. ex.ª um certo numero de cidadãos, essa, pela parte que me respeita, eu considero-a excessivamente secundaria. Um povo nunca, em nenhum caso, vae para a felicidade senão sósinho e pelo seu proprio pé. A circumstancia de levar por guia um rei é ingenua, é sympathica, exhala um perfume pacifico e patriarchal que me não desagrada. Cadmus foi levado á Beocia por uma vacca. Os sabinos desceram dos montes Apeninos e penetraram na civilisação romana guiados por um boi. Ora não me parece que seja permittido a ninguem considerar a sabedoria dos principes reinantes inferior á do gado vaccum.

Aos ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. Quintino de Macedo e Simões Carneiro, candidatos a deputados pelo circulo 68

Meus senhores. — Sendo eu eleitor do circulo 68, pelo qual vossas excellencias se pro-

põem deputados n'estas eleições, e desejando usar dos direitos que me confere a carta constitucional da monarchia, escolhendo entre vossas excellencias o que me parecer mais apto para resolver na assembléa legislativa dos destinos da minha pessoa, da minha familia, da minha casa e do meu livro, acho-me informado pelas inquirições a que procedi, que vossas excellencias são ambos, exactamente no mesmo grau de intensidade, cidadãos portuguezes, catholicos romanos, monarchicos representativos, ambos liberaes, ambos amantes das instituições e da ordem e ambos mamiferos.

Nem pelos seus programmas, nem pelas suas idéas, nem pelos seus actos, nem pelas suas obras, vossas excellencias manifestam acharem-se um a respeito do outro em condições que mais ou menos os distingam entre si.

Não ha nem um unico principio de administração, de economia, de politica interna ou externa, em que vossas excellencias discordem ou divirjam.

Ha, meus senhores, uma tal ou qual differença de opiniões entre aquelles que vão eleger, não ha differença nenhuma entre aquelles que vão ser eleitos.

Vossas excellencias estão perfeitamente concordes e são perfeitamente identicos.

Não me consta que os eleitores do circulo a que tenho a honra de pertencer se reunissem em comicios, onde o exame da capacidade, dos principios ou dos merecimentos de vossas excellencias levasse o meu circulo a indigital-os como presumptivos representantes dos seus sentimentos ou das suas opiniões. Calculo que vossas excellencias foram para este fim tirados á sorte. Um dia, no Passeio Publico talvez, no Gremio ou na egreja das Mercês, o circulo disse comsigo: «Vamos lá a escolher d'esta multidão dois candidatos. Como se ha de proceder? Postemo-nos ás duas portas: o primeiro dos cidadãos que sair por cada uma d'ellas será o escolhido para servir o ministerio ou para reforçar a opposição.» Um de vossas excellencias saiu então pela porta de cima, o outro pela porta de baixo, e assim foi que vossas excellencias se acharam indigitados para representarem em côrtes os interesses do circulo 68:—pela razão de terem ido á missa, de se encontrarem no Gremio ou de se acharem no Passeio Publico á hora a que o circulo se pronunciou.

É pois tão perfeito o espectaculo da coheren-

cia e da concordancia homogenea que vossas excellencias me apresentam, que, em vista de taes dados, não póde ser mais profunda a perplexidade em que me acho para escolher entre vossas excellencias aquelle que se demonstra mais apto para me representar.

É certo que a *Revolução de Setembro*, regeneradora, adopta a candidatura do sr. Quintino de Macedo, e que o *Diario Popular*, reformista, apoia a candidatura do sr. Simões Carneiro. Estes periodicos porém teem um methodo extranho de me convencerem do merito dos seus protegidos. Este methodo consiste, para o *Diario Popular*, em dizer mal do candidato apoiado pela *Revolução*, e consiste para a *Revolução* em dizer egualmente mal do candidato patrocinado pelo *Diario Popular*. De modo que, se procuro illucidar-me na leitura dos periodicos, a duvida que primeiro tinha ácerca de qual é o mais habil, converte-se-me na hesitação que me sobrevem sobre qual é o mais inepto.

Assim, meus senhores, achando-me, como vossas excellencias vêem, absolutamente impossibilitado de os poder apreciar e distinguir um do outro sob o ponto de vista politico, social e moral, sou em minha consciencia obrigado, para

não incorrer em um erro grosseiro e porventura fatal, a cotejal-os e a discernil-os pelos unicos meios que a sciencia me ministra para os conhecer, isto é, os meios physiologicos.

Ignorando completamente e não tendo modo algum de investigar quaes são as suas idéas ácerca da propriedade, do capital, do trabalho, do juro, do salario, da fórma do governo, do ensino publico, da circumscripção administrativa, da attribuição municipal, da força publica, do poder judicial etc., necessito, pelo menos, de ser por vossas excellencias informado ácerca da sua constituição physica, do seu systema nervoso e muscular, do seu temperamento e do seu organismo.

Estou certo de que a indulgente bondade de vossas excellencias não recusará a um dos seus eleitores, afim de que este possa saber qual dos nomes de vossas excellencias ha de figurar na sua lista, os meios indispensaveis de apreciar vossas excellencias como seres organisados, vista a carencia absoluta dos elementos precisos para os definir como individuos sociaes.

Espero portanto e rogo encarecidamente que vossas excellencias queiram remetter-me um pequeno mappa em que se sirvam responder-me

do modo mais explicito e mais cabal aos seguintes quesitos:

1.° — Qual a medida do seu angulo nasal e facial e qual a dimensão da sua cabeça tomada na circumferencia horisontal por uma escala centimetra. Os anthropologistas modernos ensinam a calcular pelo tamanho do craneo o volume do cerebro. Se as cabeças de vossas excellencias medirem menos de 56 centimetros, será inutil responderem aos subsequentes quesitos, porque lhes faltará n'esse caso uma das primeiras garantias que eu desejo ter pelo meu trabalho de ir á urna.

2.°—Qual o seu temperamento? Se é mixto, quaes as proporções em que actua na sua idiosyncracia o sangue, a bilis, a pituita?

3.°—Qual o estado do apparelho circulatorio e respiratorio? Qual o numero das suas pulsações? Se lhes foi applicado o cardiographo e qual o resultado d'esse exame?

4.° — Em quanto ao systema muscular, que teem feito no dynamometro?

5.°—Como vão do tubo digestivo? as glandulas salivares, o figado, o pancreas, o baço? Qual o tempo em que digerem? Quaes os symptomas

que em suas excellencias acompanham o phenomeno digestivo?

6.° — Alguns pormenores ácerca de toda a região epigastrica, dos hypocondrios, do intestino delgado? (Porque, emfim, por mais similhantes que vossas excellencias se me afigurem, é impossivel que não façam alguma differença, pelo menos, no estado em que teem o estomago, o pancreas e o intestino delgado!)

7.° — Como passam dos rins e suas secreções? Se estas foram já examinadas pela chymica e qual a proporção de acido phosphorico que se lhes encontrou tendo coincidido a secreção com o trabalho cerebral, e qual tendo a secreção tido logar com o cerebro tranquillo?

8.°—Se foram já examinados com o phonautographo, instrumento destinado a dar-nos a medida das variações a que se presta a voz dos oradores? mais com o sphyngnographo, instrumento pelo qual se apreciam as delicadezas da sensibilidade moral do individuo? No caso de terem passado por estas experiencias, qual o resultado d'ellas?

9.°—Se são vaccinados?

10.°—Se teem calos?

Parecendo-me por um lado que é de toda a

razão que vossas excellencias me illucidem prontamente ácerca de cada um dos pontos em que tenho a honra de os interrogar, porque de nenhum modo se pode negar por parte do candidato ao eleitor os meios de que este carece para conhecer o seu homem, e desejando egualmente por outro lado que sobre vossas excellencias não pese um excesso de trabalho de que se acham aliviados os candidatos dos demais circulos do reino e ilhas, pedirei áquelle de vossas excellencias sobre quem recaia a escolha do meu circulo que, para evitar o vexame de uma excepção odiosa, proponha á futura camara o seguinte projecto de lei:

Artigo unico: Todo o candidato a deputado que, sob qualquer pretesto que seja, deixar de apresentar aos eleitores do seu circulo um programma perfeitamente claro e definido das suas idéas economicas e politicas, será de hoje em diante obrigado a produzir-se por espaço de tres dias perante os seus eleitores em uma assembléa publica, sujeitando-se a que os eleitores o examinem e experimentem,

1.º—Apalpando-o.
2.º—Despindo-o.

3.º—Auscultando-o.

4.º—Applicando-lhe choques electricos.

5.º—Medicando-o, se o acharem util, com um purgante, com um emetico, com sinapismos ou causticos.

6.º—Lavando-o, ministrando-lhe uma lixiviação, um duche de agua fria e uma *massage*.

7.º—Obrigando-o a lutar, a nadar, a levantar pesos, a jogar o cricket e a defender-se com uma bengala.

8.º—Fazendo-o digerir na presença da assembléa eleitoral differentes refeições em cada uma das quaes predominem successivamente as substancias albuminoides, os corpos gordos e azotados, os alimentos assucarados e feculentos, etc.

9.º—Mandando-os decorar um verbo.

10.º—Fazendo-lhe quaesquer outras investigações ou experiencias que levem o eleitor a um juizo exacto ácerca do estado em que se acham no organismo do candidato os orgãos essenciaes ás forças da materia e da intelligencia e principalmente a medula espinhal, o cerebello e o cerebro.

Por este modo nós, os homens extranhos á intriga parlamentar, que não podemos discrimi-

nar os caracteres subtis que distinguem pelas cathegorias das idéas os politicos e os estadistas portuguezes, ficaremos pelo menos habilitados a dividir a camara de uma maneira scientifica e exacta em

Centro lymphatico e centro nervoso,
Bilis esquerda e bilis direita,
Dispepsia radical e dispesia conservadora,
Amollecimento cerebral monarchico e amolecimento cerebral democratico,
Etc.

E assim acabaremos talvez por comprehender a final a base philosophica das opiniões e o machinismo verdadeiro do systema que nos rege.

P. S. Não podendo ter sido esta carta expedida a tempo de eu haver resposta de vossas excellencias dentro do praso eleitoral, devo em minha consciencia declarar a vossas excellencias que não votei, por falta de elementos com que justificar o meu voto.

Só no dia immediato ao da eleição é que tive a honra de ler no *Diario de Noticias* que vossas excellencias se fizeram representar junto das assembléas eleitoraes por dois restaurantes de

serviço gratuito para os eleitores, um por parte do sr. Quintino de Macedo, outro pelo lado do sr. Simões Carneiro.

Segundo o periodico acima referido, em um d'esses restaurantes servia-se carne e vinho; no outro, carne, batatas e vinho.

Não sei porque motivo o *Diario de Noticias* deixou esta importantissi na revelação para depois do acto eleitoral! Se eu tivesse tido opportunamente conhecimento d'esses dados teria votado. A minha escolha seria abertamente pelo candidato cujas convicções politicas se manifestaram por meio da carne e vinho. Tenho por ambigua e suspeita a politica do illustre cavalheiro que entendeu dever introduzir no seu prospecto de administração e de governo o elemento batata. Quem quer que fosse aquelle que propinou batata ao eleitor em vez de carne unicamente, como o seu adversario fez, eu o renego e lhe retiro o meu voto e a minha protecção. Um politico que prefere as materias amylaceas, como a batata, ás materias organicas azotadas, como a carne de boi, um politico que é pela fecula em vez de ser pelo azote, para mim está definido e julgado.

Parece impossivel que a obsecação partida-

ria, que o rancor faccioso possa levar um homem até o extremo de o fazer bandear-se por um modo tão inexplicavel e tão vil na batata! Que vossas excellencias nos digam qual de vossas excellencias foi o que se pronunciou pela batata, para que nós arrojemos o seu nome á irrisão, ao vituperio e ao vilipendio do publico!

Ó mesquinho! ó vil! ó insano! é este porventura e meio de te affirmares dignamente perante o teu circulo? Dás-lhe batata? Misturas-lhe traiçoeiramente a batata no bife? Gasufilas-lhe o bife para lhe impingires dolosamente a batata?! Ao eleitor de Lisboa, ao mais insufficientemente alimentado, ao mais faminto de todos os eleitores, ao que mais carece da fibrina e da albumina, tu dás-lhe a batata, um dos alimentos mais pobres que ha? a batata, que tem setenta e quatro por cento d'agua e vinte e um por cento de fecula!?

É até onde pode chegar a sovinice e o impudor! Oh! mas quer vossas excellencias nol-o digam, quer não, nós havemos de saber qual de vossas excellencias é que é a vibora que o circulo 68 acalentou no seio.

Emprasamos o *Diario de Noticias* para que revele cathegoricamente quem foi o candidato

que deu carne e qual o que deu carne com batatas. Que o *Diario de Noticias* vingue o azote, relaxando á vindicta das massas o nome execrando d'aquelle que tentou subrepticiamente prender-nos o voto no laço traiçoeiro da fecula!

Tenho a honra de ser, com a devida differença pelo que tem a opinião parlamentar da vaca e pelo que cahiu no terrivel erro politico do legume,

De vossas excellencias

Amigo reconhecido e fera irreconciliavel

LIVROS NOVOS

Noites de insomnia. por Camillo Castello Branco, revista mensal editada por E. Chardron. Porto.

No Minho. por D. Antonio da Costa. Lisboa.

Contos. por Pedro Ivo. Porto.

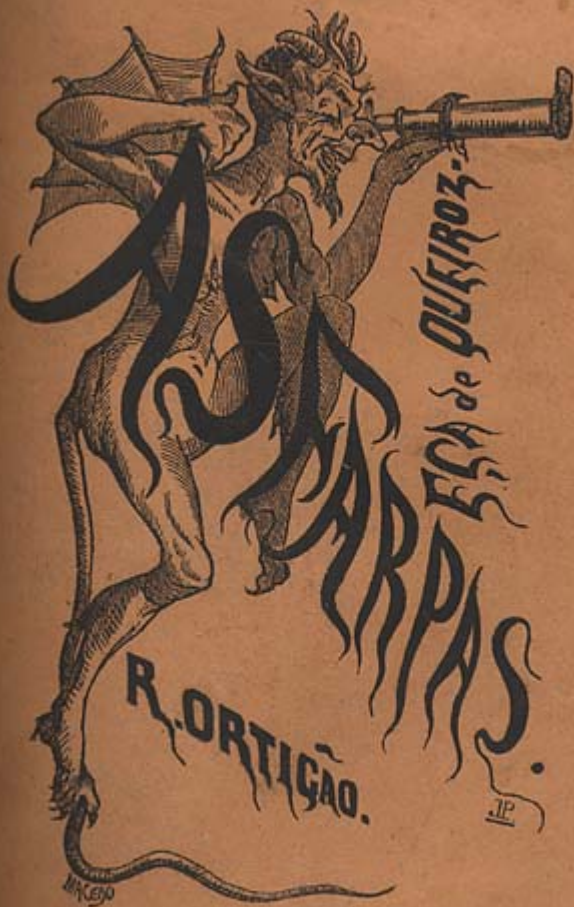
A Alma nova, por Guilherme de Azevedo. Lisboa.

O poema da miseria. por Candido de Figueiredo. Coimbra.

Os amores de um visionario. por Bernardino Pinheiro. Lisboa.

A hygiene da alma. (segunda edição). Lisboa.

Ginx's Baby. Porto.

A morte de D. João. por Guerra Junqueiro. Porto.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

4

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

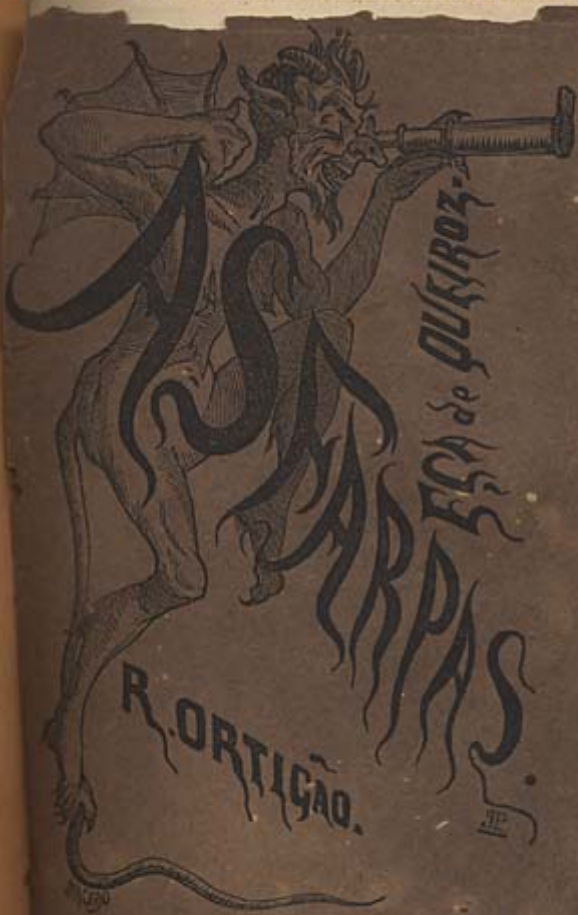
CHRONICA
MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

3.º ANNO

Janeiro a Fevereiro de 1875

VOLUME XXV

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1875

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA
MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

3.º ANNO

Novembro a Dezembro de 1874

VOLUME XXIV

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1874

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

SUMMARIO

A pena de morte. Os philosophos ministeriaes e os philosophos da opposição. A idéa do grande homem. A organisação militar. O recrutamento. A caserna. A disciplina. O fôro militar e o fôro civil. A physiologia e a sentimentalidade. Os assassinos. — A Julio Cesar Machado. — As corridas de cavallos. O *sport*. O aspecto do *turf*. Os *jockeis* e os *gentlemen*. Que é das *cocottes?* Como as corridas principiaram. A côrte de Marie Antoinette. O duque de Chartres. Gessner e Marat. Voltaire e o sr. Alexandre Herculano.—Dois novos jornaes. — Um coronel convertido em barometro. — A questão do Pará. Conquistados e conquistadores. As forcas e as batinas. A civilisação brazileira. A obra do Atlantico e dos Andes. — Raspail. — Pequenas coisas.

O caso do soldado Antonio Coelho, que assassinou o alferes Brito, deu occasião a que todos os jornaes portuguezes puzessem na rua as

processões do seu estylo em honra da *inviolabilidade da vida humana.*

Por toda a parte, na imprensa da capital e na das provincias, no artigo de fundo, nos noticiarios, nos folhetins, um cortejo que passa, levando para a gloria a *inviolabilidade da vida humana!*

Principia-se por uma charanga, na frente, com os tambores cobertos de crepe, um laço de fumo nos trombones. Marcha funebre, passo cadenciado. Os periodos caminham solemnemente pela pagina. As partes da oração vão meditabundas e graves. Velhos verbos patuscos, que ainda o mez antecedente riam alegremente narrando o baile da côrte em Cascaes, os *pic-nics* de Pedrouços e os passeios da Ericeira, pegam ás borlas do pendão, de cabeça baixa, com a lagrima no olho. As tenras e innocentes proposições lagrimejam. Os adverbios suspiram. Os pronomes consternados mal podem substituir os nomes. Finalmente os adjectivos mais altos e mais magros, lividos, esverdeados, soturnos, austeros, cheios de ethymologia e de commoção, carregam com o velho andor das catastrophes, levando em cima a *inviolabilidade da vida humana.*

Sómente esta *inviolabilidade da vida humana* não é a mesma em todas as procissões. Uns levam ás costas no seu andor a *inviolabilidade da vida humana* do alferes Brito. Outros levam a *inviolabilidade da vida humana* do soldado Antonio Coelho.

Ora como estas duas inviolabilidades se repellem e se refutam uma á outra, sempre que o prestito da *inviolabilidade da vida humana* do soldado se encontra com o prestito da *inviolabilidade da vida humana* do alferes ha conflicto. As duas rhetoricas engalfinham-se. O prestito *a* quebra as tochas no dorso do prestito *b*. O prestito *b* emborca os figles na cabeça do prestito *a*. Desmancha-se a solemnidade funeral. Pousam-se os andores no chão. Os verbos mortuarios despem as suas togas. Os adjectivos tetricos arregaçam as mangas da camisa. E os textos latinos meditabundos que acompanham o cortejo retiram á pressa do nariz, para lhes tornar a servir para outra vez, o rapé novo que tinham collocado para este acto solemne. As allusões pessoaes, as insinuações perfidas, os aleives disfarçados, as ambiguidades calumniosas, os cumprimentos que escorrem peçonha, toda a força armada, toda a gendarmeria litteraria,

toda a policia jornalistica, de faca, de box, de casse-tête, desembainha as suas armas prohibidas, e de periodico para periodico travam-se combates sangrentos e crueis.

. ˙ .

A *inviolabilidade da vida humana*, questão extremamente complexa, que em toda a parte tem sido ponderada sob o ponto de vista juridico, sob o ponto de vista social, sob o ponto de vista physiologico, teve a imprensa de Lisboa o talento de a reduzir a dois unicos aspectos: o aspecto Antonio Coelho, e o aspecto Brito.

O ponto de vista ministerial dá o aspecto Brito; o ponto de vista opposição dá o aspecto Coelho.

Assim em Lisboa, sem a minima divergencia, sem a mais leve discrepancia, todos os jornaes governamentaes querem que o soldado Coelho seja sacrificado á *inviolabilidade da vida humana* do alferes Brito; todos os jornaes opposicionistas querem que o alferes Brito seja immolado á *inviolabilidade da vida humana* do soldado Coelho.

Não ha alguma excepção a esta regra que divide os philosophos todos em philosophos do

ministerio e em philosophos da opposição? Coisa singularmente expressiva e profunda: não ha excepção nenhuma!

. · .

Entre as opiniões desinteressadas dos pensadores é especialmente digna de menção a opinião do sr. Alexandre Herculano.

Sua excellencia, o profundo philosopho, o incorruptivel critico, patenteou se em uma carta publicada no *Jornal do Commercio*. D'essa carta deprehende-se que a respeito da questão sujeita, — se no exercito tal como elle se acha organisado em Portugal convém ou não manter a pena ultima, e isto não perante a lei, que é expressa, mas perante a razão, perante a sciencia, perante a consciencia humana — sua excellencia o sr. Alexandre Herculano não pensa nada!

Emquanto os engenhos subalternos divagam com as suas affirmações ou com as suas negativas nas regiões confusas do raciocinio, da deducção, da logica, o grande vulto, o mestre, cae perpendicularmente sobre a questão, apodera-se d'ella, empolga-a, vibra-a, dobra-a apal-

pa-a, sopra-lhe, cheira-a, faz-lhe caras, e colloca-a outra vez no seu logar com uma grande magestade reticente.

O paiz tinha os olhos fitos em sua excellencia. O grande homem iria certamente fallar. Não, sua excellencia ficou mudo, immovel, como se o paiz o estivesse vendo já nas galerias da posteridade, feito de cera, com uma teia de aranha no perfil e com ratos dentro.

Constou que sua excellencia tivera então uma longa entrevista com o sr. D. Fernando. Estava eminente um successo raro, culminante, em que ficaria para sempre empenhada a responsabilidade do poder moderador, poder irresponsavel com os tribunaes constituidos, não irresponsavel diante da historia, nem diante da civilisação, nem diante da humanidade. Era o pae de el-rei, o seu confidente, o seu melhor amigo, quem conferenciava com o primeiro historiador, com o primeiro philosopho, com a mais elevada intelligencia da sua patria. Presumiu-se que o grande homem se desempenharia n'esse momento do dever que teem todos os espiritos superiores de não esconderem a luz que possa encarreirar a verdade e alumiar a justiça. Illusão: Sua excellencia declara-nos que não con-

versou com o sr. D. Fernando senão ácerca de assumptos agricolas.

Questão: Em face do direito de punir, entre a clemencia e o rigor, qual é na civilisação moderna o papel que compete aos reis?

Opinião do sr. Alexandre Herculano:—Real senhor! haja vossa magestade por bem plantar chicoria.

Reparo de sua magestade:—Amigo! que dirieis se preferissemos haver por bem, em vez de lançarmos nossa real iniciativa ao encontro da immortalidade e da chicoria, tomarmos de nossa regia mão o sceptro de nossos avós e os cominhos?

Replica do grande homem:—Que vossa real magestade faça rolar minha cabeça aos pés do verdugo! Ella aqui está, a minha cabeça encanecida: que m'a decepem!... Oh! mas a eterna verdade nunca a trahirão meus labios, nem diante dos reis, nem diante dos povos. Não receio nem um instante arrostar vossa real colera. Affronto-a. E n'este momento supremo invoco

sobre os sete palmos de terra que hão de cobrir meu corpo o testemunho dos homens e o juizo de Deus... Real senhor! eu reprovo os cominhos! Eu quero dar o meu sangue pela chicoria! Onde é que estão as chicorias, que vou abrir uma veia?

Assim deveriam ter fallado suas excellencias... ou suas magestades... por que dizendo-nos outro sim o sr. Herculano que o sr. D. Fernando é um simples particular como elle, sr. Herculano, não sabemos, attenta esta egualdade gerarchica dos dois personagêns, que tratamento lhes deveremos dar para não offender a sua modestia nem melindrar o seu orgulho.

. · .

Da geral comprehensão da inviolabilidade da vida — comprehensão regeneradora historica, ou reformista — resultam, como de tudo quanto procede da politica portugueza, as conclusões mais divertidamente insensatas e absurdas.

Por exemplo:

Distinguem-se para os effeitos da severidade da pena os delictos civis e os delictos militares. Quer-se uma lei especial para os crimes do soldado.

O soldado não é um cidadão como qualquer outro. Como a lei do recrutamento permitte excluir do serviço militar todo aquelle que tem algum dinheiro, alguma protecção, alguma influencia, o soldado sae naturalmente da classe mais desfavorecida, mais pobre, mais ignorante. O regimento não o torna nem mais educado nem mais instruido. Os habitos e as convivencias da caserna desmoralisam-o cada vez mais, porque a caserna em Portugal é uma ociosidade com um uniforme, com uma guitarra, com uma doença secreta e com um baralho de cartas.

No paiz ha um determinado numero de jaquetas com botões amarellos que vertir, ha um determinado numero de pares de botas dos senhores officiaes que engraxar, ha um determinado numero de puxões d'orelhas dos mesmos senhores officiaes que receber, ha mais uns gravanços com arroz que engulir, uns cigarros que fumar e umas espingardas que pôr ao hombro de alguem defronte de certos portaes e ao pé de certos monumentos.

É civil todo aquelle individuo que tem uma d'estas coisas: quarenta libras, uma carta de empenho, um defeito physisico ou uma certidão falsa — para dar a quem no logar d'elle vista a

jaqueta, engraxe as botas, fume os cigarros, coma os gravanços, receba os puxões d'orelhas, segure a espingarda e admoeste o viandante em cujas feições descubra o intuito de depositar corpos extranhos junto dos monumentos publicos.

É soldado todo aquelle que, por falta de quarenta libras, de um defeito physico ou de uma certidão falsa, se vê obrigado a fazer o serviço de que estão isemptas as classes privilegiadas perante as espingardas, as jaquetas, os gravanços, os massos de cigarros, os puxões d'orelhas e as botas por engraxar.

A sociedade estabelece por este modo no seu gremio duas ordens perfeitamente distinctas de cidadãos: cidadãos patrocinados por um privilegio conferido ao dinheiro, ao compadrio, á corrupção e á deformidade physica, e cidadãos condemnados pela fatalidade da pobresa, do vigor da saude e da altura do estalão.

Em vista d'esta desegualdade estupidamente deshumana que separa n'um paiz livre a população civil e a população militar, a lei resolveu benignamente instituir algumas compensações consoladoras. Com este fim estabeleceu-se o fôro militar diverso do fôro civil. Com estes dois fo-

ros tudo se equilibra harmonicamente como vamos vêr.

Ha quatro cidadãos de vinte annos cada um: são os cidadãos *A*, *B*, *C* e *D*. *A* é rico, *B* tem um lobinho, *C* dá seis votos ao governo em cada eleição, *D* não tem dinheiro nem lobinho nem votos. Portanto *D* é preso, arrancam-o á sua familia, á sua profissão, á sua aldéa, aos seus amigos, ao seu futuro, á sua liberdade, e condemnam-o até á velhice a trazer vestido um uniforme, a trocar o nome por um numero, a comer gravanços, a ter um pataco por dia, a dar a sua vida pela patria de *A*, *B* e *C*, e a derramar até a ultima gota do seu sangue pela independencia, pela tranquilidade e pela ordem, bases sobre que repousam o dinheiro de *A*, o lobinho de *B*, e os seis votos eleitoraes de *C*, os quaes tres cidadãos ficam na vida civil, manejam livremente os seus negocios, o seu dinheiro, a sua intriga, e chegam a ser viscondes, conselheiros d'estado ou ministros da corôa na mesma edade em que *D* entra em veteranos com uma perna de pau e um vintem de gratificação.

Seria monstruoso isto, seria o opprobrio da civilisação, a offensa de Deus e a vergonha da humanidade, se, como acima dissemos, não hou-

vesse na lei uma doce compensação consignada nas relações em que durante a sua vida se hão de achar os soldados e os paizanos perante a inviolavel justiça, isto é: se não existisse a differença entre o fôro militar e o fôro civil.

Consideremos factos eguaes em vista d'esses foros diversos.

Imaginemos uma solemnidade civil e uma solemnidade militar: uma recita em S. Carlos e uma revista de mostra.

Se eu não sou soldado estou em S. Carlos, sentado, sob o gaz, fazendo a digestão de uma duzia de ostras e de uma perdiz, alegre, applaudindo a opera com as mãos por cima da cabeça para exhibir as minhas luvas côr de perola. Um dos meus superiores examina-me com o seu binoculo, averigua que tenho uma nodoa na gravata, aproxima se de mim e quer tirar-me a gravata. Eu então remunero o meu superior com uma ou duas bofetadas, e o meu superior retira-se.

Se eu sou soldado, estou na fileira, com cinco feijões, uma fatia de pão e um litro d'agua no estomago. O meu superior descobre a minha nodoa, arranca-me a gravata e dá-me com ella na cara. Ou eu lhe respondo ou não lhe respon-

do. Se não lhe respondo tenho apenas quatro guardas de castigo. Se lhe respondo tenho um mez de calabouço. Se lhe tiro a gravata d'elle, que tem seis nodoas em vez de uma, recebo tantas balas no peito quantas as nodoas que elle tem na gravata.

Eis a differença mantida pela lei entre a jurisprudencia civil e a jurisprudencia militar.

Outra differença:

O amanuense Elias adormece a copiar um officio em cima da mesa da sua secretaria. — Está doente o amanuense Elias, está sucumbido de fadiga, de cansaço. Vá para sua casa repousar o amanuense Elias! Copie o officio o amanuense Eloy!

O soldado 23 da 4.ª adormece a fazer uma sentinella encostado á sua espingarda: foi atraiçoada a patria pelo 23 da 4.ª; caiu uma nodoa indelevel na honra militar, no brio guerreiro, no pavilhão nacional!

O biltre 23 da 4.ª, o infame, o traidor, o cobarde 23 teve o impudor de adormecer, estando-lhe confiada a guarda das immunidades nacionaes, a segurança publica, a tranquilidade dos cidadãos, o somno sacrosanto do amanuense Elias e o improbo trabalho do amanuense Eloy!

Trinta dias de calabouço, trinta guardas de castigo, o desprezo publico e a vergonha eterna para o 23 da 4.ª!

. . .

Educa-se o soldado no despreso da vida. Ensina-se-lhe que a morte é o mais natural incidente da sua carreira gloriosa. É preciso que elle encare a morte rosto a rosto, sem impallidecer, sem se lhe contrahir um musculo na face, sem lhe bater a mais uma só pulsação. Que importa a morte de um soldado? A revolução franceza matou dez mil homens para salvar a liberdade: chamou-se a isso o *terror*, e todas as nações choraram; Napoleão matou dois milhões de soldados para saciar a ambição: chamou-se a isto a *gloria militar*, e todos os povos estremeceram de enthusiasmo.

O soldado vive na fé d'estes dogmas. Não ha exercitos sem a religião d'esta doutrina. O publico sabe muito bem que assim é. No entanto succede o seguinte: O gatuno *Pera Cosida* mata tres homens á navalha em uma esquina da Mouraria ou do Bairro Alto; o publico quer que *Pera* morra das febres putridas na Africa, mas não supportaria de nenhum modo que *Pera*

fosse enforcado diante dos outros gatunos no alto da Cotovia. Porque não? Para não aterrar o povo, para o não desmoralisar com exemplos de morte.

Por outro lado um soldado mata um official. O publico não quer que o degredem, quer que o matem no mesmo quartel em que se deu o crime, á vista dos seus camaradas, encostado a um muro. Para quê?... Oh! para dar um exemplo! para aterrar o exercito!

Mas, vejamos, definitivamente, meus senhores... Como é que querem o exercito? querem-o aterrado para manter a disciplina? Ou querem-o desdenhoso para ganhar as victorias?

O espectaculo da morte é um exemplo proficuo ou é um exemplo funesto? Se é um exemplo proficuo, porque se não dá esse exemplo aos confrades de *Pera Cosida?* Se é um exemplo funesto, por que não privam d'esse exemplo os camaradas de Antonio Coelho?

Quem tem por officio esporear um cavallo para cima de um quadrado, desembainhar uma espada ou calar uma baioneta ao encontro de um regimento, perde tudo se perder o seu despreso pela vida; quem não tem esse officio não perde nada se se lhe incutir o terror pela morte.

Como se explica então que se queira abolida a pena ultima para não aterrar o povo, e se mantenha o fusilamento para aterrar o exercito?

Qual querem que seja o effeito da applicação da morte no espirito dos soldados?

Querem que elles tenham a commoção nervosa do susto burguez? Ou querem que elles tenham a indifferença desdenhosa do guerreiro implacavel?

Mas, se elles teem a commoção burgueza, acabou-se o exercito! Se elles teem o desdem impassivel, acabou-se o exemplo!

E, em ambos os casos, d'estas duas coisas uma: ou falha a lição que destinaveis dar aos soldados, ou falham os soldados destinados a receber a lição.

. * .

Eis dois individuos objecto da distincção juridica entre os crimes militares e os crimes civis: o soldado Antonio Coelho e o marechal Bazaine. Ambos elles estão n'este momento em Lisboa. Um, encarcerado n'uma prisão, incommunicavel, coberto pelo despreso e pela repulsão publica, esperando uma sentença de morte. O outro, hospedado no hotel de Bragança, com os seus filhos, com a sua esposa interessante,

celebre pela aventura complicadamente dramatica de uma evasão celebre.

Todos os jornaes d'esta manhã se occupam egualmente do soldado Antonio Coelho e do marechal Bazaine. Discute-se se morrerá ou não o soldado, se irá ou não jantar a Cintra o marechal. Um periodico quer que Antonio Coelho morra, e diz que Bazaine tem bigode e pera. Outro periodico refere que Bazaine e sua mulher deram uma esmola ao Senhor dos Passos da Graça e que o processo de Coelho subiu ao supremo tribunal.

O ex-soldado do 2, só com o lugubre phantasma do seu crime, na escuridão pavorosa do seu carcere e da sua estupidez, prostrado como um lobo ferido que se vê cercado pelos cães e pelas clavinas dos caçadores, está agachado no vertice d'esse estreito angulo pavoroso da vida, em que o homem sossobra sob o impotente desespero, essa suprema força irresistivel e implacavel feita de infinitas trevas e de infinito silencio. O ex-marechal de França passeia ao largo sol com a sua familia e os seus amigos, respira a brisa penetrante do oceano no meio do alegre movimento dos tombadilhos, percorre as brancas estradas em caleche de viagem, vendo pas-

sar, como uma festa, atravez do fumo azul de um bom cigarro havanez, as aldeias lustrosas em que cantam os galos; os muros das quintas pintados de amarello ornados de vasos com flores; as eiras dos casaes em que se levantam as medas; os portões de ferro atravez dos quaes se descobre um cacho de creanças de bibes brancos e chapeus de palha que descem a escada de pedra; os alpendres dos ferradores cobertos de pombas; os densos pinhaes murmurosos e balsamicos; os olivedos em que assobiam os melros; os prados verdes em que se sentam saciadas a olhar para o caminho as grandes vacas pacificas.

Ah! que dois tão oppostos destinos, o do ex-marechal Bazaine e do ex-soldado Coelho!

E todavia elles são dois criminosos.

Que madame Bazaine nos perdôe estas palavras brutaes, se os seus negros olhos mexicanos se encontrarem com esta pagina obscura, atravez da renda azul do seu veu de viagem! Que nos perdoem os seus pequenos filhos, aos quaes nós enviamos os nossos beijos mais doces, se esses loiros innocentes chegarem a dilucidar com as suas boquinhas semi-hispanholas estas letras barbaras!

Mas a verdade é que o ex-marechal e o ex-soldado são egualmente dois criminosos.

Um está debaixo da acção inclemente da força; o outro está sobre a asa benefica da liberdade. Um ainda não foi julgado; o outro já o foi. O soldado é um accusado preso; o marechal é um condemnado fugido. Um roubou a vida a um homem, segundo a accusação que lhe pesa; o outro, segundo a sentença que o julgou, roubou a honra a uma nação, roubou o valor a um exercito, roubou a gloria a um povo.

Como porém Coelho commetteu um crime militar, o soldado é condemnado á morte, em vez de ter a pena de degredo que caberia a qualquer outro cidadão accusado de homicidio!

Como porém Bazaine commetteu um crime militar, o marechal de França faz alegremente a viagem da Peninsula, acha o Tejo formoso, janta no Victor, sobe ao zimborio da Estrella, dá esmolas ao Senhor dos Passos da Graça... em vez de ser filado pela policia e mettido no Limoeiro como um *escroc!*

Se o crime pelo qual o marechal Bazaine foi condemnado a vinte annos de prisão tivesse ferido unicamente os interesses e a honra de um individuo, este accusal-o-hia de abuso de

confiança e de burla, e mandaria agarral-o pela policia em qualquer parte da Europa em que elle apparecesse. Como o crime de Bazaine comprometteu os interesses e a honra de milhares de familias e de milhões de individuos, o crime militar do celebre marechal de França toma a qualificação de *crime politico*, a neutralidade das nações respeita a inviolabilidade do criminoso, e os jornaes portuguezes em vez de incluirem o nome d'elle nas partes policiaes registam-o na lista dos viajantes illustres.

D'este modo a subtil distincção entre os crimes civis e os crimes militares estabelece dois singulares privilegios: um para os soldados presos assegurando-lhes a morte, outro para os marechaes fugidos assegurando-lhes a liberdade.

. ˙ .

Esta distincção, diz-se, tem por fim salvaguardar a disciplina na organisação do exercito. Como se a disciplina fosse um attributo exclusivamente militar! Como se no resto da sociedade se dispensasse a disciplina! Como se só os ventres dos majores devessem estar pela lei a coberto da contingencia de serem surprehendidos pelas armas dos malfeitores! Cuidarão os

srs. majores que nós outros não temos ventre?... Oh! como os srs. majores se enganam!

Sempre que um soldado attenta contra os dias de seu superior, a opinião occupa-se da disciplina militar, e affirma-se que é preciso fusilar um soldado para estabelecer a disciplina. Não nos consta que se houvesse ainda pensado n'uma coisa, aliás extremamente sensata: fazer o contrario do que se pretende fazer, isto é: em vez de fuzilar os soldados para organisar a disciplina, organisar a disciplina para não fuzilar os soldados.

.·.

A ultima vez que tivemos o desgosto de ver uma caserna foi o anno passado, pelo verão, tendo entrado por acaso na Torre de S. Julião da Barra. Achamo-nos á porta de uma especie de barracão formado entre duas muralhas. Entrámos. Havia um cheiro nauseabundo de marmita e de cigarro. A luz entrava debilmente por umas estreitas frestas envidraçadas junto do tecto negro como o soalho. Ao longo das paredes, duas filas de camas de ferro; ao meio, uma passagem communicando a porta da entrada com a da saida. Eram duas horas da tarde. Em cada uma das camas estava deitado um homem, des-

abotoado, meio nú. Uns dormiam. Outros, acordados, de costas, com as mãos passadas por detrás da nuca, olhavam para o ar ou contemplavam os pés, de que tinham descalçado as botas. Um tocava o fado. Todos aquelles individuos eram perfeitamente indifferentes á presença de uma pessoa extranha dentro d'aquelle recinto. Nenhum vislumbre de pudor ou de recato. Elles jaziam ali, esperando o rancho, cuido eu, na impassivel inercia da atonia ou da imbecilidade. Deixavam-se olhar, como se para esse expresso fim se achassem expostos á curiosidade publica, como os mendigos que mostram a nudez dos seus aleijões á beira das estradas.

Passámos pelo meio d'elles, de vagar, examinando-os um a um, como passariamos por entre bichos na galeria do Jardim das Plantas, levando o nosso chapeu na cabeça, um charuto nos beiços, as mãos nas algibeiras.

Tal é no quartel a existencia e a educação do soldado portuguez.

Fóra do quartel o soldado ou faz sentinella aos edificios publicos com uma espingarda ao hombro, ou faz namoro ás criadas de servir com um annel de ouro no dedo.

Este annel, a que se chama um *cachucho*, e

que faz parte do equipamento do nosso exercito em pé de paz, deveria figurar na despeza do orçamento geral do estado. Porque, em verdade, o exercito não custa sómente ao paiz quatro mil contos, custa quatro mil contos mais quatro mil cachuchos por anno. Sómente como o estado, não sabemos porque, entendeu não dever pedir directamente ao contribuinte os cachuchos do exercito, são as cozinheiras encarregadas de fornecer esta importante parte do armamento á força publica, cobrando ellas mesmas do paiz, por meio de successivas gasufilações no tempero das panellas, este imposto addiccional, a que podemos chamar—a contribuição do cachucho.

Ora com a educação da caserna a que acima nos referimos, quaes quer que sejam no cerebro do soldado portuguez as idéas do dever, da honra, da dignidade, do brio, de todas as mais coisas brilhantes e sonoras, de que elle não ouve fallar, senão nos conselhos de guerra, exactamente quando se trata de o fazer abandonar a fileira para o mandar para a prisão ou para o degredo?

.˙.

Convém saber se os exercitos permanentes,

que são uma invenção do seculo XVI destinada a defender as monarchias e a manter as nacionalidades, são ou não são uma necessidade social no seculo XIX; se a humanidade pode logicamente absolver-se de se infligir a si mesma, nos nossos dias, esta horrivel amputação das suas forças vivas, que se chama a organisação militar; se é util, se é mesmo licito, dizer-se a um paiz: todos os teus homens mais válidos, mais fortes, mais robustos serão soldados; como soldados viverão separados da familia, no amor livre, na devassidão dos costumes, na incontinencia, na crapula, guardando o celibato como o guardam os padres, aos quaes se exige egualmente que não tenham doenças organicas nem deformidades physicas; de modo que, ó paiz, sequestrando-te para o celibato do exercito e para o celibato da egreja os teus homens sãos, ficam-te pertencendo para a familia, para a continuidade da raça, para troncos da futura geração, os aleijados, os tisicos, os corcundas, os que não foram vaccinados, os que teem escrophulas, os que teem escorbuto. Estes serão os paes dos vossos filhos. Os outros, os sadios e os fortes, serão a vossa egreja e o vosso exercito, os primeiros para ouvirem os peccados das vos-

sas mulheres, os segundos para receberem os cachuchos das vossas creadas.

Se é preciso que este estado de coisas se mantenha, então que o exercito se organise como deve ser. Que o imposto do sangue recáia na mocidade inteira. Que se decrete o serviço militar obrigatorio, irremissivel por dinheiro.

Desde o momento em que os mancebos que teem a educação, os habitos civilisados, a cultura do espirito, pegarem nas armas, como succede agora unicamente aos proletarios, aos ignorantes, aos desvalidos, desde esse momento o exercito disciplinar-se-ha por si mesmo; converter-se-ha n'uma escola de educação nacional; formará o espirito publico. Se no destacamento que vimos na Torre de S. Julião estivessem como soldados um medico, um capitalista, um pintor, um titular, um advogado, um escriptor publico, o destacamento não seria aquartelado na especie de curral em que o vimos; teria, como deve ter, aposentos tão commodos como os dos senhores officiaes, para que os soldados podessem collocar os seus objectos de *toilette*, os seus utensilios de trabalho para se occuparem nas horas vagas do serviço, os livros, as escrevaninhas, os cavalletes, as caixas de tin-

tas etc. Deante dos seus camaradas que trabalhassem, que tomassem banho, que escovassem os dentes, que estivessem concluindo um quadro, escrevendo um artigo, compondo um livro, fazendo umas calças, concertando um relogio, cinzelando uma joia, nenhum soldado se atreveria a tomar as attitudes em que vimos a guarnição militar da Torre de S. Julião.

Cada um aprenderia a ter o respeito do seu similhante e de si mesmo.

Os srs. officiaes deixariam de tratar por tu os seus subalternos, perderiam o habito de lhes mandar servir o chá e engraxar as botas, e abster-se-hiam de uma vez para sempre de lhes puchar as orelhas, porque seis mezes depois da instituição de serviço militar obrigatorio estaria comprehendido em todo o exercito que as orelhas de um soldado são tão inviolaveis como as dragonas de um marechal de campo; que a dignidade militar não póde deixar de ter por base a dignidade humana, e que todo aquelle que tem á cinta uma baioneta e se deixa impunemente esbofetear por quem quer que seja, está, pelo brio da sua alma e pelo decoro da sua pessoa, abaixo da simples besta.

. ˙ .

A pena de morte applicada ao soldado Antonio Coelho para desaggravo da disciplina militar repugna-nos pois como absurda Não nos repugna porém a applicação da morte como pena geral do homicidio.

Nunca, desde os nossos mais tenros annos até hoje, podemos comprehender as razões poeticas e sentimentaes dos que aboliram ou querem abolida para os malfeitores a pena ultima.

Para os homens de bem a morte persiste consagrada como uma solução social do dever e da honra. Os homens dignos e honrados morrem no duello e morrem na guerra. Ninguem chora por elles, ninguem se sensibilisa, ninguem contesta o direito que houve de os matar, ninguem pensa em reorganisar a justiça de modo que fique para sempre supprimido o combate. Todo o homem de pundonor e de brio, deliberado a manter e a honrar diante dos homens e diante de Deus as coisas sagradas que cada um de nós tem sob a guarda da sua intelligencia e do seu braço — a liberdade do seu pensamento e o affecto do seu coração — todo o homem disposto ao cumprimento d'este dever sacrosanto tem de estar friamente e consciente-

mente preparado em cada dia para receber a morte. Não é sómente a morte espectaculosa e theatral pela honra, conferida no campo em uma fria madrugada, defronte de um vulto negro que se destaca sobre o azul, entre dois sujeitos taciturnos, abotoados nos seus paletots, que batem as palmas. É a morte pelo dever, ignorada e obscura, que nós sentimos no fundo do nosso gabinete, da nossa officina ou do nosso escriptorio, caminhando inexoravelmente para nós, suffocando-nos mais estreitamente em cada dia com o excesso do trabalho, com a insufficiencia da alimentação, com as dôres moraes. É a morte pela fadiga, pela pobresa, pela desesperança,— males da razão contrariada, do sentimento opprimido, do caracter calumniado, que trazem comsigo as lesões dos centros nervosos, as enfermidades sem cura.

Registam os jornaes em cada manhã os homicidios com as facas de ponta, os suicidios com o veneno. Não se registram os homicidios perpetrados com a calumnia, com a injustiça, com a indifferença social, nem os suicidios praticados pela mais terrivel das armas que o homem póde voltar contra si mesmo—a tristeza moral, o desgosto de viver. Seria enorme, se o fizes-

sem, o catalogo d'esses attentados de cada hora contra a inviolabilidade da vida. Na guerra quantas execuções summarias sem fórma de processo e sem culpa! quarenta mil innocentes em Sadowa, quarenta mil em Magenta, quarenta mil em Sedan, — um milhão e duzentos mil homens no vigor da idade, na plenitude da força, mortos em tres dias!

A violação da vida pela miseria e pela fome, a violação da vida pela guerra, — duas torrentes do sangue e das lagrimas de metade da humanidade, á beira das quaes se levanta o sentimentalismo judicial invocando a nossa compaixão... para quem? Para os que se sacrificaram pela sociedade, pela patria, pela honra, pelo dever? Não. A nossa compaixão, a nossa dôr, a nossa sensibilidade requer-se-nos em favor de Tropmann, de Barnabé, de Nalá, de Antonio Coelho ou de qualquer outro assassino encarregado de vir de quando em quando á publicidade fazer chorar as gazetas!

Oh! sim, choremos de remorso pelos senhores assassinos condemnados á morte, dizem os criminalistas sentimentaes, porque a sociedade não tem o direito de os castigar. O crime é uma fatalidade physiologica, é uma doença moral.

Assim como vem á pelle um furunculo, assim o crime vem. Que é que se deve fazer ao criminoso? Pôr-lhe pomada alvissima.

É para isso que se crearam as prisões penitenciarias, que são os hospitaes dos criminosos. Ahi se recebe o doente de crime, convenientemente agasalhado e mantido, á espera de que a rehabilitação lhe chegue para regressar ao gremio social. Não ha nada mais humano. Sómente, eu que escrevo estas linhas, no fundo do meu coração, experimento um sentimento que me parece um pouco humano tambem, e vem a ser:

Que nunca mais eu teria na terra um minuto de repouso, um instante de socego emquanto aquelle que friamente e expressamente houvesse assassinado meu pae ou o meu filho, se achasse tranquillo no seu gabinete, sentado diante da physiologia, á espera de que a rehabilitação lhe viesse; e, por consequencia, eu prefereria, em vez de entregar o assassino ao regimen emoliente da justiça humanitaria, aquartelar-lhe no craneo as cinco balas do meu rewolver, e em seguida ir rehabilitar-me eu. Isto é o que profundamente eu sinto a respeito d'aquelle que assassinasse meu pae ou meu filho.

Depois d'isso occorre-me se me será permittido ter uma opinião diversa ácerca dos que assassinam os paes ou os filhos—dos outros.

A Julio Cesar Machado—Sei que alguns litteratos, teus confrades e meus, pretenderam convencer-te de que se referiam a ti algumas allusões feitas á imprensa jornalistica no ultimo numero das *Farpas*.

Peço-te o obsequio de fazer constar a esses senhores, em primeiro logar que são para mim sagradas as pessoas que eu estimo como a ti; em segundo logar que não escrevo nunca allusões pessoaes.

As allusões são a linha obliqua de ataque que eu não sigo senão quando tenho de me referir á grande massa. Quando me dirijo aos individuos faço-o pelo mais curto caminho, que é o da linha recta. Teria os maiores remorsos se tendo-me eu occupado, por exemplo, de um jornalista ignorante e estupido, o fizesse tão ambiguamente que o sujeito ficasse em duvida se

crá a elle ou á burra de Balaã que eu me refeiria! Dois sentimentos me levam a este escrupulo: o meu desprezo pelo resentimento dos tolos, e o meu respeito pela innocencia das burras.

Os senhores escriptores publicos podem, á sua vontade, ter da confraternidade litteraria a comprehensão que lhes parecer; podem, como quizerem, acolher-me ou excluir-me do templo da augusta publicidade em que elles se empregam reciprocamente como idolos e como sacerdotes, turibulando-se uns aos outros com incenso barato comprado de subscripção pela confraria.

Quando eu pedir aos senhores jornalistas que tenham a bondade de me considerar nos seus papeis como um trabalhador consciencioso e honrado para cima do qual seria talvez indecoroso que a classe resolvesse despejar as suas porcarias, os senhores jornalistas farão muito bem se me desattenderem e se me puzerem fóra, porque a verdade é que eu nunca em minha vida contribui nem com as minhas cumplicidades nem com as minhas complacencias para os regabofes da malta.

Portanto, que me castiguem com o silencio,

com a reprovação, com o desdem, com a mentira! Como quizerem!

Que porém resolvam intrigar-me comtigo, isto parece-me denotar da parte de quem o faz um certo fastio de ser *tolerado* e um desejo agudo de passar a ser *prohibido*.

Coitado de ti, pobre Julio, que conheces essa boa gente pôdre! Não tens lá veneno dos ratos? Deita-lh'o. Não tens um ferro em braza? Chega-lh'o. Não tens um desinfectante, um frasco de essencia de alcatrão?... Ah! não tens? Vou mandar-t'o!

Esta manhã, corrida de cavallos em Pedrouços. Um bello dia ameno, encoberto por um gaze humido côr de perola. A tribuna do club, cheia. No recinto da pesagem, sobre o *turf* — sem relva — alguns sportsmen, de luvas amarellas de pelle de cão pespontadas de preto, com os seus binoculos ao tiracollo, condecorados com o cartão verde oval, mettido n'um botão da sobrecasaca, medem os cavallos pela fita de aço ou pela escala das suas bengalas, dizem pa-

lavras technicas sibiladas em inglez, mordem sandwiches de foie-gras e fazem-se servir copos de soda-water com vinho de Champagne.

As senhoras lancham menos finamente. Notamos que os seus cabazes de viagem não vieram de Piccadilly, não teem fechos d'aço nem debruns de Varsovia, e não foi certamente Chevet ou Potel, e Chabot quem forneceu os viveres. Perto de nós uma creatura, aliás bem vestida, tira do seu bolso como uma galanteria culinaria um frasquinho de licôr e offerece á sua amiga, a qual está mastigando um modesto kake e apara as migalhas sobre uma folha de papel pardo estendida nos joelhos.

. · .

Pobres senhoras! Pallidas elegancias! com os vossos vestidos tão ricos e com os vossos rostos tão pobres, tão descorados, tão anemicos, vós lembraes bastante a figura que teria a dieta, se a dieta tomasse a fórma humana e se fizesse vestir pela Aline e pentear pela Mulata! Comeis pouco e mal, minhas formosas amigas. Muito pouco e muito mal! A ponto de se receiar que queiraes parecer-vos n'isso com Nabuchodonozor, que era senhor de Ninive e da Babylonia,

tinha todas as riquezas, todos os luxos, todas as ostentações, e não queria senão hervinhas do monte para jantar!

. · .

As carroagens estacionadas dentro do circuito da pista, não ostentam mais aziatica propensão para os requintes do luxo dos que os lunchs de pão de ló e de licor de groselhas.

Não vemos as equipagens de gala com creados de meias de seda, cabello empoado e librés recamadas de ouro. Não vemos os *poney-chaises*, nem os *broughams* nem os *daumonts*, nem os *dog-carts*, nem os *braks*, nem os *oito-molas*, nem as *berlindas de posta* com a orchestra triumphal das campainhas dos cavallos e dos estalos de chicote dos pequenos postilhões de calções de camurça, chapéos envernisados e jalecas verdes com botões de prata.

Oh! não: podemos jurar que não são Cleopatra nem Lais nem Ninon de Lenclos nem Diana de Poitiers nem a Rigolboche nem a Mogador nem madame *Vide-gousset* nem mademoiselle *Crève-imbecil* nem miss *Pick-pocket*, as formosas pessoas que estamos d'aqui vendo com as suas bellas espaduas honestas cobertas de renda de Chantilly assignaladas á menmonica das

massas pelo algarismo das respectivas tipoias.

Onde estão ellas? Onde estão as outras? Onde estão as mulheres que a gente vem vêr ás *courses?* As mulheres que descem de Longchamps pela avenida da Imperatriz para irem jantar « em companhia fina » nos cafés do boulevard, deixando no seu trajecto o vestigio de um escandalo mais desaforado e mais impudico que o da antiga *descente de la Courtille?*

Com o direito que nos confere o nosso bilhete de pião, que compramos por dois tostões, nós exigimos da empreza d'esta corrida que nos mostre essas creaturas. Foi para as vermos que nós cá viemos. As corridas não servem para mais nada senão para isto. As corridas são um leilão e uma loteria. Aposta-se pelos cavallos e pelas mulheres. Joga-se o dinheiro e o amor: cincoenta luizes pelo *Gladiateur* e cincoenta pela Markowitz! O que se disputa aqui, meus senhores, não é o premio Monthion, é o premio do *Jockey-club*. Abaixo a virtude! As corridas de cavallos são as festas nupciaes da batota e do prostibulo: pedimos para vêr a familia dos conjuges! Que nol-a mostrem! Que nol-a sirvam! As *cocottes!* as *lorettes!* as *rouleuses!* as *trotteuses!* as *boules-rouges!* Queremos vêl-as com

os seus cabellos côr de açafrão ou côr de manteiga, prezos na nuca e caindo n'uma grossa madecha pelas costas como o penacho dos couraceiros; com os olhos circundados por uma linha preta feita com tinta da China; com a bocca pintada de vermelho como um golpe ensanguentado; com um signal preto na face destacando sobre a brancura do creme de Iris e do pó de arroz como uma mosca morta caida n'uma taça de leite.

Queremos olhar ao pé, tocar com a mão, empurrar com o dedo essas personagens do drama actual, do sentimentalismo moderno, da tragedia contemporanea; as grandes mundanas, as grandes peccadoras, as que obrigam os homens a embrulhar-lhes em *bank-notes* os abrolhos do seu rude caminho na terra, as que não engolem o fel do seu remorso senão misturado em Clycot e em Tockay, as que pretendem não lhes passar da garganta a idéa do seu opprobrio em quanto a não empurrarem para baixo com a ultima trufa que haja, com o ultimo champinhão que appareça, com o derradeiro marrão gelado que se encontre...

Bem sabemos que não pertencem á lingua portugueza as palavras *trufa*, *champinhão*, *mar-*

rão gelado e algumas outras do nosso uso, e é por isso mesmo que as empregamos: de proposito! para que ninguem nos entenda, senão nós mesmos, os corruptos da decadencia e os cafres! As outras pessoas escusam de saber do que se trata. Aconselhamol-as mesmo a que não desejem sabel-o nunca: é nojento.

. ˙ .

O que é que nos offerece esta corrida?

Simplesmente isto: os cavallos, os jockeys e os *gentlemen riders* de Lisboa, com as suas camisolas de seda listada e as suas botas de canhão, mais Mister Davies.

Os cavallos eram todos conhecidos, uns de vista, outros de nome; os *gentlemen-riders* tambem o eram; os jockeis não tinham chegado expressamente para aquelle caso de Yorkskire.

De sorte que a unica novidade, verdadeiramente, era apenas Mister Davies, ao qual consagraremos algumas linhas.

. ˙ .

Mr. Davies é o secretario do Jockey-Club...

(Tenham a bondade de não ajoelharem ainda!)

Mr. Davies é o secretario do Jockey-Club... de Gerez de la Frontera. O illustre gentleman é portanto o beijo do sport, a fina flôr do *high-life... in partibus infidelium.*

Mr. Davies é um pouco menos, ou um pouco mais — como quizerem — do que o verdadeiro sportman no alto sentido aristocratico d'este termo. É um negociante de vinhos. Seu pae, o primeiro Davies, tinha mais do que ninguem no mundo a sciencia delicada de conhecer um vinho, de penetrar n'um relance de lingoa todos os segredos do seu nascimento, da sua naturalidade, da sua biographia, do seu futuro. Pegava com as pontas dos dedos no fino calice de cristal facetado, punha aos beiços esse diamante com uma gota de topasio liquido no fundo, sorvia-lhe primeiramente o perfume n'uma especie de extase olphatico. Depois tomava um pequeno golo na bocca, estendia-o escrupulosamente com a pá da lingoa pela abobada palatina assim como se estende por cima de uma fatia de pão uma pouca de manteiga com mostarda. Em seguida retirava o copo, mascava um bocadinho silenciosamente, com o braço immovel, os beiços unidos, o olhar concentrado, e ao repôr o calix na bandeja, dizia: «Xerez de 44, tra-

tado pelo alcool de 25 gráos, uva branca, um pouco verde, seis annos de pipa, tem um grão de chumbo na garrafa.» Tinha o chic do seu officio e, como se diz em França, o physico do emprego: beiço vermelho, saudavel, risonho, o pequenino abdomen expressivo e ligeiro que dá a boa vida folgada e bem mantida, frescas toilettes de manhã e um alto colleirinho do mais frio linho de Irlanda, verdadeiro symbolo do acceio, da abundancia e da paz. A imperatriz d'Austria morria por Davies, tinha-lhe alugado uma vez, a peso de oiro, para passar o verão, um pequeno cottage de madeira que elle construira para seu recreio, com infinito gosto, no meio de uma pequena mata no recosto de um monte. O imperador da Russia dignava-se de sorrir com o seu magestoso sorriso de autocrata sempre que o via, e regosijava-se em conversar com elle ácerca dos bons *crus* de la Côte d'Or, das colheitas de Chateau Lafitte e do estado do tunel famoso de Heidelberg. Toda a testa coroada, todo o chefe de embaixada, todo o perfeito do Sena, todo o lord maire de Londres, toda a elegante diplomacia, toda a grossa finança, todo o mundo finalmente que n'esse tempo jantava e recebia a jantar em banquetes

celebres conhecia Davies e os seus vinhos, a sua jovialidade pittoresca, o tom estomacal da sua conversação que abria o appetite e fazia bem aos dispepticos, como o perfume de lacre esmagado, de aduela, de rolha humida, de vinho do Porto com noz muscada e limão. Elle viera estabelecer-se em Hispanha e mandava o Xerez e o Madeira para todas as garrafeiras notaveis do universo.

O sr. Davies filho herdou de seu pae uma grande fortuna e uma grande clientella. Isto permittiu-lhe o sufficiente vagar para adquirir a mais perfeita *assiete* que póde ter um cavalleiro e a mais ligeira e subtil mão de redea que um cavallo brioso possa gloriar-se de encontrar sobre a sua clina.

. · .

Ora, francamente, em uma festa da alta e pura elegancia a presença do sr. Davies põe nodoa. Porque o sr. Davies provém do trabalho e é um trabalhador elle mesmo. A alta elegancia é composta exclusivamente de homens de prazer, que não trabalham nunca. Fóra o trabalho! Fóra! Shocking!

. ˙ .

Oh! queridos gentlemen! Se quereis dar-nos corridas de cavallos e se desejaes que esse espectaculo nos captive e nos interesse, é preciso que as organiseis de outro modo. As corridas, como sabeis, não são de maneira alguma um meio de aperfeiçoar a raça cavallar. Os cavallos de corrida, excessivamente duros, muito altos do quarto posterior, estreitos, caidos para diante, desproporcionados, feitos artificialmente com uma hygiene especial do apparelho locomotor e com uma alimentação em que predominam os elementos chimicos que formam o phosphato de cal, não servem para coisa nenhuma senão para reproduzirem monstros que se lhes assimelhem. Comprehendem-se os grandes serviços prestados á industria pecuaria com os processos Backewell e Colling para o desenvolvimento da precocidade, a que se devem os carneiros de Licester, os bois de Durham e em geral todas as bellas raças modernas dos gados inglezes. Os cavallos de corrida são o resultado de eguaes processos, mas resultado absolutamente esteril e improficuo.

As corridas são unica e exclusivamente um pretexto de luxo, de prodigalidade, de ostentação

e principalmente de jogo. É o que ellas são em Longchamps, em Chantilly, em Newmarket, em Epsom, em toda a parte.

A rigidez dos nossos principios não nos leva de modo algum a pedir que por tão insignificantes razões as corridas se supprimam em Lisboa. Pelo contrario: o que queremos é que ellas se completem dentro da esphera propria do seu caracter e da sua missão social. As corridas são um phenomeno da corrupção, que nós acceitamos como a fatalidade indiscutivel de uma consequencia logica. A unica coisa que é preciso saber-se é se os costumes burguezes de Lisboa estão ou não bastante corrompidos para produzirem e acceitarem esse phenomeno.

. ˙ .

Emquanto á paixão e ao vicio do jogo parece-nos que Lisboa os possue de uma maneira perfeitamente satisfatoria. Prova-o exhuberantemente o facto das loterias, em que jogam phreneticamente os cidadãos de todas as gerarchias sociaes desde os mais ricos até os mais miseraveis. Por este lado as corridas estão absolutamente nos costumes e não são mais que uma concorrencia ao cambista Fonseca e ao cam-

bista Campeão, cuja popularidade a direcção do Club Equestre deve procurar vencer e subjugar por meio de annuncios, por meio de reclames bem feitas nos periodicos, por meio da instituição de uma *poule* e de um regulamento de apostas organisado de maneira que se possa jogar por qualquer cavallo a quantia que cada um quizer, desde o bilhete de libra até á cautella de pataco. É seguro que, bem ordenado este serviço, bem esclarecido e bem annunciado, Lisboa inteira apostará na proxima corrida.

. · .

Emquanto á frivolidade, ao amor da ostentação, á tendencia para o luxo, para a moda, para os prazeres faceis, não sabemos se a sociedade lisbonense se acha egualmente no mais opportuno momento para começar a saborear o *sport*. Seria talvez conveniente que n'este ponto Lisboa se consultasse a si mesma. Ministrar-lhe-hemos, se nol-o permittem, alguns subsidios para esse estudo. Mostrar-lhe-hemos, por exemplo, qual era o estado em que se achava a França no momento em que ella imitou da Inglaterra as suas primeiras corridas de cavallos. Lisboa julgará em seguida se ha alguns pontos

de analogia entre o estado actual dos seus costumes e o estado da sociedade franceza na epoca alludida.

. · .

Foi no tempo de Luiz XVI,—um rei de papelão, como lhe chama Carlyle—e de Maria Antoinette, a mais frivola, a mais futil, a mais leviana de todas as martyres. A divida publica montava a mais de vinte mil milhões. Um personagem providencial, chamado Law, havia criado pouco antes os papeis de credito, a febre dos bancos e das companhias; toda a gente trocara então o seu dinheiro por papeis. Os papeis tinham finalmente acabado por não ter valor algum. Era geral a pobreza. A aristocracia estava morta pelos effeitos da guerra dos sete annos. Os ministerios e a côroa tinham as melhores intenções mas não conseguiam governar: o grande Turgot, o precursor dos revolucionarios da Convenção, cahia perante a intriga da côrte manejada pela rainha; Necker, cahia por não poder contrahir mais emprestimos; restava Calonne, o mais commodo dos politicos, segundo a phrase de Michelet, para levar uma sociedade ao fundo. Rousseau e Gilbert tinham deixado nas imaginações um virus morbido, que dava o

desalento. As curiosidades da sciencia tinham desapparecido com os derradeiros collaboradores da Encyclopedia. Ignorava-se o papel que fóra de França estavam representando na historia das idéa Hume, Kant e Goethe. Voltaire decrepito tomava opio de mais, que lhe receitava Richelieu, e adormecia na opera debaixo da sua cabelleira á Luiz XIV, envolto em pelles de marta de que lhe fizera presente o rei da Prussia. No entanto todos se achavam felizes, prosperos, satisfeitos. O grande genero artistico da moda era o idylio. A rainha mandára fazer em Trianon uma cabaninha. O doce Bernardin de Saint-Pierre, o innocente Gessner, o insipido sr. de Florian eram os escriptores predilectos da sociedade. Havia tambem Louvet que escrevera o *Chevalier de Faublas*, uma flor de latrina, que agradára muito. Beaumarchais que fazia a comedia dos costumes e a satyra acre e mordente era geralmente detestado, mas era tambem applaudido; porque? porque elle era o unico que dizia aquillo que alguma gente pensava. Suppoz-se que o que esse escriptor queria era o foro de nobreza que não tinha: nobilitaram-o, e elle começou a chamar-se *De* Beaumarchais. Os ceos da sentimentalidade retum-

bavam com as aventuras e com os escandalos domesticos de um moço de grande talento, corrompido até á medula dos ossos, chamado Mirabeau. No meio d'esta escuridão moral, em torno da qual ha um esplendor sinistro formado pelas scintillações da podridão, cada um esperava o millenio ou a volta d'Astreia.

Era tal a corrupção, a mentira, a embecilidade, o enfraquecimento geral, que se não comprehendia d'onde podesse vir a força que estrangulasse esse velho mundo condemnado e o afogasse no seu proprio sangue. Ninguem suppunha que tamanha força podesse estar occulta sob esta coisa tão fraca: — a fome! Portanto todos se divertiam em santa paz. O duque de Chartres, amigo intimo do principe de Galles, importava de Inglaterra, as modas, os cavallos, a anglomania. Foi então que no continente se começou a trotar á ingleza, pondo-se o cavalleiro em pé nos estribos. É esta reforma importante na equitação o maior dos serviços que a humanidade deve ao duque de Chartres, esse principe illustre e de vida tão divertida que chegou a ter pustulas de mau caracter no nariz!

A moda tinha introduzido os cavallos inglezes, os arreios, os jockeys, os processos de *en*-

trainement. Um inglez, o doutor Dodd, que mais tarde acabou nas galés, havia estabelecido o gosto das apostas.

Afinal fizeram-se as primeiras corridas em Vincennes e Sablons. Foi uma grande e bella festa a que concorreu tudo. Estavam as velhas marquezas do tempo de Luiz xv, permaturamente desdentadas, tendo ao lado os respeitaveis capellães que tinham sido seus amantes. Estava a duqueza de Polignac com o seu sequito. Estavam as senhoras da moda, em cujos preceitos entrava então trazer-se descoberto o seio esquerdo, como ainda hoje se vê nos retratos pintados por Fragonard e por Pellegrini. Estavam as dançarinas todas da Opera, as cortezãs de Paris e outras que tinham vindo de Londres com todos os charlatães, com todos os cavalheiros de industria e com todos os larapios disponiveis da Grã-Bretanha. Não tinham perdido essa occasião de se exhibirem as meninas que costumavam passeiar no jardim do Palais-Royal, então em reconstrucção. Estas meninas vendiam o segredo da pustula galante que viera ao nariz de Monseigneur por menos dinheiro do que aquelle por que sua alteza a comprara. O doutor Dodd esteve tambem presente, em gran-

de berlinda de gala puchada a quatro. As maiores apostas foram feitas e sustentadas pelo cavalheiro d'Eon, que ninguem sabe quem é nem mesmo a que sexo pertença.

Pela fresta de uma cavallariça, por baixo da tribuna real, no meio dos cavallos e dos moços de estrebaria, o veterinario do conde d'Artois assiste ao espectaculo e contempla n'uma concentração profunda o velho mundo cynico, pôdre e brilhante que se diverte. Sabem como se chamava este veterinario do conde d'Artois?

Chamava-se — Marat.

. ˙ .

Tal é o aspecto, ligeiramente esboçado, que a sociedade franceza apresentava no tempo em que Paris adoptou as corridas de cavallos. Lisboa está talvez um pouco distante d'esse ideal. A nossa sociedade parece-se em muitos pontos — escusamos dizer quaes—com a de Luiz XVI.

Ha porém differenças. As nossas mulheres decotam-se um pouco menos. Os nossos principes assoam-se um pouco mais sem perigo de lhes ficar na mão o nariz. Os nossos Mirabeaus escandalisam mais a grammatica e o senso commum do que a moral das familias. Os nossos

Louvets fazem-se deputados e frequentam a tribuna parlamentar e o Gremio Litterario, o que os faz expectorar em edições oraes os *Cavalheiros de Faublas* que teem dentro. A poesia lyrica não infunde resultados morbidos porque, mercê de Deus, ninguem a lê. O sr. infante D. Augusto não monta á ingleza como o duque de Chartres, antes segue a lei da velha picaria, segundo a qual, como já dizia Shakspeare, o cavalleiro é levado como se levam ovos para a feira. Finalmente o encyclopedico sr. Alexandre Herculano não toma opio como Voltaire; as unicas coisas que s. ex.ª toma são odio á sociedade, horror ao mundo, e rapé.

. ˙ .

Lisboa portanto faria talvez bem abstendo-se por emquanto de corridas de cavallos, para cujos esplendores não tem ainda nem a tendencia sufficientemente corrupta nem a elegancia sufficientemente atrevida, e continuando—emquanto se não desenvolve um pouco mais—a regalar-se como até agora nas suas velhas touradas honestas, possantes e valorosas.

Dois periodicos novos—Em Lisboa, o *Domingo*, orgão dos caixeiros tendo em vista fazer guardar o domingo. No Porto, o *Jogo*, tendo por fim combater e abolir o jogo.

. ˙ .

No prospecto do *Domingo* dizem os caixeiros que se *levantam ao repontar da aurora e se recolhem a deshoras*, sobrecarregando-os um trabalho de tal modo excessivo, que elles não podem deixar de descansar ao domingo, e é para o conseguir que vão fazer um jornal.

Caso extraordinario e nunca visto: a creação de um jornal portuguez destinado a obter a uma classe o direito de descansar! Oh! meus caros senhores! mas é esse exactamente o unico direito que as instituições nos garantem. Para isso tambem não garantem mais nenhum. Mas este garantem-o bem. E' a sua especialidade. Quem é que quer descançar? Aqui estão as instituições ás ordens! Melicio, chegue as instituições, que querem dormir os caixeiros!

Nada mais justo do que cada um descanse quando quizer. Deus, depois de ter feito o mundo, descansou ao setimo dia. Se os senhores caixeiros depois de terem medido as suas barejes

se sentem ainda mais fatigados do que se tivessem feito o mundo, que os senhores caixeiros não só descansem ao setimo dia, mas que descancem mesmo ao sexto ou ao quinto! Quem lh'o pode impedir?

Se contra a vontade expressa dos caixeiros os patrões os amarram ás lojas com um grilhão, que os caixeiros gritem por soccorro e a policia os irá soltar. O exercito, a armada, o governo, a Boa Hora, a Carta Constitucional, o sr. barão do Rio Zezere, a opinião publica, a imprensa, tudo será n'esse momento pelos caixeiros fatigados. Ha algum que esteja ao balcão contra sua vontade, preso por uma gargalheira de ferro? Que o diga, e terá immediatamente a liberdade mais ampla. Que o diga, e logo lhe será entregue o seu chapéo e a sua bengala, o largo sol, o infinito azul, os passeios no Aterro e no Chiado, o direito de fumar charutos, de beber absintho, de seguir as mulheres, de cuspir, de bocejar, de roer as unhas, de coçar na cabeça, sempre ao abrigo da civilisação e da ordem.

O direito de trabalhar é que está ainda por organisar, é que está quasi por instituir. Mas o direito de descansar quem o contesta? quem o

restringe? quem o perturba? Meia Lisboa vive a descansar; faz do descanso, não só um direito, mas um estado. Para que vivemos nós n'um paiz livre? Absolutamente para mais nada senão para isto. Sim, senhores caixeiros e caros amigos, póde cada um descansar quando muito bem quizer, ao domingo, ao sabbado, á sexta feira, todos os dias, todos os mezes, todo o anno. Fazer expressamente para isso um jornal é não sómente inutil mas prejudicial, contraproducente e absurdo.

Ninguem faz um jornal para estar quieto. Os jornaes fazem-se para o movimento, para a acção, para os trabalhos.

Trabalha-se nos jornaes exactamente como se trabalha nas lojas, nos escriptorios, nos armazens.

Para não trabalhar, que isto seja ao domingo ou que seja á semana, não ha—acreditem—senão um meio seguro, pronto, legal, experimentado, infalivel. Para não trabalhar o meio unico é não fazer coisa nenhuma.

Além de que, não dizem os senhores caixeiros que se *recolhem a deshoras e se levantam ao repontar da aurora?* N'essas condições é impossivel que não tenham somno, é mesmo pre-

ciso que o tenham, e é preciso que o periodico o diga para que se acredite que effectivamente se *recolhem a deshoras e se levantam ao repontar da aurora*. De modo que, os artigos da redacção nunca poderão logicamente conter mais do que isto:

«O descanso de que não póde por mais tempo prescindir a classe a que tenho a honra de pertencer... Perdão, meus senhores... Muito boas noites!»

Ou então:

«A indignação mais profunda e a mais invencivel fadiga nos obrigam a lançar mão da penna e do barrete de dormir... Ai! maldição!... Ai! succumbo... Até ámanhã!»

Ou mais expressivamente:

«Ai! descalcem-me as botas e dispam-me.»

Ou de um modo ainda mais laconico:

«Ai! cama!»

. ˙ .

A respeito do jogo parece-nos que entre as liberdades concedidas ao homem de dispender como quizer o seu dinheiro, lançando-o pela janella fóra, sumindo-o no fundo do mar ou enterrando-o no quintal, se deve considerar e respeitar um pouco a liberdade que egualmente assiste a cada um de jogar o seu dinheiro. Tanto mais que o jogo não é para o dinheiro um sumiço como seria por exemplo lançal-o de bordo do vapor de Cacilhas ao meio do Tejo — o que todavia não é prohibido. No jogo as quantias perdidas por uns são exactamente eguaes ás quantias ganhas por outros. De sorte que o jogo não é, economicamente, mais do que uma simples deslocação de capitaes feita com o consentimento de seus donnos. A sociedade terá direito de queixar-se de Pedro, se Pedro, mettendo o seu dinheiro dentro de uma panela e escondendo-o n'um buraco, privar assim a sociedade da riqueza proveniente da circulação do seu dinheiro escondido. A sociedade porém não tem que queixar-se de Paulo, se Paulo põe o seu dinheiro em cima de um tapete e o offerece por uma carta preta áquelle que quizer dar-lhe outra egual quantia por uma carta vermelha.

Demais, ainda que a sociedade conseguisse supprimir inteiramente os baralhos e a roletas, o jogo continuaria sempre á disposição dos especuladores e dos papalvos. Porque não é sómente sobre um numero ou sobre uma carta que um homem pode entregar a sua fortuna á decisão da sorte.

Que são as companhias de seguros senão uma verdadeira banca em que um jogador aponta pelo fogo ou pelo naufragio e o outro sustenta a parada em sentido contrario? O que é todo o grande commercio senão um jogo de credito? O que são as acções, as inscripções, os fundos publicos, os titulos de divida, senão outras tantas cartas de um baralho que os jogadores tantas vezes rasgam na cara uns dos outros? O que são os proprios jornaes senão um perfeito jogo em que o assignante aponta o dinheiro e o jornalista lança os dados?

O novo periodico, por exemplo, intitulado o *Jogo*, propõe-se abolir o jogo; envia os seus prospectos e abre a sua assignatura; eu assigno dez tostões por seis mezes; o periodico apparece e o jogo não é abolido: o que é isto para mim senão perfeitamente o mesmo que ter apontado os meus dez tostões á preta e sair-me a vermelha?

Prohibição feita pelo sr. coronel Freixo aos alumnos da escola do exercito de usarem capotes *a não ser nos dias de muita chuva ou de frio excessivo.*

.·.

Quando é que a chuva é sufficientemente abundante e o frio sufficiente excessivo para auctorisar o capote? Quem é que o sabe? Sabe-o unicamente o sr. coronel. De modo que, todo aquelle que quizer illucidar-se ácerca do estado athmospherico tem de mandar consultar em cada manhã o sr. coronel.

Sua excellencia está habilitado a responder. Sua excellencia é em sua pessoa um barometro, não sabemos se do systema Regnault, se do systema Gay-Lussac. Uns dizem que o sr. coronel é de bacia, outros dizem que é de siphão. Sua excellencia todavia ainda não foi desabotoado pela sciencia, e tudo o que se diz são meras hypotheses.

A unica coisa de que não podemos duvidar em vista das suas ordens é que sua excellencia foi dotado pela natureza com um tubo de mercurio escondido em alguma parte do seu corpo, ao longo talvez da columna vertebral, paralelamente, porventura, com o tubo gastrico, dentro

quiçá de algum intestino! E é por meio d'esse tubo que sua excellencia marca a pressão athmospherica.

. . .

Calculem-se os trabalhos que vão resultar a sua excellencia da sua nova posição de barometro official da escola do exercito! O sr. coronel terá que responder em cada dia a seiscentos ou oitocentos telegrammas interrogativos de noções meteorologicas.

Para satisfazer convenientemente por meio da sua simples presença todas as curiosidades dos seus alumnos, parece-nos que o sr. coronel Freixo deveria completar-se por meio de um mostrador com um ponteiro.

Este mostrador poderia sua excellencia collocal-o, por exemplo, no ventre. Os jovens militares consultariam em cada dia o ventre de sua excellencia, tomariam nota do tempo provavel para o dia immediato, e usariam ou não dos seus capotes, de accordo com a indicação marcada no ventre de sua excellencia.

Para que o resto do paiz, que não frequenta a escola do exercito, não ficasse por esse motivo privado dos dados meteorologicos que sua excellencia se acha habilitado a fornecer, cremos

ainda que sua excellencia prestaria um serviço relevante fazendo inserir quotidianamente no *Diario do Governo* uma nota das preciosas indicações do seu organismo; de modo que a folha official possa d'ora avante annunciar: *Tempo provavel, segundo o barometro do observatorio da Tapada; idem, segundo o barometro do observatorio do Infante D. Luiz; idem segundo o ventre do sr. coronel Freixo.*

Ácerca da partida da corveta *Sagres* para o porto do Pará, algumas reflexões:

A antipathia aos povos conquistadores é um facto commum nos povos de todas as regiões conquistadas. O mexicano odeia o hispanhol, o americano dos Estados Unidos odeia o inglez, o americano do Brazil odeia o portuguez. No Brazil, no Mexico, nos Estados Unidos, sempre que a occasião apparece, os factos demonstram este principio.

Em presença d'esses factos, que muita vez constituem verdadeiras violações do direito das

gentes, os velhos povos conquistadores perguntam a si mesmos se não foram elles proprios os que primeiro ensinaram nos paizes conquistados a violar impunementeo direito. Se não será certo que todas as grandes leis moraes, assim como todas as supremas leis physicas que regulam o universo, teem em si mesmas a punição dos que as transgridem. Se não será fatal que o fructo amargo do odio rebente sempre da semente envenenada da oppressão. Se estará em poder dos homens impedir que a longa animadversão dos seculos contrabalance por parte das regiões conquistadas os dias ferozes do despotismo imposto pela força das raças conquistadoras. Até que — como dizia Lincoln n'uma phrase tremenda feita com as lagrimas da eterna justiça — a cada gota do sangue arrancado pela eniquidade da espada responda lenta mas integralmente o sangue vertido sob a traição do azorrague.

. ˙ .

Que mal fizemos nós ao brazileiro?

Nenhum.

Demos-lhe a vida historica, demos-lhe os costumes dos nossos paes, a civilisação herdada dos nossos antepassados, a lingua dos nossos poetas.

Estamos-lhe dando ainda em cada anno os mais fortes elementos que constituem o progresso,—o braço e a intelligencia dos nossos filhos mais fortes e mais robustos, o melhor, o mais vermelho, o mais rico do nosso sangue.

Nós ficámos abatidos, prostrados, anemicos.

Os mais valentes homens de Portugal, os alentados, os sadios, os diligentes, os pacificos, os dedicados homens do Norte, os mais aptos para regenerarem pela familia a enfraquecida raça portugueza, para fertilisarem o solo, para cultivarem o estudo, para enobrecerem as idéas, esses homens emigram para o Brazil.

Onde está a nossa forte mocidade montanheza, trasmontana e minhota? No Brazil. Onde estão os nossos mais emprehentes industriaes, os nossos mais habeis mercadores, os nossos mais ricos negociantes, os nossos trabalhadores, os nossos soldados? No Brazil.

Eis o mal que nós fazemos ao brazileiro.

. . .

Que mal nos fazia a nós o indio americano? Nenhum tambem.

Dava-nos a pimenta e o assucar, o algodão, o café, o cacau, a baunilha. Nós quizemos que

elle nos désse mais como um tributo de vassalagem o sacrificio das suas crenças, das suas idéas e da sua fé. E para isto, ao desembarcarmos com Pedro Alvares Cabral nas praias americanas, estabelecemos duas instituições de violencia e de intolerancia as unicas que ali ficaram perpetuando o vestigio da nossa influencia e da nossa dominação, — uma egreja e uma forca.

O indio com quem não nos contentamos de fundar uma alliança commercial, fugio de nós, espavorido para o interior dos sertões, de onde agora refluem semi-civilisados, tendo uma politica, um partido e um jornal, aquelles que nos perseguem, que nos espancam e que nos assassinam.

A egreja e a forca, a nossa intolerancia religiosa e o nosso dominio despotico, deram o seu fructo; geraram o bispo do Pará e o bispo de Pernambuco, os quaes viram contra nós a auctoridade das batinas que nós lhes demos e os braços com que lhes ensinámos a apertar o nó dos enforcados. O brazileiro paga-nos d'este modo a divida do indio.

O sertão restitue-nos a dadiva sinistra que nós tinhamos feito ao sertão. Porque é preciso

desenganarmo-nos de que a perseguição feita aos portuguezes no Pará, primeiramente disfarçada n'um conflicto mercantil, não tem senão esta causa: a hostilidade da reacção religiosa dos naturaes contra o espirito liberal dos colonos portuguezes.

. ˙ .

Se o sangue dos nossos irmãos devesse ser responsavel pelos crimes dos nossos paes, diriamos que o actual colono está padecendo na terra brazileira a expiação providencial e tremenda do antigo conquistador.

O caso não é novo. Punir-nos parece ter sido desde o seculo XVI até hoje a missão do Brazil. Como conquista desmoralisou-nos; como colonia reduziu-nos á miseria; como paiz independente enfraquece-nos e esterilisa-nos por meio da emigração, perturba-nos o trabalho com os desvarios da ambição, desmancha-nos o nosso equilibrio economico levando-nos por um lado os productores mais laboriosos e entregando-nos por outro lado consumidores velhos, ricos e ociosos.

Parece que o Brazil deveria estar satisfeito.

O emigrado portuguez representa hoje no imperio a principal fonte da prosperidade nacional

pela actividade que espalha em torno de si, pela força que dispende, pelo trabalho que organisa, pelo exemplo que dá.

Nascido e educado no meio de instituições largamente liberaes, o emigrado portuguez não compromette nunca a civilisação brazileira pelo abuso da liberdade instinctivo nos individuos que sáem de um paiz despotico para se encontrarem n'uma sociedade diversamente organisada.

Ao passo que na republica norte-americana e no mesmo Brazil o allemão, por exemplo, ameaça constantemente a tranquilidade publica com a doutrina do mutualismo, com a suscitação das *grèves*, com o odio aos ricos, o portuguez, extranho á revolução economica e politica, vive pacificamente, funda escolas, hospitaes, bibliothecas, salas de leitura, associações de beneficencia.

Se os negociantes, os mercadores, os industriaes e os trabalhadores portuguezes fossem hoje expulsos do Brazil, isto seria para o imperio uma catastrophe economica egual á que resultou para Portugal da expulsão dos judeus.

Para nós outros o regresso á patria dos oitenta mil portuguezes emigrados no Brazil

significaria simplesmente um augmento de força e de riqueza que nos poria ao par das mais prosperas de todas as nações civilisadas.

Citam-nos, para compensação da enorme perda que padecemos com a emigração portugueza para o Brazil, o dinheiro brazileiro que annualmente reverte d'essa emigração. Ignoram uma coisa: é que a riqueza de um paiz não está de nenhum modo no dinheiro que existe nas algibeiras de uma pequenissima parte dos seus habitantes. A riqueza de um povo consiste na abundancia geral proveniente da producção, da actividade, do trabalho, da economia. No mesmo anno em que a Prussia recebia do governo francez duas provincias e quatrocentos e oito milhões de contos de réis, 80:000 allemães emigravam expatriados pela miseria.

Se os capitaes que nos revertem do Brazil fossem empregados no paiz em comprar sôpa para os pobres, isto não seria ainda assim uma fortuna, mas seria pelo menos um remedio. Como porém esses capitaes se não empregam em comprar sopa senão para os capitalistas que os possuem, o resultado é não só não augmentar para os pobres o dinheiro que ganham, mas ainda em cima diminuir-lhes ou encarecer-lhes a

sopa que comem. Esse dinheiro é portanto uma pura calamidade.

Assim o Brazil é-nos duas vezes nocivo: nocivo pelos braços que nos leva, e nocivo pelo dinheiro que nos manda.

. . .

Apezar d'isso o Brazil acha bom, sob o pretexto de nos corrigir pela exploração que lhe fazemos, accrescentar a somma dos seus beneficios com alguns espancamentos e alguns assassinios especiaes.

Seja pelo amor de Deus!

O governo portuguez pela sua parte manda partir para as aguas do Pará uma corveta. A opinião publica em Lisboa manifesta-se por meio de uma mensagem affectuosa de alguns catholicos ao bispo de Pernambuco, o primeiro que levantou no Brazil o grito de «Mata portuguezes.»

Seja pelo amor de Deus tambem!

. . .

Em quanto a vós, amigos brazileiros, se não quereis ser os filhos dos vossos colonisadores, se optaes pela patria e intransigis com a raça

a que pertenceis, se quereis ser no Brazil unicamente os filhos do Brazil, permitti-nos, considerando-vos sob esse ponto de vista, algumas observações.

Sois n'esse caso um povo verdadeiramente especial.

Os demais povos são favorecidos ou contrariados na obra da sua civilisação pela esterilidade ou pela abundancia do solo, pela benignidade ou pela aspereza do clima: vós viveis nos braços de uma natureza que só póde verdadeiramente qualificar-se com esta palavra monstruosa — a natureza ebria.

Nas vossas extensas planicies paludosas envoltas nos vapores mephiticos de uma humidade putrida e quente, nas vossas florestas impenetraveis, nos vossos montes que não podem ser galgados nem pela força dos musculos nem pela força das machinas, nos vossos rios que nenhuma ponte póde abarcar, n'esse extranho solo eternamente rebelde ao trato humano, as vegetações de longas folhas hostis, as immensas flôres de perfumes lethaes, as aves de pennas refulgentes e scintillantes, as feras de pello fulvo e electrico, as myriades prodigiosamente densas dos insectos e dos reptis venenosos, toda

a vossa fauna irreductivel, toda a vossa flora inclassificavel inunda e subverte o homem na golphada pavorosa de um volvo diluviano.

O solo do Brazil é a bacia do universo destinada a receber eternamente por spasmos successivos o vomito da natureza embriagada com todos os gritos, com todas as côres, com todos os perfumes, com todos os miasmas, com todos os relampagos e todas as escuridões do ingrediente cosmico.—Dejecção omnipotente e insuperavel.

Antes da Europa se haver tornado o foco dos progressos humanos a Africa teve uma civilisação tão poderosa que affrontou a da velha Roma. A Asia deu-nos a philosophia, a sciencia, a arte, a poesia indiana e egypcia. Na mesma America do Sul, o Perú e o Mexico tiveram a sua antiga civilisação maravilhosa, cujos vestigios ainda hoje nos attestam o dominio do homem sobre as fatalidades da natureza n'aquellas regiões do globo. Só e unicamente o Brazil, singularidade excepcional, nunca teve civilisação nem mesmo no grau mais rudimentar. Ainda hoje a não tem. Não a ha de ter nunca. Não a ha de ter nunca senão na estreita zona do seu litoral, e ainda ahi de um modo pos-

tiço, pela iniciativa transitoria e contingente dos seus colonisadores.

Ah! não somos nós os que o inventamos e o predizemos: são todos os sabios do mundo que se teem occupado das relações que ligam indissoluvelmente as condições da natureza physica com as leis do mundo moral. Quem o diz e quem o assegura é Swainson, Somerville, Cuvier, Humboldt, Tschudi, Walsh, nos seus estudos da natureza. É Darwin nos seus estudos das raças. É Buckle nos seus estudos da philosophia da historia. É Spix, é Martius, é o doutor Gardner, os quaes nos seus *Travels in Brazil* affirmam terminantemente que o indigena do Brazil ha de sempre retrogradar e recair no estado selvagem, do qual póde ser temporariamente arrancado mas nunca definivamente liberto.

Que o Brazil o aprenda, e o fique sabendo de uma vez para sempre! Isto é simples e breve. Toma-se n'um periodo. Decora-se em quatro palavras. Não é uma philosophia, não é um systema, não é uma hypothese. É uma lei. Esta lei é a seguinte:

A civilisação é o dominio do homem sobre a natureza. No Brazil a natureza é indominavel,

e, em vez de ser o homem que a reduza e que a submetta ás suas necessidades, ha de ser sempre a natureza que ha de dominar e subjugar o homem á sua violencia e ao seu despotismo. O homem é absolutamente impotente no Brazil perante a dupla hostilidade com que a natureza o repelle. Por um lado a excessiva producção do solo enreda-o, envolve-o, corta-lhe as saidas e as retiradas, sepulta-o nos perigos inextricaveis do sertão. Por outro lado o clima, enervante e morbido, penetra-o, traspassa-o, prostra-o, inhabilita-o inteiramente para a resistencia e para a lucta.

É a consideração d'estas circumstancias fataes que leva Buckle a escrever nas suas paginas admiraveis consagradas ao estudo das origens da civilisação as seguintes linhas dirigidas ao Brazil: «Em parte alguma se encontra um tão doloroso contraste entre *a grandeza do mundo externo* e a *pequenez do mundo interior*. O espirito do homem n'essa lucta desegual não é só incapaz de progredir mas retrogradaria incessantemente se o não contivesse uma assistencia extranha.»

Não tendo jámais possuido o minimo vislumbre de civilisação propria, não tendo por conse-

guinte a historia do passado, não tendo a tradição, que é fonte de todas as creações artisticas, o Brazil nada tem que seja propriamente nacional, nem litteratura, nem philosophia, nem religião, nem poesia, nem convicções, nem idéas nem costumes, nem riqueza.

Como cada uma d'estas manifestações da civilisação humana lhe não é levada senão em amostra pelos colonisadores do seu litoral, imagina o Brazil que são os seus colonisadores que lhe roubam a elle aquillo que os seus colonisadores possuem e que elle não soube grangear.

Mas ponderae bem a vossa cegueira! considerae o que vos diz Buckle! Se os vossos colonisadores vos largassem a mão com que vos seguram, vós recuarieis para o selvagem, retrogradarieis indefinidamente na cadeia dos seres, até reimmergirdes no gentio.

Sabes, ó Brazil, o que é para ti o colono que tu espancas, que tu insultas, que tu persegues? Sabes o que é o colono? O colono é o medico que te cura a hydropesia, a escrophula e a febre evaporadas dos teus charcos e dos teus rios putridos. O colono é o mestre que te ensina a soletrar os livros que encerram os thesouros do espirito humano, os segredos do universo. O

colon o é o teu musico, o teu poeta, o teu sabio, o teu agricultor, o teu industrial, o teu banqueiro. O colono é a tua arte, a tua religião, o teu Deus. Finalmente o colono é o teu imperador. Tapuias, ajoelhae.

. · .

Quereis saber agora qual é a causa, a verdadeira causa do vosso mal, injustamente attribuida por vós ao colonisador innocente? Pois bem: essa causa é a cordilheira dos Andes.

São os Andes que, erguidos ao oeste da America, impedem a passagem aos ventos regulares que varrem os vapores do Atlantico e os arroa m sobre a costa oriental americana.

D'estes vapores comprimidos entre o oceano e a grande cordilheira procede para o Brazil a qualidade do clima. Das chuvas torrenciaes e das innundações em que esses vapores se resolvem procede a qualidade do solo. Das influencias do solo e do clima provém a condemnação fatal do indigena, isto é: a suprema fraqueza do homem diante da suprema força da natureza.

Se o brazileiro pretende reagir contra as fatalidades que o exterminam da civilisação, que elle empeça de se reunirem, para formarem

as monções, as correntes do equador e dos polos; que encrave o giro da terra; que enchugue o Atlantico; ou, quando não, que deite abaixo os Andes! Não será porém — parece-nos — por meio da perseguição de alguns portuguezes que o indigena brazileiro conseguirá qualquer d'essas coisas.

Um homem chamado Victorino, operario empregado como impressor na typographia da Academia Real das Sciencias é accusado de penetrar de noite no edificio da Academia, de abrir com uma chave falsa a porta da bibliotheca, de abrir com chaves egualmente falsas a porta do gabinete numismatico e de subtrahir as moedas e as medalhas da collecção academica. Capturado, este homem confessa o roubo, é preso e vae responder pelo seu crime perante os tribunaes competentes.

Conhecedores da historia d'este ladrão fazemos presente d'ella ás pessoas curiosas das perversões moraes e das perversões nervosas.

. . .

Victorino, que conta actualmente cerca de cincoenta annos de edade, foi sempre até á data do crime de que é accusado um homem de bem. Em todas as officinas em que foi empregado mereceu o respeito e a consideração devida ao caracter mais fiel e mais probo. Além d'isto era dedicado e bom. Por occasião da febre amarella praticou os mais relevantes rasgos de abnegação e de caridade e tinha direitos a receber a medalha da Torre Espada.

Solteiro, vivendo só, concentrado, era superscticioso, acreditava no sobrenatural, nos lobishomens, nos sylphos, nos duendes, nas bruchas, nos vampiros, nas almas que voltam do outro mundo, no diabo, nos enguiços, nos maus olhados e na arte magica.

Não frequentava a taberna nem ia ás festas dos operarios seus companheiros. Vivia confinado no pequeno mundo mystico das coisas invisiveis e subrenaturaes que lhe povoavam o espirito. Morreu ha pouco tempo um velho cego, que deitava cartas, evocava espiritos, preparava drogas contra os enguiços, fazia rezas para achar coisas perdidas e descobrir thesouros ignorados. Este homem, a quem chamavam

o Bruxo de S. Marçal, era o amigo intimo de Victorino. O seu livro predilecto era o livro de S. *Cypriano*, um livro de magica que ensina especialmente as orações para descobrir thesouros e corre manuscripto pelas mãos das bruchas, das feiticeiras e das *mulheres de virtude*. Suppomos não existir edição impressa d'esta obra o que é lamentavel, porque o livro de S. Cypriano é um documento importantissimo para a historia das superstições na nossa tradição popular.

Um dia, ha nove ou dez annos, Victorino visitou pela primeira e unica vez em sua vida — creio eu — o edificio da Academia. Levou-o comsigo para lhe mostrar a bibliotheca, o museu ethnographico, o museu dos artefactos e a galeria zoologica, um empregado da bibliotheca chamado Cordeiro. N'um corredor estreito, escuro, que fica ao lado da livraria e cujas paredes se achavam a esse tempo solemnemente cobertas de telas denegridas representando os retratos em corpo inteiro de alguns frades jesuitas e franciscanos, Cordeiro indicou-lhe uma porta fechada a tres chaves e disse-lhe: «Aqui dentro está o medalheiro da Academia, um thesouro incomparavel em que ha o dinheiro de todos os

reis do mundo desde os doze Cezares de Roma até á libra sterlina.»

Ali dentro pois, para lá d'aquella porta com tres fechaduras, que deitava para aquelle corredor sombrio habitado por immoveis ascetas, taciturnos e macilentos, envoltos nas suas roupetas negras, estava um thesouro.

Um thesouro — palavra cabalistica, de significação profundamente fatidica para o homem que a ouvia. Um thesouro! Era exactamente n'isso que elle em toda a sua vida pensára. Um thesouro era o unico ponto em que as suas cogitações se prendiam da esphera das coisas invisiveis ao mundo vivo. O que elle não tinha aprendido ainda, na convivencia do brucho de S. Marçal, nas suas resas, nas suas evocações, nas orações do livro de S. Cypriano, acabava de lh'o revelar repentina e inesperadamente o seu guia n'aquelle corredor escuro.

Pouco depois d'esta revelação aquelle que a fizera morria do modo mais proprio para a deixar para sempre assignalada na memoria e na imaginação do que a ouvia. Cordeiro, que trabalhava uma manhã na casa de leitura dos socios da Academia, veiu á porta que communica com a bibliotheca e disse a dois empregados que

ali estavam: «Adeus para sempre.» Depois ouviu-se um tiro de pistola, os empregados que estavam na bibliotheca entraram na casa da leitura. Cordeiro estava caido no chão, morto, com uma bala no coração. Tinha-se suicidado.

Victorino deixou a esse tempo de se occupar na typographia academica e foi empregar-se n'outra parte. Ha um anno que tinha voltado a trabalhar na Academia. O jardineiro alugara-lhe na cerca uma barraca de madeira em que se faziam esquifes: Victorino morava n'essa barraca, n'um recanto do jardim, defronte de um terraço para onde abrem as janellas da bibliotheca.

Qual era a impressão que este conjuncto de circumstancias lhe infundia no espirito? A impressão do terror, o allucinado terror do desconhecido. Muitas noites, antes de se deitar, ia acordar o jardineiro. Precisava de ouvir a voz de algum ente vivo para poder tranquilisar-se e adormecer.

As quatro paredes nuas d'aquelle quarto em que se faziam caixões para enterrar os mortos, a sua fé nos sortilegios, a leitura dos seus livros de magica, aquelle terraço a que elle podia subir no silencio e no escuro como um phantasma,

o angulo negro e pesado do grande edificio em que estava escondido o *thesouro*, as longas galerias onde se achavam postados em alas os frades franciscanos meditando sob os capellos do burel, o espectro de Cordeiro vertendo sangue do coração, pallido, hirto, levando-o em espirito pela mão e mostrando-lhe a porta do quarto onde estava o objecto das avocações do bruxo de S. Marçal, o fito das orações de S. Cypriano, a realidade dos mesmos sonhos do Victorino, a visão dos seus delirios, — tudo isto devia fatalmente penetrar-lhe a imaginação e incutir-lhe o medo, esse extranho medo nervoso tão vulgar nos allucinados e nas mulheres hystericas, mixto contraditorio de curiosidade e de susto que leva a temer e a desejar simultaneamente as profundas sensações pavorosas. Quem é que não tem observado essas contradicções da vontade, essas perversões do systema nervoso nos convalescentes, nos febricitantes, nas mulheres debeis, em todos os individuos propensos ás nevoses? Deixae-os sós n'um quarto em presença de um cadaver com a face coberta pela dobra de um lençol: esse quadro funebre inspirar-lhes-ha um terror pungente; precisariam de um exforço supremo da vontade para desce-

rem o lençol e contemplarem o rigido perfil, afilado, immovel e terrivel do morto, os seus olhos envidraçados e fitos, a maxilla pendente, a bocca livida, secca, escancarada, o fio de sangue coagulado e denegrido ao canto dos beiços. Todos estes pormenores sinistros do espectaculo da morte se representarão á sua imaginação aterrada, e todavia o impulso natural posto que contradictorio, o impulso irresistivel da vontade será descobrir essa figura e olhar de perto, fitamente, minudentemente, para o objecto da sua repulsão e do seu horror. Porque? Porque o que mais os commove é egualmente o que mais os incita. Porque n'elles a vontade, a razão, o criterio estão subordinados ao effeito da commoção nevralgica. Porque n'esse momento o que elles fazem não é senão precisamente aquillo mesmo que a deducção logica de todos os seus actos mentaes os levaria a evitar.

A historia do crime de Victorino figura-se-nos demasiadamente parecida com os contos de Edgard Poe para deixar de merecer sob este ponto de vista a attenção dos allienistas, porque os contos de Poe são perfeitos estudos do systema nervoso e teem a importancia de resultados scientificos.

Apezar do roubo que commettera Victorino estava miseravelmente pobre. Quando o capturaram tinha de seu 30 réis na algibeira de um collete. Antes de revelar o seu crime á policia, tinha-o referido a differentes pessoas, menos para achar receptadores do furto do que simplesmente para ter confidentes do segredo que não podia guardar.

Estamos longe de pretender disputar esse homem á acção judicial. E' evidente que elle pertence aos tribunaes e que não é um innocente. O que perguntamos apenas é se a medicina legal nada tem que vêr com as extranhas circumstancias que revestem o crime attribuido ao accusado e se em geral não conviria sempre, em casos analogos a este, discriminar pelo estudo physiologico — para a responsabilidade moral pelo menos — a parte que tem no crime o arbitrio e a parte que n'elle cabe á enfermidade.

Por abuso da liberdade de pensamento, delicto commettido com a publicação do *Calendario*

dos homens e dos acontecimentos notaveis foi ultimamente condemnado em Paris a dois annos de cadeia RASPAIL.

Como jornalista, como chimico, como astronomo, como physiologista, como botanico, como medico, Raspail é, dos homens eminentes d'este seculo, o que mais desinteressadamente se dedicou ao serviço da humanidade e ao amor do povo. As suas obras são a vulgarisação democratica das idéas mais nobres e dos conhecimentos mais elevados e mais profundos que póde alcançar o homem.

Affastado sempre da protecção e do favor official, como um verdadeiro revolucionario convicto e austero, perseguido pelos governos, despresado pelas academias, desdenhado pelos jornaes, insultado pelos imbecis, Raspail trabalhou só.

Só com o seu talento, com a sua maravilhosa perspicacia, com a sua tenacidade inflexivel, conseguiu dentro de umas aguas furtadas, sem livros, sem cartas, sem instrumentos, chegar nas sciencias exactas, na physica, na chimica, na astronomia, aos resultados que até elle ninguem obtivera senão nos observatorios, nos laboratorios chimicos, nas grandes officinas da sciencia,

dando assim aos trabalhadores obscuros, desprotegidos e despresados, o mais brilhante exemplo de quanto pode a firmeza da vontade, a fé no trabalho.

Ultimamente estava esquecido e pobre. O povo e a republica, cuja causa servira com tanto denodo e tanta abnegação, olhavam para elle com a lastima esteril com que se considera um velho cão serviçal e fiel que por effeito dos annos e da morrinha perdeu os dentes com que defendia e guardava o dono.

Raspail vivia com o producto da venda do seu Almanak meteorologico. O anno passado o governo francez prohibiu o almanak. A edição de quatro ou cinco mil exemplares foi sequestrada, o auctor preso e condemnado á prisão.

Quando Déjazet, que foi uma actriz espirituosa, se achou na miseria, os seus companheiros deram-lhe espectaculos de beneficio nos primeiros theatros de Paris e dotaram-a com uma pensão vitalicia de cinco ou seis mil francos por anno. Raspail, que foi um escriptor eminente, um litterato de primeira ordem, um revolucionario, um democrata e um sabio, não encontrou uma só mão amiga que o soccorresse.

. . .

Elle tinha todavia feito um pouco mais do que Dejazet, a qual apenas deleitára o povo francez. Elle tinha-o instruido e tinha-o moralisado; tinha-lhe dado o melhor tratado de medicina domestica que se tem escripto para o povo; tinha-lhe dado um novo systema de chymica organica e um novo systema de physiologia vegetal; tinha-lhe consagrado um periodico intitulado *O amigo do povo;* uma revista de todas as sciencias applicadas á agricultura, á medicina, á pharmacia, á industria e á arte; os resultados de todos os seus profundos estudos de physica, de chimica, de optica, de meteorologia, de physiologia animal, de philologia, de sociologia e de litteratura.

De tantos espiritos que elle fecundou com a elementarisação dos conhecimentos e dos estudos mais altos em que se póde empregar a intelligencia, de tanta gente que elle instruiu parece que ninguem se lembra hoje de que elle tivesse existido!

O advogado que o defendeu no seu ultimo processo só teve para lhe dar a consolação d'estas tristes e melancolicas palavras: «Gloria-te, infeliz Raspail! entras na immortalidade pela

porta mais bella do martyrio. O alto privilegio de ser aos oitenta annos de edade condemnado pela obra do pensamento, só tres homens o teem tido no mundo: Galileu, Bernardo Pallissy e Raspail.»

. ˙ .

Temos um exemplar do almanak cuja edição foi prohibida e sequestrada em França, traduzimos o *Calendario dos homens e dos acontecimentos notaveis* que deu logar ao processo. Offerecemos gratuitamente esta traducção ao editor portuguez que a queira publicar e vender com a condição expressa na seguinte nota, que será publicada no rosto do livro:

O producto total da venda d'este calendario, cuja edição é de tantos exemplares, será integralmente enviado ao auctor, F. V. Raspail, com oitenta annos de edade, condemnado á cadeia por haver escripto em França este opusculo.

. ˙ .

Estimariamos bem que algum editor, dando á estampa a nossa traducção e offerecendo a um

velho trabalhador illustre e veneravel o testemunho da affectuosa consideração de alguns leitores, nos convencesse por esse modo que a liberdade da imprensa em Portugal póde prestar, uma vez pelo menos, para alguma coisa mais do que tutellar a mentira, apadrinhar a mediocridade e animar a calumnia.

A versão portugueza do Calendario de Raspail fica á disposição da pessoa que mediante as condições referidas a quizer editar.

Algumas coisas insignificantes, que encerram symptomas significativos. É atraz das pequenas aberrações que se escondem quasi sempre as grandes leis secretas dos phenomenos.

. · .

No Instituto de França deu entrada como socio correspondente o sr. Possidonio. A França manda Raspail para a cadeia e mette Possidonio no Instituto. É uma compensação. Se ámanhã lhes faltar o marechal Mac Mahon veem buscar-

nos o sr. barão do Zezere; e verão que se prenderem um dia Victor Hugo, são capazes de nos levarem o nosso sr. Melicio para a Academia Franceza!

Mas nós é que não podemos estar assim a fornecer o extrangeiro de varões illustres. A gente não póde estar a olhar pelos seus grandes homens, a fazer sacrificios para os ter decentes; a vaccinal-os, a barbeal-os, a chumbar-lhes os dentes e a dar-lhes pilulas depurativas, para um bello dia os vermos ir por essa barra fóra a levarem-nos a gloria para outra parte!

Não sabemos que providencias está deliberado a tomar sobre este ponto o governo portuguez.

A nossa opinião é que se a França quer Possidonios, que os pague. O paiz não póde estar aqui a dar os seus Possidonios de graça.

A nosso ver o que o governo deveria fazer era pegar no sr. Possidonio, metter-lhe debaixo do braço um sacco com as suas piugas e um pente, collocal-o n'uma gaiola com comedouro para um anno, e mandal-o levar pelo sr. Eduardo Soveral a todas as côrtes do mundo que precisassem de sabios para os seus institutos, com ordem de o vender a quem mais désse por elle.

O sr. Possidonio não é para se deixar ir assim á gagosa. O sr. Possidonio custou muito a arranjar, e está como novo. O paiz que adquirir o sr. Possidonio levará um sabio—em folha!

No theatro de D. Maria, pateada á primeira representação da *Sphinge*. A *Sphinge* é a ultima e a mais bem feita peça de Octave Feuillet. Feuillet, um antigo rhetorico, que d'esta vez encontrou finalmente o drama no meio da simplicidade shakspeareana de um terceiro acto, o qual como concepção e como fórma é uma verdadeira obra prima entre as mais bellas e as mais poderosas creações da arte moderna.

. ˙ .

Dos criticos de Lisboa, que todos acharam mau o original e má a traducção, distinguimos pela graça especial das suas opiniões e do seu stylo, os srs. Albano Coutinho Junior e Fernando Gentil, personagens cujos nomes só agora tivemos occasião de conhecer.

. . .

O sr. Albano Coutinho Junior diz que o *traductor, Ramalho Ortigão, escreve em portuguez mascavado e incorrecto; que precisa de ir para a escola aprender; que é um ignorante e um pedante.*

Esqueceu uma coisa ao sr. Albano: foi dizer-nos por intermedio de algumas citações onde estava o pedantismo, onde estava a ignorancia, onde estava a incorrecção, onde estava o mascavo. O sr. Albano refere-nos apenas que no cartaz estava *lorde* em vez de *lord*. Isto não basta. O traductor escreveu a peça, não escreveu o cartaz. É preciso provar-lhe que está errada a peça. Emquanto não provar isto, o sr. Albano não póde escrever aquillo; porque, escrevendo-o sem o provar, o sr. Albano não é precisamente um critico, é apenas um homem grosseiro,—o que faz differença.

Na critica não ha remedio senão citar e argumentar primeiro, e descompôr depois. A *éreintage*, diz Baudelaire, para ferir o alvo em vez de recochetar sobre o que a vibra, deve assentar na demonstração por *a* mas *b*. É a regra. Se eu, por exemplo, quizer dizer que o sr. Albano é um ignorante e um tolo, procedo do seguinte modo:

Pego em primeiro logar no seu ultimo artigo ácerca dos theatros e cito-lhe um trecho qualquer. Seja, *verbi gratia*, aquelle em que o sr. Albano, referindo-se ao desempenho da *Judia*, diz dos artistas :

Souberam não comprometter o desempenho da opera, que está posta em scena com esplendor, principalmente o 1.º e 3.º actos, o que prova os bons desejos da empresa de bem servir o publico.

Depois digo assim :

1.º *Saber não*... É um barbarismo que offende o genio da lingua, a logica da construcção e o valor dos vocabulos : tres erros em duas palavras. *Saber não* — não é saber, é ignorar. Saber, que vem de *sapio*, saborear, provar, não pode ter senão um objectivo positivo. Se a locução do sr. Albano fosse admissivel, o mesmo sr. Albano poderia ser um *sabio* pela razão de *saber não conhecer* aquillo que conhecem aquelles que sabem.

2.º *Principalmente o* 1.º *e* 2.º *actos*... É uma subordinada que não tem regencia, sendo impossivel reduzir á analyse grammatical os mem-

bros de que ella se compõe. Tantos erros quantas as palavras : — sete.

3.º *Desejos da empresa de bem servir o publico*... É uma amphibologia boçal, grotesca, idiota: um erro que vale por cinco, mas que só contaremos por — um.

Transporte do § 1.º : 3 erros. Transporte do § 2.º : 7 erros. Somma total: 11 erros em quatro linhas.

Feito isto, engatilho o meu sylogismo :

Quem perpetra onze erros em quatro linhas da prosa mais corriqueira e mais charra é profundamente ignorante.

Quem é profundamente ignorante e manda os outros para a escola é tolo.

Logo o sr. Albano Coutinho Junior, que dá onze erros em quatro linhas e que manda os outros para a escola, é um ignorante e um tolo.

. ˙ .

Tudo isto, já se vê, é apenas uma indicação do processo, que tomamos a liberdade de offerecer como exemplo ao joven sr. Albano. A nossa particular opinião é que s. ex.ª é um erudito profundo, um litterato abalisadissimo, um critico tão competente como delicado, e finalmente

— ousamos dizel-o — o primeiro dos escriptores portuguezes.

. · .

Outro que pedimos licença para considerar egualmente o mais profundo dos eruditos, o mais abalisado dos litteratos, o mais competente e delicado dos criticos, e finalmente — não receamos repetil-o — o primeiro dos escriptores portuguezes — é o sr. Fernando Gentil.

Sómente s. ex.ª o sr. Gentil escreveu uma phrase que nos dá cuidado. A phrase que s. ex.ª escreveu foi a seguinte:

«O sr. Ramalho Ortigão appareceu em cheio sobre as aristocraticas suissas fructo legitimo das suas *Farpas*.»

Quem chega, por este modo, a possuir e a formular do universo, da arte, do mundo moral, dos fructos e das suissas do seu similhante uma noção tão elevada, tão scientifica e tão profunda, tem na região cephalica alguma coisa mais do que o genio, tem tambem a lezão. Descobriram recentemente os physiologistas do cerebro que a séde da elaboração das idéas está localisada nos thalamos opticos. Crêmos que o

sr. Gentil faria bem consultando os clinicos ácerca do regimen therapeutico a que convém sujeitar uns thalamos opticos combalidos. Escrever é certamente bom, e deve fazer-lhe bem. A escripta é para os achaques do entendimento como o fonticulo aberto nas costas para as lezões da espinha: um derivativo e um purificante. A escripta porém é apenas uma medicação externa; o sr. Gentil precisa de alguma coisa para o interior. Vejam, meus senhores: elle está ali a dizer que eu appareci *em cheio — sobre as suissas — fructo das Farpas!* Elle está a dizel-o aos bérros! Se ha coisa que lhe dar para o cerebro, — depressa, que se lhe dê!